

Universidade de Évora

Departamento de História

Elisabete J. Santos Pereira

**MÁRIO SAA (1893-1971)**

**UM INTELLECTUAL PORTUGUÊS NA SOCIEDADE DO  
SÉCULO XX**

Orientadora: Professora Doutora Maria de Fátima Nunes

Dissertação de mestrado em Estudos Históricos Europeus  
apresentada à Universidade de Évora.

Évora, Março de 2010

Elisabete J. Santos Pereira

**MÁRIO SAA (1893-1971)**  
**UM INTELLECTUAL PORTUGUÊS NA SOCIEDADE DO**  
**SÉCULO XX**

Orientadora: Professora Doutora Maria de Fátima Nunes

Dissertação de mestrado em Estudos Históricos Europeus  
apresentada à Universidade de Évora.



2010

**Título:** Mário Saa (1893-1971): Um intelectual português na sociedade do século XX

**Palavras-chave:** intelectuais, espaço público, século XX português

### **Resumo**

Mário Saa (1893-1971) – um percurso de índole nacionalista, onde se cruzam a literatura, a ciência, a filosofia e a história. Pretende-se revelar o trajecto de um intelectual português da direita conservadora do início do século XX, numa perspectiva transnacional. Aborda-se o seu percurso intelectual, analisando os reflexos da identidade europeia na sua produção cultural. Através do seu legado depositado na Fundação Arquivo Paes Teles, no Ervedal, uma freguesia do concelho de Avis, acedemos ao tempo da sua formação académica e às temáticas que abordou na sua vasta e diferenciada produção cultural. Descubrem-se os seus círculos de sociabilidade literária e intelectual, e entende-se a construção da sua consagração através de um conjunto de dedicatórias gravadas nos livros da sua biblioteca. Um legado que permite aceder à sua «modernidade» decorrente da interacção com a Europa intelectual e do seu contexto de vivências variadas.

**Title:** Mário Saa (1893-1971): a Portuguese intellectual in 20th-century society

**Key words:** intellectuals, public sphere, 20th century in Portugal

**Abstract:**

In this paper we examine the career of the nationalist thinker, Mário Saa (1893-1971), whose achievements were in the fields of literature, science, philosophy and history, as a model of the right-wing conservative Portuguese intellectual at the beginning of the 20th century from a trans-national perspective. We trace his intellectual trajectory, analysing the influence of European identity on his cultural output. The complete works of Mário Saa, housed at the Paes Teles Archive Foundation in Ervedal, a parish in the district (concelho) of Avis, provide us with a window on the period during which he completed his academic training and the topics he examined in his extensive and varied cultural works. We profile the literary and intellectual social circles in which he moved, and seek to gain an understanding of how his reputation came to be established by analysing the dedications contained in books from his library. Mário Saa's legacy enables us to understand the 'modern' nature of his work, deriving from his interaction with European intellectuals and the context of his varied experience.

## Índice

Título, palavras-chave, resumo .....	3
Title, key words, abstract .....	4
Índice .....	5
Agradecimentos .....	6
1. Introdução .....	7
2. Estado da arte: intelectuais e a Europa .....	10
3. Mário Saa: tempo de formação académica - itinerários culturais e sociais....	17
4. Produção temática.....	31
5. A Construção da imagem de Mário Saa no século XX. ....	62
6. Interação com a Europa Intelectual .....	82
7. Fundação Arquivo Paes Teles .....	95
8. Conclusão .....	100
9. Tábua cronológica .....	104
10. Fontes e Bibliografia	
10.1 Fontes Manuscritas	
a) Do Espólio Documental da FAPT .....	111
b) Dedicatórias na biblioteca da FAPT .....	113
10.2 Fontes Impressas	
10.2.1 Do Espólio Documental do autor .....	125
10.2.2 Bibliografia activa do autor	
a) Livros e folhetos.....	125
b) Colaboração em publicações .....	126
c) Poemas, artigos e desenhos em periódicos .....	126
d) Obras editadas pela Solução Editora .....	130
10.2.3 Bibliografia passiva de Mário Saa .....	130
10.3 Bibliografia .....	149

## **Agradecimentos**

À Professora Doutora Maria de Fátima Nunes, que aceitou responsabilizar-se pela orientação desta tese, pondo ao meu dispor o seu vasto saber e reconhecida competência.

Ao Professor Doutor Filipe Themudo Barata e ao Professor Doutor Jorge de Oliveira, que me proporcionaram os contactos com a Fundação Arquivo Paes Teles e uma oportunidade profissional muito enriquecedora, dedicando-me ainda a sua amizade e constante disponibilidade.

À Eng.<sup>a</sup> Gabriela Tsukamoto, que me propiciou também a «convivência» com legado de Mário Saa.

Ao Município de Avis, aos seus técnicos e dirigentes, que ao longo dos anos apoiaram de múltiplas formas o trabalho desenvolvido.

Ao Conselho de Administração da Fundação Arquivo Paes Teles, a cujos membros não posso deixar de expressar a minha gratidão pelo apoio e confiança e respeito pela dedicação, iniciativa e sensibilidade, com que têm superado os complexos desafios colocados aos destinos da instituição.

Ao Dr. João Rui de Sousa, que me forneceu inúmeros elementos para a prossecução desta tese e com quem muito aprendi sobre Mário Saa.

À minha família, ao Quintino e a todos quantos contribuíram para a realização deste trabalho.

## 1. Introdução

Esta dissertação do *Mestrado em Estudos Históricos Europeus* insere-se na escrita da História da Europa dos séculos XIX e XX, numa perspectiva de história comparativa e transnacional tendo um intelectual português como unidade analítica.

Esse intelectual, de nome Mário Paes da Cunha e Sá, nascido em 1893 no seio de uma família de latifundiários do concelho de Avis, notabilizou-se como publicista e adquiriu especial notoriedade enquanto poeta modernista e investigador dedicado ao estudo das vias romanas da Lusitânia. Embora sem o destaque que é atribuído às temáticas anteriores, Mário Saa projectou-se também no espaço público, através de outras publicações e artigos que abarcam temas como a filosofia, a genealogia, a história e a problemática camoniana, e pela criação de uma fundação que, na posteridade, projectaria o seu nome e disponibilizaria a sua biblioteca, o seu espólio documental e uma colecção de materiais arqueológicos.

Deste seu papel activo no campo cultural português interessa-nos reflectir sobre a sua acção no espaço de uma identidade europeia, focalizando as obras que evidenciam e transmitem esse cenário cultural. Abordaremos, deste modo, o seu percurso tendo em conta as suas origens sociais e formação académica, procuraremos compreender a sua produção cultural e descrever as formas de intervenção no espaço público, aferir a sua consagração intelectual e evocar a forma como a Fundação que criou no Ervedal, uma freguesia do concelho de Avis, permite o uso público da história facultando o acesso às suas ideias transnacionais.

Assim, depois da apresentação do estado da questão historiográfica – onde abordaremos o conceito de *intelectual*, apresentando as suas origens e os seus contextos, os estudos sobre intelectuais em Portugal e na Europa, e os trabalhos direccionados para o percurso de Mário Saa –, procuraremos seguidamente caracterizar a mundividência do seu percurso formativo. Neste capítulo daremos destaque ao seu contexto social, à sua formação escolar e, também, aos espaços de sociabilidade e aprendizagens informais. Segue-se a apresentação da sua diversificada produção cultural e a forma como ela foi sendo apreendida pelo universo de escritores que lhe dedicaram os seus livros, hoje depositados na

Fundação Arquivo Paes Teles<sup>1</sup>. Abordaremos seguidamente a interacção deste investigador português com os movimentos culturais europeus, e por fim dedicamos um capítulo à instituição que, passadas mais de três décadas sobre a sua morte, preserva a sua memória e nos permite explorar a arqueologia das ideias de um intelectual através dos vários acervos do seu legado.

Para a realização deste trabalho foi importante o *Centro de Documentação* sobre Mário Saa existente na Fundação Arquivo Paes Teles. Trata-se de um conjunto documental que aglomera cópias da sua bibliografia activa e passiva dispersa em periódicos e monografias e recolhida, maioritariamente, na Biblioteca Nacional<sup>2</sup>. Neste *Centro de Documentação* encontrámos uma parte das fontes impressas que consultámos para a realização deste trabalho. A restante parte encontrámo-la na biblioteca da instituição que conserva e disponibiliza as obras e folhetos da autoria de Mário Saa.

Da mesma biblioteca procedemos à identificação e transcrição das dedicatórias existentes em mais de trezentos livros. Embora tenhamos identificado algumas dedicatórias dirigidas a terceiros – familiares e amigos – e dedicatórias do próprio Mário Saa aos seus familiares, considerámos apenas neste trabalho as notas autógrafas dirigidas ao autor. Utilizou-se este acervo como forma de aferir a construção da imagem de Mário Saa ao longo do século XX e delinear simultaneamente os seus círculos de sociabilidade literária e intelectual.

No que respeita às fontes manuscritas recorreremos ao *Espólio Documental* disponível para consulta nesta mesma instituição<sup>3</sup>. Para a elaboração do capítulo referente ao seu percurso académico e para esclarecer determinados aspectos de carácter biográfico, analisámos as cartas emitidas por Maria Leonor da Silva Paes Teles, mãe de Mário Saa, e por António Paes da Silva Marques, seu tio materno.

De referir também que esta investigação é tributária do trabalho de João Rui de Sousa, que na obra *Mário Saa: Poesia e alguma prosa*, compilou inúmeras e preciosas informações biobibliográficas sobre o seu percurso intelectual.

As motivações que desencadearam o desenvolvimento desta dissertação de mestrado estão relacionadas com as funções profissionais desempenhadas desde

---

<sup>1</sup> Adiante também designada por FAPT.

<sup>2</sup> O enriquecimento deste *Centro de Documentação* deve-se também à generosidade de João Rui de Sousa que ofereceu um considerável conjunto de cópias de artigos, desenhos e poesia por si recolhidos.

<sup>3</sup> Este espólio é composto por dois núcleos que decorrem de duas fases distintas de inventariação de documentação. O primeiro, composto maioritariamente pelos manuscritos do autor, foi organizado na Biblioteca Nacional, estando disponível a sua consulta desde 1986, e um segundo núcleo foi identificado na sequência de um Protocolo de Colaboração com a Universidade de Évora, no âmbito do qual decorre o seu processo de inventariação. Neste encontra-se a maior parte da correspondência, um conjunto razoável de documentos biográficos e um núcleo correspondente aos «cadernos de campo» do autor.



2001 na Fundação Arquivo Paes Teles, a instituição criada por Mário Saa para preservar o seu legado bibliográfico, documental e arqueológico<sup>4</sup>. A valorização dos acervos desta instituição – espólio documental, bibliográfico e arqueológico – conduziu-nos ao reconhecimento do percurso desta figura intelectual do século XX e da bibliografia existente sobre o autor.

Através do *Mestrado em Estudos Históricos Europeus* propusemo-nos ultrapassar a escassa produção historiográfica existente e «entrar no reino da Cultura Europeia do Mundo Contemporâneo» através do percurso deste intelectual português, cujo legado incorpora o património cultural do concelho de Avis.

Este trabalho académico pretende assim contribuir para o aprofundamento do conhecimento sobre Mário Saa, um intelectual europeu do século XX.

---

<sup>4</sup> Actividade exercida ao abrigo de um Protocolo de Colaboração celebrado entre a Fundação Arquivo Paes Teles, o Município de Avis e a Universidade de Évora.

## 2. Estado da arte: intelectuais e a Europa

Inseridos numa época em que a classe média ascende ao poder através do mérito e da cultura/ciência contra as hierarquias herdadas do passado e as pretensões oligárquicas modernas (exército e religião), os intelectuais serão, de acordo com a definição de Carlos Serrano, «uma modalidade história do intelectual genérico nascido com o Liberalismo»<sup>5</sup>. Conquistando o espaço público surgido no século XVIII, o seu aparecimento pressupõe também a existência de um público letrado consumidor dos seus produtos intelectuais. Falamos dos indivíduos designados pelos franceses na *Encyclopédie* como “les gens des lettres” e dos publicistas portugueses, de acordo com a configuração liberal e romântica do intelectual: o burguês culto, o produtor cultural que intervinha no espaço público sobretudo através da literatura numa acção predominantemente individual<sup>6</sup>. Maria de Lourdes Lima dos Santos caracteriza o intelectual português de oitocentos como um indivíduo com legitimidade para intervir no espaço público através de jornais, revistas, folhetos e livros. Essa capacidade para intervir na sociedade do seu tempo era adquirida através de um processo de educação escolar e extra-escolar que poderia também passar pelo exílio e pelos espaços de sociabilidade e aquisição de capital social. Estes intelectuais portugueses consagravam-se informalmente com a participação em salões ou saraus literários e musicais e, formalmente, tornando-se membros das academias. A maioria tinha uma formação universitária e provinha de famílias abastadas cujos pais possuíam também uma formação superior. Esta *intelligentsia* burguesa em Portugal, dotada de novos instrumentos de poder baseados na instrução e na produção cultural, artística e literária, teve um papel fundamental na transição do regime absolutista para o regime parlamentar<sup>7</sup>.

Rui Ramos considera que “foram os autores da chamada *Geração de 70* – tais como J. P. Oliveira Martins, Teófilo de Braga ou Guerra Junqueiro – que estabeleceram o paradigma do intelectual português”<sup>8</sup>. Refere este autor que em geral tratava-se de um escritor, pertencente a classes respeitáveis e trabalhando

---

<sup>5</sup> Carlos Serrano – “El «nacimiento de los intelectuales»: algunos replanteamientos”. *El Nacimiento de los Intelectuales en España. Ayer*, n.º 40. Madrid, Ed. Asociación de Historia Contemporánea, 2000. p. 21.

<sup>6</sup> Luís Augusto da Costa Dias – “«Missão Histórica» e o «Papel dos Intelectuais» na Filosofia da Cultura de Bento Jesus Caraça”. *Revista da História das Ideias*, Vol. 24, 2003. pp. 415-418.

<sup>7</sup> Maria de Lourdes Lima dos Santos – *Os Intelectuais Portugueses na Primeira Metade de Oitocentos*. Lisboa: Editorial Presença, 1985.

<sup>8</sup> Rui Ramos – “Intelectuais e Estado Novo”. António Barreto e Maria Filomena Mónica – *Dicionário de História de Portugal*. Lisboa: Livraria Figueirinhas, 1999. Vol. VIII. p. 282.

no aparelho do Estado, quase sempre identificado com a esquerda radical que criticava nos jornais as práticas da política liberal<sup>9</sup>.

Estamos assim perante uma figura de alguma forma semelhante ao intelectual *engagé* surgido com o *Affaire Dreyfus* e descrito por Michel Winock que, numa obra centrada em França, apresenta a história dos intelectuais do século XX<sup>10</sup>. São os intelectuais empenhados em causas e que, quer através de revistas e de jornais, quer exercendo algum cargo público, se empenham no seu contra-poder crítico através dos meios de informação/divulgação de que dispunham e que muitas vezes também criavam para servir os seus propósitos.

Rui Ramos, no artigo sobre os “Intelectuais e Estado Novo” publicado no *Dicionário de História de Portugal*, sintetiza-nos o surgimento do termo *intelectual*. Terá começado a ser adoptado para designar “os escritores e em geral os diplomados pelas universidades que, na primeira metade do século XX, procuraram influenciar o governo dos estados fundando-se na fama ou prestígio supostamente atingidos através da actividade literária ou científica”<sup>11</sup>. Tal como este autor, também Michel Winock refere que a questão do *Affaire Dreyfus*, em França, marcou o «nascimento dos intelectuais» na Europa Ocidental. O início do processo público, em 1897, com vista à revisão do processo do capitão Alfred Dreyfus, acusado de espionagem a favor dos alemães, desencadeou uma batalha filosófica entre os defensores e os acusadores deste capitão judeu. Terá sido este acontecimento que mostrou o nascimento de uma nova força na sociedade, a força dos «intelectuais» que se manifestavam sobretudo na imprensa<sup>12</sup>. Era um grupo composto por professores do ensino secundário e superior, jornalistas, advogados, escritores, artistas, investigadores e eruditos de laboratório, maioritariamente de esquerda, que no combate intelectual que se travava, se colocavam a favor da «justiça e da verdade» contra os partidários da defesa da nação, da preservação social, da razão superior do Estado, indivíduos estes que pertenciam, por sua vez, maioritariamente aos partidos de direita<sup>13</sup>. Era um debate que se alimentava nos salões literários franceses e que (além do suporte da imprensa e das revistas) criava instituições para a defesa das suas causas como *A Liga para Defesa dos Direitos do Homem* e a *Liga da Pátria Francesa*, respectivamente<sup>14</sup>.

---

<sup>9</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>10</sup> Michel Winok – *O século dos intelectuais*. Lisboa: edições Terramar, 2000.

<sup>11</sup> Rui Ramos, ob. cit., p. 281.

<sup>12</sup> Michel Winok, ob. cit., p. 24.

<sup>13</sup> *Idem, Ibidem*, pp. 9-33.

<sup>14</sup> *Idem, Ibidem*, pp. 34-54.

Parte destes eram, portanto, refere Rui Ramos, os «profetas laicos», diferentes de outro tipo de intelectuais seus contemporâneos, os diplomados russos sem saída profissional, encarados pelos estadistas como um elemento de perturbação social. Também em Portugal se temeu uma situação semelhante quando, a partir de 1890, aumentou o número de estudantes nos liceus e nas escolas superiores, “a ponto de muitos temerem o advento de um «proletariado intelectual» como na Rússia”<sup>15</sup>. Paralelamente à «inteligência» portuguesa, inicialmente ligada à esquerda e aos valores republicanos, iria surgir, entre 1910 e 1926, uma direita intelectual identificada com o *Integralismo Lusitano*. A vida intelectual portuguesa foi assim, em geral, «solta e informal» até o Estado Novo a transformar numa inteligência dirigida através do sistema de mecenato às letras e às artes e do estabelecimento da censura que controlava previamente as publicações escritas, os espectáculos teatrais e outros meios de comunicação. Durante o Estado Novo o termo *intelectual* era quase sempre associado à oposição<sup>16</sup>.

A definição de *intelectual* deverá assim variar consoante as mutações da sociedade e o devir dos tempos. Jean-François Sirinelli considera que se devem reter duas abordagens ao termo. Numa definição possível, variando segundo as épocas e os lugares, articulada em torno da produção, da difusão e da recepção de cultura, podem considerar-se como *intelectuais* os criadores e os mediadores culturais – jornalistas, escritores, professores, sábios, bem como os estudantes e outros receptores. Uma segunda definição, mais constringida, é fundada sobre a noção de compromisso (*engagement*), directo ou indirecto, e a conseqüente intervenção na sociedade. Intervenção directa enquanto agente do jogo político ou testemunha que filtra ou amplifica as tensões e contextos do seu tempo, e intervenção indirecta quando é exercido um papel passivo enquanto “de circulação das massas de ar cultural, que determina a instalação das grandes zonas ideológicas de um período”<sup>17</sup>.

O estudo dos intelectuais da época contemporânea tem sido matéria de investigação dentro e fora da Europa. As actas do colóquio realizado em Paris, em Outubro de 2001, pelo *Centre d’histoire de l’Europe du vingtième siècle*, são reveladoras da sua abrangência e das tendências mais recentes desta

---

<sup>15</sup> Rui Ramos, ob. cit., p. 282.

<sup>16</sup> *Idem, Ibidem*, p. 284.

<sup>17</sup> Jean-François Sirinelli – “Le Hasard ou lá Nécessité? Une Histoire en Chantier: L’Histoire des Intellectuels”. *Vingtième Siècle. Revue d’Histoire*, n.º 1, 1986. pp. 98-99.

historiografia<sup>18</sup>. Reunindo investigadores oriundos de horizontes intelectuais e científicos muito diferentes, *L'histoire des intellectuels aujourd'hui* permite-nos conhecer a forma como é abordada esta matéria em dez países diferentes, e apercebermo-nos da importância dos contributos de disciplinas como a história literária, a sociologia, entre outras, na composição deste campo de pesquisas que, como é referido, se situa entre a história política e a história sócio-cultural. Neste colóquio foi também dada uma atenção particular aos suportes da história dos intelectuais – como os livros e a edição, as revistas e os jornais, e mais recentemente, os meios audiovisuais. A reflexão abarcou também a apresentação de estudos sobre figuras intelectuais como os universitários, os sábios, os artistas, os homens do teatro, os cineastas, os intelectuais católicos e os intelectuais francófonos.

Michel Leymarie e Jean-François Sirinelli, os académicos franceses responsáveis pela direcção deste colóquio, pretendiam dar conta da diversidade historiográfica e estabelecer um ponto da situação sobre o estudo dos intelectuais em França e no estrangeiro, estabelecendo obrigatoriamente uma disposição comparativa.

Em Portugal a investigação sobre esta temática decorre pelo menos desde 1985, altura em que foi publicado o estudo matricial - *Os Intelectuais Portugueses na Primeira Metade de Oitocentos* - da autoria de Maria de Lourdes Lima dos Santos. Encontramos posteriormente vários estudos sobre figuras intelectuais como o político, o filósofo, o escritor/jornalista e o cientista<sup>19</sup>. No âmbito das publicações portuguesas é de destacar ainda o número temático da *Revista da História das Ideias* consagrado ao estudo da relação entre os *Intelectuais e os Poderes* e a obra

---

<sup>18</sup> Michel Leymarie e Jean-François Sirinelli (dir.) – *L'histoire des intellectuels aujourd'hui*. Paris: Presses Universitaires de France, 2003.

<sup>19</sup> Maria Rita Lino Gardel – “O Poder Intelectual dos médicos. Finais do século XIX – inícios do século XX”. *Revista de História das Ideias*, vol. 24, 2003. pp. 213-253; Lia Sá Paulo Ribeiro – “O Papel dos Intelectuais na Popularização da Cultura Republicana”. *Revista de História das Ideias*, vol. 24, 2003. pp. 255-309; Luís Augusto da Costa Dias – “«Missão Histórica» e o «Papel dos Intelectuais» na Filosofia da Cultura de Bento de Jesus Caraça”. *Revista de História das Ideias*, vol. 24, 2003. pp. 415-431; António Ventura – O Professor Ferreira de Macedo, fundador da Universidade Popular Portuguesa”. *Estudos sobre História e Cultura Contemporâneas de Portugal*. Lisboa: Caleidoscópio, 2004; Paulo Jorge Granja – “O cinema como arte: intelectuais, cineclubes e a crítica de cinema”. *Transformações Estruturais do Campo Intelectual Português, 1900-1950*. Coimbra: Ariadne Editora, 2004. pp. 473-507; Álvaro Garrido – “Enrique Tenreiro: Um empresário do sector público-corporativo da economia salazarista?”. *Estudos do Século XX*, n.º 4, Editora Quarteto, Coimbra, 2005; Heloísa Paulo – “Jaime de Moraes, retratos de uma trajetória política. A sua vocação colonial”. *Estudos do Século XX*, n.º 3. Coimbra, Quarteto/CEIS20, 2003; Ana Leonor Pereira; João Rui Pita – “Egas Moniz (1874-1955). Marinheiro da ciência e da tecnologia, Prémio Nobel de Medicina e Fisiologia, 1949”, *Estudos*, Nova série, 5, 2005, pp. 331-346; Ana Leonor Pereira; João Rui Pita – “Egas Moniz: traços biográficos (1874-1955)”, *Estudos do Século XX – Ciência, saúde e poder*, 5, 2005, pp. 17-25.; Isabel Nobre Vargues – “A afirmação da profissão de jornalista em Portugal. Um poder entre poderes?”. *Revista de História das Ideias*, vol. 24, 2003. pp.157-175.

*Transformações Estruturais do Campo Intelectual Português, 1900-1950*, um trabalho coordenado por António Pedro Pita e Luís Trindade que, publicando investigações sobre correntes artísticas e movimentos intelectuais, com destaque para as realizadas no *CEIS XX - Centro de Estudos Interdisciplinares do século XX*, estabelece um novo panorama sobre a cultura portuguesa do início do século XX. Também a recente *História de Portugal* coordenada por Rui Ramos, embora constituindo uma síntese interpretativa dos nove séculos da nação, não descarta a história dos intelectuais destacando a importância de várias individualidades que marcaram a época contemporânea<sup>20</sup>.

Não poderíamos também deixar de referir a importância de estudos recentes como a biografia política e intelectual de António Sardinha, da autoria de Ana Isabel Sardinha Desvignes<sup>21</sup>, a tese de doutoramento de Fernando Martins sobre Pedro Teotónio Pereira<sup>22</sup>, o trabalho sobre uma personalidade do outro lado da barricada, *Flausino Torres: um intelectual antifascista*, da autoria de Paulo Torres Bento<sup>23</sup>, ou a recente biografia de Irene Pimentel sobre o Cardeal Cerejeira<sup>24</sup>.

No que respeita ao estudo do percurso intelectual de Mário Saa a bibliografia existente aborda, na sua maioria, temáticas específicas da sua produção cultural, em especial a sua vertente modernista. É, maioritariamente, o caso dos estudos de Fernando Guimarães, João Gaspar Simões, Jorge de Sena, David Mourão-Ferreira, Adolfo Casais Monteiro e Jacinto Prado Coelho. De notar também o trabalho de António Braz de Oliveira que, na *Revista da Biblioteca Nacional*, em 1981, procurou dar conta das múltiplas motivações intelectuais que os seus livros e o seu *Espólio Documental* testemunhavam.

Em 1997, Américo Monteiro, na tese de doutoramento que apresentou à Universidade do Porto, dedica uma parte da sua investigação ao estudo da obra de Mário Saa. Nesta tese que teve como objectivo historiar descritiva e valorativamente a recepção da obra de Friedrich Nietzsche em Portugal ao longo de quarenta e sete anos (1892-1939), o autor apresenta Saa como um dos principais receptores da obra nietzschiana em Portugal.

O mais exaustivo trabalho sobre o autor é, contudo, recente e dá destaque à sua «aventura poética». Editado em 2006, a obra *Mário Saa: Poesia e alguma*

---

<sup>20</sup> Rui Ramos (coord.) – *História de Portugal*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2010.

<sup>21</sup> Ana Isabel Sardinha Desvignes – *António Sardinha (1887-1925): um intelectual no século*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006.

<sup>22</sup> Fernando Martins – *Pedro Teotónio Pereira: uma biografia (1902-1972)*. Tese de Doutoramento, Universidade de Évora, 2004.

<sup>23</sup> Paulo Torres Bento – *Flausino Torres (1906-1974): Documentos e Fragmentos Biográficos de um Intelectual Antifascista*. Lisboa: Edições Afrontamento, 2006.

<sup>24</sup> Irene Pimentel – *Cardeal Cerejeira: o Príncipe da Igreja*. Biografia. Lisboa: Esfera dos Livros, 2010.

*prosa*, da autoria de João Rui de Sousa, poeta e crítico literário, reuniu a sua poesia dispersa em jornais, revistas literárias, e no seu espólio documental, recolhendo também prosa literária igualmente disseminada em publicações periódicas, e preciosas informações sobre o seu percurso pessoal e intelectual, efectuando também uma recolha exaustiva da sua bibliografia activa e passiva. Esta disposição da obra deve-se, como revela João Rui de Sousa, à necessidade de tratar um “poeta de indiscutível qualidade e originalidade, [...] que desde há muito merecia que os seus versos fossem oferecidos ao público em visão de conjunto e em formato de livro”<sup>25</sup>. Embora tendo como objectivo centrar a sua publicação na poesia, a caracterização que efectuou da restante produção cultural do autor e da sua trajectória, torna esta investigação uma referência no que toca ao conhecimento deste poeta do modernismo e investigador do século XX.

O interesse de João Rui de Sousa pela faceta poética de Mário Saa remonta à década de 80 quando publica na *Revista da Biblioteca Nacional*, em 1983, o artigo “Uma temática de «doença» na poesia de Mário Saa”<sup>26</sup>. Este interesse coincide com o período em que o espólio do autor foi, no âmbito de um *Contrato de Depósito* celebrado com a Junta de Freguesia do Ervedal, deslocado para a Biblioteca Nacional para tratamento e inventário. Retornando ao Ervedal em 1986, a organização da documentação e a sua posterior disponibilização na Fundação Arquivo Paes Teles<sup>27</sup>, e em microfilme naquela instituição, terá possibilitado um maior conhecimento da obra do autor e nessa sequência outros investigadores tiveram oportunidade de consultar os seus documentos e divulgar outras facetas da sua produção cultural e da sua relação com várias personalidades de vulto da vida cultural portuguesa da primeira metade do século XX.

A par com a grande notoriedade que lhe confere a sua faceta de poeta, a obra de Mário Saa constitui também uma referência no âmbito dos estudos histórico-arqueológicos, devido aos seis tomos de investigação sobre *As Grandes Vias da Lusitânia*. Esta obra, que o autor assumia como um objecto de preservação da memória do território, registando os “últimos dias dos sulcos viais da antiguidade”<sup>28</sup>, foi recentemente objecto de *releitura* por parte de

---

<sup>25</sup> João Rui de Sousa – *Mário Saa: Poesia e alguma prosa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.

<sup>26</sup> *Idem* – Uma temática de «doença» na poesia de Mário Saa”. *Revista da Biblioteca nacional*. Lisboa, 1983, N.º 3. pp. 181-193. João Rui de Sousa volta a publicar artigos sobre Mário Saa nesta mesma revista, nos anos de 1987 e 1988, sendo responsável pela entrada sobre o autor no *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, editado em 1994 e coordenado por Eugénio Lisboa.

<sup>27</sup> Nesta data decorria o processo de legalização da Fundação Arquivo Paes Teles, questão que esclareceremos no sétimo capítulo deste trabalho.

<sup>28</sup> Mário Saa – *As Grandes Vias da Lusitânia*. Sociedade Astória, 1957. Tomo I, p. 8.

André Carneiro<sup>29</sup>. Este investigador procurou, no quadro do conhecimento actual sobre os itinerários romanos no território alentejano, avaliar o contributo de Mário Saa, examinando no terreno os vestígios por ele registados comparativamente aos actualmente identificados.

No mesmo ano de 2008, o Conselho de Administração da Fundação Arquivo Paes Teles encetou uma linha editorial no âmbito da qual pretende promover e divulgar estudos sobre este intelectual, as várias vertentes do seu percurso e do património por ele legado. Esta linha editorial comportou inicialmente a edição da obra *XII Objectos do Itinerário de Mário Saa*<sup>30</sup>. Comparticipada pelo Ministério da Cultura, através do *Projecto Editorial do Alentejo*, esta obra constitui uma proposta de leitura do seu percurso através de 12 objectos do seu espólio<sup>31</sup>, apresentando também uma pequena nota biográfica sobre o autor e uma descrição da constituição da Fundação.

A administração da instituição prosseguiu a sua política editorial com a criação de uma revista de cultura, cujo primeiro número foi lançado em 2009. Propondo-se constituir um instrumento de fomento de investigação e de produção crítica sobre o autor e o seu legado, esta publicação assumiu o nome *VIALIBVS*, como invocação da ara consagrada aos *Lares Viales* encontrada por Mário Saa no âmbito das suas prospecções arqueológicas. Este número inaugural contou com a colaboração de João Rui de Sousa e Cândido Beirante que divulgaram, respectivamente, estudos sobre o contacto de Mário Saa com Fernando Pessoa<sup>32</sup> e a atracção do autor pelo universo camoniano<sup>33</sup>. O terceiro artigo da publicação foi consagrado à divulgação do epistolário de Mário Saa onde é possível encontrar correspondência de personalidades cimeiras da cultura portuguesa, publicando-se a transcrição das cartas emitidas por Hipólito da Costa Cabaço<sup>34</sup>.

À data de redacção deste trabalho encontra-se a ser ultimado o segundo número da *VIALIBVS* que continuará a divulgar facetas do seu percurso e do seu legado.

---

<sup>29</sup> André Carneiro – *Itinerários Romanos do Alentejo: Uma Releitura de «As Grandes Vias da Lusitânia – O Itinerário de Antonino Pio» de Mário Saa, cinquenta anos depois*. Lisboa: Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional, 2008.

<sup>30</sup> Elisabete Pereira – *XII Objectos do Itinerário de Mário Saa*. Avis: Além-tudo Edições, 2008.

<sup>31</sup> Esta publicação surgiu na sequência de uma iniciativa museológica que decorreu na instituição no ano de 2006. Intitulada *XII Meses, 12 Objectos*, a exposição em causa divulgou mensalmente um objecto do espólio da FAPT como forma de divulgar o seu percurso intelectual e as potencialidades do seu legado.

<sup>32</sup> João Rui de Sousa – “Mário Saa e Fernando Pessoa – Sinalizações de um encontro”. *VIALIBVS: Revista de Cultura da Fundação Arquivo Paes Teles*, n.º 1. Lisboa: Edições Colibri, 2009. pp. 13-27.

<sup>33</sup> Cândido Beirante – “A Atracção pelo Universo de Camões numa Perspectiva Biografista”. *VIALIBVS: Revista de Cultura da Fundação Arquivo Paes Teles*, n.º 1. Lisboa: Edições Colibri, 2009. pp. 29-47.

<sup>34</sup> Elisabete J. Santos Pereira – “O Epistolário de Mário Saa: Cartas de Hipólito da Costa Cabaço”. *VIALIBVS: Revista de Cultura da Fundação Arquivo Paes Teles*, n.º 1. Lisboa: Edições Colibri, 2009. pp. 49-66.



### 3. Mário Saa: tempo de formação académica - itinerários culturais e sociais

Mário Paes da Cunha e Sá nasceu na última década do século XIX, no dia 18 de Junho de 1893, nas Caldas da Rainha<sup>35</sup>, freguesia de Nossa Senhora do Pópulo<sup>36</sup>. Pertencendo a uma família oriunda do concelho de Avis, Mário Saa e dois dos seus cinco irmãos nasceriam nesta povoação do distrito de Leiria devido à actividade profissional de seu pai, Júlio Mário da Cunha e Sá, que desempenhava a função de Subdelegado do Procurador Régio no Julgado de Óbidos e exercia advocacia nas Caldas da Rainha, onde residiam<sup>37</sup>. A sua família paterna, os Cunha e Sá, e materna, os Paes Teles, eram detentores de um vasto património fundiário em Avis, onde se destacavam nos planos económico, social e político<sup>38</sup> e para onde Mário Saa com os seus pais e irmãos regressariam depois de 1895, altura em que o seu pai herdou as propriedades de Pero Viegas e Covões, tornando-se lavrador e, com a implantação da República, Presidente da Câmara Municipal<sup>39</sup>.

Mário Saa viu assim ser substituída durante a sua infância, a vivência urbana das Caldas Rainha<sup>40</sup>, pela vivência rural de um monte alentejano num concelho que, na viragem do século XIX para o século XX, possuía uma densidade populacional muito inferior à média nacional, e uma economia baseada na exploração de grandes propriedades e em actividades ligadas à agricultura e à pecuária<sup>41</sup>. Pelo facto de existirem vários elementos da sua família a residir noutras propriedades do concelho, quase todos com ocupações ligadas às actividades atrás referidas, a sua infância acarretou uma mobilidade relacionada com visitas e estadias em casa de familiares, conforme nos comprova a correspondência a si dirigida<sup>42</sup>. Até ingressar como aluno interno num colégio na Beira Baixa, Mário Saa terá naturalmente acompanhado as vivências e os saberes de gestão agrícola do seu pai e de outros

---

<sup>35</sup> Data e local indicados no bilhete de identidade emitido em 1927. Documentos Anexos do Autor. FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>36</sup> Hugo d'Orey Velasco da Cunha e Sá – *Cunha e Sá: subsídios para a sua genealogia*. Lisboa: ed. autor, 2002. p. 39.

<sup>37</sup> *Idem, Ibidem*, p. 37.

<sup>38</sup> Maria Antónia F. Pires de Almeida – *Família e Poder no Alentejo: Elites de Avis, 1886-1941*. Lisboa: Edições Colibri, 1997.

<sup>39</sup> Nomeado por alvará na República, exerceu o cargo de 1910 a 1913. *Idem, Ibidem*, p. 197.

<sup>40</sup> No espólio da FAPT encontra-se uma prova fotográfica que documenta a habitação dos Cunha e Sá nesta localidade devido à anotação de Mário Saa no verso dessa mesma prova: “30 de Junho de 1929/Casa nas Caldas da Rainha onde eu e os meus irmãos nascemos”. Documentos Anexos do Autor. FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>41</sup> José Mattoso – *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994. Vol. 6, p. 31.

<sup>42</sup> Baseamo-nos na correspondência de Maria Leonor da Silva Paes Teles, sua mãe, onde existem várias cartas para Mário Saa endereçadas para o Ervedal ou para o Monte da Torre, nos arredores do Ervedal. Analisámos um conjunto de 323 cartas emitidas entre 25 de Fevereiro de 1907 e 1 de Maio de 1942.

familiares, num processo de aprendizagem informal próprio do grupo de elite a que pertencia<sup>43</sup>.



Figura 1: Mário Saa (segundo a contar da esquerda) com os seus pais e irmãos, c. 1900. Arquivo FAPT

Esta condição social implicava também a detenção de um capital cultural que pretendiam ver reproduzido nos seus descendentes pelo que Mário Saa efectuou um percurso escolar que culminou no ensino universitário, correspondendo assim às expectativas relacionadas com a referida estratégia de reprodução do estatuto cultural familiar<sup>44</sup>.

Na fase inicial da sua formação deverá ter existido um professor particular que se deslocaria ao monte de Pero Viegas<sup>45</sup>, da herdade onde

---

<sup>43</sup> Helder Adegar Fonseca – “O Perfil Social da «Elite Censitária» no Sul de Portugal: Alentejo, Século XIX”. Maria Dolores Duenas; Helder Adegar Fonseca (dir.): *Las Elites Agrárias en la Peninsula Ibérica*. Monográfico de *Ayer*, nº 48. Asociación de Historia Contemporánea, 2002. p. 209.

<sup>44</sup> Tal como acontecia com os intelectuais de oitocentos, estudados por Maria de Lourdes Lima dos Santos, está patente na correspondência pessoal de Mário Saa, nomeadamente nas cartas do seu tio António Paes, a preocupação em assegurar a reprodução do capital cultural existente no ambiente familiar através de um processo de educação formal que deveria terminar no ensino superior. Cf. Maria de Lourdes Lima dos Santos, *ob. cit.*, p. 48.

<sup>45</sup> Conhecemos a existência de um professor particular de francês através das informações veiculadas num formulário do *Institut «Minerva»* de Zurich que Mário Saa considerou frequentar. Documentos Anexos do Autor. FAPT – Espólio Documental de Mário Saa. Também na correspondência que Maria Leonor da Silva Paes Teles dirigiu a Mário Saa encontramos referência à procura de professores para ensinar no Monte de Pero Viegas. Numa carta de 27 de Janeiro de 1911, Maria Leonor informa sobre a vinda de uma professora oriunda uma localidade próxima, Galveias, para ensinar piano e canto às suas irmãs e, em carta datada de 10 de Abril

habitavam, seguindo-se um percurso escolar que incluiu deslocações para frequentar o colégio, o liceu e, mais tarde, o ensino universitário. Em 1907, Mário Saa ingressou, como aluno interno, no colégio jesuíta de S. Fiel, em Louriçal do Campo, Castelo Branco, onde se encontrava também o seu irmão António Paes da Cunha e Sá (1895-1952). No ano lectivo de 1910-1911, matriculou-se no Liceu de Évora, frequentado simultaneamente pelos seus irmãos António e Condorcet Paes da Cunha e Sá (1891-1945). Aí concluiu, em 1912, o *Curso Complementar de Ciências*, sem antes, contudo, ter projectado abandoná-lo para frequentar o Instituto «Minerva», em Zurique. Na correspondência do seu tio António Paes da Silva Marques<sup>46</sup> encontramos a possível consternação da família face a esta intenção, dado que este seu tio aconselha-o a concluir o 7.º ano, o que vem realmente a suceder<sup>47</sup>. No entanto, Mário Saa chegou mesmo a preencher o formulário necessário onde menciona a intenção de frequentar o «cours d'ingénieur électricien», formação em que se inscreveria mais tarde no *Instituto Superior Técnico*, em Lisboa. Este documento fornece-nos também algumas informações sobre a sua preferência pela Matemática, Física e Mecânica e os seus bons conhecimentos de Geografia, Geometria e História<sup>48</sup>. Revela ainda a sua facilidade no Francês

---

de 1914, pede informações sobre a professora alemã que Mário Saa terá recomendado. Nesse âmbito menciona questões relacionadas com o vencimento, com os conhecimentos de línguas e piano, e com a seriedade da professora. Correspondência de Maria Leonor da Silva Paes Teles para Mário Saa (1907-1942). FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>46</sup> Para este trabalho analisámos um conjunto de 277 cartas emitidas entre 9 de Novembro de 1907 e 18 de Junho de 1953.

<sup>47</sup> Carta de 18 de Novembro de 1911. Correspondência de António Paes da Silva Marques para Mário Saa (1907-1953). FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>48</sup> Nas quatro páginas do questionário (numerado 3291) deste instituto localizado em “Zurich IV/ Scheuchzerstrasse 2-4”, questiona-se o género, a duração da formação anterior e estado de preparação do aluno para os exames. Refere ainda que para o ingresso naquele instituto existiam várias combinações possíveis relativamente aos «exames de maturité», pedindo-se que o candidatado conhecesse bem os capítulos do prospecto. Começa por pedir a indicação dos dados pessoais – nome, endereço e data de nascimento – seguindo-se uma pergunta sobre o tipo de estabelecimento que desejaria frequentar – Politécnico ou Universidade. Solicita a indicação do percurso escolar e escolas frequentadas e seguidamente pede indicação sobre o grau de conhecimento em 15 matérias: Literatura, História, Geografia, Francês, Inglês, Italiano, Latim, Grego, Álgebra, Geometria, Geometria Descritiva, Física, Química, Botânica e Desenho. Mário Saa inscreve neste formulário a sua preferência pela Física, em especial a electricidade, e assinala que preza também bastante a Mecânica e a Química. Anota que aprecia e conhece bem a Álgebra, bem como várias geometrias e o Francês, a língua em que tem maior facilidade. Regista também formação em Inglês e em Alemão. Mostra ainda a sua apetência pela História nacional e universal que declara conhecer bem. O questionário segue com perguntas sobre qual a língua materna, os conhecimentos de Alemão, o grau de dificuldade nos estudos e as dificuldades em Matemática e línguas. O questionário solicita ainda informação sobre o exercício de alguma profissão, em que data estaria o aluno disponível para ingressar no instituto e a duração da sua preparação. Pergunta ainda a forma como o aluno teve acesso ao nome da escola e os certificados que anexa ao questionário. Na altura com 19 anos de idade, Mário Saa revela que estuda com gosto pelo que não tem dificuldades, podendo mesmo ser dispensado da Matemática dadas as suas aptidões. Declara também que nunca exerceu uma profissão e está disponível para entrar naquela escola o quanto antes. Escola que conheceu através de prospectos. Conclui que pertence a uma família portuguesa «muito séria» e que enviaria os

devido aos seus 5 anos de aulas, a existência de um professor particular e de várias estadias em França. Conhecia também o Inglês, tendo tido 4 anos de formação, e o Alemão devido a ter tido aulas particulares durante 3 meses.

Não concretizando esta intenção de estudar na Suíça, acabaria por frequentar o curso que desejava no recentemente fundado *Instituto Superior Técnico*. Existiam, no entanto, pressões familiares para que seguisse outras áreas, nomeadamente o curso de ciências para o *Magistério dos Liceus* ou a engenharia agrónoma, conforme nos mostra a correspondência de António Paes (seu tio materno acima citado), que seguiu de perto a sua formação, aconselhando-o e partilhando interesses, nomeadamente a arqueologia. Numa carta com data de 30 de Setembro de 1912, altura em que Mário Saa terminaria os exames preparatórios do liceu, António Paes faz referência à data para as matrículas no *Instituto Superior Técnico* e interroga-o sobre a sua decisão. Refere pressões familiares no sentido de o incentivar a seguir o curso de ciências, no entanto, advertia-o para que seguisse a sua vocação, apesar de lhe apresentar alternativas como a engenharia agrónoma, uma profissão que era na época bem remunerada, ao contrário da engenharia eléctrica que, refere, não o iria habilitar «a ganhar a vida sem ter de ir ao estrangeiro». António Paes apresenta-lhe também a possibilidade de se matricular simultaneamente no *Instituto Superior Técnico* e no *Instituto Superior de Agronomia*, notando que essa situação acarretaria muita despesa e estaria condicionada pela compatibilidade nas horas das aulas, mas que seria uma forma de poder escolher «com mais vagar»<sup>49</sup>.

De facto, este tio terá sido bastante influente no seu percurso e responsável por uma parte considerável da sua educação informal, proporcionando-lhe leituras, incentivando os seus interesses e promovendo o convívio com intelectuais como José Leite de Vasconcelos, que convidou a visitar o concelho de Avis, o que se concretizou durante o mês de Agosto de 1912. Mário Saa, na altura estudante no *Liceu de Évora*, acompanhou a sua visita ao Ervedal, à Herdade de Pero Viegas e às Galveias, tendo-lhe oferecido vários objectos de cariz arqueológico e etnográfico. Temos notícia detalhada dessa visita através de um artigo publicado numa separata da revista *O Arqueólogo Português*. Com o título «Pelo Alentejo: Arqueologia e Etnografia» – um dos exemplares oferecido, com dedicatória, a Mário Saa<sup>50</sup> –, Leite

---

certificados dos seus estudos juntamente com os do seu irmão António que o acompanharia. Documentos Anexos do Autor. FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>49</sup> Correspondência de António Paes da Silva Marques para Mário Saa (1907-1953). FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>50</sup> Este exemplar encontra-se na Biblioteca da FAPT e a contracapa da publicação possui a seguinte nota de Mário Saa: “Era eu estudante em Évora, no 7.º ano do liceu quando [...] aquela [...] o Dr. Leite de Vasconcelos,

de Vasconcelos descreve pormenorizadamente a “sua excursão arqueológica pelo Alentejo”<sup>51</sup> a convite do Sr. António Pais, de Avis<sup>52</sup>.

Existindo já algum interesse por estas matérias supomos que o contacto com Leite de Vasconcelos terá fomentado ainda mais o interesse pela arqueologia, que sabemos existir anteriormente devido à data inscrita num bloco de apontamentos que o próprio intitulou “Apontamentos Arqueológicos de Mário Paes de Sá/ Évora 19/6/1912”<sup>53</sup>.

Os contactos com o fundador do actual *Museu Nacional de Arqueologia* não cessaram com esta visita. José Leite de Vasconcelos tornou-se amigo da família, visitando-os e acompanhando o instável percurso académico de Mário Saa, com quem contactava frequentemente neste seu primeiro ano lectivo em Lisboa<sup>54</sup>. Um ano em que, a julgar pela forma como o tio paterno se lhe dirige, terá sido

---

o prof. do Liceu Montiz [?] lhe indicou a minha pessoa como sendo um estudante investigador na Biblioteca (onde ao tempo [...] coisas da minha família); e isto porque o Dr. Leite lhe perguntava se havia entre os estudantes quem se interessasse. Apresentou-me a ele, o Montiz [?], e falei-lhe da gruta da Moura, junto à Figueira e Barros. Tendo eu contado isto ao meu tio António, a quem dissera que o Leite ia escrever ao tio José, tio António se apressou a convidá-lo para [...] essa honra [...]. E aqui começaram as nossas relações com o Dr. Leite. Mário Saa”. José Leite de Vasconcelos – “Pelo Alentejo: Arqueologia e Etnografia”. Separata da revista *O Arqueólogo Português*, 1912. Vol. XVII, n.º 10 a 12.

<sup>51</sup> Neste artigo são mencionados vários elementos da família de Mário Saa, sobretudo do lado materno: António Paes, o principal cicerone nesta visita, o Dr. José Paes Teles e Francisco António Paes, os três irmãos de Maria Leonor da Silva Paes Teles, mãe de Mário Saa.

<sup>52</sup> José Leite de Vasconcelos refere-se a António Paes como uma pessoa ilustrada e com grande amor à história da sua terra, reunindo também “ao seu trato obsequioso cultura literária esmerada, e dispõe de boa biblioteca, onde não faltam obras gerais de Etnografia (ciência que ele sobretudo preza), enciclopédias, ilustrações: de modo que, a par com a perspectiva de excelente messe de objectos para o Museu, e de notas para os meus estudos, eu ia ficar envolto em uma atmosfera intelectual que me duplicaria o prazer da minha estada em terras transtaganas”. José Leite de Vasconcelos, ob. cit., p. 4.

<sup>53</sup> Manuscritos do Autor. FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>54</sup> Na correspondência de Maria Leonor da Silva Paes Teles encontramos frequentemente referências ao seu nome: menciona ofertas de objectos antigos que Mário deveria efectuar (carta de 17 de Junho de 1914), informa o filho sobre a visita do investigador (carta de 9 de Julho de 1918), recomenda que lhe enderece correspondência (carta de 25 de Dezembro de 1918 e de 31 de Maio de 1928), relata o facto de ter caído na cozinha de Leite de Vasconcelos uma granada aquando das sublevações monárquicas de 1919 (carta de 29 de Janeiro de 1919), dá notícias sobre conferências que o Dr. Leite de Vasconcelos proferiu (carta de 21 de Maio de 1925) e refere distinções que lhe fizeram numa universidade no estrangeiro (carta de 23 de Junho de 1925). Menciona ainda a frequente curiosidade de Leite de Vasconcelos sobre o seu percurso (carta de 22 de Agosto de 1925) e sugere a Mário Saa a sua companhia para uma viagem à Alemanha (carta de 28 de Maio de 1928). Correspondência de Maria Leonor da Silva Paes Teles para Mário Saa (1907-1942). FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

Também a correspondência de António Paes reflecte a frequência desses contactos, sobretudo durante os anos de 1913 e 1914, revelando a partilha de interesses, a troca de impressões e a proximidade que iam adquirindo. Em carta de 13 de Janeiro de 1913, menciona um «machado» com que pretendia surpreender o Dr. Leite de Vasconcelos; em 19 de Fevereiro de 1913 refere umas «reliquias» que lhe pretende oferecer; a 17 de Agosto de 1913 volta a mencionar os contactos que o próprio mantinha com Leite de Vasconcelos e faz referência à investigação que ele próprio desenvolvia sobre a povoação da Ladeira, no Ervedal; a carta de 25 de Novembro de 1913 menciona uma visita de Mário Saa a Leite de Vasconcelos, em Lisboa. Correspondência de António Paes da Silva Marques para Mário Saa (1907-1953). FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

Seria muito provavelmente pela mão de Leite de Vasconcelos que Mário Saa se tornaria sócio efectivo da *Associação dos Arqueólogos Portugueses* em 10 de Janeiro de 1922, de acordo com o respectivo diploma existente nos seus arquivos. Documentos Anexos do Autor. FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

academicamente proveitoso. Gozando Mário Saa as férias de Verão numa das propriedades da família no Ervedal, António Paes manifesta o seu contentamento face ao comportamento escolar e extra-escolar do sobrinho, dirigindo-se-lhe como "Distinto aluno d'engenharia eléctrica e paleógrafo eminente «a ares» na Torre do Ervedal"<sup>55</sup>.

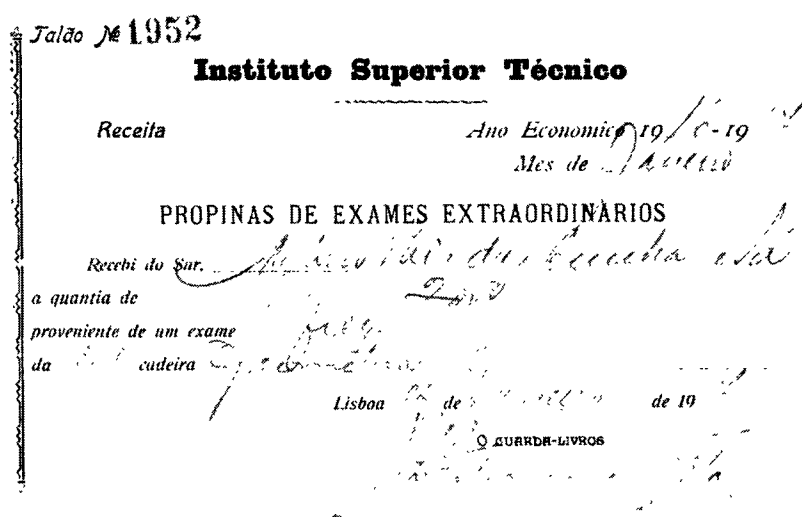


Figura 2: Recibo do Instituto Superior Técnico. Arquivo FAPT.

O empenho académico, contudo, não se prolongaria e, nos anos seguintes os familiares temiam que perdesse o ano. A sua desmotivação está bem patente numa carta emitida de Badajoz com a data de 3 de Maio de 1915, dirigida aos pais. Aí revela o seu descontentamento em relação ao curso que frequentava, "não por impossibilidade intelectual, mas por incompatibilidade moral". Esta situação levava-o a estar prestes a entrar como explicador de francês na *Escola Normal de Badajoz* e de existir a possibilidade de se tornar professor num colégio particular daquela cidade. Admitia, no entanto, que seria uma situação passageira uma vez que pretendia acabar uma obra «há tempos começada, assuntos filosóficos basilares da ciência» e tencionava ir para França onde queria ingressar em engenharia e aí finalizar o curso<sup>56</sup>.

O jovem Mário Paes da Cunha e Sá tinha feito a sua estreia literária havia menos de uma semana. Um periódico lisboeta, *O Jornal da Mulher*, tinha publicado a sua primeira intervenção no espaço público, o poema «Despedida», cujo título

<sup>55</sup> Carta de 13 de Agosto de 1913. Correspondência de António Paes da Silva Marques para Mário Saa (1907-1953). FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>56</sup> Cota D1/81. FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

talvez estivesse relacionado com os seus projectos de vida veiculados na missiva de Badajoz. Então com 22 anos de idade, voltaria ao Ervedal em Junho e publicaria no mês seguinte, a 11 Julho, o poema «Goivos», no jornal *A Plebe*, de Portalegre. O seu Espólio Documental dá-nos conta deste e de outros projectos intelectuais que desenvolveria nestes seus primeiros anos de estudante universitário. É deste período o projecto que intitulou «Infinitismo», uma reflexão filosófica registada em pequenos cadernos numerados<sup>57</sup> e também o trabalho que intitulou «Geometria cronométrica», constituído por aforismos e divagações sobre axiomas geométricos<sup>58</sup>. No ano seguinte começaria a investigação de teor genealógico que viria a publicar mais tarde com o título *Camões no Maranhão* e organizaria novos cadernos de poemas intitulados «Pégadas» e «Ericeira»<sup>59</sup>. Trabalharia também já naquela que viria a ser a sua primeira monografia, publicada em 1917, o *Evangelho de S. Vito*<sup>60</sup>, onde estreia o nome literário *Mário Saa*, sugerido por Augusto Ferreira Gomes durante uma tertúlia que terá decorrido em casa de Fernando Pessoa<sup>61</sup>. Possivelmente no âmbito destas tertúlias, Saa terá feito chegar às mãos do autor de «Ode Triunfal» um exemplar deste seu primeiro livro<sup>62</sup>.

Além das personalidades atrás referidas, os seus círculos de sociabilidade integravam também outras individualidades do mundo literário e outros nomes cimeiros da cultura portuguesa da época, entre eles Teófilo de Braga, Américo Durão, Luís Chaves, João Cabral do Nascimento e António Ferro que lhe transmitiam admiração pelo seu talento e pela sua arte de «pensador profundo»<sup>63</sup>.

O investimento nos diversos projectos literários e filosóficos referidos não era assim comparável ao investimento no seu percurso académico<sup>64</sup>, pelo que Mário Saa terá acabado por desistir dos estudos de engenharia e seria matriculado em *Ciências Matemáticas* na *Faculdade de Ciências de Lisboa* em finais de 1918, no decurso de uma das fases mais agudas da gripe pneumónica em Portugal que forçou, inclusivamente, o adiamento da abertura do ano lectivo<sup>65</sup>.

---

<sup>57</sup> Cota D1/24. FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>58</sup> Cota.D1/36. FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>59</sup> João Rui de Sousa – *Mário Saa: Poesia...*, p. 318.

<sup>60</sup> Mário Saa – *Evangelho de S. Vito*. Lisboa: Monteiro e C.<sup>a</sup>, 1917.

<sup>61</sup> João Rui de Sousa, ob. cit., p. 14.

<sup>62</sup> *Idem, Ibidem*, p. 320.

<sup>63</sup> Os contactos com estes e outros intelectuais que integravam os seus círculos de sociabilidade literária e intelectual serão desenvolvidos no quinto capítulo deste trabalho.

<sup>64</sup> No começo do ano de 1917 a correspondência que lhe é dirigida por Maria Leonor da Silva Paes Teles revela-nos os escassos contactos com a família, os abundantes gastos monetários, e o risco de não obter aproveitamento académico. Cartas de 4 e 8 de Janeiro de 1917. Correspondência de Maria Leonor da Silva Paes Teles para Mário Saa (1907-1942). FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>65</sup> José Manuel Sobral; Maria Luisa Cunha; Paula Castro; Paulo Silveira e Sousa (org.) – *Pandemia esquecida: olhares cruzados sobre a pneumónica – 1918-1919*. Lisboa: ICS, 2009; Álvaro Sequeira – “A Penumónica”.

Mário Saa, então no Alentejo, recebia da família as descrições da «terrível epidemia» em Lisboa e as manifestações de preocupação face à falta de médicos e de medicamentos em Avis, onde projectavam resguardar-se<sup>66</sup>. Além de informações sobre a «gripe espanhola», como era conhecida a referida epidemia, a correspondência familiar faz também eco da situação instável do país e do desfecho da I Guerra Mundial onde tinham combatido os dois irmãos de Mário Saa<sup>67</sup>. O irmão António<sup>68</sup> estaria já em Lisboa, permanecendo em França o mais velho dos irmãos, Condorcet<sup>69</sup>, que com o desfecho da guerra planeava deslocar-se a Paris para assistir à «entrada triunfal dos aliados»<sup>70</sup>.

Relativamente ao contexto nacional, a correspondência familiar regista as reacções populares ao assassinato de Sidónio Pais<sup>71</sup> e descreve a forma como a família viveu os confrontos decorridos em Lisboa durante o mês de Janeiro de 1919<sup>72</sup>. Uma situação que não terá sido vivenciada por Mário Saa, que durante este período conturbado permaneceu no Alentejo, numa estadia que terá durado de Setembro de 1918 a Janeiro de 1919 e onde deverá ter concluído a investigação histórica «Os da Figueira: povoamento de uma vila, e sua história, na Província de Entre Tejo e Odiana (a. 1271-1350)», que datou de Novembro de 1918<sup>73</sup>. Deste ano será também um outro manuscrito de teor histórico-genealógico sobre a «Vida do Mártir Fr. António Pestana, Morto no arquipélago Malaio em 1565 e de como é tio antepassado de Mário Sá»<sup>74</sup>.

O seu futuro profissional encontrava-se então em aberto e eram consideradas várias opções, nomeadamente a hipótese da profissão de mestre-escola ou faroleiro, uma situação com a qual a família discordaria. Numa carta de

---

*História da Medicina.* Consultado em Setembro de 2009: [http://www.spmi.pt/revista/vol08/ch7\\_v8n1jan2001.pdf](http://www.spmi.pt/revista/vol08/ch7_v8n1jan2001.pdf).

<sup>66</sup> Carta de 13 de Outubro de 1918. Correspondência de Maria Leonor da Silva Paes Teles para Mário Saa (1907-1942). FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>67</sup> Cartas de 18 e 27 de Julho e 9 de Agosto de 1918. Correspondência de Maria Leonor da Silva Paes Teles para Mário Saa (1907-1942). FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>68</sup> Conhecemos a participação de António Paes da Cunha e Sá no conflito bélico de 1914-18 através da correspondência de Maria Leonor da Silva Paes Teles, cartas de 28 de Janeiro e de 20 de Dezembro de 1918. Correspondência de Maria Leonor da Silva Paes Teles para Condorcet Paes da Cunha e Sá (1918-1919). FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>69</sup> Condorcet Paes da Cunha e Sá foi Oficial do Exército da Arma da Infantaria e foi combatente na I Guerra Mundial “com comissão de serviço de campanha em França de 8 de Agosto de 1918 a 3 de Abril de 1919”. Hugo d’Orey Velasco da Cunha e Sá, ob. cit., p. 39. Desconhecemos os detalhes do percurso militar de António Paes da Cunha e Sá.

<sup>70</sup> Carta de 20 de Dezembro de 1918. Correspondência de Maria Leonor da Silva Paes Teles para Condorcet Paes da Cunha e Sá (1918-1919). FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>71</sup> Situação descrita na mesma carta de 20 de Dezembro de 1918.

<sup>72</sup> Carta de 29 de Janeiro de 1919. Correspondência de Maria Leonor da Silva Paes Teles para Mário Saa (1907-1942). FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>73</sup> Cota D1/16. FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>74</sup> Cota D1/35. FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.



Janeiro de 1919, Maria Leonor da Silva Paes Teles menciona um anúncio no jornal *O Século* sobre um lugar para sub-bibliotecário na *Biblioteca Nacional*, «muito mais adequado às suas aptidões»<sup>75</sup>, e meses mais tarde o tio António Paes apresentaria-lhe uma oportunidade para sub-bibliotecário da *Biblioteca Pública de Lisboa*. Este seu tio asseverava que seria um ótimo posto, tal como fora para pessoas como Ramalho Ortigão, Alexandre Herculano e Leite de Vasconcelos, podendo ali desenvolver as investigações que quisesse, com a vantagem de não ser, refere, um lugar de funcionário público a que ele teria «tanto horror»<sup>76</sup>.

Relativamente ao curso de Matemática em que estaria inscrito, não existem informações sobre a dedicação que lhe votaria. No seu espólio não encontramos provas materiais de qualquer investimento nesta formação. Encontramos sim indícios da realização de profundas pesquisas genealógicas, sendo evidência disso a existência de manuscritos e correspondência deste teor durante este ano e os seguintes<sup>77</sup>.

Este seu interesse, que numa fase inicial parece ser votado à sua ascendência familiar, terá provavelmente estado na origem da sua atracção pela problemática camoniana e suscitado a publicação, em 1921, da obra *Poemas Heróicos de Simão Vaz de Camões*<sup>78</sup> e, no ano seguinte, *Camões no Maranhão*<sup>79</sup>. Também como resultado dessas pesquisas genealógicas, dá a conhecer as suas teorias sobre «os Judeus na República» numa entrevista publicada em 1921<sup>80</sup> e traria a público, nessa sequência, a mais polémica das suas obras, *A Invasão dos Judeus*<sup>81</sup>, de 1925. Entretanto, publica também perto de uma dezena de poemas e vários textos de natureza aforística e de ficção nas revistas *Athena* e *Contemporânea*, bem como artigos sobre a temática camoniana no *Jornal da Europa* e na revista *Aquila*. De notar ainda os artigos

---

<sup>75</sup> Carta de 26 de Janeiro de 1919. Correspondência de Maria Leonor da Silva Paes Teles para Mário Saa (1907-1942). FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>76</sup> Carta de 8 de Outubro de 1919. Correspondência de António Paes da Silva Marques para Mário Saa (1907-1953). FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>77</sup> É deste teor a correspondência que recebe de Fortunato de Paiva (Couço), Alexandre de Sousa Alvim (Biblioteca Pública de Ponta Delgada) e do Conservador do Registo Civil do Distrito de Évora, Joaquim Nunes Chocalheiro (Coruche). Verifica-se o mesmo durante o ano de 1920 nas cartas recebidas de Bernardo Garcia de Brito (Oliveira do Hospital), José da Costa (Lisboa) e do P.º José Alexandrino da Costa Campos (Nelas). Durante o ano de 1921 continuaria as pesquisas genealógicas mas surgiria o interesse pelas famílias hebraicas e Camões reflectido nas cartas de Joaquim Lomena[?] (Câmara Municipal de Portalegre), João de Brito e Silva (Coimbra), P.º Joaquim Maria Ferreira (Lisboa) e Miguel Loureiro (Oeiras).

<sup>78</sup> Mário Saa – *Poemas Heróicos de Simão Vaz de Camões*. Lisboa: Lvmen, 1921.

<sup>79</sup> *Idem* – *Camões no Maranhão*. Lisboa: Lvmen, 1922.

<sup>80</sup> *Idem* – *Portugal Cristão-Novo ou os Judeus na República*. Lisboa: Edição de Autor, 1921.

<sup>81</sup> *Idem* – *A Invasão dos Judeus*. Lisboa: Imprensa Libânio da Silva, 1925.



de opinião sobre o bolchevismo publicados em 1922<sup>82</sup>, as tomadas de posição sobre a *Sociedade Nacional de Belas Artes*<sup>83</sup> e sobre a censura da peça de teatro de António Ferro, *Mar Alto*<sup>84</sup>. Nesta década envolver-se-ia ainda na criação do *Instituto Genealógico Português*<sup>85</sup> e seria criador e financiador da *Solução Editora* e da publicação periódica desta, intitulada *A Revista*<sup>86</sup>.

Com toda esta actividade na década de 20, Mário Saa terá criado o seu lugar no espaço público e várias personalidades da época disso fizeram eco. No número três da revista coimbrã *Presença*, de 1927, José Régio considerava-o um «mestre contemporâneo» e dois anos mais tarde dedica-lhe, no n.º 19 desta publicação, uma *Táboa Bibliográfica*, demonstrando “num acto de grande apreço e homenagem, uma deferência em que só foi acompanhado por outros vultos do nosso modernismo”<sup>87</sup>.

A vida académica não estava, contudo, encerrada. Na década de trinta inscrever-se-ia na *Escola Médica da Universidade de Lisboa*, localizada então no Campo Santana. O jornal *Voz do Povo*, de 1 de Janeiro de 1931, onde tinha publicado “O meu Teófilo de Braga – os nossos diálogos” e o desenho “O senhor Vaivém”, faz alusão a estes seus afazeres escolares de medicina e, a 3 de Janeiro do mesmo ano, numa carta a José Régio, é o próprio que os refere<sup>88</sup>. A consulta do seu processo académico na Universidade de Lisboa revelou-nos, no entanto, que a medicina foi mais um projecto académico a que não deu continuidade<sup>89</sup>.

Desconhecem-se as razões concretas que conduziram a esta indisponibilidade para adquirir o diploma que a família tanto ambicionava para os seus descendentes, não só como forma de reprodução do capital cultural familiar como também para assegurar uma forma de rendimento estável. Os Cunha e Sá tinham-se tornado proprietários absentistas em 1917<sup>90</sup>, ano a partir do qual

---

<sup>82</sup> *Idem* – “As verdadeiras origens do bolchevismo: resposta ao artigo do dr. Raul Leal «As origens psicológicas do bolchevismo»”. *A Palavra*. Lisboa, 3 de Agosto de 1922; *Idem* – “As absolutas origens do bolchevismo”. *A Palavra*. Lisboa, 17 de Agosto de 1922.

<sup>83</sup> *Idem* – “O que é a Sociedade Nacional de Belas Artes?”. *A Capital: Diário Republicano da Noite*. 3 de Dezembro de 1921.

<sup>84</sup> Assina o «Protesto dos intelectuais portugueses» contra à censura à peça *Mar Alto* de António Ferro. João Rui de Sousa, ob. cit., p. 324.

<sup>85</sup> Projecto defendido por Mário Saa em 1921. D1/13. FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>86</sup> Esta questão será desenvolvida no quarto capítulo deste trabalho.

<sup>87</sup> João Rui de Sousa, ob. cit., p. 330.

<sup>88</sup> *Idem, Ibidem*, p. 333.

<sup>89</sup> Processo consultado no *Arquivo da Divisão de Alunos da Reitoria da Universidade de Lisboa*. Dados entre 1918 e 1931, quase todos os documentos do seu processo se referem a pedidos de matrícula ou a pedidos de admissão a exames.

<sup>90</sup> É a partir deste ano que encontramos na correspondência analisada os primeiros registos da existência da morada na Travessa de Santa Quitéria, número 150. A mesma fonte permite-nos perceber as várias moradas de Mário Saa em Lisboa até a família aí fixar residência. No primeiro ano, Mário Saa residiu na Rua

transferiram a residência permanente para a Lisboa. O monte de Pero Viegas, que haviam construído nos últimos anos do século XIX, e constituía a sede da sua casa agrícola no concelho de Avis, ter-se ia tornado a sua residência secundária. A família tinha arrendado as herdades e vivia principalmente desse rendimento, no entanto, por várias ocasiões deparou-se com dificuldades económicas desencadeadas pela falta ou atraso no pagamento dos arrendamentos ou pela mudança de arrendatário. Tanto os pais de Mário Saa, como ele próprio, o irmão António e as irmãs solteiras, subsistiam, ao que pudemos apurar, com as partes que detinham destes rendimentos. O irmão mais velho, Condorcet teria seguido a carreira militar, tendo por esse motivo uma maior estabilidade. Mas Mário Saa e o seu irmão António, não tendo concluído nenhum curso, não obteriam consequentemente «colocação», o que era motivo de lamento por parte da família<sup>91</sup>.

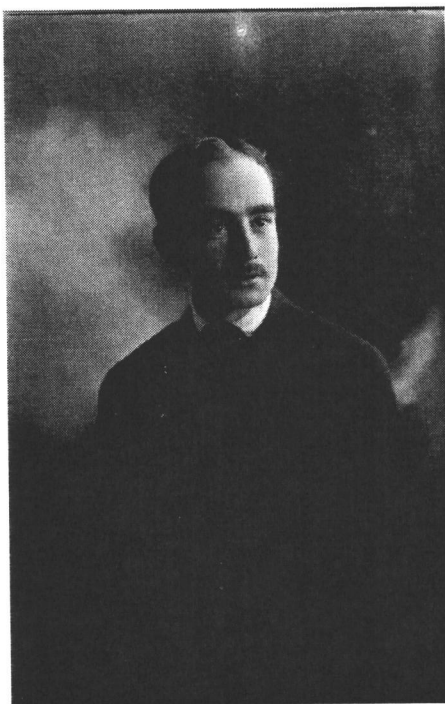


Figura 3: Retrato de Mário Saa, década de 20. Arquivo FAPT.

---

de S. Bento, número 201 até Julho de 1913, mês em que a correspondência lhe passa a ser dirigida para o número 82 da Praça da Flores. No ano seguinte, a partir de Outubro, encontramos registo da Rua de S. Marçalo, 114, e a partir de Novembro, da Rua do Boqueirão Duro, 59, 4.º andar, onde se mantém até Janeiro de 1915. Passa então a residir no terceiro andar da rua do Poço dos Negros, número 40, até Janeiro de 1917, data em que se regista novo endereço na rua da Estrela, número 1, primeiro andar. Identificamos depois a morada na rua do Abarracamento de Peniche, número 3, que ocuparia até ao Verão de 1917, data em que os pais e as irmãs passam a residir em Lisboa, na referida Travessa de Santa Quitéria, que Mário Saa também passa a ocupar.

<sup>91</sup> Em carta de 17 Julho 1939, Maria Leonor refere a dificultosa situação económica, referindo que sobrevive com dinheiro emprestado e lamentando a vida de Mário Saa e do seu irmão António que por ausência de diploma não conseguiriam colocação. Correspondência de Maria Leonor da Silva Paes Teles para Mário Saa (1907-1942). FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

Como é possível verificar pelo percurso atrás enunciado, esta ausência de diploma universitário não se deve à falta de ocasião ou condições para a sua obtenção. Deduzimos que poderá dever-se à própria desafeição por este tipo de formação e, como refere João Rui de Sousa, à «sua permanente inquietude de espírito» que se traduzia no desenvolvimento de múltiplos e absorventes projectos de cariz histórico, genealógico, literário e mesmo cívicos. Por outro lado verifica-se que foi bastante importante a dimensão extra-escolar no seu percurso. A universidade e a estadia no centro económico e cultural do país proporcionaram o acesso a meios e a estímulos de formação que ampliaram o seu capital cultural e social. Esta dimensão informal do processo formativo poderia desempenhar, tal como é referido por Maria de Lourdes Lima dos Santos, um papel importante no percurso dos intelectuais<sup>92</sup>.

Estando a residir em Lisboa desde, pelo menos 1913, ano em que ingressou no *Instituto Superior Técnico* e passou a residir nesta cidade, Saa foi assíduo frequentador da *Biblioteca Nacional* e da *Torre do Tombo* e esteve pontualmente presente em instâncias de legitimação e consagração, como os saraus e a boémia literária que decorreriam em casas particulares e nos cafés lisboetas, onde conviveu com os escritores e artistas ligados ao movimento modernista que seguramente influíram na construção da sua identidade. No âmbito desta sua inclusão nos «círculos modernistas», terá mantido contacto com intelectuais como Almada Negreiros, José Régio, António Botto, Raul Leal e Adolfo Casais Monteiro. Através desta convivência terá adquirido saberes, capital cultural e social e construído uma rede de relações fundamental na sua consagração intelectual.

O processo de educação formal e informal que temos vindo a caracterizar é próprio de um intelectual recrutado no seio de famílias de elite, como era o caso da sua que, nos finais do século XIX e princípios do século XX, fazia parte do restrito grupo de grandes proprietários do concelho de Avis, constituindo os maiores contribuintes e possuindo níveis de instrução que lhes permitia ocupar cargos políticos locais e nacionais<sup>93</sup>. A ascendência dos Cunha e Sá, o ramo paterno da sua família, advém de Évora, de António José da Cunha e Sá (1789-1864), um médico que foi presidente da Câmara daquela cidade. Um dos filhos deste, António Manuel da Cunha e Sá (1816-1895), avô de Mário Saa, ficou a viver em França onde tinha estudado, tornando-se armador de barcos e fazendo fortuna. Casou com Constance de Ramperti, descendente dos condes de Nobel e, quando herdou as propriedades

---

<sup>92</sup> Cf. Maria de Lourdes Lima dos Santos, ob. cit., pp. 278-296.

<sup>93</sup> Maria Antónia F. Pires de Almeida, ob. cit., pp. 184, 188-189.

que o pai comprara em Avis, na freguesia do Ervedal, passou a vir regularmente a Portugal, instalando-se no Monte da Torre, um antigo convento adquirido pela família. Com o falecimento da esposa regressou de França e casou com D. Maria José de Andrade, dona da Herdade de Pero Viegas, dedicando-se à lavoura. Deste casamento nasceria o pai de Mário Saa, Júlio Mário da Cunha e Sá, bacharel em direito, lavrador e presidente da Câmara Municipal de Avis<sup>94</sup>. Também no ramo materno verificamos o mesmo estatuto social. O seu avô, António Pais da Silva Marques (1839-1902), que representou o concelho de Avis com um afamado produto local – o azeite – na *Exposição Universal de Paris* de 1889<sup>95</sup>, foi “pai de um deputado, de um advogado e de outros lavradores de grande poder económico na freguesia do Ervedal”<sup>96</sup>. Todos republicanos, estes tios maternos assumiram cargos políticos locais na Câmara Municipal de Avis e, no caso do seu tio António Paes da Silva Marques, um cargo nacional, com a sua eleição para deputado pelo círculo de Elvas em 1923-25<sup>97</sup>.

Detendo o poder económico e político, a família de Mário Saa destacava-se consequentemente no plano social, partilhando uma identidade própria de um grupo que adoptara os modelos da cultura burguesa em expansão na Europa de oitocentos. Tal como nas famílias da elite eborense estudadas por Helder Adegar Fonseca, essa identidade traduzia-se num conjunto de práticas e atitudes como a existência de um piano e de uma livraria na residência da família, o enraizamento da prática da fotografia, a existência de domicílios secundários, a ida a banhos de mar ou a prática de termalismo e, em contexto privado a participação ou promoção de espectáculos de teatro<sup>98</sup>.

Esta condição social privilegiada terá permitido a realização de várias viagens que se poderão também integrar no processo de educação informal deste intelectual. A condição de proprietários absentistas obrigava a constantes deslocações entre Lisboa e o Alentejo e também Óbidos, devido ao facto da família manter a propriedade de Bom Sucesso, em Olho Marinho. Deslocavam-se anualmente para os banhos de mar, normalmente para a Foz do Arelho ou para S. Martinho do Porto e também para as termas que podiam localizar-se fora do país,

---

<sup>94</sup> *Idem, Ibidem*, pp. 220-221.

<sup>95</sup> Existe no Espólio Documental de Mário Saa o diploma comemorativo emitido pela organização da *Exposição Universal de Paris* de 1889 que atesta esta representação. O documento está datado de 27 de Outubro de 1889 e foi assinado pelo director do livro de ouro desta exposição universal. Documentos Anexos do Autor. FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>96</sup> Maria Antónia F. Pires de Almeida, ob. cit., pp. 222-225.

<sup>97</sup> *Idem, Ibidem*, p. 225.

<sup>98</sup> Helder Adegar Fonseca, ob. cit., p. 199.

nomeadamente em França<sup>99</sup> e na Alemanha<sup>100</sup>. Mário Saa raramente acompanharia a mãe e as irmãs nestas estadias termas na Europa mas a correspondência dá-nos conta de várias viagens que terá realizado. Na segunda década do século XX terá feito uma viagem pela Europa onde planeava incluir uma visita à Rússia e Alemanha<sup>101</sup> e, em 1912, de acordo com as informações do já citado formulário do Instituto Minerva, informa que tinha estado por várias vezes em França. Em 1927 ter-se-á deslocado a Londres e a Berlim<sup>102</sup> e em 1928 terá planeado viajar com a família e o Dr. Leite de Vasconcelos até à Alemanha de onde depois partiria com este<sup>103</sup>. A Bélgica foi ainda outro dos locais que terá visitado, conforme nos dá conta o seu espólio fotográfico<sup>104</sup>.

Enquanto intelectual Mário Saa investiu sobretudo nesta educação informal que lhe era proporcionada pelas viagens, mas também pelas investigações que empreendia e pelo contacto com numerosos intelectuais que encontramos representados no seu espólio através da correspondência e das dedicatórias inscritas em mais de três centenas de livros da sua biblioteca. Seria por estes processos de aprendizagem que continuaria a interessar-se dando por concluído o estudo da medicina bem como o tempo da sua formação académica.

---

<sup>99</sup> Em carta de 29 de Julho de 1926 Maria Leonor da Silva Paes Teles escreve aos filhos das Termas de Royat, em França, referindo que tinham aproveitado para conhecer Bordeús. Também no ano seguinte frequentam as mesmas termas e aproveitam para visitar Paris. Correspondência de Maria Leonor da Silva Paes Teles para Mário Saa (1907-1942). FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>100</sup> No ano de 1928 planeariam frequentar termas alemãs. Carta de 31 de Maio de 1928. Correspondência de Maria Leonor da Silva Paes Teles para Mário Saa (1907-1942). FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>101</sup> Carta s.d. [década de 10?]. Correspondência de António Paes da Silva Marques para Mário Saa (1907-1953). FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>102</sup> Carta de 11 de Julho de 1927. Correspondência de António Paes da Silva Marques para Mário Saa (1907-1953). FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>103</sup> Carta de 31 de Maio de 1928. Correspondência de Maria Leonor da Silva Paes Teles para Mário Saa (1907-1942). FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>104</sup> Uma das fotografias do seu espólio tem inscrita uma nota que remete para uma viagem à Bélgica. Desconhecemos a data em que terá ocorrido. Documentos Anexos do Autor. FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

#### 4. Produção temática

Sendo considerado um intelectual modernista, Mário Saa começa por intervir no espaço público com a publicação de dois poemas de características neo-românticas<sup>105</sup>. Para esta especificidade literária poderão ter concorrido os contactos com Júlio Dantas, a quem o autor humildemente se dirige em 1913, solicitando a apreciação das suas composições literárias<sup>106</sup>.

Estaria nesta época muito longe de imaginar que o autor junto de quem procurava legitimidade e a quem reconhecia um «lugar nas páginas da história da literatura portuguesa» seria um dos opositores do vanguardismo literário a que se viria a associar. Júlio Dantas representava “uma literatura ‘oficial’, ‘burguesa’, integrada na ‘ordem’” contra a qual lutava a «geração moderna»<sup>107</sup>, que em 1915, ano da estreia neo-romântica de Mário Saa, dera a público o *Orpheu*, símbolo do primeiro modernismo português.

Esta nova revista representou a ruptura com as formas de expressão artísticas vigentes e inaugurou um tempo de vanguardismo a que estão associados nomes como Fernando Pessoa<sup>108</sup>, Mário de Sá-Carneiro, Almada-Negreiros e Santa Rita Pintor, considerados os mais importantes autores deste movimento de ruptura com a tradição<sup>109</sup>. Estando Mário Saa a residir em Lisboa desde 1913, altura em que ingressou no *Instituto Superior Técnico*, parte destes escritores e artistas ligados ao movimento modernista vieram a integrar, como já referimos, o seu leque de amizades e viriam a influir no seu percurso e na sua consagração enquanto intelectual.

Não tendo participado na revista *Orpheu*, Saa foi assiduamente chamado a publicar em algumas das revistas ligadas a este movimento, nomeadamente na revista *Athena*, na *Contemporânea*, e também na *Presença*<sup>110</sup>, lançada em Coimbra em 1927, e associada ao denominado «segundo Modernismo».

No que se refere à sua produção poética, o modernismo evidenciou-se nas suas criações a partir de 1924, com a publicação dos poemas «Xácara do

<sup>105</sup> Trata-se dos poemas “Despedida” e “Goivos” de que nos dá conta João Rui de Sousa, ob. cit., p. 32.

<sup>106</sup> Carta de 5 de Dezembro de 1913. Correspondência do Autor. FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>107</sup> Luís Reis Torgal – “O Modernismo Português na formação do Estado Novo de Salazar: António Ferro e a semana de Arte Moderna de São Paulo”. Consultado em Novembro de 2009: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5038.pdf>.

<sup>108</sup> Os contactos entre Mário Saa e Fernando Pessoa foram recentemente abordados por João Rui de Sousa no já citado número inaugural da revista *VIALIBVS*.

<sup>109</sup> João Camilo dos Santos – “A Literatura Portuguesa Contemporânea”. António Costa Pinto (dir.) – *Portugal Contemporâneo*. Madrid: Sequitur, 2000. p. 257.

<sup>110</sup> Foi esta publicação que acolheu mais de metade da sua poesia publicada em vida.

Infinito»<sup>111</sup>, «Versos Frios»<sup>112</sup> e «Oh, Caprice»<sup>113</sup>. Seria a partir deste ano, até 1930, que os «parâmetros de modernidade» característicos da sua poesia “melhor e mais alargadamente se definem”<sup>114</sup>.

Considera-se que o aparecimento literário de Mário Saa nas «grandes rotas do modernismo português» afirmou-se também com a publicação de vários textos em prosa nas «revistas-chave» do referido movimento literário. «Mário, o Inulto»<sup>115</sup>, «Mário, o Breve»<sup>116</sup>, «A cabeça»<sup>117</sup>, «Mário, o Laico»<sup>118</sup>, «A princípio era a esfera»<sup>119</sup> e «Redução de Deus»<sup>120</sup> são textos de natureza aforística e filosófica publicados entre 1922 e 1927 nas revistas *Contemporânea* e *Presença* onde encontramos manifestações da forte influência de um dos arautos europeus da modernidade, o filósofo Friedrich Nietzsche. Uma influência que já se tinha revelado no seu primeiro livro, *Evangelho de S. Vito*, publicado no ano da apreensão da publicação *Portugal Futurista*, em 1917.

Américo Enes Monteiro, que estudou a recepção da obra do citado filósofo alemão na vida intelectual portuguesa entre 1892 e 1939, identifica Mário Saa, juntamente com Fernando Pessoa e Almada Negreiros, como um dos «principais receptores da obra nietzschiana»<sup>121</sup>. Neste estudo, Américo Monteiro refere que o «Evangelho» é claramente inspirado em *Assim Falava Zaratustra*, sendo clara a adopção de grande parte das ideias transmitidas na obra de Nietzsche pelo apóstolo S. Vito de Mário Saa<sup>122</sup>. Delas podemos destacar como principais o «aristocracismo elitista» e a ideia de «Homem Supremo» que encontramos expressas em passagens como as seguintes:

- Que vos parece, irmãos? – O povo é pão e escada, mas não é um alicerce nem raiz!  
É preciso detestar o voto servil da plebe; é preciso demonstrar a toda a gente que um é igual a três!

<sup>111</sup> Mário Saa – “Xácara do Infinito”. *Athena*, n.º 3. Lisboa, Dez. 1924. Também publicado no *Cancioneiro do I Salão dos Independentes*. Lisboa, 1930 e por João Rui de Sousa, ob. cit., pp. 67-69.

<sup>112</sup> *Idem* – “Versos Frios”. *Athena*, n.º 3. Lisboa, Dez. 1924. Incluído em João Rui de Sousa, ob. cit., pp. 70-73.

<sup>113</sup> Mário Saa – “Oh, Caprice!”. *A Revista*. Lisboa, 1924. Incluído na obra de João Rui de Sousa, ob. cit., pp. 74-75.

<sup>114</sup> João Rui de Sousa, ob. cit., p. 35.

<sup>115</sup> *Idem* – “Mário, o Inulto”. *Contemporânea*, 2. Lisboa, Jun. 1922.

<sup>116</sup> *Idem* – “Mário, o Breve”. *Contemporânea*, 3. Lisboa, Jul. 1922.

<sup>117</sup> *Idem* – “A cabeça”. *Contemporânea*, 6. Lisboa, Dez. 1922.

<sup>118</sup> *Idem* – “Mário, o Laico”. *Contemporânea*, 8. Lisboa, Fev. 1923.

<sup>119</sup> *Idem* – “A princípio era a esfera...”. *Presença*, 4. Coimbra, 8 Maio 1927.

<sup>120</sup> *Idem* – “Redução de Deus”. *Presença*, 7-8. Coimbra, 8 Nov. 1927.

<sup>121</sup> Américo Enes Monteiro – *A recepção da obra de Friedrich Nietzsche na vida intelectual portuguesa: 1892-1939*. Tese de Doutoramento, Universidade do Porto, 1997. p. 337. (<http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/10857>)

<sup>122</sup> Além da obra *Assim Falava Zaratustra*, identificámos na biblioteca de Mário Saa as publicações *A Genealogia da Moral* e *O Anti-Cristo*.



Nunca o povo será grande; acima dele restará eternamente o menor número!

Abaixo o sufrágio universal!

O mando há-de reinar, e aquele que fizer calar a voz do mando, é o mando a reinar!<sup>123</sup> [...]

O Homem-Excelente absorve a pompa pessoal de um dandy, e irradia a grandeza social de um Deus.<sup>124</sup>

São estes princípios elitistas que identificamos num conjunto de manuscritos do seu espólio<sup>125</sup> onde o autor teorizou a implementação de uma instituição que catalogasse os «Homens-Excelentes» do seu país:

A Academia dos Maiorais de Portugal é uma relação do existente em português em matéria de aptidões superiores. Nada mais é preciso que conhecer o existente das aptidões; o resto virá depois, conhecer é poder; Deus pode muito porque sabe muito. A Academia dos maiorais de Portugal é um catálogo!<sup>126</sup>

Para esta «academia viva e palpitante», baseada no lema «Liberdade e desigualdade» que, segundo o autor, seria uma «grande fábrica de ideias» divulgadas através de um «órgão jornalístico oficial», entrariam os indivíduos que fossem dotados de «aptidões superiores», de sabedoria, valor, «elevação espiritual», «boa recomendação» ou «uma obra reconhecida e louvada oficialmente»:

Para pertencer à Academia dos Maiorais de Portugal também é necessária uma “boa recomendação” ou uma obra reconhecida e louvada oficialmente: porque em verdade os bons valores encontram-se ao de lá de todas as boas recomendações e de todos os reconhecidos louvores oficiais. Os maiores valores não significam uma boa posição social, podendo muitas vezes coincidir com esta. A muita ciência é, de facto, um título de recomendação mas a muita sabedoria é-o mais ainda. A elevação espiritual nada tem que ver com o que cada um sabe mas com o que cada um pode saber. Sabe mais um “ignorante” com sabedoria que um espírito medíocre extremamente...sábio!... Será paradoxo?! É-o na aparência! Para a construção da Pirâmide Social se usará dum sistema de eleição que dará em resultado

---

<sup>123</sup> Mário Saa – *Evangelho de S. Vito*..., pp. 14-15.

<sup>124</sup> *Idem, Ibidem*, p. 101.

<sup>125</sup> Referimo-nos a um caderno manuscrito com o título “Sistema Electivo da Academia dos Maiorais de Portugal” e a notas dispersas sobre a mesma Academia, onde se identificam os textos “Pirâmide social”, “Cadeia mental”, “Regulamento Provisório Academia dos Maiorais de Portugal” (uma primeira versão datada de Agosto de 1927), “Relação de intelectuais para a formação da Pirâmide Cultural”, “Majóricos de Portugal: Investiduras”, “Munitório”, “Pirâmide da amizade espiritual”. Cotas D1/37, D1/38, D1/39. FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>126</sup> Cota D1/37. FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

sobreporem-lhe os valores por ordem de densidades pois que se baseia no íntimo conhecimento das pessoas.<sup>127</sup>

Estas personalidades seriam colocadas na pirâmide da academia segundo a ordem de valores que lhe era atribuída pelos membros iniciais que formariam a *Academia dos Afins*<sup>128</sup>.

O projecto teve alguma aceitação nos seus círculos de sociabilidade intelectual encontrando-se no seu espólio algumas listas electivas assinadas por personalidades como Teixeira de Pascoais, Augusto d'Esaguy, Alberto da Cunha Dias e Eduardo Malta. Também Francisco Mendes de Brito, Aleixo Ribeiro e o próprio Mário Saa<sup>129</sup> elaboraram as mesmas listas, figurando estas personalidades, de acordo com o «Sistema Electivo» estabelecido, entre os membros desta *Academia dos Afins* que tinham a função de construir a «Torre dos Maiorais». De acordo com um apontamento de Mário Saa sobre os órgãos directivos, administrativos, financeiros e editoriais desta academia, verificamos que Fernando Pessoa, Raul Leal, António Botto, José Pacheco e Albino Lapa estariam também envolvidos neste projecto<sup>130</sup>.

Apesar de Mário Saa, num artigo de 1931<sup>131</sup>, insistir na importância do «conhecimento estatístico dos homens de Espírito» e na consequente formação de uma «rede dos culturais», desconhecemos a efectivação desta academia e os seus desenvolvimentos<sup>132</sup>.

A mesma apologia de elite da *Academia dos Maiorais de Portugal* está presente em *A Explicação do Homem: através duma auto-explicação em 207 tábuas filosóficas*<sup>133</sup>, um livro publicado em 1928:

---

<sup>127</sup> Cota D1/37. FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>128</sup> Cada membro desta elaboraria uma listagem onde nomearia intelectuais com as qualidades acima referidas. Os três intelectuais mais nomeados passariam para a *Academia dos Maiorais de Portugal* formando nesta vários planos qualitativos segundo o número de nomeações obtidas.

<sup>129</sup> Teixeira de Pascoais assinou uma lista electiva com a nomeação de catorze “maiorais” em 19 Janeiro de 1930; no mesmo dia, Mário Saa registou 101 personalidades; Augusto d'Esaguy em seis páginas datadas de 30 de Janeiro de 1930, enumera 113 intelectuais; Eduardo Malta foi também um dos eleitores da *Academia dos Afins*, entregando a Mário Saa a nomeação de vinte e duas «aptidões superiores» na mesma data do mês de Janeiro de 1930. Também Francisco Mendes de Brito, numa folha manuscrita não datada registou 35 individualidades; Aleixo Ribeiro, em 1 de Fevereiro de 1930, nomeou 24 indivíduos e Alberto da Cunha Dias, a 24 do mesmo mês de 1930, nomeou cerca de uma dezena de intelectuais portugueses, alguns deles residentes em Luanda. D1/38. FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>130</sup> Mário Saa anotou que esta academia teria como *Governador* Fernando Pessoa, como *Financeiros*, Raul Leal e ele próprio e como *Arquivistas* José Pacheco e novamente Mário Saa. António Botto teria o cargo de *Director das publicações*, José Pacheco seria também *Director do “Jornal dos Maiorais”* e Albino Lapa exerceria a função de *Secretário*.

<sup>131</sup> Mário Saa – “O Povo Cultural”. *A Revista*. Lisboa: Solução Editora, 1931. N.º3. pp. 27-28.

<sup>132</sup> Até ao momento não foi identificado no espólio do autor qualquer documentação além da referente à teorização do projecto.

<sup>133</sup> *Idem – Explicação do Homem*. Lisboa: Edição do Autor, 1928.

17. Ser superior é ser diferente, mas não é para os lados, é para cima. [...]

18. O homem superior pouco mostra o maravilhoso da sua natureza. A sua presença não é geralmente uma presença superior; porém a presença do homem singular, é, singularmente... superior!<sup>134</sup> [...]

Pessoa superior não produz o que quer que seja que lhe esteja inferior. Sabe escolher-se, apartar o que é mau. A natureza do escolher-se é a do escolhido.

É por esta razão que a superioridade no homem superior é coisa rara! A sua obra é pequena. As superioridades dentro do homem superior são coisas raras porque todo o tempo é passado a apartar o que dentro dele não são superioridades!<sup>135</sup>

No entanto, enquanto no *Evangelho de S. Vito* o «homem superior» era qualificado segundo uma escala de valores qualitativos, nesta obra encontramos uma escala de valores rácicos:

O homem superior só é superior no momento da sua exaltação superior; fora disso é o homem da raça. E mesmo no momento da exaltação é ainda o homem da raça: faz uma digestão da superioridade conforme o seu estômago da raça: resulta-lhe uma superioridade de certa maneira. Ora a superioridade tem um só sentido, não é de certa maneira, mas sendo de *certa maneira* é raça!

O homem superior é a excitação dum indivíduo de uma boa raça; não há indivíduos de boa raça sem excitação! A superioridade é a febre de uma boa cabeça; que há boas cabeças sem febre! Afinal não há homens superiores, há raças superiores!<sup>136</sup>

Esta ênfase dos valores raciais estava já patente noutros trabalhos do autor, especialmente em *Portugal Cristão-novo ou os Judeus na República*<sup>137</sup>, editado em 1921, nos artigos publicados em Agosto do ano seguinte no jornal *A Palavra* – “As verdadeiras origens do bolchevismo” e “As absolutas origens do bolchevismo” –, e em 1925, no livro *A Invasão dos Judeus* e no artigo “O perigo judeu”<sup>138</sup>.

A primeira obra citada é uma edição de 16 páginas que difunde uma entrevista realizada por Guilherme de Lencastre a 11 de Setembro de 1921. O entrevistador considerava ser Mário Saa o autor do «golpe de vista mais fundo» lançado sobre toda a sociedade portuguesa, a descoberta dos judeus na República:

---

<sup>134</sup> *Idem, Ibidem*, pp. 28-29.

<sup>135</sup> *Idem, Ibidem*, p. 35.

<sup>136</sup> *Idem, Ibidem*, p. 103.

<sup>137</sup> *Idem – Portugal Cristão-Novo ou os Judeus na República*. Lisboa: Edição do Autor, 1921.

<sup>138</sup> *Idem* – “O perigo judeu: A oligarquia judaica explora o povo e empobrece o país; curiosas revelações do escritor Mário Saa”. *A Batalha*. 13 Fevereiro de 1925.

Os judeus não foram expulsos de Portugal; pelo contrário, foram admitidos mais para dentro. O decreto de D. Manuel I, bem longe de os mandar embora, abria-lhes as portas das Igrejas, que é como quem diz, *abria-lhes as portas!* [...]

Os que dominam hoje em Portugal, quer eles o saibam quer não, são os descendentes directos dos cristãos-novos;<sup>139</sup>

Em Portugal começou a dominar pelo constitucionalismo; foi tomando progressivamente as finanças, a medicina, o bacharelato em geral, e um belo dia, 5 de Outubro de 1910, assalta definitivamente o Poder!

Entrar no Parlamento Português, o mesmo é que entrar numa sinagoga!<sup>140</sup>

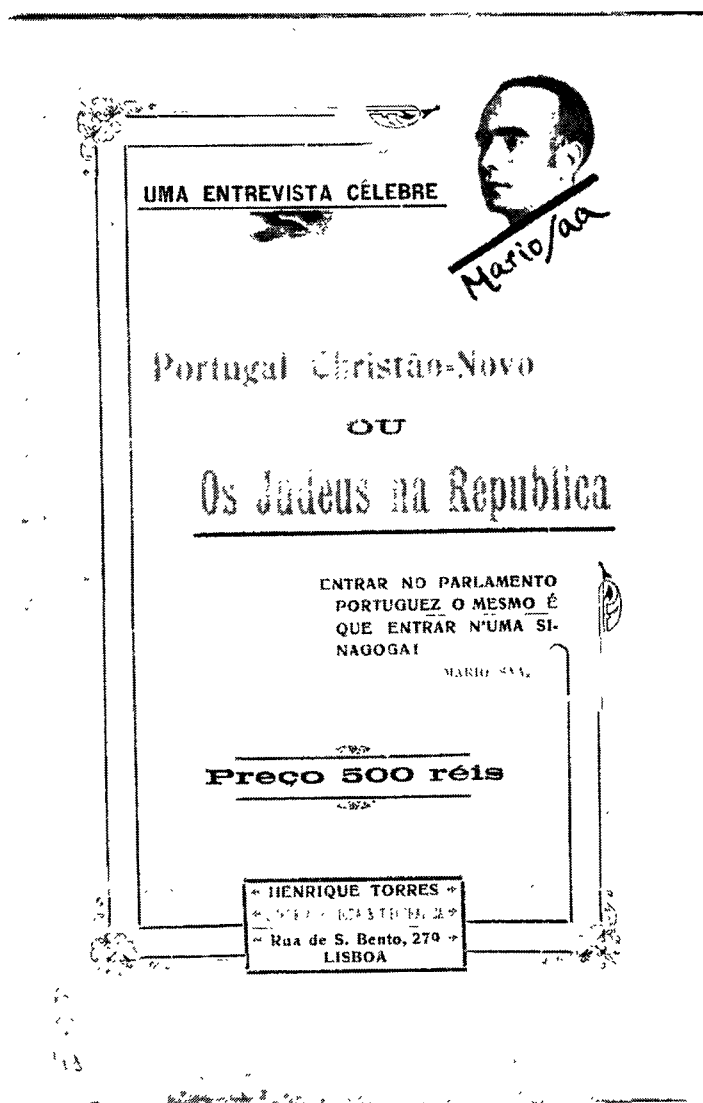


Figura 4: Capa de livro editado em 1921. Arquivo FAPT.

<sup>139</sup> *Idem – Portugal Cristão-Novo...*, p. 4.

<sup>140</sup> *Idem, Ibidem*, p. 6.

Marcado por um contexto de descontentamento e descredibilização da primeira República, Mário Saa expõe uma explicação racial para a conjuntura portuguesa e do regime republicano, uma ideia que transpõe para a situação na Rússia:

O revoltado, o amante da ideia nova, das Repúblicas, dos Socialismos, é o semita, o homem do Sul ou do Oriente, o calculista, o pensador... e o louco![...]

Com as liberdades da Revolução Francesa, o judeu libertou-se e organizou-se em ar d'assalto como fez modernamente na Rússia, encarnando a ideia do Bolchevismo.<sup>141</sup>

O que se passa na Rússia é o que se está passando em toda a Europa; isto é, uma grande invasão dum grande povo, a "invasão dos semitas"![...]

Semitas judeus são os imperadores do bolchevismo russo: os bolchevistas não são todos judeus, mas a aristocracia desse baudo é-o indiscutivelmente.<sup>142</sup>

Os artigos sobre a revolução comunista publicados no periódico *A Palavra* surgem na sequência da explicação psicológica do bolchevismo difundida por Raul Leal no mesmo periódico. Discordando da interpretação deste intelectual que entendia «a desordem da Rússia» como «um fenómeno unicamente patológico derivado da súbita e momentânea exaltação com que a guerra vibrou a espinha do Mundo», Saa contrapõe uma explicação racial:

A nevrosidade pode ter acelerado o desenlace, mas ela é somente a causa próxima – que a remota, a única, a enormíssima, temos de ir encontrá-la na simplicidade destas palavras: "luta de raças!".<sup>143</sup>

Esta tese seria desenvolvida e aplicada ao caso português na obra *A Invasão dos Judeus*, e divulgada através de uma entrevista no jornal *A Batalha* onde se difunde a responsabilidade do povo judeu na "exploração dos povos" e no "empobrecimento dos países":

Estas colónias de raça alheia vivem no interior das nações uma vida à parte, impondo-se, não como hóspedes mas como senhores, desdenhando cruzar-se com os naturais, e crescendo em número de uma maneira assombrosa! [...]

Transformaram Lisboa num grande Palácio da Bolsa (belos edifícios não surgem na cidade baixa que não sejam casas bancárias), atrofiaram a agricultura e todo o restante progresso. A diferença que faz o capitalista judeu daquele que o não é – é que o judeu enriquece

---

<sup>141</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>142</sup> *Idem* – "As verdadeiras origens do bolchevismo..."

<sup>143</sup> *Idem, Ibidem.*

empobrecendo tudo em redor: promove a desgraça e a podridão, porque esse estado é o seu caldo de cultura.<sup>144</sup>

No livro sobre a invasão semítica que publica em 1925 admite que os Godos e os Suevos seriam os responsáveis pela civilização da Península Ibérica e estariam ainda representados na sociedade portuguesa pelos descendentes de cristãos-velhos, que representariam a verdadeira raça portuguesa:

Mas os *godos* e os *suevos* quem eram eles e quem são ainda hoje? – São aqueles a quem pertence a civilização da Península desde o século V da nossa era, a avalanche geralmente europeia; e são ainda hoje os nossos cristãos-velhos e os vestígios da nossa velha nobreza. É preciso ensinar (e quantas vezes ainda?!) que a *nobreza* não é uma classe social, é *uma raça*; não é nobre quem quer e muito menos quem os reis querem que seja! Na má interpretação de nobreza, e na mercê desses foros ao de lá da raça, é que está a sua própria decadência! Repito: nobreza não é uma classe social, é uma raça que um dia dominou e a si própria se deu o nome de *Nobreza*. E esta raça é mais do que a *Nobreza*, é a própria Nação dividida em Nobres e plebeus, sendo os escravos unicamente os subjugados!<sup>145</sup>

De acordo com a sua tese, a decadência do país começaria depois do ano de 1496, com o decreto de expulsão dos judeus promulgado por D. Manuel, altura em que a maioria dos judeus se teria convertido:

A grande massa ficou. Forçadamente convertidos à fé católica passaram a chamar-lhe cristãos-novos, designação que ainda hoje perdura em certos lugares da nossa Província. A minoria exilada desdenhava, e alcunhava de *marranos* os seus irmãos de raça, cristãos-novos. Foram estes marranos que durante um percurso de quatro séculos haviam de transformar a face da Pátria, a face da *nação sueva*, - cortar a marcha da civilização portuguesa, substituindo-a pela sua, em tudo implantando o cunho semita!<sup>146</sup>

Saa explica assim a história portuguesa através da luta rática que decorria desde o século V, opondo os suevos e os judeus, acabando os descendentes destes por se sobreporem na sociedade numa «Invasão do sangue», «Assalto à riqueza», «Assalto ao Estado», «Assalto à religião» e por fim «Assalto à vida mental»<sup>147</sup>. Fazendo a distinção entre “o tipo da República, tipo judaico” e o “tipo monárquico, ou suevo-gótico (cristão velho)”, ao longo desta obra Saa enumera algumas

<sup>144</sup> *Idem* – “O perigo judeu: A Oligarquia...”

<sup>145</sup> *Idem* – *A Invasão dos Judeus...*, pp. 13-14.

<sup>146</sup> *Idem, Ibidem*, pp. 27-28.

<sup>147</sup> Designações que atribuiu aos capítulos da obra em causa.

personalidades históricas e dezenas de nomes sonantes da vida pública portuguesa da época, inclusivamente intelectuais do seu círculo de amizades, como descendentes da raça semita ou da raça ariana<sup>148</sup>. Apresenta, nesse sentido, mais de uma centena de imagens, sobretudo retratos, onde identifica as personalidades que, pelo tipo físico ou pela via genealógica, associa às respectivas raças. Raças que por sua vez remetiam para a cor política:

Pombal fora a primeira afirmação dos judeus no poder.

E eles, os conversos de 1496, reformistas e modernistas do século XVIII, avolumando-se de cada vez mais em quantidade, – transitaram incógnitos até ao Presente. Fizeram a revolução e 1820, e ligeiros no incógnito andaram para diante!

Transitaram em bloco, e suavemente, da cor religiosa à cor política, e sem interrupção, continuamente, até à República. Desenvencilhados dos antigos dominadores, sacodem agora os últimos vestígios!

A selecção política é tão natural, como a selecção natural.<sup>149</sup>

Esta interpretação da história portuguesa com base na luta entre dois grupos étnicos e a associação explícita à revolução científica de Darwin remete-nos para as teorias de Teófilo de Braga, uma personalidade por quem nutria uma grande admiração<sup>150</sup> e com quem teria trocado impressões sobre as suas teorias racialistas:

Ora quando, em 1921, se publicara o folheto *Portugal Cristão-Novo* em que de certo modo demonstrei que o partido republicano de Portugal fora uma vaga da invasão judaica, dizia-me o professor Teófilo de Braga:

«Agora compreendo eu, mau caro amigo, a divergência que havia entre mim e os homens que me cercavam no Governo Provisório; – a ponto de dizer:... estes não são os antigos portugueses!!!...»<sup>151</sup>

Também este intelectual e antigo presidente da república exaltava o elemento rácico ariano e mencionava que no decorrer da história de Portugal sempre se teriam digladiado dois grupos étnicos e culturais, o moçárabe, ou «gótico-árabe», e o «gótico-romano». Considerava que a matriz da idiossincrasia do povo português era germânica, no entanto o «fundo antropológico» da raça hispânica ou ibérica seria resultante de uma miscigenação, pelo que “o povo

---

<sup>148</sup> De acordo com José Augusto França, a obra terá sido recebida em «*blague* lisboeta (e com o secreto gozo da colónia israelita...)», estando previsto um segundo volume onde Saa sustentaria «a má origem do próprio Oliveira Salazar», obra que «teve a edição proibida ou desaconselhada...». José-Augusto França – *Os Anos vinte em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1992. p. 298.

<sup>149</sup> *Idem* – *A Invasão dos Judeus...*, p. 44.

<sup>150</sup> Cf. Mário Saa – “O meu Teófilo Braga – Os Nossos Diálogos”. *Voz do Povo*. Lisboa, 1 de Janeiro de 1931.

<sup>151</sup> *Idem* – *A Invasão dos Judeus...*, p. 163.

português, o pobre moçárabe, não sabe que o desnaturaram; tem aceitado até hoje o domínio daqueles que lhe inocularam o vírus da sua degradação”<sup>152</sup>.

Reflectindo o peso que os argumentos de ordem étnica assumiam no pensamento histórico e social europeu, Teófilo Braga e Mário Saa exprimem a necessidade da defesa de uma raça a bem do progresso do país. As suas teorias traduzem assim os ecos da «revolução científica» das teorias da selecção natural de Darwin<sup>153</sup>, bem expressos na anterior passagem de Mário Saa a propósito da identificação dos descendentes de cristãos-velhos com a monarquia e dos descendentes de cristãos-novos com os ideais progressistas republicanos.

A identificação dos elementos das duas raças era para Mário Saa uma tarefa pouco dificultosa. O autor considerava que bastava frequentar por algum tempo as sinagogas «para criar a visão do tipo judaico»<sup>154</sup> e verificar que correspondia à fisionomia da maioria dos lisboetas:

Hoje assinala-se com visível frequência o tipo judaico em Paris na grande massa que frequentava os *boulevards*, nos teatros, nos clubs, nos cafés...

Que havemos então de dizer da massa parda de gente que circula em Lisboa, que enxameia os centros de reunião, - os teatros, os clubs, os cafés?!...Esses centros são verdadeiras sinagogas! Os nossos amigos que entram e saem são os conversos de 1496, os *cativos* de outrora, e os sobreviventes da matança no Largo de São Domingos! Se Paris é a capital de Israel, Lisboa, é a capital de Judá!<sup>155</sup>

Na «identificação racial» das mais de 150 personalidades, cujos retratos foram publicados em *A Invasão dos Judeus*, terá o autor feito uso da via antropológica e também de instrumentos genealógicos:

Para os que duvidassem da via antropológica (que não erra!) a história e a genealogia deveria esclarecê-los de toda a verdade. [...]

Não há dúvida que os mais lídimos representantes dos nossos judeus têm sido os desdenhadores da genealogia;..... é ainda uma defesa perante a História, uma espécie de intuitiva relutância pelos tais chamados *processos de genere* que os levava em boiada à Inquisição; isto ficou no dobar das gerações, - já não digo o pavor... mas o desdém! Hoje diz-se: «abaixo a genealogia, nós não temos ascendentes, nós somos os obscuros filhos do povo!» Entenda-se

---

<sup>152</sup> Luís Reis Torgal; José Amado Mendes; Fernando Catroga – *História da História em Portugal*. [s.l.]: Temas e Debates, 1998. pp. 121-122.

<sup>153</sup> Cf. Ana Leonor Pereira – *Darwin em Portugal: Filosofia, História, Engenharia social [1865-1914]*. Coimbra: Almedina, 2001.

<sup>154</sup> Mário Saa – *A Invasão dos Judeus...*, p. 57.

<sup>155</sup> *Idem, Ibidem*, p. 54.



bem: os que assim falam estão muito longe de descenderem do Povo,  
mas das comunidades judaicas!<sup>156</sup>

A genealogia foi aliás uma área muito prezada por este autor e encontra-se na base de outras investigações que desenvolveu. Saa terá começado por estudar as suas raízes familiares em 1912, quando era estudante do liceu de Évora<sup>157</sup>, canalizando-as mais tarde, em 1937, para a “Justificação da nobreza do apelido Saa de Mário Saa”<sup>158</sup> e, em 1970, para a elaboração do manuscrito “Compêndio Genealógico dos Paes Teles da Província do Alentejo”<sup>159</sup>. Pensamos que poderão ter sido as pesquisas genealógicas familiares que terão conduzido Mário Saa a publicar, em 1921, através da editora *Lvmen*, *Poemas Heróicos de Simão Vaz de Camões*.

Saa refere que foi a consulta de documentos do «velho arquivo paroquial de Cabeço de Vide» que o conduziu à controvérsia bibliográfica que envolveria Simão Vaz de Camões, um poeta Jesuíta, parente de Luís Vaz de Camões, nascido em 1629, em Cabeço de Vide<sup>160</sup>. “Embora consciente do abismo que apartava naturalmente os dois parentes”, Saa considerava-o um poeta seiscentista bastante inteligente e traçou alguns paralelismos e alguma influência nele exercida pelo autor dos *Lusíadas*, motivo pelo qual a publicação dos seus poemas e o esclarecimento da polémica que envolvia a sua obra assumia um sentido de missão:

Tenho a honra de entregar ao culto camoniano estes poemas, que Simão,[...] deixara sepulto em poeira antiga donde o exumou a minha curiosidade.<sup>161</sup>

Tal como é referido por Cândido Beirante, que tratou a atracção de M. Saa pelo universo da temática camoniana, “o estudo linhagista dos ascendentes e continuadores da família Camões visa, na perspectiva do autor, uma finalidade

---

<sup>156</sup> Mário Saa – *A Invasão dos Judeus...*, pp. 64-65.

<sup>157</sup> Deste teor são os dois cadernos de 1912 intitulados “Apontamentos para a genealogia da família Cunha e Sá” e “Caderneta de Apontamentos de Mário Paes da Cunha e Sá”. Manuscritos do Autor. FAPT – Espólio Documental de Mário Saa. Também o já citado apontamento que registou numa separata da revista *O Arqueólogo Português* sobre a forma como conheceu o Dr. Leite de Vasconcelos nos dá conta deste interesse já no ano de 1912.

<sup>158</sup> “Justificação da nobreza do apelido Saa de Mário Saa/filho do Dr. Júlio Mário da Cunha e Sá e de D. Maria Leonor da Silva Paes Teles da Cunha e Sá; Lisboa, 7 Maio 1937.” Manuscritos do Autor. FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>159</sup> “Compêndio Genealógico dos Paes Teles da Província do Alentejo”. Cota D1/15. FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>160</sup> O autor terá descoberto que os poemas “Primaz do Ermo” e “Ave Peregrina”, da autoria de Simão Vaz de Camões, terão sido plagiados e publicados por *Maria do Ceo*, nascida em 1658, em Lisboa, Mestra de Noviças e Abadessa do Convento da Esperança da mesma cidade, sob o pseudónimo de Marina Clemência. Mário Saa, ob. cit., pp. 45-74.

<sup>161</sup> Mário Saa– *Poemas Heróicos ...*, p. 9.

científica superior, a constituição da antropogénese”<sup>162</sup>. De facto, no final do primeiro capítulo, que constitui a «Introdução aos poemas», Saa conclui:

Este livro servirá de início ao estudo da antropogenética em Portugal; veja-se o homem através da feição da família do homem, e a família do homem através da obra. Faça-se a integral averiguação da raça humana a que pertence o génio, e aí temos filiada e averiguada toda a tendência do mesmo génio. Sirva isto à futura composição de um retrato antropogenético de Luís de Camões, o qual será nascido da observação dos presentes e remotos Vaz de Camões.<sup>163</sup>

Para o autor, que termina a redacção do capítulo introdutório aos poemas de Simão Vaz de Camões em Outubro de 1919, as árvores genealógicas tinham a função de definir a raça a que pertenciam as famílias:

[...] porque um dia, através do próprio homem, se saberá o destino de cada homem: cada um tem esculpida no rosto a raça, e portanto as tendências inerentes à raça; [...] Portanto este trabalho que acabo de fazer, é um trabalho de ciência, ou antes de futura ciência. [...] A heráldica, o trabalho vaidoso e vão, já começa a ganhar sentido – e muito em breve deixará de ser o trabalho vaidoso e vão...<sup>164</sup>

Deste modo verificamos como, pela via genealógica, se começaram a esboçar as explicações raciais que apresentou em *Portugal Cristão-novo e Invasão dos Judeus*.

Também a obra *Camões no Maranhão*, publicada em 1922, tinha forte feição genealógica. Este volume trata os vários ramos da linhagem de Camões pretendendo também, numa incursão na história local, aproximar-se “do deciframento da Lenda do Maranhão do rigoroso Alentejo do termo de Avis”<sup>165</sup>. Apesar da controvérsia existente entre os camonistas no que se refere ao local e data do desterro do épico da corte de D. João III<sup>166</sup>, Saa afirma a sua presença no Alentejo baseando-se na existência de uma Herdade de Camões, localizada junto à aldeia do Maranhão<sup>167</sup>, no concelho de Avis, que defende ter pertencido a parentes de Luís de Camões.

De acordo com Cândido Beirante, existem ainda hoje na biografia do autor dos *Lusíadas* muito poucas certezas incontestáveis, nomeadamente no que se refere ao

---

<sup>162</sup> Cândido Beirante, ob. cit., p. 32.

<sup>163</sup> Mário Saa– *Poemas Heróicos...*, p. 44.

<sup>164</sup> *Idem, Ibidem*, pp. 81-82.

<sup>165</sup> *Idem, Ibidem*, p. 24.

<sup>166</sup> Cândido Beirante, ob. cit., p. 34.

<sup>167</sup> Maranhão é uma das mais pequenas freguesias do concelho de Avis, localizada junto ao local onde foi construída, durante o Estado Novo, uma barragem com o mesmo nome.

“local e data de nascimento, ao nome da mãe/madrasta, dúvidas quanto ao estatuto da família, quanto ao nome da mulher-fatal e, até, quanto à data da sua morte.”<sup>168</sup>

A atracção de M. Saa pelo universo camoniano levou-o à tentativa de deciframento destas questões através dos trabalhos *Tábua genealógica da varonia Vaz de Camões*<sup>169</sup>, “Estudo genealógico de Luís de Camões”<sup>170</sup> publicado no *Jornal da Europa*<sup>171</sup>, e a controversa obra *As memórias astrológicas de Camões*<sup>172</sup>, um estudo baseado em cálculos astronómicos efectuados com base em elementos desta natureza presentes nos versos auto-biográficos do poeta<sup>173</sup>. Estas suas considerações astrológicas, apoiadas pelas informações do Dr. Manuel Peres, então Director do Observatório da Ajuda, começaram a ser difundidas pelo autor no *Diário de Lisboa* em 1937. De entre as várias reacções que suscitou na imprensa, destacam-se as de Hernâni Cidade<sup>174</sup> e de Augusta Gersão Ventura<sup>175</sup> que se exprimiram veementemente sobre a ousadia deste «erudito do Ervedal»<sup>176</sup>.

A apetência de Mário Saa pela temática camoniana, um dos temas fundamentais do nacionalismo português de fins do século XIX e inícios do século XX seria, com certeza, fruto de todo o contexto doutrinário e político que conduziu à implantação da República, mas também, e em associação com o referido, devido à sua ligação a Teófilo de Braga. O «mais influente teórico positivista», e grande teorizador do nacionalismo finesseccular, fora o responsável pela comemoração do tricentenário da morte de Camões, assinalado em 1880 num plano de «revivescência nacional»<sup>177</sup>. O movimento comemorativo do poeta nacional português ter-se-á mantido durante o Estado Novo, período no qual Saa publica as *Memórias Astrológicas de Camões*, possivelmente influenciado pelo espírito inerente à construção da memória histórica oficial<sup>178</sup>.

<sup>168</sup> Cândido Beirante, ob. cit., p. 36.

<sup>169</sup> Mário Saa – *Tábua genealógica da varonia Vaz de Camões*. [s.l.: s.n., 1925].

<sup>170</sup> *Idem* – “Estudo genealógico de Luís de Camões”. *Jornal da Europa*, número especial 1923/1924.

<sup>171</sup> De referir ainda que por incapacidade física, Teófilo de Braga ditou a Mário Saa um depoimento sobre o autor dos *Lusíadas*, que este reproduziu e fez publicar neste mesmo número do *Jornal da Europa*. João Rui de Sousa, *Mário Saa: Poesia...*, p. 324.

<sup>172</sup> *Idem* - *As Memórias Astrológicas de Camões*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1941.

<sup>173</sup> Cf. Cândido Beirante, ob. cit., pp. 36-46.

<sup>174</sup> Hernani Cidade – “Rápida Resenha Bibliográfica”. *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*. 1940-41, Vol. VII. p. 425; *Idem* – *Luís de Camões – vida e obra*. Lisboa: Editorial Império, 1943. pp. 8-9. *Apud* Cândido Beirante, ob. cit., p. 41.

<sup>175</sup> Augusta Gersão Ventura – “Camões nasceu em 27 de Janeiro de 1522?”. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra, 8 Fev. 1938.; *Idem* – “A astrologia e o sr. Saa”. *Diário de Lisboa*, Lisboa, 12 de Maio de 1938.; *Idem* – “A astrologia e o sr. Saa”. *Diário de Lisboa*, Lisboa, 19 de Maio de 1938; *Idem* – “Notas Camonianas”. Brasília. Coimbra, 1949. Vol. IV. p. 150.

<sup>176</sup> Cf. Cândido Beirante, ob. cit., p. 41.

<sup>177</sup> Sérgio Campos Matos – “História, Positivismo e Função dos Grandes Homens no Último Quartel do Século XIX”. *Penélope*. 1992, n.º 8. p. 59.

<sup>178</sup> Nuno G. Monteiro e António Costa Pinto – “Mitos Culturais e Identidade Nacional Portuguesa”. *História Contemporânea*. Madrid: Ediciones Sequitur, 2000. pp. 235-242.

# Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA  
Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA—Telefone 20271

A' RODA DUMA INVESTIGAÇÃO

## A astrologia e o sr. Saa

pele Sr. D. Augusta Gersão Ventura

Augusta Gersão não tem interesse algum pela Astrologia; mas tem-no, e grande, pelo entendimento de obras que são a gloria de Portugal e em que as adivindades astrológicas abundam. Ele não que tem passado muito tempo a estudar astrologia, não em Sinexys (do nosso seculo, segundo se lê no D. L. de 27-1) mas nos autores mencionados nos Estados Vicentinos — *Astronomia e Astrologia*, obra trefada das letras grandes de 1936, com dias de 14 horas de trabalho, roubadas ao successo decaído de quem passara um ano, em perda de um só dia, a vender os omeletes. O nascimento e o oceano heliaco, a que se liga a combinação, foram para si objecto de estudos particulares destinados à interpretação de passos das *Lusitanae*: um deles ha um ano nas mãos do illustre orientador da Micrologia, em honra do prof. Dr. Leitão de Vasconcelos, outro algum tempo depois escrito e ha pouco publicado no III fascículo de *Petras Novas*. Por isso, a data de 27-1-1938, não precisava sequer das 24 horas para se habilitar a escrever o artigo publicado no D. N. de 13-5.

Esta está a apresentação para correctão do que se lê no D. L. de 24-3.

Esse no D. L. de 27-1, na carta do sr. de Peres ao sr. Saa, pede-me V que lhe indique a data, entre 1515 e 1527, em que houve uma conjunção do Sol, Saturno, Marte e Lua, sendo Venus estrela da manhã.

O que levava o sr. Saa a fazer a consulta. Dia no D. L. de 20-1.

Entre os planetas, que intervêm no nascimento, salientem, um deles o principal determinante, e chama-se a «esta Fortuna» ou a «esta Estrela». Saturno, o mais temível de todos os planetas... foi a «Fortuna» ou «Estrela» de Camões.

«Estrada» a luz dum planeta e está combinado ou em conjunção com outro planeta, máfico: Saturno ou Marte. Como Marte simultaneamente com o Sol, estavam de linhas longas, para Camões, — se entende que Marte e Sol estavam em conjunção com Saturno...

«As Estrelas» infelizes ordenaram que Venus se adelantasse no horizonte e ferisse o Vento logo ao nascer... era (Ventral Estrela da Manhã) e nasce no momento do nascimento do Poeta... «O Poeta queixou-se do lugar predominantemente que ela (a Lua) tomou no seu nascimento... Erguera a mão para o mar, pois a Lua se ergue em Lisboa... Encobri, então, a Lua em conjunção com o Sol, Saturno e Marte... Assim escreveu o sr. Saa.

Em a) ha a identificação da Fortuna como Saturno; se alguma dúvida a tal respeito tivesse, não no-la deixaria este outro passo do mesmo jornal: «Falando da Fortuna (Saturno) e do Anjo (Venus)... Em b) identifica a combinação e conjunção. A consulta dirigida ao illustre Director do Observatorio Astronomico de Lisboa teve por base, como se vê, esta dupla identificação.

A solução do problema astronómico — (D. L. de 27-1) — de seguida para terça-feira, 27 para 28 de Janeiro de 1527 houve uma conjunção Sol-Lua-Marte-Saturno no signo de Aquario, sendo Venus estrela da manhã — a servir de solução a um outro bem di-

ferente, se é que problema se lhe pode chamar. Terminar a transcrição da carta do sr. de Peres, o sr. Saa concluiu: «Assim, ás cinco da madrugada, numa segunda-feira, 27 de janeiro, ano de 1527, nasceu em Lisboa Luiz de Camões».

Para mostrar que a solução dum problema não era a de outro, bastaria provar: a) que Fortuna não é Saturno; b) que combinação não é conjunção. Foi o que fizemos, apelando-nos em textos do seculo de Camões.

Em resposta a d), o sr. Saa conta (D. L. de 24-3) a aneddotica duma moçoda baçegona mandada retirar, no exposto diário. E explica que dissera: «Qualquer dos sete planetas pode ser fortuna». Das sete fortunas, Saturno é astrológicamente a pior. Acrescenta ainda: «Ninguém suspeitaria que houvesse tão agás leitor que dal dependesse a afirmação de que Fortuna fosse sinónimo de Saturno».

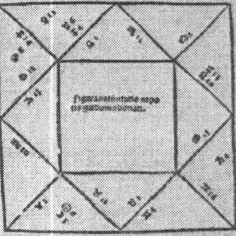
Quanto a b) diz-nos o sr. Saa que combinado é um caso particular de conjunção astrológica com o Sol; que se conjunção com o Sol já começa a distancia de 12° e a combinação de 12° e que, portanto, a idea de combinação cabe bem a vontade, dentro da de conjunção.

«Sendo assim, porque pretendeu o sr. Saa dar-nos, como solução do seu problema astrológico, a do astronomico em que os céos ocupavam o mesmo grau de zodiaco? Na transcrição da carta do sr. de Peres lê-se, bem claramente: «Em 28 de Janeiro, o Sol, Marte e Saturno estavam na longitude celeste de 318°...». Se o sr. Saa procurava uma conjunção de astros a distancia de 12° (1) devia tê-lo indicado, no fazer a consulta. Vê-se como seria diferente a resposta! Com isso, teriam lucrado todos os que nessa questão têm maltratado o seu tempo.

A pesar de no D. L. de 24-3 termos dito que esperavamos que o sr. Saa provasse, no decurso dos seus artigos, a verdade das suas afirmações (e, consequentemente, a falsidade das nossas) com citações de textos do acervo XVI — unico processo por nós usado a

considerado sério — S. Ex.º não o fez. E que não podia fazê-lo! Saturno não tem, em texto algum, o nome de Fortuna; e sempre por «fortuna maior» que é designado. No *Thezouro de Prudentes*, que o sr. Saa cita a cada passo (mas que não aconselhamos ao leitor como fonte de serios estudos astrológico-astrologicos) há, em varias vezes, com certeza: «Jupiter e Venus porque favorecem a vida dos animais chamados benevolos planetas ou fortunas; Júpiter, fortuna maior, Venus, fortuna menor, Saturno e Marte chamados planetas malevolos ou infortunas por serem contrarios a vida. Saturno infortuna maior & Marte infortuna menor. Cf. cum o que dizemos no D. L. de 16-3). Mas, a pesar disto, o sr. Saa entendeu que a «Fortuna de Camões» era Saturno e, uma vez interpretado por ele o versos do Poeta, se que se a impossibilidade de se poderem interpretar doutra maneira! (D. L. de 21-4).

Quanto a conjunção também nada provou do que dissera, nem podia provar. O texto do Torramira, por nós transcrito no D. L. de 25-3 é que prova os erros graves do sr. Saa. Aí se lê que a combinação começa, em geral (sem geral), porque isso varia com os factores, também indicados por Torramira, um dos quais é o astro considerado, a distancia de 18° e a de 12° a oprimido e que a conjunção tem sempre lugar num mesmo grau do zodiaco. Se não chega ao sr. Saa o texto de Torramira pode consultar outros (por exemplo a *Margarita Philosophica*) e a *Epimerides de Regiomontano* onde centenas de conjunções se encontram marcadas. E bom será lembrar que esta obra serviu igualmente a astronomia e a astrologia, inseparáveis então (contrariamente ao que o sr. Saa julga), como inseparáveis foram o astronomico e o astrologico na pessoa do seu autor (vid. E. V. caps. I e III). A consulta do valioso incunábulo (729 da Bibl. Nac.), que tem na lombada a cruz das nossas cartilhas, mostrará ainda a verdade do que também nos E. V. dizemos, isto é, que ele foi mutilado como quasi todos os livros de astrologia que entre nós se en-



Um horoscopo do Liber astronomicus de Bonito (ed. de 1691)

contram: o que tem a propósito de diversas questões de ser ou não a Astrologia judiciaria condenada pela Igreja, questiona a que lá foi ligado o nome de Gil Vicente por quem descobriu as suas obras. Mas deixemos Gil Vicente para voltar a Camões e a sua «Fortuna Ingleza».

«Queira a força, o sr. Saa, que esta seja Saturno, estando, já por duas vezes, o solneto».

Se a Fortuna Ingleza e mal fadada, Que a Julia lei de Cés com algo intima, A vida queira, que é de mais do que, Me conceda...

... que me faz trazer, para confronto, um passo dos *Lusitanae* (III, 17) mas prevenindo a cautela, que Saturno apenas é anjo do primeiro cónico, compreendido entre os paralelos 12°45' e 20°50' do hemisfério boreal.

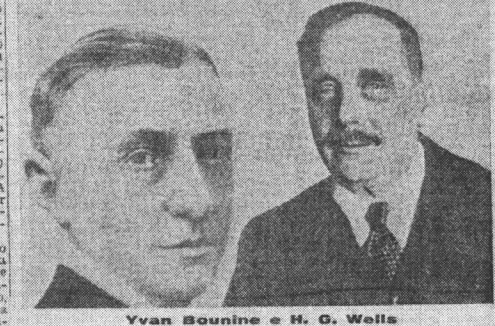
Eu sou a deidade e o meu Espinho, Como cabeça de Europa toda... Em cada embudo e gloria estranha, Muitas vezes nos deixo a fátal roda; Mas nunca posses, com ferro ou macho, A Fortuna aquista pôr-lhe no fio. Que ha não lre o solido e o usado Dos belissimos pejos, que em a cria.

«O temos a classica divindade Ingleza como no soneto, mas agora, acompanhada da «fatal roda» (a tal roda esquentada nos horoscopos o sr. Saa afirma — sem provar, como de costume — que é a Lua dirigida em quírtiles) E bem a Fortuna da *Margarita Philosophica* (vid. D. L. de 16-3), a mostrar ao sr. Saa como é falso o que escreveu: «Saturno... gera a instabilidade na vida... foi a «Fortuna» ou «Estrela» de Camões... Porque raras as variações do tempo é a «Fortuna Ingleza» (a maiuscula é da responsabilidade do sr. Saa), — porque sendo «deusa» la contra a lei natural devoraram os proprios filhos, intama a Julia lei do Céu» (D. L. de 20-1. Cf. D. L. de 31-3). «Chama a Saturno, Fortuna Ingleza porque emada o seguro e firme estado do Tempo».

AUGUSTA GERSÃO VENTURA

(Conclui no proximo numero).

Abreviaturas: — D. L. — *Diário de Lisboa*; D. N. — *Diário de Notícias*; E. V. — *Estrelas Vicentinas*, (Dep. de Biblios, 1937).



Vvan Bouanine e H. G. Wells

ESTE SUPLEMENTO NÃO PODE SER VENDIDO EM SEPARADO

Figura 5: Diário de Lisboa de 12 de Maio de 1938. Arquivo FAPT.

O nacionalismo de Mário Saa assumiria também um discurso anti-ibérico que poderá reflectir a inquietude nas relações luso-espanholas que se iniciou com a demissão de Primo de Rivera, a 30 de Janeiro de 1930. Depois de um período de acalmia protagonizado por este militar e ditador espanhol, responsável pelo estabelecimento de um relacionamento hispano-lusitano que respeitava a independente configuração histórica portuguesa<sup>179</sup>, a ditadura foi substituída pela chamada *Dictablanda* do general Dámaso Bérenguer. A política deste governante não apresentaria investimento nas relações amistosas com Portugal fomentadas pelo ex-ditador espanhol. A situação ter-se-á agravado depois de 12 de Abril de 1931, quando as eleições conduziram os republicanos ao poder implantando a II República. Esta nova situação política, que implicou o exílio de Afonso XIII em Itália, terá sido encarada como uma ameaça à estabilidade da ditadura portuguesa<sup>180</sup>.

Saa publicou em 1930 o «folheto» *Nós, os Hespanhóis...*<sup>181</sup>, onde apresenta argumentos de ordem étnica, geográfica e histórica contra a união ibérica. De acordo com a data do manuscrito referente a esta publicação, verificamos que foi concluído a 17 de Maio de 1930<sup>182</sup>, correspondendo assim o tempo da sua redacção aos primeiros meses do general Berengér no poder. Deduz-se portanto que a publicação em causa expressa as preocupações deste intelectual relativamente ao novo contexto político do país vizinho e às ideias de união ibérica que agora poderiam ameaçar a autonomia portuguesa:

Amigos Portugueses! A Espanha quer-nos como a si-própria! É por isso de opinião que nós, os Portugueses, somos espanhóis; e de cada vez mais esta amável convicção se lhe vai radicanando – hoje mais do que ontem, e ontem mais do que anteontem!<sup>183</sup>

Porque, - pensam todos os portugueses como se fossem um só - ser português é acima de tudo não ser espanhol; e mais facilmente se deixariam eles ser franceses ou alemães, que espanhóis; porque embora pareça um paradoxo, têm os portugueses mais afinidades com aqueles que com estes, visto a sua maior percentagem de sangue europeu e mais perfeito sentido de civilização europeia. [...]

---

<sup>179</sup> António Pedro Vicente – “Iberismo”. *Dicionário de História do Estado Novo*. Lisboa: Livraria Figueirinhas, 1999. pp. 202; Hipólito de la Torre Gómez – *Do «Perigo Espanhol» à Amizade Peninsular: Portugal-Espanha, 1919-1930*. Lisboa: Estampa, 1985. p. 111.

<sup>180</sup> David Miguel Laranjo – *A Política Externa Portuguesa na Ditadura Militar: As relações com Espanha (1926-1930)*. ISCTE, Tese de Mestrado em História Moderna e Contemporânea, Outubro de 2008. p. 56. Consultado em Novembro de 2009: <https://repositorio.iscte.pt/bitstream/10071/1139/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o+de+Mestrado.pdf>.

<sup>181</sup> Mário Saa – *Nós, os Hespanhóis...*. Lisboa: Imprensa Lucas, 1930.

<sup>182</sup> Cota D1/23. FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>183</sup> Mário Saa – *Nós, os Hespanhóis...*, p. 5.

Portugal não é nenhum desses Estados de pouco ou nenhum carácter nacional, conquistados por Castela e reduzidos a províncias suas. Pelo contrário, é uma grande nação, mais senhora do mundo e mais espalhada pelas cinco partes do mundo que Castela.<sup>184</sup>

Para Mário Saa eram refutáveis todos os argumentos utilizados para defender essa união:

Mas nós temos uma linha geográfica divisória acidentada, e portanto nítida, falamos linguagens diferentes, possuímos tradições diferentes, e até psicologicamente opostas, e somos raças diferentes, e não temos simpatia um por outro!<sup>185</sup>

O folheto em causa tinha assim o objectivo de alertar os portugueses para a possível ameaça de união ibérica mas também alertar para a necessidade da anexação de Olivença e da formação dos «Estados Unidos de Portugal e da Galiza»:

Rectificaremos um dia estas fronteiras. Uma, contudo, para desde já se impõe: refiro-me a Olivença, a nossa Alsácia!<sup>186</sup>

Porque se não hão-de formar os *Estados Unidos de Portugal e da Galiza*? [...] E porque não se hão-de unir raças afins? – Quem se arroga o direito de impedi-lo?<sup>187</sup>

Em 1931, retoma a questão da anexação da Galiza, com a publicação do folheto *Proclamações à Pátria: Até ao Mar Cantábrico*<sup>188</sup>, onde interpreta a implantação da II República em Espanha como a oportunidade de Portugal sair dos ciclos de abatimento a que estava acometido desde o período de dominação filipina. Entendia que era necessário criar uma atmosfera favorável à «compreensão das vantagens que resultam para nós da perda da unidade em Espanha». Para os portugueses abria-se uma «nova fase lusitânica», que designou como «terceiro império da Lusitânia»:

A aquisição da Galiza, além de representar um aumento da metrópole lusitana segundo as indicações da História e da Raça, - era ainda uma diminuição em Castela; o que significava um duplo aumento para Portugal!...

---

<sup>184</sup> *Idem, Ibidem*, pp. 10-11.

<sup>185</sup> *Idem, Ibidem*, p. 22.

<sup>186</sup> *Idem, Ibidem*, p. 28.

<sup>187</sup> *Idem, Ibidem*, pp. 28-29.

<sup>188</sup> *Idem – Proclamações à Pátria: III Até ao Mar Cantábrico*. Lisboa: Imprensa Lucas, 6 Jun. 1931. Neste folheto existe a indicação de terem sido publicadas outras «Proclamações à Pátria»: “Uma aliança luso-catalã”, da autoria de Mário Saa, e “Ofensiva geral”, de Carlos Coimbra. Anuncia-se ainda a próxima «Proclamação» da autoria de Carlos Coimbra, “A Jornada de Olivença”. Não conseguimos localizar estes folhetos no espólio de Mário Saa nem nos catálogos da Biblioteca Nacional.

Esta vai ser a grande obra iniciada no ciclo lusitano que ora começa – o primeiro esforço para o *terceiro esplendor da Lusitânia*.<sup>189</sup>

Mário Saa defendia um «Portugal de três frentes sobre o mar – desde o Algarve ao Cantábrico» para o tornar uma «digna cabeça do império dos Lusitanos», não esquecendo o caso de Olivença que «deveria tornar-se a pedra de toque do orgulho nacional». Anunciando ainda a publicação de *A Jornada de Olivença* pelo «patriota» Carlos Coimbra, o autor conclui resumindo os seus propósitos metropolitas:

- 1.º Robustecer e alargar a metrópole até ao mar cantábrico para a tornar uma digna cabeça do império dos lusitanos.
- 2.º A Catalunha absolutamente livre.
- 3.º Uma aliança ofensiva, defensiva e económica com [a] Catalunha.
- 4.º A imediata solução do caso de Olivença.
- 5.º Tomar o ano de 1931 como o do início da Terceira Lusitânia, com nova metrópole e novo espírito.<sup>190</sup>

Todo este ideário nacionalista e anti-ibérico indicia ser Mário Saa o principal fomentador das *Formações Metropolitãs*, um «Movimento Associativo Intelectual» onde estão plasmadas as reivindicações patrióticas que o autor registou nos folhetos *Nós, os Hespanhoes...* e *Proclamações à Pátria: até ao Mar Cantábrico*.

Este movimento associativo, cujos documentos oficiais encontramos no seu espólio<sup>191</sup>, defendia a ideia de aproximação da nação portuguesa ao povo galego:

É dever da Nação Portuguesa aproximar-se indefinidamente do Povo Galego, baseada no princípio indestrutível de que ele é o ramo norte da admirável raça lusitânica. [...]

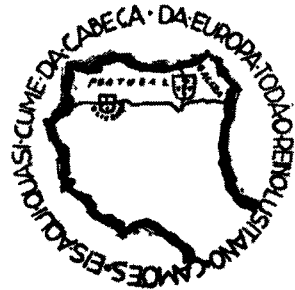
Portugal sem a Galiza é um país amputado; Galiza sem Portugal é um corpo sem cabeça; e nada há de pior para qualquer povo que é o achar-se incompleto. Enquanto incompleto será sempre efémera a

<sup>189</sup> *Idem* – *Proclamações à Pátria...*, pp. 5-6.

<sup>190</sup> *Idem* – *Proclamações à Pátria...*, p. 7.

<sup>191</sup> Referimo-nos a mais de 100 cópias impressas de um comunicado do *Conselho Organizador das Formações Metropolitãs*, um folheto para divulgação do ideário deste movimento associativo, que possui a indicação da localização da sede provisória na Calçada do Carmo, 55-2.º, em Lisboa; o mesmo fim divulgativo teria um folheto de maiores dimensões intitulado *Metropolismo Galaico-Português - Movimento Associativo Intelectual*, de que se encontram mais de trinta exemplares nos acervos da FAPT. Nos mesmo acervos encontramos cerca 30 folhas de carta e cerca de 60 verbetes para pequenos apontamentos, ambos com o *Emblema Metropolitana*, constituído pela esquematização do mapa da Península Ibérica e um verso dos *Lusiadas*, “Eis aqui quasi cume da cabeça da Europa toda o reino Lusitano”. De referir ainda a existência de 3 exemplares da separata do jornal *Revolução* do dia 26 de Março de 1932, um documento «Visado pela Comissão de Censura» com a publicação de uma entrevista a Mário Saa - *Mário Saa fala à «Revolução» de Portugal de Aquém e de Além-Minho - Uma Entrevista*, e de uma outra separata do jornal *União da Beira - Defensor da Ditadura Nacional*, que publica uma entrevista a Teixeira de Pascoaes sobre o tema luso-galaico. Também o conteúdo desta entrevista, intitulada *Metropolismo em Marcha*, terá sido «Visado pela Comissão de Censura». Documentos Anexos do Autor: impressos. FAPT - Espólio Documental de Mário Saa.

sua obra, por maior que ela seja. *Sem a plenitude do território e da raça não pode haver a plenitude da obra.*<sup>192</sup>



## METROPOLISMO GALAICO-PORTUGUES

Movimento Associativo Intelectual

**É dever da Nação Portuguesa aproximar-se indefinidamente do Povo Galego, baseada no principio indestrutível de que elle é o ramo-norte da admirável raça lusitânica.**

**É dever da Nação Portuguesa tender de todos os modos para que do mar dos Algarves ao mar Cantábrico se estabeleça uma única entidade espiritual; e que um só léxico e uma única literatura sejam a lídima expressão dessa entidade.**

**É dever da Nação Portuguesa promover que lusitanos d'aquem e d'além-Minho colaborem na colonisação d'além-mar. E para que se defenda a colónia galaica em Portugal das impossíveis manobras que hão surgido no sentido de incompatibilisar estes dois povos.**

**E para que se juntem a este generoso movimento os portugueses do districto alentejano d'Olfvença—hã quasi um século separados da Mãe-Pátria.**

**Portugal sem Galiza é um país amputado; Galiza sem Portugal é um corpo sem cabeça; e nada há de peor para qualquer povo que é o achar-se incompleto. Enquanto incompleto será sempre efémera a sua obra, por maior que ela seja. *Sem a plenitude do território e da raça não pode haver a plenitude da obra.***

**O metropolismo galaico-português, movimento puramente associativo, e de balanço intelectual, deseja realizar em todo o occidente da Peninsula ibérica:**

- uma só entidade económica;**
- uma só entidade colonisadora;**
- uma só entidade espiritual.**

**Formações Metropolitanas  
LISBOA**

Figura 6: Folheto do movimento associativo *Formações Metropolitanas*, [1931-1932]. Arquivo FAPT.

<sup>192</sup> Folheto «Metropolismo Galaico-Português: Movimento Associativo Intelectual. Formações Metropolitanas, Lisboa». Documentos Anexos do Autor: impressos. FAPT - Espólio Documental de Mário Saa.



O *Metropolismo Galaico-Português* ambicionava o estabelecimento de «uma única entidade espiritual», de que «um só léxico e uma só literatura» seriam a expressão. Para isso deveria promover-se a «colonização d'alm-mar»:

É dever da Nação Portuguesa promover que os lusitanos d'aquém e d'alm-Minho colaborem na colonização de alm-mar. E para que se defenda a colónia galaica em Portugal das impossíveis manobras que hão surgido no sentido de incompatibilizar os dois povos.<sup>193</sup>

Teixeira de Pascoes, também ele envolvido no *Metropolismo*, esclarece numa entrevista ao jornal *União da Beira*, a 17 de Março de 1932, esta questão da colonização de alm-mar. Para o autor a «civilização galaico-portuguesa» necessitava de «um campo geográfico mais vasto» que se encontrava:

Naturalmente nas nossas colónias, sobretudo na África Ocidental, ou seja Angola, onde Portugal e a Galiza, de mãos dadas, deveriam criar uma nova e grande nacionalidade, como que um novo Brasil do outro lado do mar! [...]

O que é preciso desde já é que o povo galego emigre de preferência para a África Portuguesa, onde o nosso governo deve dar aos emigrantes nossos irmãos as mesmas vantagens que aos portugueses. [...]

Portugal e a Galiza dariam à África uma população bastante para se criar, ali um grande império, que perpetuaria no mundo os dois belos povos que são o mesmo povo, porque os anima o mesmo espírito idealista e criador.<sup>194</sup>

Coincidindo também com o ideário das obras de Saa, o *Metropolismo* defendia que se deveriam juntar ao movimento os «portugueses do distrito alentejano de Olivença – há quase um século separados da Mãe-Pátria». Pascoes termina a entrevista referindo que tudo o que haveria a fazer seria «convidar a Galiza a colaborar com Portugal na formação de um grande Império de Alm do mar»:

Fixada assim a civilização luso-galaica a sua influência no mundo será fatal e grandes dias nascerão ainda para os dois povos!...<sup>195</sup>

---

<sup>193</sup> *Idem.*

<sup>194</sup> “Metropolismo em Marcha”, Separata do Jornal *União da Beira – Defensor da Ditadura Nacional*. Viseu, 17 Março 1932, N.º 68, Ano II. Documentos Anexos do Autor: impressos. FAPT - Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>195</sup> *Idem.*

# SEPARATA DA UNIÃO DA BEIRA

DEFENSOR DA DITADURA NACIONAL

ANO II

VISEU—Quinta-feira, 17 de Março de 1932

NUMERO 68

Redacção e Adm.: R. Direita 128-3.º D.—Editor: João A. Mateus—Director: A. Monteiro Leite—Comp. Imp.: Tip. Popular—Viseu

## Metropolismo em marcha

O poeta extraordinario que é Teixeira de Pascoais, digna-se manifestar á UNIÃO DA BEIRA a sua opinião sobre o interessante tema luso-galaico

Havia-nos constado com extrema alegria que Teixeira de Pascoais, a quem havemos rendido a admiração que merece a sua obra de poeta de estranha beleza e de pensamento profundo, tambem tinha vindo juntar-se ao punhado de rapazes decididos que não engeitam de algum modo o edificio grandioso da raça, uma vez terminada a vicissitude histórica que tem apartado irmãos de irmãos.

A Galiza e Portugal possuem uma alma feita dum pano só, qual túnica de Cristo que por milagre se houvesse desdobrado nas velas atlânticas do descobrimento!

Por isso fomos com uma alegria vibrante ouvir Teixeira de Pascoais.

—Sr. dr., a nossa primeira pergunta é: se a Galiza e Portugal são na sua opinião autorisada, povos absolutamente irmãos?

—Sim, há na Península dois povos que tem a mesma alma, a Galiza e Portugal, para que lhes pertença realizar na história uma grande obra comum.

—De que natureza deve ser essa obra?

—No meu entender deve consistir na fixação e dilatação do génio rástico desses dois povos irmãos.

—Porque processos?...

—No campo puramente intelectual pela cultura na literatura e nas artes da alma saudosa dos dois povos, porque nela está incluída uma concepção profunda e original da vida e das coisas, que quer dizer, os portugueses e os galegos sentem e compreendem dum modo original e próprio, tendo portanto uma personalidade inconfundível perante os outros povos da Europa e a alma quixotesca de Castela.

Quem lêr os seus poetas tem a demonstração desta verdade. Revelada já nas criações puramente emotivas,

resta ainda cultivá-la no campo das ideias do pensamento.

Então a alma luso-galaica, sentimentalmente revelada pelos poetas, encontrará a sua expressão religiosa e filosófica, contendo os principios definidores duma nova civilização: a civilização luso-galaica.



TEIXEIRA DE PASCOAIS

(Desenho de António Carneiro)

Mas esta civilização necessita dum campo geografico mais vasto que aquele que os dois povos ocupam na Península Iberica.

—Mas onde encontrar esse território?

—Naturalmente nas nossas colonias, sobretudo na Africa Ocidental, ou seja Angola, onde Portugal e a Galiza, de mãos dadas, deveriam criar uma nova e grande nacionalidade, como que um novo Brasil de outro lado do mar!

—Que meios se propõem para a realização destes fins?

—O que é preciso desde já é que o povo galego emigre de preferência para a Africa Portuguesa, onde o nosso governo deve dar aos emigrantes nossos irmãos as mesmas vantagens que aos portugueses.

Realmente se tal acontecer, evitaremos a influencia desnacionalizadora italiana e alemã, etc., porque, como disse, o galego é português.

Portugal e a Galiza dariam á Africa uma população bastante para se criar, ali um grande Império, que perpetuaria no mundo os dois belos povos que são o mesmo povo, porque os anima o mesmo espirito idealista e criador.

—Portanto V. Ex.ª manifesta a opinião de que o que temos a fazer é simplesmente convidar a Galiza a colaborar com Portugal na formação dum grande Império Além-do-mar?...

—Evidentemente é o que há a fazer. Tudo o mais é secundário.

Fixada assim a civilização luso-galaica a sua influencia no mundo será fatal e grandes dias nascerão ainda para os dois povos!...

Vamos despedir-nos gratamente do grande poeta que tem um coração tão português, quando ainda nos temou uma pergunta:

—Diga-nos, sr. dr., que trabalhos ocupam nesta altura o seu espirito?

—Actualmente, além dos sete volumes publicados das *obras completas*, já tenho outros corrigidos e prontos a entrar no prelo, mas a minha atenção foi ultimamente desviada para um trabalho sobre a *vida de S. Paulo e a sua obra religiosa*, de que lancei já o primeiro esboço e a que me consagro neste momento para atingir a sua forma definitiva.

Como os leitores verificam, as raizes ancestrais vão-se expandindo fortemente por Portugal fóra e pela Galiza tambem.

Elas hão-de dar uma esperança... cada vez maior!...

A. S.

Visado pela Comissão de Censura

Também Mário Saa é entrevistado sobre este assunto no mesmo mês de Março de 1932, no dia 26, desta feita ao jornal *Revolução*. Nessa entrevista comenta as razões da rebeldia da Galiza, justificando-a como um fenómeno étnico:

A rebeldia galaica [...] é remotamente um fenómeno étnico, [...] incompatibilidade com a raça hispânica de Castela e afinidade com a raça lusitânica de Portugal.<sup>196</sup>

Referindo-se ao conturbado contexto da implantação da II República espanhola, este intelectual interpretava a «derrocada social e política de Espanha» como uma oportunidade para «a realização da aspiração instintiva e secular» da «unidade lusitânica». A função do *Metropolismo* era assim «acudir a toda a fronteira», tomando como pontos principais Galiza e Olivença. Pretendia-se, deste modo:

[...] que Portugal seja uma força expansiva a fim de que a nossa metrópole alargando-se pelos territórios de direito, alcance o valor médio das demais metrópoles da Europa.<sup>197</sup>

O *Metropolismo Galaico-português* ia assim de encontro às pretensões autonomistas galegas, pelo que seria aí bem recebido. Saa refere que mantinha correspondência com alguns «deputados galegos às constituintes espanholas», nomeadamente com Otero Pedrayo<sup>198</sup>, e que os seus manifestos teriam tido uma boa recepção:

Se alguma resistência encontrei foi toda portuguesa! Basta dizer que quando publiquei o manifesto Até ao Mar Cantábrico onde propunha a união galaico-portuguesa, apenas enviei 17 exemplares para a Galiza. Pois bem, os galegos à sua conta mandaram reproduzir milhares de exemplares. Deram disto conta as agências internacionais.<sup>199</sup>

De facto, contrariamente ao modo como era encarada Castela, Portugal personificava um referente de integração positivo no discurso nacionalista galego<sup>200</sup>, justificado pelos fortes laços linguísticos e históricos, e também por argumentos de carácter geográfico. Otero Pedrayo, um dos intelectuais favoráveis à

---

<sup>196</sup> “Mário Saa fala à ‘revolução’ de Portugal de Aquém e de Alem-Minho” Separata do jornal *Revolução*. Lisboa, 26 Março 1932. Documentos Anexos do Autor: impressos. FAPT - Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>197</sup> *Idem*.

<sup>198</sup> No seu espólio encontram-se duas cartas deste deputado emitidas em 1931. Cota D1/113-114. FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>199</sup> *Idem*.

<sup>200</sup> Cf. Jacobo García Álvarez – “Substate Nation-Building and Geographical Representations of ‘the Other’ in Galicia, Spain (1860-1936). *Finisterra*, XXXIII, 65, 1998; Xosé M. Núñez Seixas – “Portugal e o Galeguismo até 1936. Algumas Considerações Históricas”. *Penélope*. N.º 11, 1993. p. 69.

ligação da Galiza a Portugal, terá afirmado nas “Sesiones de las Cortes” do parlamento espanhol, em 1931, que a Galiza, em termos geográficos, etnográficos e linguísticos, “é um prolongamento de Portugal, ou Portugal é um prolongamento da Galiza, não há diferença”<sup>201</sup>.

No nosso país esta questão de ligação fraterna à Galiza teria surgido com o romantismo liberal, uma fraternidade que foi acentuada com o surgimento de ideias federativas e iberistas decorrentes de argumentos divulgados por intelectuais como Teófilo de Braga, que defendiam a mesma origem étnica e linguística. Após o *Ultimatum* de 1890, os intelectuais nacionalistas portugueses, recorrendo a estudos literários, etno-linguísticos, de filologia histórica, antropologia e arqueologia, defendiam uma identidade comum e uma complementaridade que urgia defender da usurpação de Castela. Os problemas internos no decorrer de I República portuguesa causaram um período de entorpecimento no assunto que viria a reaparecer com a alteração da situação política no país vizinho<sup>202</sup>.

A implantação da II República em Espanha fez reaparecer a questão das autonomias em várias das suas províncias e, numa falange dos intelectuais portugueses, a expectativa de enfraquecimento do estado espanhol, reduzindo-se assim a ameaça ao regime político português. A ideia da autonomia da Galiza e mesmo da sua integração no “Império Português” surgiria por diversas vezes no periódico português *Revolução*<sup>203</sup>, o jornal ligado ao nacional-sindicalismo<sup>204</sup> que publicou a já citada entrevista a Mário Saa sobre os seus ideais metropolitanos. Este jornal diário surgiu em Fevereiro de 1932 e, a partir de 28 de Maio do mesmo ano, passou a ser dirigido por Rolão Preto, fundador e líder do citado *Movimento Nacional-sindicalista*. Tal como Saa, Rolão Preto encarava a Galiza como uma parte de Portugal, baseando-se nas suas ligações históricas, étnicas e geográficas. Este fundador do *Integralismo Lusitano* terá inclusivamente mantido contactos com deputados galegos ligados ao movimento anexionista que terão proposto a Salazar a ocupação da Galiza por forças portuguesas<sup>205</sup>.

Apesar da aproximação existente, nesta e noutras questões, entre o ideário dos mentores do *Integralismo Lusitano* e o de Mário Saa, não identificámos no seu espólio qualquer documento comprovativo de cooperação directa com este

---

<sup>201</sup> Nossa tradução a partir de Jacobo García Álvarez, ob. cit., p. 123.

<sup>202</sup> Cf. Norberto Ferreira da Cunha – “A autonomia galega na imprensa periódica portuguesa (1931-1936). Maria de Lourdes Pérez González (coord.) – *Galiza e Portugal: identidades e fronteiras: actas do IV Simpósio Internacional Luso-Galaico de Filosofia*. Santiago, 28-29 Novembro, 2003.

<sup>203</sup> *Idem, Ibidem*, p. 235.

<sup>204</sup> Cf. Cecília Barreira – “Sindicalismo e integralismo: o jornal «A Revolução» (1922-23)”. *Análise Social*. Vol. XVII (67-68), 1981. p. 838.

<sup>205</sup> Xosé M. Núñez Seixas, ob. cit., pp. 71-72.

movimento. Pertinente seria também averiguar a aceitação obtida pelo *Movimento Metropolitana Lusitano* nos círculos nacionais-sindicalistas de então, as repercussões do mesmo na imprensa portuguesa e galega, bem como os ecos do movimento na correspondência dos intelectuais que de alguma forma tomaram contacto com ele.

Não pertencendo essas questões ao âmbito do trabalho que nos propusemos realizar, prosseguiremos a caracterização da produção temática de Mário Saa mencionando a sua dedicação a um tema também comum ao patriarca do *Integralismo*. Referimo-nos à obra *Erridânia*, que publicou em 1936 abordando a questão da «Atlântida», a pátria do *homo atlanticus* de António Sardinha<sup>206</sup>.

Comungando do interesse por um tema que ressurgira no século XIX, no âmbito das crises de identidade dos países ocidentais, Saa propôs-se contribuir para a «solução do problema» de localização da grande ilha «que tinha em si a civilização mais rica deste mundo». Considerava que, mesmo com a carência de materiais de solução, não estavam esgotados todos os recursos:

Falta voltar a trás, vagarosamente, às fontes históricas, e, lobrigar através das lendas nas suas várias modalidades (modalidades no caso atlântico) a verdade comum. Carece-se de lógica. Inteiramente nova é a solução que apresento e os caminhos que até lá me conduziram.<sup>207</sup>

Referindo as teses de alemães, ingleses e franceses, considerou que nenhuma destas «raças» acertara na solução, pelo que o autor apresentá-la-ia com base na obra de Alexandre Bessmertny, «A Atlântida»<sup>208</sup>:

Resumindo essa obra e sistematizando (o que Bessmertny não fez) encontrei «seis normas geográficas» seis sistemas de encarar a posição da Atlântida; cada norma abrangerá uma ou mais posições: - a) norma oceano-atlântida; b) norma africana; c) norma mediterrânica; d) norma europeia; e) norma periférica; f) norma pluralística.<sup>209</sup>

Depois de expostas as hipóteses de localização, conclui que o problema ficava definitivamente resolvido com a localização da pátria dos Atlantes na Sicília:

Todas estas hipóteses de localização da Atlântida, incluindo a de Platão que a havia suposto no Golfo de Gádir, são falhas do pensamento da Continentalidade, e, por tal, não se podem manter. A posição no Grande-Mar até então conhecido, o Mar Mediterrâneo,

---

<sup>206</sup> Ana Isabel Sardinha Desvignes, ob. cit, p. 200.

<sup>207</sup> Mário Saa – *Erridânia: Geografia antiquíssima*. Lisboa: Sociedade Astória, 1936. p. 9.

<sup>208</sup> O autor deverá referir-se a *L'Atlantide: exposé des hypothèses relatives à l'énigme de l'énigme de l'Atlantide*, editada em Paris pela editora Payot, em 1935.

<sup>209</sup> Mário Saa – *Erridânia: Geografia antiquíssima*. Lisboa: Sociedade Astória, 1936. p. 9.

aquém do continente envolvente, é a única que serve por ser a única que condiz com o relato do sacerdote egípcio. Depois, considerando, ainda, o problema da *Æa*, o problema da Atlântida fica definitivamente resolvido na posição siciliana.<sup>210</sup>

Tendo suscitado o interesse de vários autores desde o século XV, este tema estava veiculado à «nostalgia romântica do paraíso perdido» e em Sardenha à contraposição do mito-ariano ao mito da Atlântida<sup>211</sup>. Nas suas teorizações sobre as origens nacionais considerava que o «homem de Muge», um dolicocéfalo moreno, de estatura baixa e cabelos escuros seria o antecessor dos lusos ou lusitanos. Este tipo étnico, com características físicas opostas aos árias, seria o possível descendente das populações da Atlântida<sup>212</sup>.

Contrariamente ao intento deste autor, Saa não invocaria o tema com os «evidentes propósitos propagandísticos» que, em 1915, a promoção da renascença nacional Integralista exigia a António Sardenha. O que parece motivar o arrojado investigador avisense, que já em 1935 dera a conhecer através do terceiro número dos cadernos *Sudoeste* um texto extraído de *Erridânia*, é a resolução do enigma que o tema encerra.

O texto “Atlântida – Geografia antiga”<sup>213</sup>, editado no último número dos cadernos organizados por Almada Negreiros, foi inclusivamente integrado na «literatura nacional» estadonovista<sup>214</sup> por intermédio de um prémio do Secretariado da Propaganda Nacional, na secção *História e Ensaio*<sup>215</sup>.

O mesmo tipo de motivação sensacionalista estará por detrás da realização de uma investigação sobre as *Origens do Bairro Alto de Lisboa*<sup>216</sup>. Tendo acesso a um “volumoso rolo de pergaminhos” que, refere, seriam “da idade das naus de Vasco da Gama”, onde constavam as primeiras escrituras de aforamentos, Saa esclarece numa dezena e meia de páginas a «verdadeira notícia» sobre a data de origem deste bairro de Lisboa. Fá-lo por intermédio desses seculares documentos que lhe teriam sido entregues por um remoto descendente dos aforadores de 1513, a data que o autor apresenta como sendo o verdadeiro início da «nova Lisboa».

---

<sup>210</sup> *Idem, Ibidem*, p. 72.

<sup>211</sup> Ana Isabel Sardenha Desvignes, ob. cit., p. 200.

<sup>212</sup> José Manuel Sobral – “O Norte, o Sul, a raça, a nação – representações da identidade nacional portuguesa (séculos XIX e XX). *Análise Social*, Vol. XXXIX (171), 2004. p. 274.

<sup>213</sup> Mário Saa – “Erridânia – Geografia antiga”. *Sudoeste*, n.º 3. Lisboa, 1935.

<sup>214</sup> Cf. Luís Reis Torgal – “«Literatura Oficial» no Estado Novo: Os prémios literários do SPN/SNI”. *Revista de História das Ideias*, vol. 20 (1999).

<sup>215</sup> João Rui de Sousa, ob. cit., p. 336.

<sup>216</sup> Mário Saa – *Origens do Bairro Alto de Lisboa*. Lisboa: Solução Editora, 1929.

Este texto, que o autor teria divulgado em 1922 numa conferência proferida na *Associação dos Arqueólogos Portugueses*, dirigida então por José Leite de Vasconcelos, terá sido um dos primeiros estudos de feição histórica que o autor realizou. Anterior a esta investigação encontramos no seu espólio um estudo de Novembro de 1918 sobre a freguesia de Figueira e Barros, no concelho de Avis – «Os da Figueira: povoamento de uma vila, e sua história, na Província de Entre Tejo e Odiana (a. 1271-1350)»<sup>217</sup> –, e do mesmo ano, outro manuscrito de teor histórico-genealógico sobre a «Vida do Mártir Fr. António Pestana, Morto no arquipélago Malaio em 1565 e de como é tio antepassado de Mário Sá»<sup>218</sup>.

Podemos mencionar ainda os posteriores estudos sobre o concelho e Ordem de Avis publicados no mensário *Expansão Portuguesa em Prol da Economia Nacional*<sup>219</sup> e no *Álbum Alentejano*<sup>220</sup> dirigido por Pedro Muralha, e também o estudo sobre a “Estrada Romana de Lisboa a Braga” que foi inserido no *Livro do I Congresso das Actividades do Distrito de Leiria*<sup>221</sup>, uma edição apoiada pelo *Instituto para a Alta Cultura*, criado em 1936 pelo Estado Novo, em substituição da *Junta de Educação Nacional* surgida no ano de 1929.

A questão das vias romanas, que abordou neste último artigo, prenderia o interesse do autor e seria sobre este assunto que desenvolveria a investigação de maior monta da sua vida.

Existindo, desde a sua juventude, um interesse bem vincado pela arqueologia, foi na década de 40 que Mário Saa se dedicou a esta temática, encetando a investigação sobre *As Grandes Vias da Lusitânia*<sup>222</sup>. Registando em pequenos cadernos as suas pesquisas e prospecções arqueológicas, esta investigação terá durado mais de vinte anos, denunciando a existência de um grande investimento intelectual e material<sup>223</sup>. Sendo um estudo com evidentes equívocos, identificados em investigações mais recentes sobre a ocupação romana do território, os seis tomos da obra *As Grandes Vias da Lusitânia* não deixam de constituir, no entanto, um

---

<sup>217</sup> Cota D1/16. FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>218</sup> Cota D1/35. FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>219</sup> Mário Saa – “Concelho de Avis – Ordem e Cavalaria. Avis e o seu distrito. Um pouco de história”. *Expansão Portuguesa em Prol da Economia Nacional: mensário de propaganda industrial, comercial e turística*. Porto, 1935. pp. 239-243.

<sup>220</sup> *Idem* – “Concelho de Avis – Ordem e Cavalaria. Origem e extensão dos seus territórios”. Pedro Muralha (dir.) – *Álbum Alentejano*. Tomo III – Distrito de Portalegre. Lisboa: Imprensa Beleza, 1933-1937. pp. 617-621.

<sup>221</sup> *Idem* – “Estrada romana de Lisboa Braga”. *Livro do I Congresso das Actividades do Distrito de Leiria*. Lisboa: Prelo Editora, 1945. p. 49-57.

<sup>222</sup> *Idem* – *As Grandes Vias da Lusitânia*. Lisboa: Sociedade Astória, 1957-1967. 6 tomos.

<sup>223</sup> Os primeiros cadernos de campo existentes no seu Espólio Documental datam da década de 40 do século XX e prolongam-se até aos finais dos anos 60.

repositório de informações incontornáveis sobre a localização das antigas vias romanas bem como de centenas de vestígios arqueológicos hoje desaparecidos.

Além dos livros e folhetos que publicou ao longo da vida, na sua maioria edições de autor, Mário Saa marcou presença em muitos periódicos. Além das revistas modernistas já mencionadas – *Athena, Contemporânea, Presença, Sudoeste* –, e dos periódicos *Jornal da Mulher* e a *Plebe* com que se estreou no espaço público, Saa publicou poemas, desenhos e artigos nos já citados *A Palavra, A Batalha, Voz do Povo, Revolução, Diário de Lisboa, Expansão Portuguesa, Jornal da Europa* e ainda nos periódicos *A Capital, A Revista, Aquila, Cinelândia, Arte Peninsular, A Vida, Gazeta das Caldas, Vida Alentejana, Fradique, Momento, Sempre Fixe, Acção, Síntese, Viagem, Tempo Presente, Correio do Ribatejo, O Avisense, Brados do Alentejo*, e na madrilena *Gaceta Literária*<sup>224</sup>.

De entre todos estes suportes de intervenção no espaço público destacamos *A Revista da Solução Editora*, um órgão e uma empresa editorial criada e financiada pelo próprio Mário Saa<sup>225</sup>. Esta editora, de que foi também idealizador, juntamente com Albino Lapa, José Pacheco e Rogério de Figueirôa Rego, deverá ter começado a esboçar-se durante o Verão de 1928<sup>226</sup>, sendo registada a sua propriedade intelectual em Maio do ano seguinte<sup>227</sup>. De entre a publicação de vários números do periódico *A Revista*, onde o próprio Saa participava e onde Fernando Pessoa divulgou o primeiro trecho do *Livro do Desassossego*<sup>228</sup>, a *Solução Editora* divulgou obras de autores como Armando de Matos<sup>229</sup>, Henrique Ferreira Lima<sup>230</sup>, Henrique de Campos

---

<sup>224</sup> *Centro de Documentação sobre Mário Saa* – Fundação Arquivo Paes Teles.

<sup>225</sup> No espólio do escritor encontra-se o documento da *Conservatória da Propriedade Intelectual* que requer o registo de propriedade literária da *Solução Editora*, propriedade de Mário Saa e dirigida por José Pacheco. Este documento data de 17 de Maio de 1929 e refere ainda os exemplares inscritos no Diário dessa Conservatória sob o número 2. Documentos anexos. FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>226</sup> Em Agosto deste ano, Rogério de Figueirôa Rego dirige a Mário Saa uma carta dactiloscrita em que lhe apresenta sugestões sobre o nome a atribuir à revista e à própria editora, o tipo de obras a publicar e a sua opinião sobre a tiragem da mesma. Carta de Rogério de Figueirôa Rego para Mário Saa, 8 de Agosto de 1928. Correspondência ao autor. FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>227</sup> Cf. nota 225.

<sup>228</sup> Cf. Renata Soares Junqueira – “Os desassossegos de Fernando Pessoa”, Consultado em Dezembro de 2009: [http://www.fflch.usp.br/dlc/posgraduacao/ecl/pdf/via02/via02\\_17.pdf](http://www.fflch.usp.br/dlc/posgraduacao/ecl/pdf/via02/via02_17.pdf); e também <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/index.php?id=4285>.

<sup>229</sup> Armando de Matos – *A Heráldica nos Lusíadas*. Lisboa: Separata da Solução Editora, 1930.

<sup>230</sup> Henrique Ferreira Lima – *O Pintor Sequeira do Arquivo Histórico Militar*. Lisboa: Solução Editora, 1931.



Ferreira<sup>231</sup>, João Cabral do Nascimento<sup>232</sup>, J. M. Cordeiro de Sousa<sup>233</sup> e Luís de Macedo<sup>234</sup>.

Com sede na travessa do Fala-Só, em Lisboa, esta publicação periódica tinha a particularidade de privilegiar a «publicação de separatas para a formação de livros».

### SOLUÇÃO EDITORA

REVISTA DE PUBLICAÇÃO DE  
SEPARATAS PARA A  
FORMAÇÃO DE LIVROS

T. DO FALA-SÓ. 24

Telefone 3110 Norte  
LISBOA

Dirigit Correspondencia a ALBINO LAPA

Armando M.º Felcão	4,00
Luís Fernando Machado	7,50
Eduardo M.º Aguiar	3,50
José Macário	3,50
Luís Victor	3,50
José Valente Sena	4,00
M.º M.º Santos Lopes	4,00
Ant.º Aguiar Soares	4,00
M.ºª Gonçalves	3,50
Ant.º M.º de Paiva	3,50
d.ª N.ª Monteiro	3,50
	<hr/>
	124,60
	90,60
	34,00

Figura 8: Folha de papel timbrado da Solução Editora, [1929-1931]. Arquivo FAPT.

<sup>231</sup> Henrique de Campos Ferreira – *As paródias na literatura portuguesa: ensaio bibliográfico*. Lisboa: Solução Editora, 1930.

<sup>232</sup> João Cabral do Nascimento – *Genealogia da Família Medina da Ilha da Madeira*. Lisboa: Solução Editora, 1930.

<sup>233</sup> J. M. Cordeiro de Sousa – *Registo da Freguesia de Nossa Senhora da Encarnação do lugar da Ameixoeira desde 1540 a 1604*. Lisboa: Solução Editora, 1930.

<sup>234</sup> Luís de Macedo – *A Igreja de Santa Maria Madalena de Lisboa*. Lisboa: Solução Editora, 1930; *O terremoto de 1755 na freguesia da Madalena*. Lisboa: Solução Editora, s.d..

Num apontamento a lápis, redigido à margem do documento de registo de propriedade intelectual, Saa registou a data de venda da *Solução Editora* a Rogério de Figueirôa Rego:

Vendi esta propriedade ao Rogério de Figueirôa Rego, em 1931, ou 1932: vendida por 1.000\$00. Fui o autor e capitalista desta revista.<sup>235</sup>

Para concluir, é necessário apontar ainda outras curiosidades do seu percurso intelectual e registar outras vertentes da sua acção cívica na sociedade portuguesa. Começaremos por referir as suas fortuitas facetas de grafologista, inventor, astrólogo e ilustrador.

Durante a década de 20, o ávido e irrequieto espírito de Mário Saa elaborou o sistema *Grafologia Sintética*<sup>236</sup> com o objectivo de conhecer temperamentos e personalidades<sup>237</sup>. Para isso colecionou exercícios grafológicos de familiares e de personalidades diversas, das quais destacamos Almada Negreiros, António Botto, Augusto d'Esaguy, Aquilino Ribeiro, Fernando Pessoa, Luís de Montalvor, José Pacheco e Raúl Leal. Este projecto de análise das diversas grafias acabaria por ser abandonado nos seus «arquivos» dando lugar a outras criações que divulgou no espaço público português durante as décadas de 20 e 30, as mais profícuas do seu percurso intelectual.

Relativamente à sua faceta de inventor, encontramos-a na década de 30, muito provavelmente relacionada com a necessidade de uma maior dedicação à administração e gestão do património fundiário que detinha no Alentejo. A 22 de Junho do ano de 1933, dá entrada na *Repartição da Propriedade Industrial da Direcção Geral do Comércio e Indústria* um pedido de registo de patente de invenção em nome de Mário Paes da Cunha e Sá. O autor reivindicava o registo de:

Blocos de mato e de rama de árvores, prensados a grande resistência, preparados com substâncias químicas anti-pútridas e revestidos de substância pétreas, para construções definitivas ou desmontáveis de muros de vedação ou de edificações.<sup>238</sup>

A *Patente de Invenção* é-lhe concedida a 17 de Janeiro de 1934, pela mesma repartição, e o *Título de Patente*, com o n.º 17.495 da 12.ª Classe, foi guardado entre os papéis do autor que hoje integram o seu *Espólio Documental*.

<sup>235</sup> Documentos Anexos do Autor. FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>236</sup> D1/29 e D1/31. FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

<sup>237</sup> Esta sua faceta foi também abordada por António Braz de Oliveira, ob. cit., pp. 287-288.

<sup>238</sup> Documentos Anexos do Autor. FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

No mesmo arquivo encontramos provas documentais da sua dedicação à astrologia. Anterior à já mencionada obra sobre o nascimento de Camões, o estudo desta matéria levou o autor a elaborar vários mapas astrológicos de familiares e amigos e a arriscar publicamente a possibilidade de ter descoberto uma regra astrológica que condicionava «as mais célebres datas da actualidade». A 25 de Julho de 1940 Saa apresentou-a no *Diário de Lisboa*, num artigo onde associava «As decisões de Hitler» com a favorável conjunção Júpiter-Lua<sup>239</sup>. Nascendo sobre esta conjuntura astral, o responsável por uma das páginas mais negras da história da humanidade era considerado pelo autor «o determinador das datas notáveis do seu tempo», o «homem mais arrojado do mundo» e uma personalidade regida pela prudência, na medida em que aproveitava a referida conjunção nas suas «magnas decisões»:

A data mais notável desta grande guerra é, sem dúvida, a do seu início, às 5 e 30 da manhã de 1 de setembro de 1939.

Pois foi um dia e hora precisa duma conjunção Júpiter-Lua.

A segunda data importante para a Alemanha é a da invasão da Noruega, em 8 de abril deste ano corrente, à hora duma conjunção Júpiter-Lua.

Vem depois a ofensiva simultânea à Holanda, Bélgica e Luxemburgo, determinada em 8 de Maio, quando duma conjunção Júpiter-Lua.

Vem depois a formidável ofensiva do que resulta a queda de Dunkerque e a derrota da França, iniciada em 2 de junho, precisamente numa conjunção Júpiter-Lua.<sup>240</sup>

Embora exígua, há que mencionar também a produção de desenhos e a sua publicação em periódicos nacionais. O exaustivo trabalho de João Rui de Sousa dá-nos conta de seis desenhos dispersos nos jornais *Diário de Lisboa*<sup>241</sup>, *Voz do Povo*<sup>242</sup>, *A Vida*<sup>243</sup>, *Sempre Fixe*<sup>244</sup>, e na revista *Tempo Presente*<sup>245</sup>.

---

<sup>239</sup> Mário Saa – “As decisões de Hitler e a conjunção Júpiter-Lua”. *Diário de Lisboa*, 25 de Julho de 1940.

<sup>240</sup> *Idem, Ibidem*.

<sup>241</sup> *Idem* – “Augusto de Santa-Rita”. *Diário de Lisboa*. Lisboa, 24 de Maio 1928.

<sup>242</sup> *Idem* – “O senhor Vaivém”. *Voz do Povo*. Lisboa, 1 de Janeiro de 1931.

<sup>243</sup> *Idem* – [Desenho s/ título]. *A Vida*, 1. Lisboa, Julho de 1931.

<sup>244</sup> *Idem* – “Augusto de Santa-Rita”. *Sempre Fixe*. Lisboa, 18 Junho 1936.

<sup>245</sup> *Idem* – “Tango”. *Tempo Presente*, 1. Lisboa, Maio 1959; “Este desenho vai ser aberto em rocha...”. *Tempo Presente*, 1. Lisboa, Maio 1959.



Figura 9: Desenho publicado na revista *Tempo Presente*, 1959. Arquivo FAPT.

Mário Saa interveio ainda no espaço público através das tomadas de posição em questões sócio-culturais e políticas da sociedade da sua época. Referimo-nos à aguda crítica efectuada à *Sociedade Nacional de Belas Artes* publicada no jornal *A Capital*<sup>246</sup>, à tomada de posição sobre a censura da peça *Mar Alto* de António Ferro, assinando, em 17 Julho de 1923, um protesto colectivo<sup>247</sup>, à publicação de um texto de desagravo sobre a apreensão da obra *Canções* de António Botto<sup>248</sup>, e ao manifesto apoio a Oliveira Salazar no ano de 1935<sup>249</sup>. O discurso manuscrito, proferido na Câmara Municipal de Avis a 7 de Julho desse ano, dá-nos conta da sua

<sup>246</sup> *Idem* – “O que é a Sociedade Nacional de Belas Artes?”. *A Capital: Diário Republicano da Noite*. 3 de Dezembro de 1921.

<sup>247</sup> João Rui de Sousa, ob. cit., p. 324.

<sup>248</sup> Mário Saa – “António Botto, o espiritualista da matéria”. António Botto – *Curiosidades Estéticas*. Lisboa: Edição do Autor, 1924.

<sup>249</sup> Carta a José Pinto Júnior, 8 Julho de 1935. Correspondência do autor. FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

reverência ao «glorioso consulado de Salazar» que celebrava o seu terceiro aniversário no poder<sup>250</sup>.

A conclusão do seu percurso intelectual efectiva-se com a criação de uma fundação que perpetuaria a sua memória e o seu legado patrimonial, projectando no espaço público a forma como este erudito e a sua família viveram e intercederam na história do século XIX e XX.

Em todo o percurso intelectual que procurámos caracterizar, bem como na criação desta instituição, é evidente a abastada situação económica de Mário Saa, que, tal como o francês André Gide, era dotado de fortuna suficiente para, como vimos, consagrar o seu tempo e recursos à própria obra<sup>251</sup>.

---

<sup>250</sup> Pelo sentido do discurso, que encerra com uma reflexão sobre o concelho de Avis e os projectos que deveriam ser implementados, consideramos ser muito plausível ter sido proferido na Câmara Municipal de Avis, pelo que arriscamos essa hipótese.

<sup>251</sup> Cf. Michel Winok, ob. cit, p. 118.

## 5. A Construção da imagem de Mário Saa no século XX .

Neste capítulo propomo-nos atender à imagem projectada por Mário Saa ao longo do século XX através das dedicatórias patentes numa parte das obras que constituíram a sua biblioteca e que actualmente estão acessíveis na referida fundação que criou na freguesia do Ervedal.

Tomámos inicialmente conhecimento deste valioso espólio e do seu alto valor documental através de um artigo de João Rui de Sousa publicado, em 1988, na *Revista da Biblioteca Nacional*<sup>252</sup>. Na parte final do artigo, que consagrou ao estudo da poesia do autor, este investigador apela para o potencial de um conjunto de dedicatórias que havia identificado e que permitiam não só a «delimitação do círculo de amigos e admiradores que, na área da cultura, acompanharam a sua vida e a sua obra» como também a «aproximação às respectivas personalidades (a do ofertante e a do ofertado)» e ainda apercebermo-nos «da visão que do autor tiveram os seus contemporâneos»<sup>253</sup>.

Dado que João Rui de Sousa havia realizado, como refere, uma prospecção não exaustiva, procurámos efectuar o levantamento da totalidade deste acervo entre as cerca de dez mil obras da biblioteca de Mário Saa. Esse trabalho permitiu-nos identificar um universo de 330 dedicatórias efectuadas por 172 personalidades<sup>254</sup>, maioritariamente portuguesas<sup>255</sup>. São dedicatórias inscritas sobretudo pelos autores das obras, embora estejam também presentes dedicatórias dos editores<sup>256</sup> e de autores de prefácios<sup>257</sup>, bem como de terceiros, amigos e família, que registaram dessa forma a oferta de um livro. De referir que grande

---

<sup>252</sup> João Rui de Sousa – “Algumas Dedicatórias a Mário Saa” – *Revista da Biblioteca Nacional*, S. 2,3 (1-2) 1987. pp. 173-175.

<sup>253</sup> *Idem, Ibidem*, p. 173.

<sup>254</sup> Este trabalho contempla apenas as dedicatórias a Mário Saa. A biblioteca da Fundação Arquivo Paes Teles contém também livros com dedicatórias a terceiros – familiares e amigos – e dedicatórias do próprio Mário Saa aos seus familiares. Na transcrição das dedicatórias que seguidamente aqui apresentamos optámos por actualizar a ortografia e desenvolver as abreviaturas. Utilizámos o indicativo [?] para assinalar dúvidas na leitura e as sinaléticas [...] e [... ...] para indicar uma ou mais palavras ilegíveis.

<sup>255</sup> Encontramos apenas 3 autores estrangeiros: S. Monteiro-Díaz, Daniel Ruza e Jeanne Sylvie Lefèvre.

<sup>256</sup> É o caso de António José Torres de Carvalho, um bibliófilo, investigador e editor natural de Elvas, onde fundou o jornal *Correio Elvense* e a *Tipografia Progresso*. Para uma nota biográfica sobre António José Torres de Carvalho veja-se a obra de Eurico Gama – *Cartas de Leite de Vasconcelos ao bibliófilo António José Torres de Carvalho (1913-1935)*. Separata do «Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra», Vol. XXVIII. Coimbra: [s.n.], 1966. pp. 7-14. É também o caso de Guilherme de Faria que oferece obras de autores que edita, nomeadamente de Teixeira de Pascoaes. Dados biobibliográficos do autor consultados na obra de Eugénio Lisboa (coord.) – *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1990. Vol. IV. pp. 308-309.

<sup>257</sup> É o caso de Aquilino Ribeiro: «Ao Mário Saa, ao seu espírito irrequieto e sempre curioso/of Ribeiro[?]». Aquilino Ribeiro (trad. e pref.) – *A Retirada dos Dez Mil*. Lisboa: Livraria Bertrand, [s.d.]. Dados biobibliográficos do autor consultados na obra de Eugénio Lisboa, ob. cit., Vol. III. pp. 320-323.

parte destas inscrições correspondem à data de edição da obra, no entanto, também se registam datas posteriores, o que evidência contactos subsequentes. Identificaram-se também dedicatórias à «Biblioteca-Museu Paes Teles» que nos remetem para o final da década de 60, aquando da preparação da fundação instituída por Mário Saa<sup>258</sup>. Ainda de mencionar o facto de neste universo intelectual encontrarmos apenas duas mulheres<sup>259</sup>.

Considerando, assim, a forma como o percurso de Mário Saa é apreendido por estes intelectuais seus contemporâneos, começaremos por reconhecer os mais antigos autógrafos deste acervo.

Mencionamos primeiramente a dedicatória datada de 26 de Novembro de 1913 da autoria Leite de Vasconcelos<sup>260</sup>. Inscrita numa separata do *Arqueólogo Português*, regista os primeiros contactos entre ambos por ocasião da mencionada «excursão arqueológica» do filólogo e etnógrafo ao concelho de Avis. Nas duas posteriores obras autografadas, de 1918 e 1921, iria ainda deixar registada a amizade que se aprofundava e também a menção aos primeiros passos da carreira intelectual do jovem avisense, que recentemente se havia estreado no espaço público<sup>261</sup>.

Anteriores a esta estreia são os contactos com Américo Durão. Este reconhecido poeta, herdeiro das correntes decadentista e simbolista<sup>262</sup>, manifesta conhecer as primeiras criações culturais do autor – «Pégadas»<sup>263</sup> – considerando-o

---

<sup>258</sup> «À Biblioteca-Museu Pais Teles. Oferta do autor. Ervedal, 4. Out.º 68/Moura Jr.». Francisco Nunes Moura Júnior - *Panorama Geral dos Serviços Externos de Exploração dos CTT*. Coimbra: Coimbra Editora, 1949; «À Biblioteca-Museu Pais Teles, admirável iniciativa do Ex.mo Sr. Mário Saa, um dos maiores expoentes literários da sua geração, - oferece Moura Jr./Ervedal, 4.X.68». Moura Júnior – *Quadrante Sul: Poemas*. Coimbra: Coimbra Editora, 1950; «Para a Biblioteca-Museu Pais Teles. Oferta do autor. Moura Jr./ 4.X.68». Moura Júnior – *Tu eras a “Senhora...”*. Santarém: Tipografia Escolar [Edição do Autor?], 1956; «Para a Biblioteca-Museu Pais Teles. Oferece o autor, Moura Jr./Ervedal, 4.X.68». Moura Júnior – *Portas do Sol, Portas do Luar: poema*. Rio Maior: Oficinas Gráficas «O Riomaioirensense» [Edição do Autor?], 1958; «Oferta do autor à Biblioteca-Museu Pais Teles, Ervedal, 4.X.68/Moura Jr.». Moura Júnior – *Ode Insular*. Funchal: Editorial Eco do Funchal, Lda. (Edição do Autor), 1960; «À Biblioteca-Museu Pais Teles, oferece Moura Jr./Ervedal, 4.X.68». Francisco Nunes Moura Júnior – *Diálogo: Ética, Estética e Prática dos C.T.T.* Faro: Tipografia União, 1965; «À Biblioteca-Museu Pais Teles, oferta do autor, Ervedal, 23.V.69/Moura Jr.». Francisco Nunes Moura Júnior – *Conselhos aos CE*. Coimbra: Coimbra Editora, 1949.

<sup>259</sup> Trata-se da poetisa Isaura Matias de Andrade: «Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Doutor Mário de Saa. Como lembrança da sua passagem pela Serra da Estrela/a Autora/Janeiro 1941». Isaura Matias de Andrade – *Chão de Flores*. Figueira da Foz: Tip. e Pap. Figueirense, 1936; e de Jeanne Sylvie Lefèvre: «A Mário Paes da Cunha e Sá, qui écrit avec sa tête, ce petit livre écrit avec mon cœur. Jeanne Sylvie Lefèvre». Lefèvre - *Le Livre du Souvenir*. Lisboa: Imprensa Lucas, 1941.

<sup>260</sup> «Ao seu amigo Mário da Cunha e Sá/oferece Leite/26-11-913». J. Leite de Vasconcelos, ob. cit.

<sup>261</sup> «Ao filósofo e ao amigo Mário Saa/lembrança do autor». J. Leite de Vasconcelos – *Pelo Sul de Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, 1918; «Ao pensador original e seu íntimo amigo Mário Saa/of. Leite Vasconcelos». J. Leite de Vasconcelos – *Etimologia de um Nome Ilustre*. Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1921.

<sup>262</sup> Dados biobibliográficos do autor consultados na obra de Eugénio Lisboa, ob. cit., Vol. III, pp. 471-472.

<sup>263</sup> Título de um manuscrito do seu espólio documental. Cota D1/52. FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

um «pensador profundo» e rendendo-lhe homenagem pelo talento exposto, aliado à sua sensibilidade e talento<sup>264</sup>.

Durante a segunda década do século XX Mário Saa colecionaria ainda algumas das obras de dois dos fundadores da revista *Ícaro*, criada em Coimbra em 1919. Referimo-nos a João Cabral do Nascimento<sup>265</sup> e Américo Cortez Pinto<sup>266</sup>. O primeiro, poeta e investigador, natural da ilha da Madeira, considerava Mário Saa, um dos que na sua geração mais admirava<sup>267</sup>. O segundo, médico e poeta de características neo-românticas, depois rendido ao modernismo, mais tarde deputado em legislaturas do Estado Novo, manteve com Saa uma amizade aturada. As dedicatórias posteriores à década referida – dos anos 1922, 1936, 1941 e 1968 – plenas de humor e originalidade, revelam uma grande cumplicidade e um profundo conhecimento da personalidade e do percurso do erudito avisense<sup>268</sup>.

Também Francisco Mendes de Brito<sup>269</sup> foi das personalidades mais próximas de Mário Saa, revelando-se esse facto nas doze dedicatórias encontradas neste espólio. Este médico natural da Golegã, escritor e escultor, que utilizou os pseudónimos *José Galeno* e *Zé Galvão*, invoca em 1916 a amizade que cultivavam e que permaneceria até à década de 60, muito possivelmente até ao fim das suas vidas<sup>270</sup>.

---

<sup>264</sup> «Por 1916 Outubro/Com amizade ao Mário Pais da Cunha e Sá, como homenagem ao pensador profundo das “Pégadas”/Américo». Américo Durão – *Penumbbras*. Leiria: Editor Silva Carvalho, 1914; «Ao Mário Sá: pela sua sensibilidade pelo seu talento pelo seu coração./Américo Durão/Natal, 917». Américo Durão – *Poema de Humildade*. Lisboa: Tipografia H. Pereira & Ct.<sup>a</sup>, 1917; «Ao Mário Sá/of.ce com um abraço, o seu sincero amigo e grande admirador/Américo Durão». Américo Durão – *Tântalo*. Lisboa: A Lusitana, 1921.

<sup>265</sup> Dados biobibliográficos do autor consultados na obra de Eugénio Lisboa, ob. cit., Vol. III. pp. 514-516, e em Janeiro de 2010: <http://cvc.instituto-camoes.pt/poemasemana/38/natal3.html>.

<sup>266</sup> Dados biobibliográficos do autor consultados na obra de Eugénio Lisboa, ob. cit., Vol. III. pp. 501-503.

<sup>267</sup> «Ao Mário Sá, que é nesta geração dos que eu mais admiro./João Cabral». João Cabral do Nascimento – *As três princesas mortas num palácio em ruínas: Poemas*. Lisboa: Oficinas Gráficas de Henrique Pereira & Ct.<sup>a</sup>, 1916; «Ao Mário Saa, com grande estima pela pessoa e pela sua inteligência;/of: João Cabral/Lisboa, CMXVIII». João Cabral do Nascimento – *Hora de Noa*. Lisboa: Casa Ventura Abrantes – Livraria Editora, 1917; «A Mário Saa com a estima, passada, presente e futura, de JoãoCN[?]». João Cabral do Nascimento – *Apontamentos de História Insular*. Funchal: Madeirense Editora, Ld<sup>a</sup>, 1927.

<sup>268</sup> «Ao velho amigo Mário Saa com muito apreço/A. Cortez Pinto/Leiria, Março MCMXVIII». Américo Cortez Pinto - *Senhora da Renúncia*. Lisboa: Livraria Ferin, 1918. Devido à extensão das restantes dedicatórias deste autor, em parte dactiloscritas numa folha anexa à publicação, transcrevemos, neste ponto, apenas mais uma delas: «Mário!/A Ti! Distante e Alheio, e Grande Valdevinos/De Seca e Meca e dos caminhos Antoninos,/E do sidério mapa de alta Estrologia[sic]!/A Ti! Que deste ao Diabo o Amigo de algum dia,/E antes quiseste ser ex-Mário, ex-Cunha, e ex-Saa,/Ex-Pais e ex-Companheiro, e ex-Tudo Quanto Há!!!/A Ti! Meu Galo-Frango! Do alto do poleiro,/A vigiar as frangas do Alentejo inteiro!//Mando estes emissários que são da tua Raça,/A ver se tu lhes dás um ar da tua graça.../Já que do velho Amigo a autêntica presença/Ostracizaste um dia em malucal[sic] sentença!//Mas se eles sobressaltam a paz em que sossegas/Enterra-os num arcaz do velho Pero Viegas!//Lx<sup>a</sup> 5/II/968». Américo Cortez Pinto – *História de Valdevinos e Aventura do Galo-Franco*. Separata da «Revista Portugal – série A: Língua Portuguesa», vol. XXXII. Lisboa: [s.n.], 1967.

<sup>269</sup> Dados biobibliográficos do autor consultados na citada obra de Eugénio Lisboa, Vol. III. pp. 469-470.

<sup>270</sup> Devido à sua extensão transcrevemos apenas três das dedicatórias do autor: «Mário: Sou o teu maior amigo. Ofereço. Lisboa 5 de dezembro 1916/F. Mendes De Brito». Mendes de Brito – *Lyra de Cybèle*. Lisboa:



Entre as dedicatórias mais antigas é de destacar também as pertencentes a Luiz Filipe de Saldanha da Gama da Silva Ramos<sup>271</sup>, um dos fundadores da revista *Orpheu*. A primeira remete para o ano de 1919 e está patente numa publicação em que ainda não utiliza o pseudónimo Luís de Montalvor<sup>272</sup>. No ano seguinte, oferecendo a Mário Saa as «Poésies» do poeta simbolista francês Mallarmé, Montalvor regista reconhecer em Saa uma «alma dolorosa» e uma «inteligência inquieta»<sup>273</sup>.

De notar ainda os contactos com Luís Chaves, director do semanário monárquico-sindicalista *A Ideia Nacional*, órgão e propriedade dos Núcleos Integralistas<sup>274</sup>, mais tarde envolvido também na direcção do semanário *A Voz Nacional*<sup>275</sup>. Este etnógrafo com uma vasta obra editada, ofereceu em Dezembro de 1917 duas das suas publicações onde registou a estima que nutria pelo autor do *Evangelho de S. Vito*<sup>276</sup>.

Embora tenhamos já identificado, durante a segunda década do século XX, dois autores ligados a um dos principais órgãos do primeiro grupo modernista, a revista *Ícaro*<sup>277</sup>, bem como os contactos com um dos fundadores de *Orpheu*, foi durante os anos vinte que se intensificou a convivência com os principais nomes desta geração: Almada Negreiros, António Botto, Raul Leal e António Ferro.

---

Livraria Ferreira, 1916; «Ao Grande Imperador Mario Saa I, Do vasto Império da vasta Amizade, das duas Nações Unidas, a minha e a tua. Este livrinho pirolito para beberes, refresco lírico, no meio deste arraial infernal que assola a Europa senil, onde agoniza a latinidade. Do teu irmão latino, F. Mendes de Brito (José Galeno)/Golegã 17 X.43». José Galeno – *O Último Fauno*. Lisboa: Edição do Autor, 1943; «Ao Mário Saa (com 2 às, tem um piadão) ofereço a explicação deste homem (holandês) a ti que escreveste a Explicação do Homem, de todas as nações (menos da O.N.U.). Estou aqui todo: o médico, o escritor, o crítico, o artista e o palerma que gasta tempo e dinheiro a escrever livros que ninguém lê, nem mesmo tu. Natal, Natal, Natal de 1962/Golegã/Francisco Mendes de Brito». Dr. Francisco Mendes de Brito – *Van Gogh: (Ensaio Morbo-Biográfico)*. Lisboa: Livraria Portugal (depos.), 1962.

<sup>271</sup> Dados biobibliográficos do autor consultados em Janeiro de 2010: <http://www.dglb.pt/sites/DGLB/Português/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=6450>.

<sup>272</sup> «A Mário Saa/oferece/Montalvôr/22/4/919». Luiz Ramos – *A Caminho: Versos*. Lisboa: Monteiro e & C.ª Editores, [s.d.].

<sup>273</sup> «A Mário Sá, para que a sua alma dolorosa e a sua inteligência inquieta encontrem neste livro raro a Ternura, que como uma sombra se projecta, lúcida e amiga, e seja em horas de claro-escuro como um signo de encantamento!/Luís de Montalvôr/Lx. Ano de MCMXX». Stéphane Mallarmé – *Poésies*. Paris: Éditions de la Nouvelle Revue Française, 1917.

<sup>274</sup> *A Ideia Nacional: semanário monárquico-sindicalista* (dir. Luís Chaves; ed. Caetano dos Reis). Lisboa: C. Reis, 1920. 11 Out. a 31 Out. 1920.

<sup>275</sup> Manuel Braga da Cruz – “O Integralismo lusitano nas origens do salazarismo”. *Análise Social*, vol. XVIII (70), 1982-1.º. p. 144.

<sup>276</sup> «Ao Sr. Mário de Saa/of. Luís Chaves/Lx.ª, 2-XII-917». Luís Chaves – *Arte Popular do Alentejo: os ganchos de meia de barro de Estremoz (Século XX)*. Separata da «Águia», n.os 67, 68. [s.l.]: [s.n.], 1917; «Ao Sr. Mário de Saa/ of. com muita estima/Luís Chaves/Lx.ª, 2-XII-917». Luís Chaves – *Mealheiros*. Separata da «Atlântida», N.º 22. Lisboa: Libânio da Silva, [1917].

<sup>277</sup> António José Saraiva; Óscar Lopes – *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1996. 17.ª Edição. p. 994.

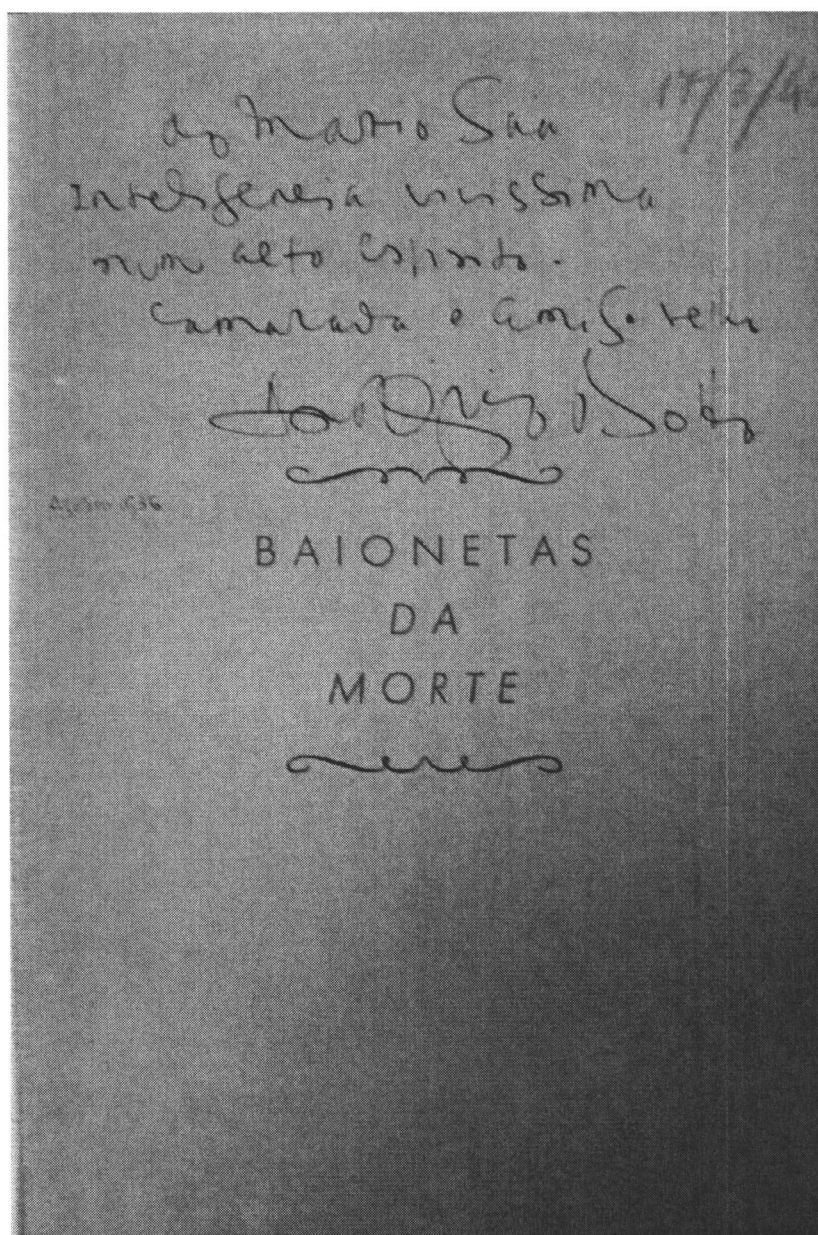


Figura 10: Dedicatória de António Botto, Agosto de 1936. Arquivo FAPT.

De Almada Negreiros regista-se uma dedicatória de Dezembro de 1921 que alude às teses anti-semitas do autor, primeiramente divulgadas na entrevista intitulada *Portugal Cristão-Novo ou os Judeus na República*. José Sobral de Almada-Negreiros regista a divulgação desta controversa publicação na oferta da sua *Invenção do Dia Claro*, que dedica «A Mário de Saa/O proto-semita/(elemento raríssimo[?], egípcio)»<sup>278</sup>.

De António Botto identificámos a oferta das obras *Canções*<sup>279</sup>, *Curiosidades Estéticas*<sup>280</sup>, *Olimpíadas*<sup>281</sup>, *Baionetas da Morte*<sup>282</sup> e, já na década seguinte, *A vida*

<sup>278</sup> José de Almada-Negreiros – *A Invenção do Dia Claro*. Lisboa: Olisipo, 1921.

<sup>279</sup> «Ao Mário Saa, com ternura/António/Querido Mário Saa: Agora que mais de perto o conheço e que melhor o vejo, quero fixar-lhe aqui nesta página [...] a minha afeição toda feita de enternecimento pela sua finíssima

que te dei<sup>283</sup>. Na amizade e no convívio implícitos, transmite Botto a sua admiração reconhecendo a «finíssima sensibilidade», a «inteligência vivíssima num alto espírito», que considerava «um dos mais belos» do seu tempo.

Também o poeta e escritor Raul Leal transmite a sua afeição denominando-o como «grande» e «imminente pensador»<sup>284</sup>, estando presente o mesmo reconhecimento em António Ferro<sup>285</sup>. Além da amizade que este escritor e jornalista lhe dedicaria, considerando-o possuidor de um «talento revelador», Ferro reporta a compleição física e a reduzida aptidão para a gestão, intitulado-o «o godo mais magro da geração»<sup>286</sup> e «um péssimo empresário de um dos maiores talentos do Portugal moderno»<sup>287</sup>.

---

sensibilidade. E que este meu livro de amor possa prender muitas vezes o seu olhar, e o seu sentir.../António». António Botto – *Canções*. Lisboa: «Olisipo» Sociedade Editora, 1922. 2.<sup>a</sup> Edição.

<sup>280</sup> «Ao meu querido Mário Saa, em louvor de duas páginas suas que são as mais belas[?] de[?] este livro e com imensa amizade e mais admiração/António Botto/Natal de mil novecentos e vinte e quatro». António Botto – *Curiosidades Estéticas*. Lisboa: Tipografia Libânio da Silva, 1924. Dados biobibliográficos do autor consultados na obra de Eugénio Lisboa, ob. cit., Vol. III. pp. 503-506.

<sup>281</sup> «Ao Mário Saa - Em louvor do seu formosíssimo espírito e com a minha amizade interminável/António/António Botto/em Agosto de 1927». António Botto – *Olympiadas: canções*. Lisboa: Empresa do Anuário Comercial, 1927.

<sup>282</sup> «Ao Mário Saa/Inteligência vivíssima num alto espírito - camarada e amigo velho/António Botto/Agosto 1936». António Botto – *Baionetas da Morte*. [Lisboa]: Oficinas Gráficas da Empresa do Anuário Comercial, 1936.

<sup>283</sup> «[EXEMPLAR NÚMERO] oitenta e sete [PERTENCE A] Mário Saa - um dos mais belos espíritos do meu tempo - um abraço/ António Botto. António Botto – *A vida que te dei*. Lisboa: Oficinas Fernandes, 1938. (Assinalamos com maiúsculas a parte impressa da dedicatória)

<sup>284</sup> «Ao Mário Saa, para o seu alto Espírito de Pensador e Artista/Raul Leal». Raul Leal – *Antéchrist et la Gloire du Saint-Esprit: hymne-poème-sacré*. Lisboa: Portugália Editora, 1920; «Ao meu querido amigo, Mário Saa, o grande Pensador, com o mais apertado abraço/Raul Leal». Raul Leal - *Sodoma Divinisada*. Lisboa: «Olisipo» Editores, 1923; «Ao eminente Pensador Mário Saa com a maior admiração e profunda amizade oferece este livro/Raul Leal/18/8/60/ S/C Rua dos Condes de Monsanto, 4-5° D. Lisboa». Raul Leal – *Sindicalismo Personalista: Plano de Salvação do Mundo*. Lisboa: Verbo, 1960. Dados biobibliográficos do autor consultados na citada obra de Eugénio Lisboa, Vol. III., pp. 333-337.

<sup>285</sup> O autor da «peça de escândalo» *Mar Alto* consagrou a Mário Saa sete dedicatórias maioritariamente datadas da década de 20: «A Mário Saa [AO SEU FORMOSO TALENTO À SUA BELA ALMA OFERECE COM MUITA ADMIRAÇÃO O ANTÓNIO FERRO]» (assinalamos com maiúsculas a parte impressa da dedicatória). António Ferro – *Teoria da Indiferença*. Lisboa: H. Antunes Editor, [s.d.]; «Ao Mário de Sá/com muita admiração pelo seu talento/o António Ferro». António Ferro – *As Grandes Trágicas do Silêncio*. Lisboa: Monteiro & Companhia (depos.), 1917; «Ao Mário Saa - Ao seu talento revelador/of.ce com a maior admiração/o António Ferro». António Ferro – *Árvore de Natal*. Lisboa: Portugália Editora, 1920; «A Mário Saa à sua Arte de Infinito of.ce com um grande abraço de Amizade e admiração o António Ferro». António Ferro – *Colette, Colette Willy, Colette*. Lisboa/Rio de Janeiro: H. Antunes, 1921; «Ao Mário Saa - ao grande descobridor/of.ce com estima e muita admiração o seu António Ferro/13-3-924». António Ferro – *Arte de Bem Morrer*. Buenos Aires/Rio de Janeiro: H. Antunes & C.<sup>a</sup> - Editores, 1923. Dados biobibliográficos do autor consultados em Eugénio Lisboa, ob. cit., Vol. III. pp. 483-484.

<sup>286</sup> «Ao Mário Saa, ao godo mais magro da geração, of.ce com muita admiração, António Ferro/ 11-8-924». António Ferro – *Mar Alto: Peça em 3 actos*. Lisboa: Livraria Portugália Editora, [s.d.].

<sup>287</sup> «Ao Mário Saa - péssimo empresário dum dos maiores talentos do Portugal moderno/of.ce com uma admiração muito sincera, o António Ferro/14-5-924». António Ferro – *Batalha de Flores*. Rio de Janeiro: H. Antunes & C.<sup>a</sup> - Editores, 1923.

Do Mário Saa  
— o melhor exemplo  
de um dos maiores  
talentos do Portugal  
BATALHA DE FLORES  
Moderno,  
P. 4  
com uma admiração  
muito sincera,  
António Ferro  
14-5-1924

Figura 11: Dedicatória de António Ferro, 14 de Maio de 1924. Arquivo FAPT.

Este conjunto de inovadores que então se reunia em torno de *Orpheu* (do qual não estão presentes neste acervo os principais, Fernando Pessoa<sup>288</sup> e Sá-Carneiro) e de outras revistas que reflectiam correntes estéticas internacionais, pouco terão afectado, segundo António José Saraiva e Óscar Lopes, «por então o conjunto da literatura portuguesa» em que predominava ainda, por 1925, “as sobrevivências românticas do sentimentalismo amoroso e do historicismo, retocadas pelo gosto decadente ou pelo saudosismo”<sup>289</sup>. Representantes destas permanências seriam Aquilino Ribeiro e Raul Brandão, presentes entre os autógrafos da biblioteca de Mário Saa. Aquilino, com quem os contactos se mantêm até aos anos sessenta, intitula-o seu «camarada» e fornece-nos de Saa uma imagem de inquietude de

<sup>288</sup> Estão, no entanto, registados os contactos com Fernando Pessoa, nomeadamente através de correspondência. Cf. João Rui de Sousa – “Mário Saa e Fernando Pessoa [...]”.

<sup>289</sup> António José Saraiva; Óscar Lopes, ob. cit., p. 1011.

espírito e de personalidade curiosa<sup>290</sup>. Raul Brandão, nos dois autógrafos encontrados, designa-o como «artista» e «escritor ilustre»<sup>291</sup>.

Os contactos com a geração modernista ligada depois à revista coimbrã *Presença* revelam-se ainda nos autógrafos de José Régio<sup>292</sup>, Adolfo Casais Monteiro<sup>293</sup>, João Gaspar Simões<sup>294</sup>, Carlos Queirós<sup>295</sup>, Júlio dos Reis Pereira<sup>296</sup>, e António de Portucale, pseudónimo de António de Sousa<sup>297</sup>. Neles encontramos também a admiração e a simpatia e mais uma vez o reconhecimento pela originalidade do poeta e ensaísta.

---

<sup>290</sup> «Ao Mário Saa, ao seu espírito irrequieto e sempre curioso/of Ribeiro[?]». Aquilino Ribeiro (trad. e pref.) – *A Retirada dos Dez Mil*. Lisboa: Livraria Bertrand, [s.d.]; «Para recordação da leitura feita em um gabinete [?], da curiosa, original, [ ... ...] of. o autor ao seu camarada Mário Saa/Aquilino Ribeiro/Lisboa, 27-11-21». Aquilino Ribeiro – *Valoroso Milagre*. Suplemento Literário do ABC. Lisboa: Sociedade Editorial «ABC» Limitada, 1921; «Ao Mário Saa, os manos de Aragão [?] pelo [... ...]/Lx 1937». Maximiano Aragão – *Viseu: Letras e letrados viseenses* (Pref. de Aquilino Ribeiro). Lisboa: Seara Nova, 1934; «Ao Mário Sá grande viajante da Lusitânia e patricio do tempo dos Césares exilado no Séc. XX./A.R./Lx. 16/12/60». Aquilino Ribeiro – *Os Avós dos nossos Avós*. Lisboa: Bertrand, [1942.]. 4.ª Edição.

<sup>291</sup> «Ao seu amigo e ilustre artista Mário Saa/off. Raul Brandão/Nespereira[?] Jan.º 1921». Raul Brandão – *A Conspiração de 1817 – Gomes Freire*. Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914; «Ao ilustre escritor Mario de Sá, of. o [?]/Raul Brandão/ [?] 1924». Raul Brandão – *Os Pescadores*. Paris/Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1924. Dados biobibliográficos do autor consultados em Eugénio Lisboa, ob. cit., Vol. III. pp. 40-42.

<sup>292</sup> «Ao Mário Saa, com muita admiração, of. José Régio/Coimbra, Maio de 1926». José Maria dos Reis Pereira – *As Correntes e as Individualidades na Moderna Poesia Portuguesa*. Coimbra: Oficinas da Sociedade de Typographia L.ª, 1925; «Ao Mário Saa, - Um dos Poucos. José Régio/Fevereiro 1930». José Régio – *Biografia*. [s.l.]: Edições Presença, 1929; «Ao Mário Saa neto dos descobridores e poetas/José Régio/Portalegre 1939». José Régio – *Biografia*. Coimbra: Luis Amado Editor, 1939. 2.ª Edição; «Para o Mário Saa, mais este exemplar, e quantos ele quiser/José Régio/Portalegre, Junho 1939». José Régio – *Poemas de Deus e do Diabo*. Lisboa: Oficinas “Lvmen”, [1925].

<sup>293</sup> «A Mário Saa/grande Poeta, e pensador dos mais originais do nosso tempo/of. Adolfo Casais Monteiro». Adolfo Casais Monteiro – *Confusão*. Coimbra: Edições “Presença”, 1929. Dados biobibliográficos do autor consultados na obra de Eugénio Lisboa, ob. cit., Vol. IV. pp. 111-115.

<sup>294</sup> «Ao Mário Saa, esperando a sua admirável “Explicação do Homem” com um abraço do admirador/João Gaspar Simões». João Gaspar Simões – *Elói*. Coimbra: Edições “Presença”, 1932; «Ao Mário Saa, à sua erudição astrológica, que só tem rival na erudição da D. Augusta, o seu admirador/João Gaspar Simões». João Gaspar Simões – *Novos Temas*. Lisboa: Editorial “Inquérito”, 1938. Dados biobibliográficos do autor consultados na obra de Eugénio Lisboa, ob. cit., Vol. IV. pp. 177-179.

<sup>295</sup> «Vês, Mário, que não se esqueceu de ti/ o Carlos [?]/26-11-935/P.S. – É claro: com um abraço de estima e admiração inevitáveis e merecidas.». Carlos Queiroz – *Desaparecido*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Empresa do Anuário Comercial (Edição do Autor), 1935; «Mário, meu velho: É isto... Desculpa ser tão pouco. Talvez noutra encarnação, já mais maduro, a Obra surja!... Por agora, contento-me com que os espíritos eleitos – como o teu – encontrem neste livrinho um verso, um verso apenas, que seja luminoso e cáldo como uma fásca. (Caramba! e já não seria pouco). Além disto, que é prosa, aí fica um abraço lírico e rítmico de teu amigo de sempre/Carlos/Dez. 48». Carlos Queiroz – *Breve Tratado de Não-Versificação*. Lisboa: Oficina Gráfica Lda, (Edição do Autor), 1948. Dados biobibliográficos do autor consultados na obra de Eugénio Lisboa, ob. cit., Vol. IV. pp. 324-325.

<sup>296</sup> «A Mário Saa/Ao seu admirável temperamento de escritor de Hoje/Of. Julio/1932». Júlio; Saul Dias – *...mais e mais...: versos de Saul Dias e desenhos de Júlio*. [s.l.]: Presença, 1932; «A Mário Saa/Como testemunho de muita admiração/of. Júlio/1932». Júlio – *Música: gravuras*. [s.l.]: Presença, 1932. Dados biobibliográficos do autor consultados na obra de Eugénio Lisboa, ob. cit., Vol. IV. pp. 132-133.

<sup>297</sup> «A Mário de Saa, com a minha admiração e simpatia/of.e António de Sousa (Portucale)/Porto, Junho, 1921». António de Portucale; Eduardo Malta – *O Encantado*. Porto: Tipografia da Renascença Portuguesa, 1919.

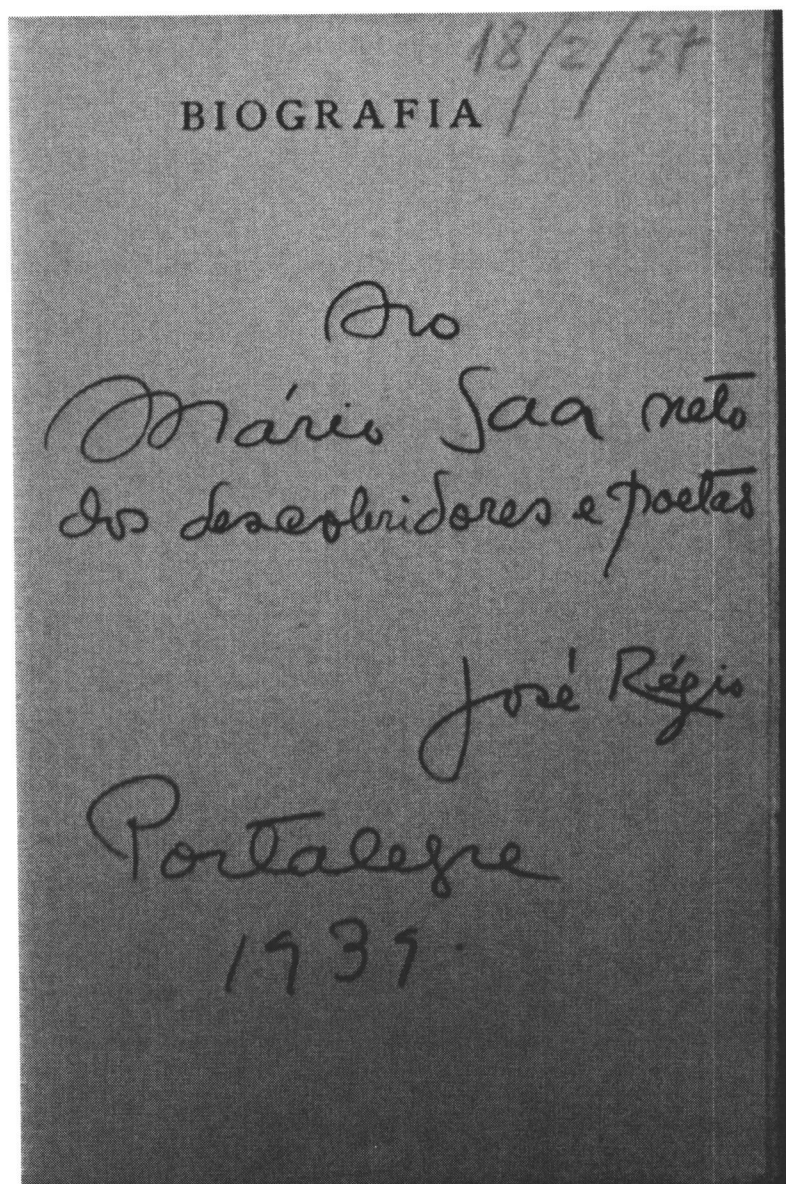


Figura 12: Dedicatória de José Régio, 1939. Arquivo FAPT.

De entre as personalidades ligadas à produção literária, mais concretamente ao texto dramático, é de destacar ainda o convívio com Alfredo Cortez<sup>298</sup> e Carlos Amaro<sup>299</sup>.

Algumas dedicatórias da década de 20, pertencendo a nomes como Guilherme de Faria, Hipólito Raposo, Domingos Garcia Pulido e Joaquim Correia da Costa invocam-nos o convívio com personalidades de territórios ideológicos ligados ao *Integralismo Lusitano*. Correia da Costa, um dos primeiros adeptos deste

<sup>298</sup> «Ao Mário Saa! Maroto muito maroto! Para seu deleite/Alfredo Cortez». Alfredo Cortez – *O Lôdo*. Lisboa: Imprensa Libânio da Silva, 1923. Dados biobibliográficos do autor consultados na obra de Eugénio Lisboa, ob. cit., Vol. III. p. 230.

<sup>299</sup> «Ao Poeta Mário Saa/com um rijo abraço de rija consideração, apreço e estima por seu Talento, ofereço estes bonecos toscos e Cristianísimos/o amigo e admirador/Carlos Amaro/Lisboa 1928». Carlos Amaro – *S. João subiu ao Trono: Grande Auto, Ou Mistério em Seis Quadros*. Lisboa: Empresa do Anuário Comercial, 1927. Dados biobibliográficos do autor consultados na obra de Eugénio Lisboa, ob. cit., Vol. III. p. 218.

movimento intelectual e político, poeta saudosista, diplomata e crítico literário, destaca a «elegância moderna do seu espírito» e a «sua alta sensibilidade de Artista» nas quatro obras autografadas do acervo<sup>300</sup>.

Do primeiro, que exerceu a actividade de editor e nesse âmbito publicou vários livros de Teixeira de Pascoaes, destaca-se uma dedicatória de 15 de Março de 1927, em que, numa clara invocação à obra *Invasão dos Judeus*, enaltece Saa e o seu «esforçado valor de cavaleiro na guerra santa desta Pátria»<sup>301</sup>. As restantes cinco obras com notas autógrafas deste poeta e editor, que se suicidou com apenas 21 anos, atestam a amizade e a admiração que Guilherme de Faria acalentava pelo autor das polémicas teses anti-semitas<sup>302</sup>. Também o professor e escritor Hipólito Raposo invoca esta obra, agradecendo-a ao seu «camarada e amigo»<sup>303</sup>. Hipólito Raposo foi um dos fundadores da revista *Nação Portuguesa*<sup>304</sup>, órgão do *Integralismo Lusitano*, juntamente com um conjunto de personalidades onde se encontrava o já mencionado Domingos Garcia Pulido e também José Pequito Rebelo<sup>305</sup>. Garcia Pulido remeteu a Mário Saa, em 1924, a obra *Fogo Sagrado*, editada pela *Seara Nova*<sup>306</sup>. Pequito Rebelo, membro da Junta Central do

---

<sup>300</sup> «Ao Mário de Saa, admirando muito a sua arte e a sensibilidade de artista/of. o seu camarada/Corrêa da Costa/917 Lisboa». Correia da Costa – *A Legenda das Horas*. Lisboa: Oficinas Gráficas de H. Pereira & Ct.<sup>a</sup>, 1917; «Ao Mário Saa, à sua sensibilidade de Artista e à elegância moderna do seu espírito, of. o ad.<sup>or</sup> e amigo/Corrêa da Costa/Lisboa, 1923». Correia da Costa – *A Terra Ribatejana*. Lisboa: Tipografia da Ass. dos Compositores, 1922; «Ao Mário Saa, à sua elegância de espírito e à sua alta sensibilidade de Artista, of. o ad.<sup>or</sup> e amigo/Correia da Costa/Lisboa, 1923». Correia da Costa – *Eça, Fialho e Aquilino: ensaios de crítica e arte*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1923; «Ao Mário Saa, à sua sensibilidade de Artista e à sua expressão criadora, of. Correia R. Costa/Lisboa, 1924». Correia da Costa – *Dom Sebastião*. Lisboa: Livraria Portugália, 1923. Dados biobibliográficos do autor consultados na obra de Eugénio Lisboa, ob. cit., Vol. III. p. 496.

<sup>301</sup> «Ao Mário Saa, por sua extraordinária altura de Espírito, e por seu esforçado valor de cavaleiro na guerra santa desta Pátria, of., com segura admiração e amizade, Guilherme de Faria/Lx.<sup>a</sup> 15 de Março de 1927/S.C.R. da Horta Seca, II.» Guilherme de Faria – *Destino*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional de Lisboa, 1927.

<sup>302</sup> «Ao Mário Saa, sem adjectivos, mas com a mais viva e devotada admiração do Guilherme de Faria». Guilherme de Faria – *Sombra*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional de Lisboa, 1924; «Ao Mário Saa/tributo e lembrança da maior admiração e amizade do editor/Guilherme de Faria/Lx. 31-III-1925». Teixeira de Pascoaes – *D. Carlos: drama em verso*. Lisboa: D. Manuel de Castro e Guilherme de Faria Editores, 1925; «Ao seu grande Camarada Mário Saa, afectuosa homenagem de Guilherme de Faria. 17.VII.1926». Guilherme de Faria – *Saudade Minha*. Lisboa: Tipografia de Alfredo Torres, 1926; «Ao seu grande camarada Mário Saa,/Na consolante certeza/Do gosto que lhe dará,/Venho trazer este Livro/De Poesia imortal: - Versos de Frey Agostinho,/De deus e de Portugal!/Guilherme de Faria/Set.<sup>o</sup> 1927». Mendes dos Remédios (pref. e notas) – *Obras de Fr. Agostinho da Cruz*. Coimbra: França Amado Editor, 1918; «Ao Mário Saa, o seu grande admirador e amigo, Guilherme de Faria./Natal de 1927.» Guilherme de Faria – *Manhã de Nevoeiro*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional de Lisboa, 1927.

<sup>303</sup> «A Mário Saa - em agradecimento pelo seu Livro A Invasão dos Judeus - e lembrança do seu camarada e amigo/Hipólito Raposo». Hipólito Raposo – *Seara Nova*. Coimbra: “Lvmen” Empresa Internacional Editora, 1922. Dados biobibliográficos do autor consultados na obra de Eugénio Lisboa, ob. cit., Vol. III. pp. 318-319.

<sup>304</sup> Cf. [http://www.fundacao-mario-soares.pt/arquivo\\_biblioteca/cronoxx/registo\\_individ.asp?id=039139&crite rio=&pag\\_ant=pesquisa\\_gener](http://www.fundacao-mario-soares.pt/arquivo_biblioteca/cronoxx/registo_individ.asp?id=039139&crite rio=&pag_ant=pesquisa_gener).

<sup>305</sup> *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa/Rio de Janeiro: [s.d.], [195-]. Vol. XXIV, p. 400.

<sup>306</sup> «Ao Mário de Saa, ao amigo e ao artista lembrança e homenagem do/Garcia Pulido/1924». Garcia Pulido – *Fogo Sagrado*. Lisboa: Edição «Seara Nova», 1923.

Integralismo, endereçou-lhe, no final da década de sessenta, a obra *Fomento e povoamento estratégicos: Solução do problema de Angola?*. Natural de Gavião, partilhava com Saa a condição de grande lavrador e em Maio de 1968 manifestava admiração pelo «ilustre máximo Viandante das velhas estradas ainda vivas ou já mortas»<sup>307</sup>.

A obra *Invasão dos Judeus* e as teorias anti-semitas de Mário Saa foram objecto de comentário por parte de outros autores. É o caso de Augusto d'Esaguy que o intitula «o novo inquisidor (do martinho) dos judeus»<sup>308</sup>, Alberto da Cunha Dias que lhe oferece *O Desfalque do Tesouro*, cujas páginas seriam, conforme refere, de «comentário à "Invasão dos Judeus"»<sup>309</sup>, e o genealogista Luís de Bívar Guerra, que em 1950 considerava-o «brilhante espírito e autor da mais discutida obra sobre judeus»<sup>310</sup>.

Do final da década de vinte conhecemos os contactos com Albino Lapa<sup>311</sup>, José Pacheco<sup>312</sup> e Rogério de Figueirôa Rego<sup>313</sup> no âmbito da criação da *Solução Editora* e da sua publicação periódica, *A Revista*. Do conjunto de dedicatórias pertencentes a estes intelectuais, destaca-se o autógrafo de Albino Lapa que regista considerar Saa «Um dos espíritos mais inteligentes da nova geração Portuguesa»<sup>314</sup>. Ainda no final desta década e no início da seguinte registam-se também os contactos com Teixeira de Pascoaes que se envolvia no *Metropolismo*

---

<sup>307</sup> «A Mário Saa, /Ao ilustre máximo Viandante das velhas estradas ainda vivas ou já mortas e por seu mágico condão ressuscitadas, oferece este pequeno trabalho, que tem também, para terras portuguesas de África, «o tríplice fim: estratégia, colonização, civilização» agradecendo a gentileza de me ter enviado o seu grande livro e sobretudo agradecendo o tê-lo escrito, grande serviço à cultura e deleite incomparável para os que, por ele, passam a ver na poeira dos caminhos familiares as imagens da história./ o autor (por largos anos calcorreador da margem Fanzira, que tem cruzado a pé, a cavalo, de moto e automóvel e até nas aterragens de avião)/José Pequito Rebello/22-V-68». José Pequito Rebello - *Fomento e povoamento estratégicos: Solução do problema de Angola?*. Lisboa: Anuário Comercial de Portugal, 1966.

<sup>308</sup> «Ao meu querido Mário Saa./o novo inquisidor (do martinho) dos judeus /oferece o Augusto d'Esaguy/Judeu/924». Augusto d'Esaguy - *O Revolucionário*. Lisboa: Imprensa Lucas & C.<sup>a</sup>, 1924.

<sup>309</sup> Para o Mário Saa estas páginas de comentário à "Invasão dos Judeus" com um abraço amigo do/Da Cunha/1926/». Da Cunha Dias - *O desfalque do tesouro*. Lisboa/Paris: Aillaud & Bertrand, 1925.

<sup>310</sup> «Para Mário de Saa, brilhante espírito e autor da mais discutida obra sobre judeus, ofereço com as minhas homenagens, Luís Guerra/9/III/50». Luís de Bivar Guerra - *História Genealógica de uma família do Alentejo*. Beja: Minerva Comercial, 1949.

<sup>311</sup> Dados biobibliográficos do autor consultados em Janeiro de 2010: <http://www.dglb.pt/sites/DGLB/Português/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=8750>.

<sup>312</sup> Eugénio Lisboa, ob. cit., Vol. III. pp. 317-318.

<sup>313</sup> Dados biobibliográficos do autor consultados em Janeiro de 2010: <http://www.dglb.pt/sites/DGLB/Português/aas/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=9301>.

<sup>314</sup> «A Mário Saa/Um dos espíritos mais inteligentes da nova geração Portuguesa/Oferece/Albino Lapa». Albino Lapa - *A Questão dos Painéis: Esboço Histórico e Bibliografia*. Lisboa: Centro Tipográfico Colonial, 1928. Dados biobibliográficos do autor consultados na obra de Eugénio Lisboa, ob. cit., Vol. III. pp. 529-530.



*Galaico-Português* e se confessa «seu grande admirador e amigo», considerando-o «um dos mais belos espíritos modernos»<sup>315</sup>.

Durante a década de 30 vemos permanecer o contacto com personalidades como Américo Cortez Pinto, António Botto, Augusto d'Esaguy, José Régio, e também com o médico e escritor Fernando da Silva Correia<sup>316</sup>, o poeta António Pedro<sup>317</sup> e o publicista Mota Cabral<sup>318</sup>.

---

<sup>315</sup> «Ao Mário de Saa, ao meu querido confrade e amigo, Teixeira de Pascoaes». Teixeira de Pascoaes – *Sempre: Terra Proibida*. Lisboa/Paris: Livrarias Aillaud e Bertrand (Edição do Autor), [s.d.]. 1.º volume; «A Mário de Saa/o grande Poeta e querido Amigo, Teixeira de Pascoaes/ Lisboa, 1930». Teixeira de Pascoaes – *A Sombras: o Doído e a Morte; Senhora da Noite*. Lisboa/Paris: Livrarias Aillaud e Bertrand (Edição do Autor), [s.d.]. 2.º volume; «A Mário de Saa, querido confrade e amigo, of. Teixeira de Pascoaes». Teixeira de Pascoaes – *Cantos Indecisos: Vida Etérea; Elegias*. Lisboa/Paris: Livrarias Aillaud e Bertrand (Edição do Autor), [s.d.]. 3.º volume; «Ao seu querido e grande Camarada, Mário de Saa, com um grande abraço, Teixeira de Pascoaes/Lisboa 931[?]». Teixeira de Pascoaes – *Regresso ao Paraíso*. Lisboa/Paris: Livrarias Aillaud e Bertrand (Edição do Autor), [s.d.]. 5.º volume; «Ao querido confrade e amigo, Mario de Sá, com um grande abraço, Teixeira de Pascoaes/Amarante, 1931 Abril». Teixeira de Pascoaes – *O Pobre Tolo: (Elegia Satírica)*. Lisboa/Paris: Livrarias Aillaud e Bertrand (Edição do Autor), [s.d.]. 6.º volume; «A Mário de Saa, um dos mais belos espíritos modernos, o seu grande admirador e amigo, Teixeira de Pascoaes/Lisboa 1930». Teixeira de Pascoaes – *Verbo Escuro: A Beira (num Relâmpago)*. Lisboa/Paris: Livrarias Aillaud e Bertrand (Edição do Autor), [s.d.]. 7.º volume. Dados biobibliográficos do autor consultados na obra de Eugénio Lisboa, ob. cit., Vol. IV. pp. 194-197.

<sup>316</sup> «Ao seu amigo Mário Saa admirando o seu talento e como prova de muita consideração/off.º/O autor». Fernando Correia – *Á Sombra do Esculápio*. Coimbra: Moura Marques – Livraria Editora, [s.d.]. Dados biobibliográficos do autor consultados na obra de Eugénio Lisboa, ob. cit., Vol. III. p. 218.

<sup>317</sup> «Ao Mário Saa oferece o seu admirador/António Pedro/Lisboa/Julho 1928». António Pedro – *Distância*. Lisboa: Gomes & Rodrigues, L.da, 1928; «Ao Mário Saa com toda a admiração que ele sabe que lhe consagro, e a simpatia que ele não consente que se lhe não tenha./António Pedro». António Pedro – *Devagar*. Lisboa: Tipografia Portugal (Edição do Autor), 1929; «A Mário Saa o filósofo inacessível/of. o António Pedro». António Pedro – *Devagar*. Lisboa: Tipografia Portugal (Edição do Autor), 1929; «Ao Mário Saa com um abraço de grande simpatia/ of. António Pedro». António Pedro – *Máquina de Vidro: canções*. Lisboa: Oficinas Gráficas Bertrand (irmãos) L.da, 1931; «Ao Mário Saa familiar do meu santo ofício com a amizade e a admiração do António Pedro/Lisboa 1938». António Pedro – *Casa de Campo*. Lisboa: Edição do Autor, 1938. Dados biobibliográficos do autor consultados em Janeiro de 2010: <http://www.dglb.pt/sites/DGLB/Portugu%C3%aaas/atores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=10015>

<sup>318</sup> «Ao Mário Saa com admiração e simpatia/Motta Cabral/MCMXIX». Motta Cabral – *Noite de Sonhos*. Lisboa: Livraria Brasileira, 1914; «Ao Mário Saa, do escritor e do amigo./Motta Cabral/MCMXX/Lisboa - R. Bernardim Ribeiro 27-2º». Motta Cabral – *Quadros Ribatejanos*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1920; «Ao Mário Saa, com um grande abraço./Motta Cabral/ Lxª Out. 922». Motta Cabral – *Toiradas na região Ribatejana*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1922; «Ao seu muito amigo – Mário Saa – o mais brilhante espírito da geração – com simpatia e admiração/of.º Motta Cabral/Março 925». Motta Cabral – *Ao Sol: (notas dum ribatejano)*. Lisboa: Portugália Editora, [1925]; «Ao querido amigo Mário Saa – ao seu talento de escritor, com um apertado abraço do camarada admirador/Motta Cabral/Vallada do Ribatejo – 1928». Motta Cabral – *Á Vara Larga: (Notas dum ribatejano)*. Lisboa: J. Rodrigues & Cª, 1928; «Ao querido Mário Saa, ao seu espírito combativo, à sua amizade, of.º o camarada admirador/Motta Cabral/1932 Fevº 24 Lxª». Motta Cabral – *Cultura de Arroz e Sezonismo (Vozes no Deserto)*. Separata de «A Medicina Contemporânea», n.º 4. Lisboa: Tipografia Labor, 1932; «Ao seu muito querido camarada Mário Saa/of.º o admirador/Motta Cabral/1934 maio». Motta Cabral – *Um livro de Marañon (raiz y Decoro de España)*. Separata de «A Medicina Contemporânea», n.º 19. Lisboa: Imprensa Médica, 1934; «Ao Mário Saa/o seu grande admirador e amigo/Motta Cabral/1935 julho». Motta Cabral – *O Flagelo do Sezonismo*. Separata de «A Medicina Contemporânea», n.º 21. Lisboa: Centro Tipográfico Colonial, 1935; «Ao Mário Saa com um grande abraço/Motta Cabral/Dez.º 1938». Motta Cabral – *Aspectos da Malária no Ribatejo*. Separata de «África Médica», n.º 7-8. Lisboa: [s.n.] 1938; «Ao Mário Saa com dois abraços/Motta Cabral». Motta Cabral – *A Propósito da Malária no Ribatejo (Uma charada clínica...)*. Separata de «África Médica», n.ºs 1-2. Lisboa: [s.n.] 1939. Dados bibliográficos do autor consultados em Janeiro de 2010: <http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1W6408857H906.9385&profile=bn&uri=link=31>.

Distribuindo cronologicamente as dedicatórias apercebemo-nos que é durante esta década e a anterior que o seu círculo de sociabilidade intelectual mais se terá alargado. Assim, vemos surgir entre os autógrafos dos anos trinta intelectuais que exerceram cargos de direcção na Biblioteca Nacional e Torre do Tombo, como a A. Botelho da Costa Veiga<sup>319</sup>, escritor e investigador de história militar, e António Baião<sup>320</sup>, intelectual dedicado à história da inquisição portuguesa. Podemos também citar, Rebelo Gonçalves<sup>321</sup>, professor catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa e autor de *Dissertações Camonianas*, Artur Augusto<sup>322</sup>, amigo de Fernando Pessoa, dedicado ao estudo das matemáticas e do ocultismo, e fundador da publicação periódica modernista *Momento*, onde Mário Saa colaborou em 1936. Com interesses próximos de Saa, o historiador e investigador de heráldica, Conde de S. Paio<sup>323</sup>, transmite a proximidade e a admiração em quatro dedicatórias do

---

00018~!84084~!3100024~!3100022&aspect=basic\_search&menu=search&ri=1&source=~!bnp&term=Cabral %2C+Mota%2C+1889-%3F&index=AUTHOR#focus.

<sup>319</sup> «Para o Ex.mo Senhor Mário Saa, muito ilustre escritor/ Homenagem de A. B. da Costa Veiga». A. Botelho da Costa Veiga – *Questões Históricas*. Lisboa: Sociedade Industrial de Tipografia, Lda, 1937. Vol. I; «Para o Ex.mo senhor Mário Saa, homenagem, muito sincera, de A. B. da Costa Veiga». A. Botelho da Costa Veiga – *Solução do problema cronológico da segunda reconquista cristã de Coimbra*. Separata da revista «Brotéria». Lisboa: [s.n.], 1938; «Para o Ex.mo Sr. Mário Saa, muito ilustre investigador histórico/Homenagem da Biblioteca Nacional/o Director/A. B. da Costa Veiga». A. B. da Costa Veiga (pref.) – *Índex das notas de vários tabeliães de Lisboa*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1944. Tomo 3.º. Dados biobibliográficos do autor consultados em Janeiro de 2010: <http://www.iplb.pt/sites/DGLB/Portugu%C3%AAs/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=9104>.

<sup>320</sup> «Ao prezado amigo, Mário Saa, ilustre publicista, homenagem do Autor». António Baião – *Episódios Dramáticos da Inquisição Portuguesa*. Lisboa: Seara Nova, 1936. Dados biobibliográficos do autor consultados em Janeiro de 2010: <http://www.iplb.pt/sites/DGLB/Portugu%C3%AAs/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=9163>.

<sup>321</sup> «Ao Ex.mo Sr. Mário Saa, com a mais cordial simpatia literária e com a maior gratidão, of. Rebêlo Gonçalves/ Lx.ª, Julho de 1938». Rebêlo Gonçalves- *Filologia e Literatura*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937; «Ao Ex.mo Sr. Mário Saa, como testemunho da maior consideração pelos seus estudos camonianos, of. Rebêlo Gonçalves/Lx.ª, Julho de 1938». Rebelo Gonçalves – *Dissertações Camonianas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937; «Ao Ex.mo Senhor Mário Saa, com a maior admiração e a gratidão mais afectuosa, of. Rebêlo Gonçalves/Coimbra, Fev.º de 1941». Rebêlo Gonçalves – *Língua Imperial*. Separata do «Boletim da Academia das Ciências de Lisboa», Vol. XII. Lisboa: Otosgráfica, L.da, 1940. Dados biobibliográficos do autor consultados em Janeiro de 2010: <http://www.iplb.pt/sites/DGLB/Portugu%C3%AAs/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=9951>.

<sup>322</sup> «Ao MARIO SAA artista da minha particular admiração ofereço/Artur Augusto/Lisboa-Abril-35». Artur Augusto – *Imagem: ensaios críticos*. Lisboa: Edições Momento, 1935; «Ao Mário Saa, em quem admiro um artista de rara sensibilidade e um belo camarada, oferece o Artur Augusto/Lisboa, O.bro[?] 1935». Artur Augusto – *Viagem: quasi romântica*. Lisboa: Edições Momento, 1935; «Aos diversos Mário Saa que conheço; ao poeta, ao crítico, ao romancista e ao Amigo, com a maior admiração por todos eles/Of.º o único/Artur Augusto». Artur Augusto – *Viagem: quasi romântica*. Lisboa: Edições Momento, 1935; «Ao Mário Saa, com a maior admiração do camarada e amigo/Artur Augusto/Lisboa, Maio 38». Artur Augusto – *O Anel do Amor*. Lisboa: Edições Momento, 1938. Dados biobibliográficos do autor consultados em Janeiro de 2010: <http://www.iplb.pt/sites/DGLB/Portugu%C3%AAs/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=10354>.

<sup>323</sup> «Ao meu querido Mário, do António Pedro». Conde de Payo (D. António) – *Uma Carta Inédita de Parentesco e Brazão Darnas: Os Vasconcellos Vilalobos do Alentejo*. Lisboa: Tipografia do Comércio, 1925; «Ao querido Mário Saa do C. de São Payo, A.». Conde de São Payo (D. António) – *Do Direito Heráldico Português: ensaio histórico jurídico*. Lisboa: Centro Tipográfico Colonial, 1927; «Ao queridíssimo Mário Saa com a amizade e a muita admiração de sempre constantemente/António Pedro». Conde de São Payo – *Subsídios para a história dos judeus portugueses nos Países Baixos*. Separata do II Volume do «Arquivo

acervo. Saa contactou também com o autor de *Bolchevismo, Subversão de todos os Valores*, o publicista Alves de Azevedo<sup>324</sup>. Azinhal Abelho<sup>325</sup>, o conhecido investigador de etnologia rural, está também entre as personalidades que confessam admiração pela sua personalidade e o deixaram registado durante a década de 30.

Os anos quarenta, cinquenta e sessenta, a época em que o intelectual avisense deixa de constituir presença assídua nos «salões lisboetas», reflectem-se neste acervo pelo menor número de dedicatórias. Retirado na Herdade de Pero Viegas, onde passou a fixar residência, devotando-se à administração das suas propriedades e dando início ao estudo do sistema viário romano, os autógrafos nas obras da sua biblioteca, reflectindo a sua consagração intelectual, passam a ser redigidos, maioritariamente, por personalidades com menor projecção nacional. Podemos citar nomes como Júlio Evangelista<sup>326</sup> e António Manuel Couto Viana<sup>327</sup>, directores de uma página literária do jornal *Notícias de Viana*, tendo o segundo sido fundador das folhas de poesia *Távola Redonda*, e em 1956-1957 director da revista de cultura *Graal*. Ligado também à fundação da *Távola Redonda*, encontramos as dedicatórias de Fernando Guedes<sup>328</sup>, inscritas um ano depois de ter criado a *Editorial Verbo*. Outro intelectual ligado à história editorial portuguesa,

---

Histórico de Portugal». Lisboa: Bertrand (Irmãos) Lda, 1937; «Ao querido Mário Saa em memória daqueles tempos em [que] andámos juntos em armas nos rebates/Lembrança muito afectuosa e de muita admiração do Conde de São Payo». Conde de São Payo; Manuel Sampayo de C. Pimentel – *Relação dos Varões da Casa de São Paio*. Separata do «Arquivo Histórico de Portugal». Lisboa: Libânio da Silva, 1939-1940. Dados biobibliográficos do autor consultados na obra de Eugénio Lisboa, ob. cit., Vol. IV. pp. 156-157.

<sup>324</sup> «A Mário Saa o subtil aforista da Explicação do Homem com a admiração mais convicta of. o Autor». F. Alves de Azevedo – *Apontamentos: primeiro esquema para uma interpretação de valores*. Lisboa: U. P. Oficinas Gráficas, 1932. Dados biobibliográficos do autor consultados em Janeiro de 2010: <http://www.dglb.pt/sites/DGLB/Portugu%C3%AAs/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=9942>.

<sup>325</sup> «Para Mário Saa com a bela recordação da sua interessante personalidade. Esta oferta do seu patricio Azinhal Abelho/Janeiro XXXVII». Azinhal Abelho – *Confidências de um rapaz provinciano*. Lisboa: Imprensa Baroëth, 1936. Dados biobibliográficos do autor consultados na obra de Eugénio Lisboa, ob. cit., Vol. IV. pp. 446-447.

<sup>326</sup> «A Mário de Saa – ao Escritor e ao Poeta – com a homenagem e a muita admiração do Júlio Evangelista/Lx.<sup>a</sup> dia de N. S. de Fátima do Ano Santo». Júlio Evangelista – *Programa Alterado*. Lisboa: Gráfica Boa Nova, 1949. Dados biobibliográficos do autor consultados em Janeiro de 2010: <http://www.iplb.pt/sites/DGLB/Português/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=8326>.

<sup>327</sup> «Ao Poeta Mário Saa, lembrança pequeníssima de António Manuel Couto Viana/Aviz - 13-5-59». António Manuel Couto Viana – *O Avestruz Lírico: Poemas*. Coimbra: Casa do Castelo Editora, 1948; «Para o Poeta Mário Saa, com toda a admiração pelo seu alto Espírito, António Manuel Couto Viana/Aviz - 13-5-59». António Manuel Couto Viana – *O coração e a espada*. [s.l.]: Távola Redonda, 1952; «Para Mário Saa/ Poeta Poeta Poeta/ homenagem de/António Manuel Couto Viana/Aviz - 13-5-59». António Manuel Couto Viana – *A Face Nua*. [s.l.]: Távola Redonda, 1954. Dados biobibliográficos do autor consultados em Janeiro de 2010: <http://www.iplb.pt/sites/DGLB/Portugu%C3%AAs/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=9535>.

<sup>328</sup> «A Mário de Saa, que tanto admiro, Fernando Guedes/13 de Maio 1959.» Fernando Guedes – *Esfera*. Porto: Livraria Portugália, 1948; «Este [O POETA] é para Mário de Saa, símbolo de uma época./Fernando Guedes/13 de Maio 1959». Fernando Guedes – *O Poeta*. Porto: Tipografia Fonseca, 1950.; «Ao Poeta Mário de Saa, a viva admiração do Fernando Guedes/13 de Maio 1959». Fernando Guedes – *Vinte Canções voltadas a Norte*. Porto: Marânus, 1956. Dados biobibliográficos do autor consultados em Janeiro de 2010: <http://www.iplb.pt/sites/DGLB/Portugu%C3%AAs/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=7629>.

responsável pelo lançamento de importantes nomes da literatura nacional contemporânea, Francisco da Cunha Leão<sup>329</sup>, inscreveu a «simpatia intelectual» que nutria por Mário Saa no seu livro *O Enigma Português*. Cunha Leão foi, curiosamente, autor do prefácio da obra *Ensaio sobre a Cultura Galega* de Ramón Otero Pedrayo, o deputado galego com quem Saa se correspondeu.

Merecem também destaque o publicista e diplomata Manuel Anselmo<sup>330</sup>, o professor António Telmo<sup>331</sup>, Mário Lyster Franco<sup>332</sup>, delegado pelo Algarve na Comissão Executiva das Comemorações Centenárias de 1940 e com diversas funções ligadas à valorização do património arqueológico, o historiador e jornalista, secretário-geral da Assembleia Nacional durante o regime da ditadura, Costa Brochado<sup>333</sup>, e Reis Brasil<sup>334</sup>, estudioso de Camões e Gil Vicente.

---

<sup>329</sup> «A Mário Saa, com a maior admiração e simpatia intelectual/FLeão». Francisco da Cunha Leão – *O Enigma Português*. Lisboa: Guimarães Editores, 1960. Dados biobibliográficos do autor consultados em Janeiro de 2010: <http://www.iplb.pt/sites/DGLB/Portugu%C3%AAs/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=6759>.

<sup>330</sup> «Para o Mário Saa: – bizarro dos bizzarros da prosa e o sensualista pessoal do lápis - com a muita admiração do Manuel Anselmo/Lisboa, 20-12-930». Manuel Anselmo – *Tragédia do Querer Viver*. Coimbra: Casa Minerva, 1929; «Para o Mário Saa - presente! Do Manuel Anselmo». Manuel Anselmo – *A paisagem e a melancolia no drama lírico de Feijó*. Viana: Tipografia Comercial “A Aurora do Lima”, 1933; «Para Mário Saa glória da nova geração, homenagem do Manuel Anselmo». Manuel Anselmo – *O Mutualismo como doutrina social*. Viana: Tipografia Comercial “A Aurora do Lima”, 1933; «Ao Mário Saa - que tem no espírito a latitude e a longitude da Poesia e, por isso, chega a todas as vias da Verdade! - homenagem amiga do Manuel Anselmo/Lx.<sup>a</sup> 26.XII.960». Manuel Anselmo – *Os cadernos de Manuel Anselmo*. Lisboa: Editorial, Organizações, Lda, 1960. Vol. I, Fascículo III; «Ao Mário Saa - ao prosador, ao Poeta, ao escritor, ao historiador, ao ensaísta, ao homem culto por [...] pessoal/Bom Natal! - com a velha amizade do Manuel Anselmo/Lx.<sup>a</sup> 26-XII-960». Manuel Anselmo – *Os cadernos de Manuel Anselmo*. Lisboa: Editorial Organizações, Lda., 1960. Vol. I, Fascículo IV; «Ao Mário Saa - que sabe descobrir e sabe encontrar na vertigem da Descoberta a Palavra criadora/certa – homenagem amiga do Manuel Anselmo/Lx.<sup>a</sup> 26.XII.960». Manuel Anselmo – *Os cadernos de Manuel Anselmo*. Lisboa: Editorial Organizações, Lda, 1960. Vol. I, Fascículo V. Dados biobibliográficos do autor consultados em Janeiro de 2010: <http://www.iplb.pt/sites/DGLB/Portugu%C3%AAs/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=10025>.

<sup>331</sup> «A Mário Saa, ao autor de “Erridânia”, homenagem do António Telmo». António Telmo – *Arte Poética*. Lisboa: Teoremas de Teatro (Edição do Autor), 1963. Dados biobibliográficos do autor consultados em Janeiro de 2010: <http://www.iplb.pt/sites/DGLB/Portugu%C3%AAs/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=8355>.

<sup>332</sup> «Ao Mário Saa - com um grande abraço, do seu velho Amigo e admirador/Mário Lyster Franco/Faro, 30/5/942 - A D.». Mário Lyster Franco – *Porque me orgulho de ser algarvio*. Faro: Livraria de Eduardo João da Silva, 1942. Dados biobibliográficos do autor consultados em Janeiro de 2010: <http://www.iplb.pt/sites/DGLB/Portugu%C3%AAs/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=9318>.

<sup>333</sup> «Meu caro Mário Saa,/Aí vai, para submeter à sua inteligência rara e aos seus múltiplos talentos, o meu último trabalho. E creia-me sempre, com viva simpatia, Admirador e Amigo certo/Costa Brochado/Lisboa 28-XI-46». Costa Brochado – *Afonso de Albuquerque*. Lisboa: Portugália Editora, 1943; «Ao Mário Saa – o único seu contemporâneo que não é igual a ninguém e que jamais apareceu, em público, sem originalidade. Homenagem do seu admirador/Costa Brochado/Lisboa, 15 dezembro 1960». Costa Brochado – *Descobrimiento do Atlântico*. Lisboa: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1958; «Ao Mário Saa/incomparável navegador das águas do espírito e genial descobridor de rumos encobertos nas sombras da História. Homenagem do seu camarada/Costa Brochado/Lisboa, 15 dezembro 1960». Costa Brochado – *O Piloto Árabe de Vasco da Gama*. Lisboa: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1959; «Ao Mário Saa/ [...]e para cujo alto espírito ainda vale a pena escrever. Homenagem do seu admirador. Com o melhor abraço da velha e firme camaradagem. Lisboa, 31 Maio 1965/Costa Brochado». Costa Brochado – *D. Pedro I: «Em Prol Do Seu Pobo»*. Lisboa:

Para o  
Dr. Mário Saa  
com a estima e  
um afectivo abraço  
de António Borge  
Primavera de 1964

Figura 13: Dedicatória de António Borge, 1964. Arquivo FAPT.

Embora Mário Saa esteja, pela sua obra, alinhado com direita intelectual, vemos surpreendentemente surgir entre os autores das dedicatórias personalidades de campos ideológicos opostos. Referimo-nos a António Borge<sup>335</sup>, um autor enquadrado nos cânones do neo-realismo, ao médico e historiador José Pires

---

Livraria Sá da Costa, [1965?]. Dados biobibliográficos do autor consultados em Janeiro de 2010: <http://www.iplb.pt/sites/DGLB/Portugu%C3%AAs/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=11319>.

<sup>334</sup> «Liceu de Santarém/29/V/64/Ao distinto escritor e bom amigo [...] Sr. Dr. Mário Saa como prova de muita admiração e sincera amizade oferece/Reis Brasil». Reis Brasil – *O Amor em Camões: (Nova interpretação do tipo psicológico)*. Fundão: Tip. do «Jornal do Fundão», 1957. 3.ª Edição; «25/5/968/Ao insigne investigador e notável [ensaísta?] Sr. Doutor Mário de Saa com a admiração profunda e sincera do Reis Brasil». Reis Brasil (org.) – *Gil Vicente: Obras Completas*. Lisboa: Editorial Minerva, 1966. Vol. I; «25/5/968/Ao grande mestre do lusitanismo, ao infatigável investigador Sr. Doutor Mário de Saa homenagem de sincera admiração de Reis Brasil». Reis Brasil – *Gil Vicente: Obras Completas*. Lisboa: Livraria Portugal, 1968. Vol. II. Dados biobibliográficos do autor consultados na obra de Eugénio Lisboa, ob. cit., Vol. IV. pp. 342-343.

<sup>335</sup> «Para o Dr. Mário Saa com a estima e um afectivo abraço do António Borge/Primavera de 1964». António Borge – *O Comboio da Madrugada*. Lisboa: Arcádia, [s.d.]; «Para o Dr. Mário Saa/- ao Homem e ao Artista esta [NOITE REVELADA: HISTÓRIAS] com a velha admiração e os afectuosos cumprimentos do António Borge/Primavera de 1964[?]». António Borge – *Noite Revelada: Histórias*. Lisboa: Editorial Organizações, Limitada (Edição do Autor), 1960. Dados biobibliográficos do autor consultados na obra de Eugénio Lisboa, ob. cit., Vol. IV. p. 216 e em Janeiro de 2010: <http://www.iplb.pt/sites/DGLB/Portugu%C3%AAs/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=8713>.

Gonçalves<sup>336</sup> que aderiu em 1945 ao *Movimento de Unidade Democrática*, e ao militante do *Partido Comunista Português*, Joaquim Barradas de Carvalho<sup>337</sup>.

Pelo conteúdo das dedicatórias deste acervo estamos assim perante um autor cujo mérito era reconhecido pelos intelectuais dos vários quadrantes aqui representados. Atendendo às qualidades que lhe são atribuídas vemos mencionados bastantes vezes os seus «múltiplos talentos»<sup>338</sup> de poeta, prosador, escritor, historiador, ensaísta e arqueólogo. Esta diversidade de interesses terá levado muitos autores – como Garcia Pulido, Leonel Duarte Silva<sup>339</sup>, Artur Augusto, António Borga, Raul Brandão, Correia da Costa, Da Cunha Dias e Raul Leal – a caracterizá-lo simplesmente como «artista». Outros autores utilizam expressões como «ilustre publicista»<sup>340</sup>, «distinto escritor»<sup>341</sup>, «pensador profundo»<sup>342</sup>, «insigne investigador e notável ensaísta»<sup>343</sup>, dotado de uma «inteligência vivíssima num alto espírito»<sup>344</sup>, de «audácia de criador»<sup>345</sup>, de uma «alma dolorosa»<sup>346</sup> e de uma «cultura superior»<sup>347</sup>.

---

<sup>336</sup> «Para Mário Saa, caminheiro infatigável das Vias Romanas da Lusitânia, poeta insigne e bom Amigo/of. o Pires Gonçalves». José Pires Gonçalves – *Monsaraz e seu Termo: ensaio monográfico*. Separata do «Boletim Junta Distrital de Évora», n.º 3. Évora: Gráfica Eborense, 1963; «Para o poeta e mestre das vias romanas em Portugal Mário Sá, com a maior simpatia e velhas admiração do Pires Gonçalves/12-10-1963». José Pires Gonçalves; Afonso do Paço – *Castelo Velho do Degebe*. Separata da Secção VII das Publicações do XXVI Congresso Luso-Espanhol, Porto, 22-26 Junho 1962. Porto: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências/Instituto de Alta Cultura, 1962; «Para Mário Saa, alentejano ilustre, espírito originalíssimo e, ainda por cima, bom Amigo, com admiração e afecto do Pires Gonçalves». José Pires Gonçalves – *O Fresco dos Paços da Audiência de Monsaraz*. Separata do «Boletim da Junta Distrital de Évora, n.º 5. Évora: Gráfica Eborense, 1964; «Para Mário Sá, glorioso descobridor do menir fálico de Monsaraz e peregrino infatigável das velhas estradas romanas no nosso Alentejo, muito afectuosamente do Pires Gonçalves». José Pires Gonçalves – *Monsaraz: vida, morte e ressurreição de uma vila Alentejana*. Lisboa: Casa do Alentejo, 1966; «Para Mário Saa, poeta e ensaísta da romanização peninsular, com a maior admiração do Pires Gonçalves». José Pires Gonçalves – *A Igreja Velha de Santo António dos Reguengos*. Évora: Palavra, 1969.

<sup>337</sup> «Ao escritor Mário Saa com a estima e a admiração de Joaq. Barradas de Carvalho». J. Barradas de Carvalho – *As Ideias Políticas e Sociais de Alexandre Herculano*. Lisboa: Tipografia Garcia & Carvalho, Lda, 1949; «Ao primo Mário Saa com a admiração e a simpatia de Joaquim Barradas de Carvalho/Galveias, Out.º 1960». Joaquim Barradas de Carvalho – *Sur l'introduction et la diffusion des chiffres arabes au Portugal*. [Lisboa]: Livraria Bertrand, 1958. Dados biobibliográficos do autor consultados em Janeiro de 2010: <http://www.iplb.pt/sites/DGLB/Portugu%c3%aas/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=7924>.

<sup>338</sup> Cf. dedicatória de Costa Brochado de 28.11.1946.

<sup>339</sup> «Ao Mário Saa, Ao Poeta, Ao Artista, Ao Amigo - Para a sua alma - Para a sua Inteligência - Para o seu Espírito/oferece com um abraço/Lisboa, Maio 1928/Leonel Duarte Silva». Leonel Duarte Silva - *Luar D'Agosto*. Lisboa: Tipografia Inglesa Limit., 1928.

<sup>340</sup> Cf. dedicatória de António Baião.

<sup>341</sup> «Ao talentoso Mário Saa distinto escritor [...]». José Paes de Vasconcellos Abranches – *Bases para a organização dos serviços de Assistência Pública*. Lisboa: [s.n.], 1930; «Ao distinto escritor Sr. Mário de Saa/oferece [António José Torres De Carvalho]». António José Torres de Carvalho – *Bibliografia Transtagana*. Elvas: Tipografia Progresso, 1938. Cf. dedicatórias de Reis Brasil.

<sup>342</sup> Cf. dedicatórias de Américo Durão.

<sup>343</sup> Cf. dedicatórias de Reis Brasil.

<sup>344</sup> Cf. dedicatórias de António Botto.

<sup>345</sup> «Para Mário de Saa/ com a maior admiração pelo seu talento e a sua audácia de criador de ideias claras, num mundo de ideias obscuras. Dedicar e consagra Garcia Domingues[?]/Lx.ª 19/10/42». Garcia Domingues – *O Pensamento Alemão: Ensaio sobre o sentido da alma germânica e espírito da nova Europa*. Lisboa: Sociedade Astória, Lda., 1942.

<sup>346</sup> Cf. dedicatórias de Luís de Montalvor.

Outros autores dão destaque a áreas específicas como a filosofia<sup>348</sup>, os estudos camonianos<sup>349</sup> e a sua faceta nacionalista<sup>350</sup>, no âmbito da qual se insere o seu polémico trabalho sobre os judeus<sup>351</sup>. São também mencionadas frequentes vezes as suas qualidades de historiador<sup>352</sup> e arqueólogo<sup>353</sup>.

Entre os atributos mencionados é de sublinhar ainda o lugar de destaque que lhe conferem várias personalidades. Referimo-nos a António Botto que o classifica como «um dos mais belos espíritos» do seu tempo, a Mota Cabral que o designa como «o mais brilhante espírito da geração» e também António Ferro que registou ser Mário Saa «um dos maiores talentos do Portugal Moderno». Podemos também citar Albino Lapa que o classifica como «Um dos espíritos mais inteligentes da nova geração Portuguesa», Teixeira de Pascoaes que se confessa seu admirador considerando-o «um dos mais belos espíritos modernos» e Adolfo Casais Monteiro

---

<sup>347</sup> «Ao querido Mário Saa, com a admiração de sempre pelo seu talento real e pela sua cultura superior/Armando Gonçalves Pereira». Armando Gonçalves Pereira – *As doutrinas de Malthus: e as questões demográficas da actualidade*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras-Oficinas Gráficas, 1936.

<sup>348</sup> Cf. dedicatórias de Leite de Vasconcelos, de António Pedro, João Gaspar Simões e António Ferro.

<sup>349</sup> «Ao meu excelente amigo, camarada distinto nas letras e valioso [...] histórico da literatura pátria, ofereço, com sincera admiração: A Mário Saa, que desenterrou da poeira do esquecimento os “Poemas Heróicos de Simão Vaz de Camões”/O seu frater em arte/Eugénio Vieira/L.<sup>a</sup> 29-7-1921». Eugénio Vieira – *Flor da Lama (Contos)*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1916. Cf. também dedicatórias de Rebelo Gonçalves e João Gaspar Simões.

<sup>350</sup> Cf. dedicatórias de Guilherme de Faria.

<sup>351</sup> «Para o querido Amigo Mário de Saa, “maravilha fetal” da genealogia portuguesa, chicote dos hebreus, carinhoso redentor da família de Camões, descobridor do Bairro Alto dentre as brumas do passado, este exemplar do meu trabalho em jeito de homenagem, admiração e amizade./Lisboa, Casa de Sasmaraçal[?], 4-Abril-1924/ Frederico Gavazzo Perry Vidal». Frederico Gavazzo Perry Vidal – *Genealogias Reais Portuguesas: Descendência de S. M. El-Rei o Senhor Dom João VI*. Lisboa: Guimarães & C.<sup>a</sup> Editores, 1923; «A Mário de Saa com um bom abraço de soldado anti-semita/ of.ce João[?] Menezes Ferreira». Menezes Ferreira – *À Luz do Lampadário: versos e desenhos*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Empresa do Anuário Comercial (Edição do Autor), 1927. Cf. também dedicatórias de Almada Negreiros, da Cunha Dias, Augusto d’Esaguy, Luís Bivar Guerra, Hipólito Raposo e Américo Cortez Pinto.

<sup>352</sup> «Ao Ex.mo[?] Senhor Mário Saa, Ilustre Historiador, of. Carlos de Sousa». Carlos Hermenegildo de Sousa – *Reflexões sobre política económica*. Lisboa: Edições Brotéria, 1957; «Ao Ex.mo Senhor/Mário Saa, infatigável investigador e muito ilustre historiador, como jeito de homenagem e recordação da sua estada em Numão/oferece João Ferreira[?]». J. A. Pinto Ferreira – *Antiguidades de Numão*. Porto: Empresa Industrial Gráfica do Porto, 1953; «Of: À inteligência cintilante e ao espírito gentil do Mário de Saa, escritor ilustre que revolve os recantos[?] da história e o pensamento[?] dos novos, com um abraço do autor: Camilo Valente/Março de 1943». Camilo Valente – *Linda Lisboa*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia (Edição do Autor), 1941; «Ao meu velho e ilustre[?]/ amigo investigador de história/MÁRIO SAA, com um abraço/Albino Lapa». Albino Lapa – *Dicionário de Calão*. Lisboa: Sociedade Gráfica Nacional, Lda, 1959; «Ao Senhor Mário de Sá, como humilde testemunho de admiração pelo seu talento e autoridade de historiador, oferece o autor/António Serras Pereira». António Serras Pereira – *Portugal na História de Civilização*. Lisboa: Edição José Fernandes Júnior, 1928.

<sup>353</sup> «Ao Ex. Escritor e Arqueólogo Sr. Mário Saa/Homenagem do autor/Viseu e Casa da Via Sacra, junho.957/José Coelho». José Coelho – *Memórias de Viseu*. Viseu: Edição do Autor, 1941; «Ao Senhor Dr. Mário Saa, ilustre[?] historiador e arqueólogo, com o máximo apreço, pede licença para oferecer/Viseu 14-I-58/Moreira de Figueiredo». Moreira de Figueiredo – *Subsídios para o Estudo da Viação Romana das Beiras*. Separata da revista «Beira Alta». Viseu: Tipografia da Beira Alta, 1953; «Ao Mário Saa - às grandes vias da Lusitânia, a vénia reconhecida deste Roteiro Sentimental – mais um abraço de velha estima, camaradagem e admiração do Manuel Mendes/Lisboa/Cabeça do Império/ Maio de 1968». Manuel Mendes – *Os Oficinas: roteiro sentimental*. Lisboa: Seara Nova, 1967. Cf. também dedicatórias de Aquilino Ribeiro.

que na obra que ofereceu a Mário Saa registou considerá-lo «grande Poeta, e pensador dos mais originais» do seu tempo.

Estas considerações permitem-nos concluir que Mário Saa, desde as suas primeiras publicações até ao final do seu percurso intelectual, viu reconhecido o seu trabalho entre a elite intelectual portuguesa dos diversos quadrantes, literários e ideológicos. O valioso acervo bibliográfico que expusemos permitiu-nos também delinear os seus círculos de sociabilidade literária e intelectual. Vemos que conviveu com os principais vultos do primeiro e segundo modernismo, manteve um contacto próximo com parte das individualidades ligadas ao *Integralismo Lusitano*, e durante a década de sessenta congregou a admiração e o respeito de personalidades de campos ideológicos opostos.

Este acervo reflecte também o seu progressivo retiro dos meios boémios da capital a partir da década de 40, período em que inicia as suas frequentes «excursões arqueológicas» pela *Lusitânia*, e mais tarde, na década de 60, o projecto de criação de uma Fundação para preservação da sua biblioteca e colecção de materiais arqueológicos. Pretendendo também preservar a memória da sua família através desta instituição, em boa hora nos legou estes seus acervos onde encontramos preciosidades documentais como as que acabámos de expor.

Concluimos com uma dedicatória de Américo Cortez Pinto<sup>354</sup>, cujo conteúdo reflecte os seus últimos anos de vida, a época em que se dedicou à administração das suas propriedades no Alentejo e à organização do seu legado que haveria de disponibilizar na Fundação Arquivo Paes Teles.

*A D. Valdevinos da Cunha, por antonomásia Mário Saa*

*D. VALDEVINOS DA CUNHA  
QUE LÁ NAS TERRAS DE AVIS  
OLHA O SOBRAL RAMALHUDO  
QUE EM CORTIÇA SE DESUNHA,  
E PONDO-O LIMPO E DESNUDO  
FAZ O SEU NEGÓCIO CHORUDO  
COMO UM LAVRADOR FELIZ;*

*D. VALDEVINOS DA CUNHA*

---

<sup>354</sup> O poema foi parcialmente dactiloscrito numa página adicionada à folha de rosto da publicação *Negócios Chorudos e Negócios em Pantanas*. Separata da «Revista Portugal – série A: Língua Portuguesa», vol. XXXIII. Lisboa: [s.n.], 1968. Assinalamos com maiúsculas a parte dactiloscrita. Os sublinhados são do autor.



*QUE ERGUENDO AOS CÉUS O NARIZ  
PROCURA A ESTRELA DO NORTE  
PRA SEGUIR A TRAMONTANA,  
E A RODA DO LEME EMPUNHA  
COM TAL CERTEZA E TAL GANA,  
QUE POR ISSO TEM A SORTE  
DE NUNCA DAR EM PANTANA;*

*D. VALDEVINOS DA CUNHA!  
AQUI TEM – DEITE-LHE A UNHA –  
PRA UM MINUTO DOS SEUS ÓCIOS,  
ESTE LIVRO RABISCADO,  
POR UM DOS MUITOS BEÓCIOS  
QUE EM ASSUNTOS DE NEGÓCIOS  
NÃO TEM MAIS QUE PALAVRIADO [SIC]*

*D. VALDEVINOS DE SÁ!  
ORA VIVA! COMO ESTÁ?  
SAIA LÁ DOS SEUS ABRIGOS,  
DESÇA LÁ DO SEU POLEIRO!  
GUARDE LÁ O SEU DINHEIRO  
E CHEGUE-SE AOS SEUS AMIGOS!*

*DEIXE-SE DESSAS MANIAS  
DAS SOLIDÕES ARREDIAS  
COM AUSÊNCIAS TÃO ENORMES!  
SAIA-ME DESSE RECINTO,  
POIS ISSO AÍ NÃO É TORMES,  
E NEM VOCÊ É JACINTO!*

*E SE DISSO FOR CAPAZ,  
DEIXE AS GALINHAS EM PAZ,  
E VENHA VER ESTE PINTO!  
- E AGORA, PONTO FINAL.  
LISBOA, TANTOS DE TAL.»*

## 6. Interacção com a Europa Intelectual

Depois de apontar o papel activo de Mário Saa no campo cultural português, interessa-nos agora salientar o carácter transnacional da sua prática cultural e publicista, onde é evidente a influência do contexto cultural europeu plasmado na sua ligação ao Modernismo e na sua identificação com os referentes da direita autoritária europeia, partidária da defesa da nação, da preservação social e da razão superior do Estado.

Mário Saa foi, efectivamente, um dos representantes portugueses da «modernidade» europeia de inícios do século XX, que funcionava através de uma série de conexões entre as artes e os países, tendo Paris, mas também Viena, Berlim e Munique como centros mais destacados<sup>355</sup>. Uma «modernidade» que se alicerçava nas correntes de pensamento do século XIX, e se manifestava no culto da novidade, da aventura e da liberdade. Em Portugal o movimento atacou de maneira irreverente «os valores dominantes da pequena-burguesia saída do liberalismo», sendo entendido “como a primeira tentativa séria de revolucionar não só a literatura e a linguagem como as próprias formas de pensar e de viver”<sup>356</sup>.

Na sua componente literária, o Modernismo terá sido introduzido entre nós por personalidades como Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros, Raul Leal e Luís de Montalvor, sendo entendido o lançamento da revista *Orpheu*, no ano de 1915, como “o primeiro grito moderno que se deu em Portugal”<sup>357</sup>.

O ano de lançamento desta revista, considerada por Fernando Pessoa, “a única ponte entre Portugal e a Europa”<sup>358</sup>, corresponde ao ano de estreia de Mário Saa com dois poemas de fundo neo-romântico, ainda alheados, portanto, do vanguardismo literário que o consagraria. A sua ruptura com a matriz neo-romântica e a sua associação à «libertação expressiva característica da modernidade» terá ocorrido a partir de 1924<sup>359</sup>. Assim, no que se refere à sua produção poética, a sua conjugação com o Modernismo situar-se-á entre o vanguardismo do *Orpheu* e o movimento da *Presença*, revista que contribuiu para a “difusão e aceitação das obras dos modernistas de 1915, além de ter

<sup>355</sup> Asa Brigs e Patricia Clavin – *História Contemporânea de Europa (1789-1989)*. Barcelona: Crítica, 1997. p. 199-200.

<sup>356</sup> João Camilo dos Santos, ob. cit., p. 257.

<sup>357</sup> Almada Negreiros – “Um aniversário – Orpheu”. Suplemento Literário do *Diário de Lisboa*. 8 Março 1935. p. 7.

<sup>358</sup> Teresa Rita Lopes (coord.) – *Pessoa Inédito*. Lisboa: Livros Horizonte, 1993. p. 96.

<sup>359</sup> João Rui de Sousa – *Mário Saa...*, pp. 15-16, 35-36.

desempenhado semelhante papel na difusão das ideias e da arte moderna francesa e europeia da época<sup>360</sup>.

O contacto com este espírito «moderno» e com os intelectuais da geração *Orphica* terá primeiramente influenciado a obra *Evangelho de S. Vito* e outros textos de teor filosófico que o autor publicou na revista *Contemporânea* entre 1922 e 1923. Nestas suas primeiras publicações em prosa, foi já identificada a presença tutelar de dois dos mais destacados filósofos europeus da época, Bergson e Nietzsche.

Henri Bergson, representante da mudança do espírito da filosofia em França<sup>361</sup>, terá sido dos filósofos mais considerados pela geração de literatos e ensaístas portugueses das primeiras décadas do século XX, onde se destacam os pertencentes ao movimento da *Renascença Portuguesa*<sup>362</sup>. Embora não integrado neste movimento cultural, mas em contacto com alguns dos intelectuais que dele faziam parte, a Mário Saa não foi indiferente a filosofia do autor do conceito de *élan vital*. A investigação realizada por João Rui de Sousa identifica em vários textos do autor – *Evangelho de S. Vito*, “Mário, o inculto”, *Explicação do Homem* – alguns trechos onde é visível essa influência. Este investigador menciona também a existência de um «texto humoradamente autobiográfico» onde Saa se atribui o nome de «Bergson Júnior»<sup>363</sup>. O contacto com a filosofia bergsoniana está também patente num apontamento realizado no livro *Arte Poética*, de António Telmo, editado em 1963. Na última página do exemplar desta obra da sua biblioteca expôs Mário Saa a influência que Bergson exerceu sobre aquele autor português<sup>364</sup>.

Também em *Evangelho de S. Vito*, é clara a influência de um dos mais preponderantes filósofos do século XIX, Friedrich Nietzsche. Mário Saa, é aliás considerado, como já referimos, simultaneamente com Fernando Pessoa e Almada Negreiros, um dos «principais receptores da obra nietzschiana» em Portugal<sup>365</sup>.

---

<sup>360</sup> João Camilo dos Santos, ob. cit., p. 260.

<sup>361</sup> George L. Mosse – *La Cultura europea del siglo XX*. Barcelona: Editorial Ariel, 1997. pp. 27-28.

<sup>362</sup> António Marques – “Observações sobre a recepção de Nietzsche em Portugal: de Pessoa aos nossos dias”. *Enrahonar* 35, 2002. p. 67.

<sup>363</sup> João Rui de Sousa – *Mário Saa...*, pp. 51-52.

<sup>364</sup> “Impressiona-me como compreensão[?] profunda de Bergson, para lá da Pragmática, e em prosa magistral. Obra Perfeita. Só depois da leitura do texto capital poderemos compreender os preâmbulos e Estes, contra a sua própria condição em Pragmática e em sentido etimológico, deveriam apresentar-se na última página da obra, para serem entendidos com o movimento adquirido nesta... Os propósitos deveriam vir no fim, depois do conhecimento da obra pelo leitor, à guisa de ilustração da mesma, à guisa de índice. De facto o autor escreveu-os ao cabo de tudo, como remate, mas não os pôs no fim de tudo e há desaguado nisso... Mas para a melhor compreensão desta obra de António Telmo, nós temos que ler, sucessivamente e por ordem: a) obras de Bergson (o que geralmente não acontece); b) *Arte Poética* de Telmo, propriamente dita, isto é, isto é [sic], com exclusão dos prólogos; b)[sic] os prólogos. Assim, perfeitamente tudo sucedido.” Nota autógrafa do autor na obra de António Telmo – *Arte Poética*. Lisboa: Teoremas de Teatro (Edição do Autor), 1963.

<sup>365</sup> Américo Enes Monteiro, ob. cit., p. 337.

A ideia fundamental deste filósofo nascido em 1844 "consistia em que toda a história constitui uma luta metafísica entre dois grupos: os que expressam a sua «vontade de poder», a força vital essencial para a criação de valores sobre a qual se constrói a civilização, e os que o não fazem, que são principalmente as massas criadas pela democracia"<sup>366</sup>. Estes seriam «os pobres da vida, os débeis», os que empobreciam a cultura, enquanto que «os ricos da vida, os fortes, enriquecem-na», e neles se encontram os «homens de rapina», os «ários», que se convertiam na classe ou casta dirigente<sup>367</sup>.



Figura 14: Livro publicado em 1917. Arquivo FAPT.

Em *Evangelho de S. Vito* está bem clara a opção de Mário Saa por este «aristocracismo elitista» e pela ideia de «Homem Supremo», tal como estão presentes os temas nietzschianos do cristianismo, da igualdade e da democracia, do vitalismo, do *Eterno Retorno*, da mulher, do Estado e do estatuto fingidor do poeta<sup>368</sup>. De acordo com o estudo de Américo Enes Monteiro, nesta sua obra de

<sup>366</sup> Peter Watson – *Historia Intelectual del Siglo XX*. Barcelona: Critica, 2007. p. 53.

<sup>367</sup> *Idem*.

<sup>368</sup> Cf. Américo Enes Monteiro, ob. cit., p. 357.

estreia, Mário Saa ter-se-á inspirado sobretudo na obra *Assim Falava Zaratustra*<sup>369</sup>, e em especial nos capítulos “Dos crentes em além mundos” e “Dos que desprezam o corpo”<sup>370</sup>. Este autor afirma que “não só pelo estilo aforístico e pela abundância de imagens, mas também por toda a sua estrutura e conteúdo parenéticos, onde predominam a apologia da força, da auto-afirmação, da liberdade e do «Homem Supremo»”, *O Evangelho de S. Vito*, nas suas primeiras páginas, “cria no leitor a nítida sensação de se estar perante um decalque de *Also sprach Zarathustra*”<sup>371</sup>. Na obra do autor alemão tal como em *Evangelho de S. Vito*, embora estejam presentes alguns dos componentes, não encontramos ainda as explícitas conotações rácicas que Saa viria a beber noutros autores europeus, especialmente em Houston Chamberlain, cujas ideias encontramos bem presentes em obras como *Portugal Cristão-Novo ou os Judeus na República* e *A Invasão dos Judeus*.

Houston Stewart Chamberlain é considerado um dos «maiores profetas» do racismo alemão<sup>372</sup>. Este escritor de origem inglesa, que emigrou para a Alemanha e contraiu matrimónio com uma filha de Richard Wagner, defendeu nos seus escritos filosóficos e políticos uma posição nacionalista baseada na teoria da superioridade racial dos povos germânicos. Para este autor a luta racial era “fundamental para entender de forma ‘científica’ a história e a cultura”<sup>373</sup>. É justamente esta ideia que vemos transposta para o caso português nas supra-citadas obras *Portugal Cristão-Novo* e *A Invasão dos Judeus*. Publicado em 1921, *Portugal Cristão-novo* constituiu um manifesto onde Saa exprime a necessidade de defesa da raça a bem do progresso do país, que se tinha tornado numa “Nova Palestina”<sup>374</sup>, uma ideia que desenvolveria em *Invasão dos Judeus*. Nesta última publicação, considerada por Jorge Martins a obra mais notável do anti-semitismo moderno português<sup>375</sup>, Saa explica a história e a decadência portuguesa através da luta rácica que decorria desde o século V, opondo os suevos, ascendentes dos portugueses, aos judeus, que vieram a dominar Portugal. Considerando a «civilização portuguesa» um fenómeno puramente suevo, Saa considera que foi depois de 1496, com o surgimento dos cristãos-novos, que começou a decadência do país, associada ao facto de a raça

---

<sup>369</sup> Na biblioteca da Fundação Arquivo Paes Teles encontramos um exemplar desta obra bastante manuseado e anotado.

<sup>370</sup> Américo Enes Monteiro, ob. cit., p. 360.

<sup>371</sup> *Idem, Ibidem*, p. 372.

<sup>372</sup> Eric Hobsbawm – *A Questão do Nacionalismo: nações e nacionalismo desde 1870*. Lisboa: edições Terramar, 2004. p. 103.

<sup>373</sup> Mike Hawkins – *Social Darwinism in European and American Thought 1860-1945*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. pp. 109-118.

<sup>374</sup> Mário Saa – *Portugal Cristão-Novo...*, p. 8.

<sup>375</sup> Jorge Martins – “A literatura anti-semita em Portugal (séculos XV a XX)”. Consultado em Julho de 2009: [http://arquimedes.isce-odivelas.com/uploaddata/247/Literatura\\_antijucaica.doc](http://arquimedes.isce-odivelas.com/uploaddata/247/Literatura_antijucaica.doc).

semita estar instalada na sociedade dominando os sectores político, económico, religioso e cultural.

Para defender esta posição Mário Saa apoia-se, maioritariamente, no já mencionado autor Houston Stewart Chamberlain, cuja obra *Os Fundamentos do Século XIX* é profusamente citada ao longo das mais de trezentas páginas da sua obra. No entanto, Saa transpõe também do contexto cultural europeu outros autores seus contemporâneos como Archibald Henry Sayce<sup>376</sup>, Friedrich Heman<sup>377</sup>, declarados anti-semitas, não deixando de enumerar na defesa da sua tese autores que defendiam a perspectiva judaica, como Heinrich Graetz<sup>378</sup> ou Bernard Lazare<sup>379</sup>. No que se refere à bibliografia portuguesa Saa utilizou sobretudo *História dos Cristãos-novos portugueses*, de J. Lúcio de Azevedo, identificando-se também um autor que constitui uma referência da literatura anti-judaica em Portugal do século XVII, Roque Monteiro Paim.

As obras de cariz anti-judaico, como a seiscentista *Perfídia Judaica*, deste último autor, começaram a surgir com mais frequência em Portugal depois do estabelecimento da Inquisição, tendo a divulgação da imprensa também contribuído para o crescente número de adeptos, pelo que no início do século XVII se aponta um crescimento acelerado deste tipo de obras a par com o crescimento do terror inquisitorial vigente<sup>380</sup>. Com o decreto pombalino de 1773 ter-se-á posto fim a esta discriminação com severas punições, pelo que cessam este tipo de publicações até à revolução liberal.

Os «primórdios do movimento anti-semita moderno» terão surgido no último triénio do século XIX<sup>381</sup>. Apesar deste se ter manifestado tardiamente em Portugal, protagonizado sobretudo por Mário Saa e por António Sardinha, o tipo de argumentos etnico-raciais começaram a ser difundidos em Portugal na década de 70 do século XIX. Acompanhando «o desenvolvimento dos estudos no campo da geologia, paleontologia, zoologia, antropologia e da etnologia», tinham o objectivo de «explicar a história particular de Portugal» – as origens da nação – e a

---

<sup>376</sup> Cita a 2.ª edição da obra *The Races of The Old Testament*, cujo segundo capítulo é dedicado à *Raça Semita*.

<sup>377</sup> Cita a obra *Die historische Weltstellung der Juden und die moderne Judenfrage* (The Historical Situation of the Jews and the Modern Jewish Question) de 1882. Carl Friedrich Heman, orientalista da Universidade de Basel, é um autor também conotado como anti-semitismo.

<sup>378</sup> Embora já falecido ao tempo de Mário Saa, Heinrich Graetz foi profusamente traduzido por ser dos primeiros investigadores a escrever uma história abrangente do povo judeu. É considerado o pai do Sionismo.

<sup>379</sup> Deste escritor francês, um dos primeiros defensores do capitão Dreyfus, assunto pelo qual é citado, refere a obra *L'antisémitisme [son histoire et ses causes]*, de 1894.

<sup>380</sup> Jorge Martins – “A literatura anti-semita em Portugal (séculos XV a XX)”, pp. 1-3. Consultado em Julho de 2009: [http://arquimedes.isce-odivelas.com/uploaddata/247/Literatura\\_antijudaica.doc](http://arquimedes.isce-odivelas.com/uploaddata/247/Literatura_antijudaica.doc).

<sup>381</sup> Cf. Annah Arendt – *As Origens do Totalitarismo*. Alfragide: Publicações D. Quixote, 2004. p. 44.

conjuntura do século XIX<sup>382</sup>. A história nacional era, nesse contexto, entendida na perspectiva de existência de duas fases relativamente bem definidas: a fase da ascensão, que corresponderia ao período dos impérios do século XVI, e a fase da decadência, o século XIX. Alguns autores explicam esta segunda fase tendo por base uma matriz rácica. Nesta matriz era muito comum a divisão entre o Norte, que correspondia às raças celtas/arianas, e o Sul do país, com uma população maioritariamente semita.

# A INVASÃO DOS JUDEUS

## CAPITULOS:

INVASÃO DO SANGUE  
ASSALTO À RIQUEZA  
ASSALTO AO ESTADO  
ASSALTO À RELIGIÃO  
ASSALTO À VIDA MENTAL

---

POR MARIO SAA

Figura 15: Livro publicado em 1925. Arquivo FAPT.

Esta questão da divisão racial Norte-Sul foi abordada por José Manuel Sobral que desenvolveu o papel desempenhado por esta divisão nas teorias de vários

<sup>382</sup> José Manuel Sobral – “A formação das nações e o nacionalismo: os paradigmas explicativos do caso português”. *Análise Social*. vol. XXXIX (171), 2004. p. 259.

intelectuais influentes ao longo de um período marcado pela reflexão nacionalista em torno do país e da sua posição no contexto internacional<sup>383</sup>. Sobral refere abordagens que acentuam a dicotomia ariano-semita durante o século XIX e XX, em autores como Oliveira Martins, Teófilo de Braga, Júlio de Vilhena, Basílio Teles, Silvio Romero, Alberto Pimentel, Raul Brandão, Teixeira de Pascoaes, Mendes Correia e António Sardinha. Todos os autores acima citados, com uma excepção, utilizam a dicotomia racial para defender a superioridade do Norte, que devido à sua ascendência indo-europeia/ariana, constituía a zona mais produtiva, dinâmica e progressiva, enquanto o Sul, com uma forte herança semita, correspondia à estagnação, imobilidade e improdutividade<sup>384</sup>.

A excepção é António Sardinha que introduz nuances distintas. Considerando que o factor raça teria sido determinante na nossa nacionalidade, defendia que a essência da raça portuguesa assentaria no homem de Muge – possível descendente das populações da Atlântida, antecessores dos lusitanos, sendo depois objecto de mistura com os semitas, asiáticos e negros. Esta mistura seria a responsável pelo desfalecimento do destino da nação. Também diferindo dos autores atrás referidos, nas suas teorias o Sul é valorizado como foco de nacionalidade. O núcleo mais puro dos lusitanos encontrar-se-ia entre o Guadiana e Sagres, sendo depois impulsionados para norte por «invasões exóticas»<sup>385</sup>. Devido a esta mobilidade Sardinha considerava a Galiza como uma área de influência lusitana, defendendo também o hispanismo e exaltando a unidade dinástica peninsular.

Em relação à distinção racial, que para maioria dos autores referidos era geográfica, António Sardinha introduz, mais tarde, uma dicotomia que opunha campos políticos. Os monárquicos corresponderiam à matriz lusitana da nacionalidade tendo contribuído para a grandeza histórica nacional, enquanto os republicanos, representantes da inquinação do elemento português pelos negros e judeus, eram responsáveis pela “desnacionalização do país desde a implantação do liberalismo (...) e pela situação crítica presente”<sup>386</sup>. Este autor, que inicialmente exaltou a república e foi um dos seus partidários, acabou por concluir que o novo regime não melhorara a situação de Portugal e que por isso «não era um defeito de regime, é um defeito da raça»<sup>387</sup>.

---

<sup>383</sup> *Idem, Ibidem*, pp. 255-284.

<sup>384</sup> *Idem, Ibidem*, pp. 262-272.

<sup>385</sup> *Idem, Ibidem*, pp., 273-274.

<sup>386</sup> *Idem, Ibidem*, pp., 275-276.

<sup>387</sup> Rui Ramos – “A traição dos intelectuais”. José Mattoso (dir.) – *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994. p. 541.



Mário Saa defendia esta mesma teoria. Considerava que o problema do insucesso da República se devia à disseminação e ao triunfo dos cristãos-novos:

Estes semitas em conjunto dão o elemento republicano em Portugal. O conservador é o indivíduo gôdo e germano, espírito do norte, brioso, cavaleiro, pragmatista; é o principal elemento do nosso exército. O revoltado, o amante da ideia nova, das Repúblicas, dos Socialismos, é o semita, o homem do Sul ou do Oriente, o calculista, o pensador... e o louco!<sup>388</sup>

Os que dominam hoje em Portugal, quer eles o saibam quer não, são os descendentes directos dos cristãos-novos; directos, quer dizer: de varão a varão, porque é aí na linha varonil que se dão unicamente os fenómenos atávicos.<sup>389</sup>

Este autor não admitia, contudo, como é visível na passagem anterior, a mistura de raças. Na entrevista de 11 de Setembro de 1921, Guilherme de Lencastre coloca justamente essa questão:

- E a mistura de raças?

- Qual mistura? Isso é um boato! Mistura de indivíduos sim: um judeu funcionando socialmente ao lado dum mouro, dum celta... mas que judeu, mouro e celta se encontrem funcionando no mesmo indivíduo, isso não [sic] era desconhecer a psicologia da luta: acaba sempre por triunfar um só!<sup>390</sup>

Quatro anos mais tarde, a obra *A Invasão dos Judeus*, confirma a sua convicção em relação a esta questão:

Um homem tem a raça do seu pai, no filho vive integralmente a compleição do pai. A mulher tem a raça de sua mãe; na filha vive integralmente a compleição da mãe. [...]

Os caracteres maternos podem ser violentamente herdados pelos filhos varões; porém essa herança é passageira, pouco importa para a Espécie, e apenas individualmente importa. [...] apenas se estabelece a identidade de constituição de pai para filho à custa do material materno; e enfim, que uma força oculta e paterna organiza um filho à sua semelhança, com material materno.<sup>391</sup>

Apesar de existirem algumas diferenças no seu pensamento, Saa partilhava, no geral, com António Sardinha o ideário comum ao pensamento europeu da direita radical francesa. É, no entanto, curioso o facto de Saa não adoptar como referência

---

<sup>388</sup> Mário Saa – *Portugal Cristão-Novo...*, pp. 5-6.

<sup>389</sup> *Idem, Ibidem*, p. 4.

<sup>390</sup> *Idem*.

<sup>391</sup> *Idem – A Invasão dos Judeus...*, p. 305.

este seu conterrâneo alentejano, consagrado como o intelectual português representante da direita reaccionária desde 1915, ano em que publicou *O Valor da Raça. Introdução a uma Campanha Nacional*<sup>392</sup>.

Saa conhecia contudo o *Integralismo Lusitano* e não deixa o referir em *A Invasão dos Judeus*, inserindo o movimento na sua lógica de reacção cristã-velha ao «Assalto ao Estado» ocorrido com a implantação da República em Portugal. A vitória dos descendentes dos cristãos-novos e o seu domínio na República faria surgir o Integralismo, “que era, em essência, um neo-miguelismo,(...) no desejo de restaurar o antigo estado anterior a 1820; no desejo de uma evolução de carácter puramente cristão-velho”<sup>393</sup>. O ideal integralista, refere Mário Saa, fora agitado por escritos do Padre Amadeu de Vasconcelos (Mariotte), cristão-velho, por escritos e acção de António Sardinha, «cristão-velho tradicional», «estirpe suevo-galaico»,

[...] o qual, segundo a expressão de Hipólito Raposo, é o São Paulo do Integralismo Lusitano; e pelo cristão-velho Xavier Cordeiro, espírito jurídico do Integralismo; e por Hipólito Raposo, tipo germânico, e acção germânica do mesmo Integralismo; e por Pequito Rebelo, um cristão-velho, alma da gleba; e por outros mais que imediatamente organizaram a acção política.<sup>394</sup>

O autor coloca-se aliás, a ele próprio, numa lógica que pressupõe a sua identificação com a ascendência cristã-velha de António Sardinha e dos Integralistas.

No percurso intelectual de Mário Saa é, assim, clara a partilha com o mercado europeu das ideias de um arreigado ideário nacionalista. Esta ideologia, que emergiu na Europa em finais do século XVII e durante o século XVIII, visava alcançar e manter a autonomia, a unidade e a identidade da nação<sup>395</sup>. Em finais do século XIX, os princípios nacionalistas tinham, porém, sofrido algumas alterações. Utilizando a terminologia de Eric Hobsbawn, poderemos afirmar que o aparato ideológico da obra de Mário Saa reflecte uma fase de «transformação do nacionalismo», que aquele autor situa como ocorrendo entre 1870 e 1918. Este período ter-se-á caracterizado pelo crescimento da importância da «questão nacional» na política interna de praticamente todos os estados Europeus e também pelo facto de a etnicidade e a língua se terem tornado critérios centrais para legitimar a criação de nações e exigir o direito à autodeterminação. Este «novo

<sup>392</sup> O mesmo ideário estava já presente numa publicação do ano anterior – *O Sentido Nacional de uma existência. António Tomás Pires e o Integralismo Lusitano* – a qual, por opção do autor, não teve difusão pública, imprimindo-se apenas 8 exemplares. Ana Isabel Sardinha Desvignes, ob. cit., pp. 188-190.

<sup>393</sup> Mário Saa – *A Invasão dos Judeus...*, p. 169.

<sup>394</sup> *Idem, Ibidem*, p. 170.

<sup>395</sup> Anthony Smith – *Identidade Nacional*. Lisboa: Gradiva, 1999. p. 98.

nacionalismo» traduziu-se, também, pela ascensão de movimentos de extrema direita e pela propagação do nacionalismo étnico, reforçado pelas crescentes migrações geográficas e maciças de povos. Num plano teórico teve muita influência a transformação do conceito de raça e a difusão do evolucionismo Darwinista<sup>396</sup>.

Este «novo nacionalismo» expandiu-se rapidamente desde os anos 70 do século XIX até 1914, como resultado de profundas mudanças sociais e políticas<sup>397</sup>. Grassava pela Europa um premente sentimento de insegurança agravado pela eminência da I Guerra Mundial. O conflito internacional de 1914-18 veio demonstrar a fragilidade da prosperidade europeia, colocando em causa instituições, valores e conceitos morais. A Europa e a civilização ocidental, tida como a «civilização-tipo», vivia uma situação de precariedade e assistia ao crescente poder dos EUA que entrava na euforia consumista dos anos 20<sup>398</sup>. A guerra veio completar, neste aspecto, um processo que se havia iniciado antes, com a rebelião contra o positivismo e o surgimento de um «novo romantismo».

Esse processo iniciou-se também a partir de 1870, onde é identificável uma mudança no espírito público europeu relacionada com a contestação do individualismo e materialismo burguês e liberal bem como da sua explicação positivista do mundo<sup>399</sup>. Vivendo numa sociedade fechada, a burguesia e a realeza detinham uma existência cómoda e protegida, usufruindo dos mais recentes progressos da medicina, das melhorias da higiene pública e privada, e de um estilo de vida patenteado pelas suas grandes casas, os seus numerosos criados, o recente gosto pelas actividades ao ar livre, a identificação com o passado através do gosto pelo estilo neoclássico nos edifícios, e pelos temas místicos e históricos na pintura que apreciavam. Este contexto social contrastava com a precariedade das condições de vida nas classes mais baixas, onde grassava a prostituição, a delinquência e o alcoolismo. Com uma grande percentagem de população urbana, os operários começaram a organizar-se e a acentuar, nas últimas décadas do século XIX, os sentimentos de insegurança entre as classes mais altas que assistiam a esta crescente força das classes trabalhadoras e também às mudanças ocorridas no sistema económico, e à difusão da educação. O advento da I Guerra Mundial acabou por fazer ruir o *modus vivendi* burguês e as suas bases ideológicas<sup>400</sup>.

---

<sup>396</sup> Eric Hobsbawm – *A Questão do Nacionalismo: nações e nacionalismo desde 1780*. Lisboa: Edições Terramar, 2004. pp. 98-103.

<sup>397</sup> *Idem, Ibidem*, p. 103.

<sup>398</sup> José Manuel Sobral, ob. cit., p. 258.

<sup>399</sup> George L. Mosse, ob. cit., pp. 9-42.

<sup>400</sup> *Idem, Ibidem*. pp. 77-90.

Concluía-se que o liberalismo e o positivismo não tinham evitado a guerra nem o caos social e económico pelo que era necessário encontrar alternativas às incertezas da ciência. Ambicionando segurança e esperança no futuro, as populações acreditavam que iriam ser as ideologias baseadas em conceitos de liderança - como as transmitidas por Mário Saa – que iriam conduzir o povo a um governo ordenado e proporcionar segurança e esperança para o futuro.

Em Itália e na Alemanha, destacaram-se autores como Vilfredo Pareto ou Ernest Junger, que na procura de alternativas a estes problemas defenderam «teorias de elite» fundadas no niilismo e na construção de técnicas de poder que viriam ser utilizadas pelos regimes totalitários. Outro dos autores que mais influência exerceu no quadro da formulação teórica do totalitarismo foi o alemão Oswald Spengler, com a sua visão determinista da história e a sua distinção entre cultura e civilização. Também Stefan George e Gabriele d'Annunzio estão ligados às formulações de teorias que abordam os problemas da guerra e da insegurança do século XX publicando obras que partilhavam valores com os quais se identificavam as culturas ditatoriais<sup>401</sup>.

No lado oposto encontravam-se nomes como Julian Benda que impugnava os ódios de raça, de classes e de nações, exaltando a «religião da liberdade». Este intelectual representava a oposição do racionalismo francês face ao neo-romantismo alemão. Racionalismo esse que não existia já na maioria das instituições de ensino superior europeias<sup>402</sup>. No geral, as universidades apresentavam-se como locais de transmissão da propaganda nacionalista onde vigorava um crescente cientismo fundado na especialização. Os intelectuais «livres» expressavam-se, na sua maioria, fora das sedes de cultura, como Benedetto Croce, Paul Valery ou Romain Roland. Defendendo também a liberdade intelectual, mas com uma posição mais dúbia, encontramos os intelectuais alemães Max Weber e Thomas Mann<sup>403</sup>.

Neste contexto, outros intelectuais procuraram defender a liberdade alicerçando-a a uma filosofia moral de inspiração cristã, como Charles Peguy ou Jacques Maritain, cujas ideias puseram em marcha o renascimento católico em França<sup>404</sup>, país que vivia, na época, a paixão do *Affaire Dreyfus*, o caso que revelou a força dos designados intelectuais *engagés*<sup>405</sup>. O início do processo público com vista à revisão do caso do capitão judeu Alfred Dreyfus, acusado de espionagem a

---

<sup>401</sup> George L. Mosse, ob. cit., pp. 95-113.

<sup>402</sup> *Idem, Ibidem.* p. 115.

<sup>403</sup> *Idem, Ibidem.* pp. 95-134.

<sup>404</sup> *Idem, Ibidem.* pp. 114-132.

<sup>405</sup> Michel Winok, ob. cit., p. 64.

favor dos alemães, decorreu no ano de 1897 e suscitou uma batalha filosófica na imprensa francesa entre os defensores do capitão judeu, que pediam a revisão do processo de forma a defender a «alma francesa», lutando pela justiça e pela verdade na defesa do individualismo, e o campo intelectual oposto, que defendia a moral social, a nação e a razão superior do Estado, traduzindo-se estes valores em anti-semitismo, xenofobismo e anti-republicanismo<sup>406</sup>. Charles Peguy, juntamente com Lucien Herr, Leon Blum, Émile Zola, entre outros, transmitiam na imprensa e nas revistas literárias a sua posição favorável à revisão do processo do capitão judeu. Os mesmos instrumentos utilizava a facção oposta, responsável pelo nascimento do «nacionalismo intelectualizado» de Maurice Barrès e Charles Maurras e identificado maioritariamente com a direita<sup>407</sup>.

Assim, tanto a Alemanha, como a França e também a Itália, no final do século XIX e início do século XX, foram países marcados pela “ascensão de movimentos de extrema direita, para os quais o termo nacionalismo tinha, de facto, sido forjado (...) na xenofobia política, que encontrou a sua expressão mais deplorável, mas não a única, no anti-semitismo”<sup>408</sup>. Tal como a história iria mostrar, as teorias nacionalistas, fundadas no desenvolvimento das designadas «teorias de elite», ganharam mais força em locais onde a democracia era mais débil, como em Itália ou na Alemanha<sup>409</sup>.

Em Portugal foram intelectuais como Mário Saa e António Sardinha que representaram a direita radical, facção que sob influência do pensamento contra-revolucionário europeu, surgira, como refere Rui Ramos, entre 1910 e 1926<sup>410</sup>. No entanto, enquanto Sardinha utilizava um discurso anti-judaico com uma matriz católica ligada à direita monárquica, Mário Saa “distinguiu-se pelo anti-semitismo, de carácter pagão e republicano”<sup>411</sup>. Por outro lado, ao que conseguimos apurar, Mário Saa levou uma vida intelectual independente e informal, frequentando as tertúlias dos cafés lisboetas e as redacções dos jornais e revistas, muito centrada nas investigações que implementava à margem da institucionalização académica e de movimentos doutrinários e políticos como o *Integralismo Lusitano* de Sardinha.

---

<sup>406</sup> *Idem.*

<sup>407</sup> As suas doutrinas nacionalistas levaram à criação da *Liga da Pátria Francesa* como reacção à criação da *Liga para a Defesa dos Direitos do Homem* criada pelos Dreyfusistas, que pretendiam ver defendidos os princípios da *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*. Através da Liga poderiam defender qualquer pessoa cuja liberdade estivesse ameaçada ou cujos direitos tivessem sido violados. Cf. Michel Winok, ob. cit. p. 36.

<sup>408</sup> Eric Hobsbawn, ob. cit., p. 100.

<sup>409</sup> George L. Mosse, ob. cit., p. 112.

<sup>410</sup> Rui Ramos – “Intelectuais e Estado Novo”..., pp. 282-284.

<sup>411</sup> Irene Pimentel – “Mário de Saa (1893-1971)”. Lúcia Mucznik; José Alberto Rodrigues da Silva Tavim; Esther Mucznik; Elvira Azevedo Mea (coord.) – *Dicionário do Judaísmo Português*. Lisboa: Editorial Presença, 2009. pp. 478-479.

## 7. Fundação Arquivo Paes Teles

Mário Saa concluiu o seu percurso intelectual com a criação da Fundação Arquivo Paes Teles, uma instituição cujos acervos permitem trazer para o espaço público a história de um intelectual tendo em conta a sua acção no espaço de uma identidade europeia.

A intenção de criar esta instituição ficou consignada no seu testamento que registou no ano de 1967. Aspirava proporcionar a conservação e disponibilização do seu espólio bibliográfico e da colecção de materiais arqueológicos que possuía, e registava também como seu objectivo a preservação da «unidade nas recordações e tradições de família», uma das mais abastadas e influentes no concelho de Avis durante os séculos XIX e XX. Para manter essa unidade canalizou para o edifício no Ervedal que destinara à Fundação – local que apenas habitara nos últimos anos de vida – a sua biblioteca, os seus documentos pessoais, o seu epistolário, os registos fotográficos de carácter científico e pessoal e mesmo alguns documentos e fotografias de família. O referido edifício, que herdara através da família materna, integrava também a história e a identidade da família Paes Teles que quis homenagear através do nome da instituição<sup>412</sup>.

Esta reverência ao ramo materno da sua família poderá assim advir do facto de grande parte do património desta instituição lhe ser devedora. Está registado o facto de grande parte da biblioteca, bem como da colecção de materiais arqueológicos, ter sido doada a Mário Saa pelo tio materno António Paes da Silva Marques. Usualmente conhecido por António Paes, nasceu no Ervedal em 1876, estudou na Academia Politécnica do Porto, foi Administrador do Concelho de Avis nos anos de 1901, 1904, 1906 e 1917, exercendo também, nos anos 1923 a 1925, o cargo de deputado pelo círculo de Elvas durante a 1.ª República<sup>413</sup>. António Paes é-nos descrito por Leite de Vasconcelos como uma pessoa «ilustrada» e com grande amor à história da sua terra, possuindo uma «cultura literária esmerada», e uma boa biblioteca, onde era possível encontrar enciclopédias, ilustrações e obras gerais de etnografia, área que sobretudo prezava<sup>414</sup>. Este antigo deputado acompanhou de perto, como já tivemos oportunidade de referir, o percurso intelectual de Mário Saa e terá fomentado o seu gosto pela arqueologia. A colecção de materiais

---

<sup>412</sup> O nome da instituição assumiu os apelidos maternos como forma de homenagem a este ramo da família. Cf. Elisabete Pereira – “Tributo a António Paes da Silva Marques”. *Águia: Folha Informativa dos Amigos do Concelho de Avis*, n.º 22. Março de 2007. pp. 6-7.

<sup>413</sup> Maria Antónia F. Pires de Almeida, op. cit., p. 225.

<sup>414</sup> José Leite de Vasconcelos, ob. cit., p. 4.

arqueológicos hoje disponível nesta Fundação terá sido, aliás, fruto do interesse pelo passado de António Paes e posteriormente devedora dos ensinamentos do fundador do actual Museu Nacional de Arqueologia.

O facto de António Paes ter oferecido variados objectos a José Leite de Vasconcelos no ano de 1912, é indicador da existência de património arqueológico na sua posse, pelo que consideramos a probabilidade da colecção ter sido iniciada nos finais do século XIX, início do século XX, sendo Mário Saa o seu continuador até à implantação de um «museu» no edifício que destinara ao «Arquivo Paes Teles».

Os últimos anos de vida de Mário Saa foram assim dedicados à organização destes acervos que pretendia facultar “ao público do Ervedal, como de qualquer outra parte”<sup>415</sup>. Esta sua acção cívica em prol da comunidade local e da sociedade em geral ficou registada no testamento que fez redigir no dia 11 de Julho de 1967, no Décimo Cartório Notarial de Lisboa:

Que, com efeito, com os livros que possuí e reuniu na sua morada no Ervedal, [...] e com algumas curiosidades arqueológicas ali também reunidas por si e por seu tio António Paes – conjunto a que dá o nome “Arquivo Paes Teles”, em homenagem à família de sua mãe – quer estabelecer, particularmente, um gabinete de leitura e um museu, permanentemente franqueados ao público, de modo eficiente e debaixo de regulamento a estudar. Pretende, com a sua iniciativa, não apenas beneficiar a cultura popular, especialmente do Ervedal, mas ainda preservar, tão duradouramente quanto possível, a unidade nas tradições e recordações de família, no que respeita a manuscritos, impressos e mais objectos que tão caros lhe são [...].

Para preservação e custeio desta sua tão almejada empresa – por agora puramente particular e familiar – destina ele testador, não apenas a totalidade do edifício da sua instalação na vila do Ervedal, com todo o seu recheio de mobiliário, livros, documentação e curiosidades arqueológicas, bem como ainda a sua herdade de Cotarros, e o olival denominado “do Brás Alto” [...].

As despesas ordinárias e extraordinárias inerentes a uma tal instituição, tais como renda do anexo, pessoal de leitura e de limpeza, ficarão a cargo da mesma instituição, mediante o sobredito legado [...].

Neste testamento ficou ainda determinada a gestão do “Arquivo Paes Teles” como instituição particular pelo prazo de sessenta anos, ficando a cargo de administradores por si nomeados, até que, passado esse prazo, reverteria para os seus herdeiros. O administrador em funções seria coadjuvado por um “conselho”

---

<sup>415</sup> Testamento de Mário Paes da Cunha e Sá. Livro 122 de testamentos públicos do Décimo Cartório Notarial de Lisboa, fls. 27 a 33.

que, sem qualquer função deliberativa, seria composto pelo seu filho e sobrinhos em representação da família Paes Teles. Mário Saa fez ainda anotar que, no caso de se registarem impedimentos ao exercício directivo nas condições que estabelecera, o encargo administrativo e o legado reverteriam para a *Junta de Freguesia do Ervedal*, que ficaria responsável por instituir legalmente a *Fundação Arquivo Paes Teles*.

Assim, na impossibilidade de Maria Teresa Domingos, sua colaboradora na organização do «Arquivo Paes Teles», e administradora nomeada por Mário Saa, vir a exercer as funções administrativas que lhe atribuíra, a instituição reverteu para a Junta de Freguesia, e a questão da sua administração foi resolvida judicialmente depois de um moroso processo que se arrastou até 1995, data da constituição legal da instituição.

Neste ano de 1995, foram publicados os seus estatutos, e dois anos mais tarde, a instituição cujo Conselho de Administração passou a corresponder aos membros eleitos para a Junta de Freguesia local, foi reconhecida pelo Estado português.

Durante o período em que se aguardava a resolução da questão judicial e a criação oficial da instituição, a Junta de Freguesia transferiu a sua sede para o edifício destinado à Fundação e efectuou alterações que modificaram a estrutura do imóvel e a disposição do seu espólio, anulando a possibilidade da existência de uma «casa-museu». A este aproveitamento de espaço para suprir algumas necessidades da Freguesia não foi alheia alguma preocupação para com o espólio deixado por Mário Saa, decorrendo algumas intervenções nos acervos bibliográfico, documental e arqueológico<sup>416</sup>.

Depois de legalizada a Fundação, a *Junta de Freguesia do Ervedal* permaneceu no edifício até 1998, ano em que inaugurou uma nova sede. Foi assim depois de encerrada esta partilha de espaço de duas instituições com objectivos completamente distintos que o Conselho de Administração, fruto de uma reflexão interna, iniciou contactos com a *Câmara Municipal de Avis* e com a *Universidade de*

---

<sup>416</sup> Em 1977 decorreu uma intervenção de salvaguarda das existências da biblioteca por parte de duas técnicas da Biblioteca Nacional, que no período de 3 a 29 de Setembro do referido ano procuraram criar condições para disponibilizar ao público com maior segurança as espécies existentes. Em 10 de Julho 1981, no sentido de valorizar o *Espólio Documental* deste intelectual, a *Junta de Freguesia do Ervedal* efectuou um Contrato de Depósito com a *Biblioteca Nacional* por forma a realizar o inventário dos documentos de Mário Saa. A documentação retornou à Instituição no dia 28 de Novembro de 1986, ficando os referidos documentos registados em micro-filme na *Biblioteca Nacional*. Durante os anos de 1986 e 1987 a Junta de Freguesia procurou, também, valorizar a colecção de materiais arqueológicos de Mário Saa com o apoio do *Instituto Roque Gameiro*, do Prof. Joaquim Bernardo Teles Correia e do Arq.º Pereira de Sousa, criando melhores condições a nível de instalações e de exposição dos materiais existentes. (Informações registadas nos arquivos da FAPT.)



*Évora*, no sentido de valorizar o património deixado por Mário Saa à freguesia e ao público em geral.

Como consequência desses contactos foi elaborado um projecto de reorganização da actividade da instituição e celebrado, em 2001, um *Protocolo de Colaboração* entre as entidades mencionadas. Este documento estabeleceu bases de colaboração nos domínios da cultura, preservação e valorização do legado e desenvolvimento de um programa de revitalização do património cultural à guarda da instituição<sup>417</sup>. À data de celebração do protocolo referido, a FAPT possuía uma biblioteca composta por cerca de dez mil obras, uma colecção de materiais arqueológicos com mais de mil peças de diferentes épocas, um conjunto de maços de documentos, cartas, documentos pessoais e cadernos de campo, negativos e fotografias, bem como o recheio da casa com mobiliário e objectos utilitários e de decoração. Os vários acervos não estavam devidamente acondicionados nem valorizados pelo que, tendo em conta o evidente interesse público deste espólio ligado à actividade científica e ao percurso de vida de um erudito, tornava-se premente a sua valorização.

Para ir de encontro a este objectivo o Conselho de Administração tem vindo a promover a execução do trabalho necessário ao acondicionamento e organização dos vários acervos patrimoniais.

O primeiro trabalho executado no âmbito deste protocolo de colaboração foi a inventariação da segunda parte do *Espólio Documental de Mário Saa*. Durante a década de 80 a *Biblioteca Nacional*, através de um contrato de depósito, procedeu à organização de uma parte deste conjunto documental, principalmente de manuscritos, tendo permanecido dispersa pela instituição, a maior parte da sua correspondência, bastantes documentos biográficos, fotografias, mapas, cadernos de apontamentos de campo e também documentos de terceiros e alguns impressos.

Também a biblioteca foi alvo de intervenção no âmbito deste protocolo, procurando-se conservar este fundo especializado e criar condições para a sua disponibilização. Constituída por monografias, periódicos (revistas, jornais, boletins e almanaques) e obras de referência (dicionários e enciclopédias), com datas de edição que remetem, maioritariamente, para o período entre os finais do século XIX e terceiro quartel do século XX, possui não só as obras do autor como, também, o

---

<sup>417</sup> Neste processo tiveram um papel fundamental a Eng.<sup>a</sup> Gabriela Tsukamoto, em representação da Câmara Municipal de Avis, o Prof. Doutor Jorge de Oliveira e o Prof. Doutor Filipe Themudo Barata, em representação do Departamento de História da Universidade de Évora, personalidades que, no dia 16 de Dezembro de 2005, integraram o Conselho Técnico-consultivo desta Fundação, formalizando uma cooperação que decorreu de um modo informal durante alguns anos.

conjunto bibliográfico que foi adquirindo, recebendo e conservando. Contempla temáticas variadas mas prevalecem nela temas como a história, a arqueologia, a antropologia, a etnografia, a política, o direito, a fotografia e a agricultura.

A mesma preocupação relativa à conservação e disponibilização foi votada à colecção de materiais arqueológicos. Inicialmente resultante do espírito coleccionista de Mário Saa e do seu tio António Paes, incorporou posteriormente objectos provenientes dos trabalhos de prospecção e escavação de um grupo de arqueologia formado no Ervedal, o *GTACE – Grupo de Trabalho e Acção Cultural Ervedalense, Secção de Arqueologia*, que teve a sua sede, em 1976, no edifício da Fundação. Esta colecção foi alvo de várias intervenções para organização, acondicionamento e inventariação, podendo presentemente ser consultado o seu inventário e aceder a todas as suas peças.

A instituição criada por Mário Saa vai assim, actualmente, de encontro à vontade do seu instituidor, sendo uma entidade franqueada ao público, disponibilizando a consulta presencial das obras da Biblioteca, a visita à *Colecção de Materiais Arqueológicos*<sup>418</sup>, e a consulta do *Espólio Documental*, promovendo actividades que mantêm a memória do seu percurso intelectual e, tal como pretendia, a unidade nas «tradições e recordações de família». Entre as actividades que promove, deve destacar-se a criação de um Centro de Documentação sobre o autor, a realização de exposições sobre o seu percurso e o seu legado, e de uma linha editorial que promove o aprofundamento do conhecimento sobre este intelectual do século XX. A *Fundação Arquivo Paes Teles* projecta-se também através do uso das tecnologias digitais para divulgar junto do público da *World Wide Web* a sua identidade, o seu perfil de actuação, as suas estratégias, bem como a sua postura enquanto agente cultural no plano regional e nacional.

Enquanto instituição ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, procurando assegurar a plena fruição do património à sua guarda a todos os investigadores com interesse nas áreas de culturais de Mário Saa, aos públicos escolares, à comunidade local, aos turistas nacionais e estrangeiros, constitui um exemplo de como se efectua o uso público da história através do percurso e do legado de um intelectual.

A *Fundação Arquivo Paes Teles* é, assim, uma extensão do património cultural do concelho de Avis, uma região da Europa.

---

<sup>418</sup> A luz da actual legislação não podemos considerar a existência de um «museu» na Fundação Arquivo Paes Teles, mas sim uma colecção visitável, neste caso uma Colecção de Materiais Arqueológicos.

## 8. Conclusão

Os vários capítulos deste trabalho expuseram-nos o percurso de um produtor cultural português, cuja trajectória percorremos através das suas memórias materiais depositadas na Fundação Arquivo Paes Teles.

Nascendo em 1893, Mário Saa pertenceu à geração de vários intelectuais importantes do século XX português. Foi a geração do chefe da Igreja Católica, Manuel Gonçalves Cerejeira<sup>419</sup>, do chefe de Governo, António de Oliveira Salazar, de Fernando Pessoa, o mais considerado escritor nacional depois de Camões, e de António Sardinha, principal idealizador do *Integralismo Lusitano*. Uma geração cuja juventude foi marcada pelo advento da revolução republicana e pela Grande Guerra, pelo contacto com novas formas de interpretar o mundo e com a popularização da filosofia divulgada através dos jornais e revistas ilustradas da primeira década do século XX.

Verificámos que o seu perfil social era análogo ao da maioria dos intelectuais de início desse século, integrando a *intelligentsia* burguesa portuguesa cujos instrumentos de poder eram fundados na instrução e na produção cultural e literária, sendo o seu período de vida e de intervenção no espaço público decorrente da influência exercida pela *Geração de 70* e imediato ao «nascimento dos intelectuais» na Europa Ocidental.

Pertencendo a uma família da elite do concelho de Avis, o seu processo de educação formal abarcou a frequência de vários estabelecimentos de ensino superior em Lisboa, no entanto preferiu o método extra-escolar de formação, através da realização de diversas investigações na *Biblioteca Nacional* e nos arquivos da *Torre do Tombo*, frequentando as tertúlias nos cafés lisboetas e os saraus literários em casas particulares, onde convivia com a elite intelectual portuguesa.

A sua intervenção no espaço público iniciou-se em 1915, operando-se através da participação em jornais e revistas, com a edição de livros e folhetos, e com a criação e financiamento de uma editora e revista literária, estendendo-se ao século XXI devido ao seu projecto de criação de uma Fundação para a preservação da memória do seu percurso. São especialmente conhecidas a suas facetas de poeta modernista e investigador das vias romanas da Lusitânia, no entanto outras características do seu percurso intelectual repercutem igualmente o contacto com

---

<sup>419</sup> Irene Pimentel – *Cardeal Cerejeira: o Príncipe da Igreja*. Biografia. Lisboa: Esfera dos Livros, 2010.

os movimentos culturais ocidentais e a identificação com a direita intelectual europeia.

A sua ligação à geração modernista, cujos órgãos tiveram um importante papel de difusão de ideias e da arte moderna francesa e europeia da época, terá influenciado a obra *Evangelho de S. Vito*, os seus textos de teor filosófico, e também a conceptualização de uma *Academia dos Maioriais de Portugal*, identificando-se nestes trabalhos a presença tutelar de dois dos mais destacados filósofos europeus da época, Bergson e Nietzsche.

A apologia de elite patente nestas obras extrema-se com a publicação *A Invasão dos Judeus*, de 1925, uma investigação onde procura entender a história e a cultura portuguesa com base na luta racial entre os semitas e os povos germânicos. É assim clara a transposição para o contexto nacional da posição nacionalista de autores como Houston Stewart Chamberlain, que numa Europa muito marcada pelo darwinismo social, desenvolvia fortes sentimentos anti-semitas. Em Portugal, na sequência do desenvolvimento dos estudos que visavam explicar as origens da nação, Mário Saa foi, juntamente com António Sardinha, protagonista do «movimento anti-semita moderno», sustentando que o insucesso da República se devia à disseminação e triunfo dos cristãos-novos. Assumia que a grandeza nacional estava associada às nossas origens raciais suevas, responsáveis pela «civilização portuguesa» e que a decadência da época se relacionava com a invasão e o crescente poder da raça semita, tornando Portugal «uma das nações mais inferiores da Europa». Esta sua tese coincide, assim, com as “concepções utópicas de criação do «homem novo»” no âmbito das “visões nacionalistas de «regeneração» da nação do período entre guerras no século XX”<sup>420</sup>.

Do percurso de Mário Saa salienta-se também a apetência pela temática camoniana, um dos temas fundamentais do nacionalismo português de fins do século XIX e início do século XX, e traduzindo a possível ameaça da II República espanhola ao regime político português, a sua posição anti-ibérica do início da década de 30, à qual está associada a criação das *Formações Metropolitanas*, um movimento associativo intelectual, em que se envolveu também Teixeira de Pascoaes, com o objectivo de revigorar a metrópole lusitana com a anexação da Galiza e de Olivença.

Intelectual consagrado, Mário Saa obteve esse reconhecimento no acesso às tertúlias e saraus lisboetas, como publicista das principais revistas literárias da época, enquanto membro de academias como a *Sociedade Histórica da*

---

<sup>420</sup> Irene Pimentel – “A Eugenia na primeira metade do século XX: o aperfeiçoamento da raça”. *História*. N.º 3, Junho de 1998. p. 18.

*Independência de Portugal*<sup>421</sup>, e enquanto autor premiado pelo *Secretariado de Propaganda Nacional*. Embora alinhado com a direita ultranacionalista, Saa foi um autor aclamado entre a elite intelectual portuguesa dos diversos quadrantes, literários e ideológicos, desde as principais personalidades ligadas ao *Modernismo* e *Integralismo Lusitano*, e na década de sessenta por intelectuais identificados com o neo-realismo, com o *Movimento de Unidade Democrática* e com o *Partido Comunista Português*.

Salientado o essencial do seu percurso intelectual, comprovamos a hipótese que nos conduziu à elaboração desta tese. Estamos perante um autor influenciado pelas correntes culturais da Europa, às quais terá acedido desde logo através do seu contexto social. Pertencendo à elite económica, social e política do concelho de Avis, tendo acesso à «copiosa» biblioteca da família, cujos elementos possuíam na sua maioria níveis de educação formal superiores, fomentando a sua erudição e proporcionando a realização de viagens e o acesso a uma educação superior, as aprendizagens e amizades literárias do ambiente lisboeta da segunda década do século XX, todos estes factores decorrentes dessa condição social, terão contribuído para o contacto de Mário Saa com os temas fortes dos movimentos culturais europeus.

No âmbito dos seus itinerários culturais e sociais, o contacto com a cultura europeia far-se-ia também através da amizade que mantinha com Leite de Vasconcelos, doutorado pela Universidade de Paris, percorrendo vários países europeus no decurso das suas investigações, e em contacto com a cultura alemã através de Carolina Michaëlis, esposa do seu irmão Joaquim de Vasconcelos. E também com Teófilo de Braga, filiado nas sociedades internacionais que propagaram a filosofia de Augusto Comte, contactando com os intelectuais da *Renascença Portuguesa* para os quais Bergson era o filósofo mais considerado, acompanhando o percurso dos Integralistas, tão influenciados pela *Action Francaise*, próximo dos vanguardistas Fernando Pessoa e Almada Negreiros, principais receptores da obra de Nietzsche em Portugal.

Optando por se «comprometer» com o ideário da direita intelectual, que irrompeu em Portugal entre 1910 e 1926, o seu paganismo e republicanismo mantê-lo-iam independente do *Integralismo Lusitano*, vindo, no entanto, no início dos anos trinta, a ser simpatizante do regime político que considerou o discurso nacionalista, católico e tradicionalista incrementado por Sardinha.

---

<sup>421</sup> No seu espólio existem recibos de cotas pagas a esta Sociedade nos anos de 1932 e 1933. Documentos Anexos do Autor. FAPT – Espólio Documental de Mário Saa.

Identificando-se várias semelhanças com o percurso do mentor do Integralismo, verifica-se que os dois autores coincidem no objectivo de identificar «os inimigos do interior» como forma de contribuir para a suplantação da crise da nação. Contudo, enquanto Saa procura apenas identificar as causas dessa crise, Sardinha desenvolve uma ideologia política, fundamentando e legitimando um modelo alternativo para o contexto de crise do Estado liberal<sup>422</sup>.

Pelo exposto se verifica que estamos perante um intelectual português que, influenciado por autores como Bergson, Nietzsche e Houston Chamberlain, procura trazer para o espaço público, através da sua actividade literária e erudita, a modernidade europeia de inícios do século XX. Foi também um autor, que numa época de desafios internos e externos, procurou contribuir para a construção da memória da nação, legitimando a independência do Estado português e a sua permanência histórica.

Num percurso que cruza a filosofia, com a literatura, a ciência e a história, encontramos também, projectadas nas impressionantes dedicatórias da sua biblioteca, diferentes registos de redes intelectuais e científico-filosóficas. São modernistas, republicanos, integralistas, estadonovistas, mas também intelectuais ligados ao neo-realismo, ao *MUD* e ao *PCP*, que lhe fazem chegar as suas publicações revelando-nos a sua consagração junto de uma elite intelectual de diversos quadrantes e formações.

---

<sup>422</sup> António Costa Pinto – “A formação do integralismo lusitano (1907-17)”. *Análise Social*, vol. XVIII (72-73-74), 1982-3.º-4.º-5.º, p. 1410.

## 9. Tábua Cronológica

ANO	LIVRO, ARTIGO, COLABORAÇÃO EM PUBLICAÇÃO, EDIÇÃO OU SEPARATA DE REVISTA	PERIÓDICO, EDITORA OU TIPOGRAFIA
1915	"Goivos" (poesia)	<i>A Plebe</i>
	"Despedida" (poesia)	<i>Jornal da Mulher</i>
1917	<i>Evangelho de S. Vito</i>	Monteiro e C. <sup>a</sup>
	"Lyra de Cybèle, por Mendes de Brito"	<i>Pátria</i> [?]
1921	<i>Portugal Cristão-Novo ou os Judeus na República</i>	Impressão Henrique Torres
	<i>Poemas Heróicos de Simão Vaz de Camões</i> (org. e prefácio)	Lvmen
	"A propósito da Sociedade Nacional de Belas Artes/O que é a Sociedade Nacional de Belas Artes?"	<i>A Capital</i>
1922	<i>Camões no Maranhão</i>	Lvmen
	"Mário, o Inculto"	<i>Contemporânea</i>
	"Mário, o Breve"	<i>Contemporânea</i>
	"Inconfidencialmente revelado... - «La main dans la conscience» de António Manuel da Cunha e Sá"	<i>Contemporânea</i>
	"As verdadeiras origens do bolchevismo"	<i>A Palavra</i>
	"As absolutas origens do bolchevismo"	<i>A Palavra</i>
	"A Cabeça"	<i>Contemporânea</i>
1923	"Mário, o Laico"	<i>Contemporânea</i>

	"Estudo genealógico de Luís de Camões"	<i>Jornal da Europa</i>
<b>1924</b>	<i>Tábua genealógica da varonia Vaz de Camões</i>	s.n.
	"António Botto, o espiritualista da matéria" António Botto – <i>Curiosidades Estéticas</i>	<b>Ed. Autor</b>
	"Oh, Caprice!"(poesia)	<b>A Revista; Solução Editora</b>
	"Xácara do Infinito" (poesia)	<b>Athena</b>
	"Versos Frios" (poesia)	<b>Athena</b>
<b>1925</b>	<i>A Invasão dos Judeus</i>	<b>Imprensa Libânio da Silva</b>
	"A Álvaro de Campos ou Apontamentos sobre os Apontamentos para uma estética não-aristotélica"	<b>Athena</b>
	"O perigo judeu: a oligarquia judaica explora o povo e empobrece o país – Curiosas revelações do escritor Mário Saa"	<b>A Batalha</b>
<b>1926</b>	"As instituições"	<b>Contemporânea</b>
<b>1927</b>	"A princípio era a esfera..."	<b>Presença</b>
	"Redução de Deus"	<b>Presença</b>
	"Quadras da Minha Vida" (poesia)	<b>Presença</b>
<b>1928</b>	<i>Explicação do Homem</i>	<b>Imprensa Lucas</b>
	"Versos de Sabor estragado" (poesia)	<b>Presença</b>
	"A Dor e o Gosto" (poesia)	<b>Presença</b>
	"A Vista" (poesia)	<b>Presença</b>
	"Augusto de Santa -Rita" (desenho)	<b>Diário de Lisboa</b>
	"Desnivelamento" (poesia)	<b>Presença</b>



	"Um filho de Camões?"	<i>Aquila</i>
	"O Parto" (poesia)	<i>Presença</i>
	"Excertos do próximo livro de Mário Saa, «A Explicação do Homem»"	<i>Presença</i>
	"Do livro de Mário Saa, <i>A Explicação do Homem</i> "	<i>Diário de Lisboa</i>
	"Falta descobrir o cinema!"	<i>Cinelândia</i>
<b>1929</b>	<i>Origens do Bairro Alto de Lisboa</i>	<b>Solução Editora</b>
	"Coimbra" (poesia)	<i>Arte Peninsular</i>
	"O José Rotativo (fragmento do meio)"	<i>Presença</i>
	"O enigma da palavra zebro – problema filológico e zoológico"	<b>A Revista; Solução Editora</b>
	"O povo cultural"	<b>A Revista; Solução Editora</b>
	"Uma exposição de dois pintores"	<b>A Revista; Solução Editora</b>
	"Suavidade, de Salema Vaz"	<b>A Revista; Solução Editora</b>
	"Feira da Ladra"	<b>A Revista; Solução Editora</b>
<b>1930</b>	<i>Nós, os Espanhóis</i>	<b>Imprensa Lucas</b>
	"Xácara das mulheres amadas" (poesia)	<b>Cancioneiro do I Salão dos Independentes</b>
	"Xácara do Infinito" (poesia)	<b>Cancioneiro do I Salão dos Independentes.</b>
	"A obra de arte...".	<b>Catálogo do I Salão dos Independentes</b>

	"Desnivelamento" (poesia)	<b>Gaceta Literária (Madrid)</b>
	Armando de Matos – <i>A Heráldica nos Lusíadas.</i>	<b>Separata da Solução Editora</b>
	Luís de Macedo – <i>O terremoto de 1755 na freguesia da Madalena.</i>	<b>Solução Editora</b>
	Henrique de Campos Ferreira – <i>As paródias na literatura portuguesa: ensaio bibliográfico.</i>	<b>Solução Editora</b>
	João Cabral do Nascimento – <i>Genealogia da Família Medina da Ilha da Madeira.</i>	<b>Solução Editora</b>
	J. M. Cordeiro de Sousa – <i>Registo da Freguesia de Nossa Senhora da Encarnação do lugar da Ameixoeira desde 1540 a 1604.</i>	<b>Solução Editora</b>
	Luís de Macedo – <i>A Igreja de Santa Maria Madalena de Lisboa.</i>	<b>Solução Editora</b>
<b>1931</b>	<i>Uma aliança Luso-Catalã. Col. Proclamações à Pátria [1931?]</i>	<b>s.n.</b>
	"O meu Teófilo de Braga – Os nossos diálogos"	<b>Voz do Povo</b>
	"O Senhor Vaivém" (desenho)	<b>Voz do Povo</b>
	"Ode da Justificação da Forma" (poesia)	<b>Presença</b>
	"Viragem" (poesia)	<b>Presença</b>
	"Soneto" (poesia)	<b>Presença</b>
	[Desenho s/ título]	<b>A Vida</b>
	"Galaico-portuguesa/Galiza é Portugal"	<b>A Vida</b>
	Henrique Ferreira Lima– <i>O Pintor Sequeira do Arquivo Histórico Militar.</i>	<b>Solução Editora</b>
<b>1932</b>	"Mário Saa fala à Revolução de Portugal de	<b>Revolução</b>

	Aquém e de Além-Minho”	
<b>1933</b>	“Ode” (poesia)	<i>Presença</i>
	“O projecto de ligação das duas margens da Lagoa de Óbidos”	<i>Gazeta das Caldas</i>
<b>1934</b>	“Antiguidade alentejana”	<i>Vida Alentejana</i>
<b>1935</b>	“Concelho de Avis – Ordem e Cavalaria. Avis e o seu distrito. Um pouco de história”	<i>Expansão Portuguesa em Prol da Economia Nacional</i>
	“O concelho de Avis – Deserto alentejano”	<i>Vida Alentejana</i>
	“As duas Aduás”	<i>Fradique</i>
	“Atlântica – Geografia antiga”	<i>Sudoeste</i>
<b>1936</b>	<i>Erridânia – Geografia Antiquíssima</i>	<i>Sociedade Astória</i>
	“O isolamento do Alto Alentejo”	<i>Álbum Alentejano</i>
	“Concelho de Avis – Ordem e Cavalaria de Avis. Origem e extensão dos seus territórios”	<i>Álbum Alentejano</i>
	“Dez minutos com Mário Saa”	<i>Diário de Lisboa</i>
	“Soneto” (poesia)	<i>Momento</i>
	“Augusto de Santa -Rita” (desenho)	<i>Sempre Fixe</i>
	“Uma hora com Mário Saa”	<i>Acção</i>
<b>1937</b>	“Origens de Camões”	<i>Diário de Lisboa</i>
<b>1938</b>	“O nascimento de Camões – 27 de Janeiro de 1522”	<i>Diário de Lisboa</i>
	“O cantor dos Lusíadas nasceu em 27 de Janeiro de 1522”	<i>Diário de Lisboa</i>
	“Camões e a astrologia”	<i>Diário de Lisboa</i>
	“Camões saturnino”	<i>Diário de Lisboa</i>

	"22 de Janeiro de 1522 – As estrelas infelizes do poeta"	<i>Diário de Lisboa</i>
	"28 de Janeiro de 1522 – Lua Vénus e Camões"	<i>Diário de Lisboa</i>
	"Nascimento de Camões"	<i>Diário de Lisboa</i>
	"O final de uma investigação – data histórica do nascimento de Camões"	<i>Diário de Lisboa</i>
	"28 de Janeiro de 1522 – Camões e a D. Augusta"	<i>Diário de Lisboa</i>
<b>1939</b>	"Palavra a mais..." (poesia)	<i>Diário de Lisboa</i>
<b>1940</b>	"Algumas passagens de um livro esquecido, Evangelho de S. Vito"	<i>Síntese</i>
	"As decisões de Hitler e a conjunção Júpiter-Lua"	<i>Diário de Lisboa</i>
	"A cidade morta de Condeixa"	<i>Diário de Lisboa</i>
<b>1941</b>	<i>As Memórias Astrológicas de Camões</i>	<b>Empresa Nacional de Publicidade</b>
<b>1944</b>	"Estrada romana de Lisboa a Braga"	<i>Livro do I Congresso das Actividades do Distrito de Leiria</i>
<b>1950</b>	"Avis, vila histórica"	<i>Viagem</i>
<b>1957</b>	<i>As Grandes Vias da Lusitânia</i> (vol. I)	<b>Sociedade Astória Lda.</b>
<b>1959</b>	"Tango" (desenho)	<i>Tempo Presente</i>
	"Este desenho vai ser aberto em rocha..."(desenho)	<i>Tempo Presente</i>
	"Como um rio de saudade..." (poesia)	<i>Tempo Presente</i>
	"De gorro e gola cativo..." (poesia)	<i>Tempo Presente</i>
	"Reverto-me em mudas falas..." (poesia)	<i>Tempo Presente</i>

	"Poesia"(poesia)	<i>Tempo Presente</i>
<b>1960</b>	<i>As Grandes Vias da Lusitânia</i> (vol. II)	<b>Tipografia da Sociedade Astória Lda.</b>
	<i>As Grandes Vias da Lusitânia</i> (vol. III)	<b>Tipografia da Sociedade Astória Lda.</b>
	"Um Problema histórico-geográfico – Montalvo de Sor"	<i>Correio do Ribatejo</i>
<b>1963</b>	<i>As Grandes Vias da Lusitânia</i> (vol. IV)	<b>Tipografia da Sociedade Astória Lda.</b>
<b>1964</b>	<i>As Grandes Vias da Lusitânia</i> (vol. V)	<b>Tipografia da Sociedade Astória Lda.</b>
	"Avis"	<i>O Avisense</i>
	"Carimbo postal da última hora"	<i>Brados do Alentejo</i>
<b>1967</b>	<i>As Grandes Vias da Lusitânia</i> (vol. VI)	<b>Tipografia da Sociedade Astória Lda.</b>

## 10. FONTES E BIBLIOGRAFIA

### 10.1 Fontes manuscritas

#### a) Do Espólio Documental da FAPT<sup>423</sup>

- Acervo fotográfico: Documentos Anexos do Autor
- "Apontamentos Arqueológicos de Mário Paes de Sá/ Évora 19/6/1912": Manuscritos do Autor
- "Apontamentos para a genealogia da família Cunha e Sá": Manuscritos do Autor
- "Caderneta de Apontamentos de Mário Paes da Cunha e Sá": Manuscritos do Autor
- Bilhete de Identidade emitido em 1927: Documentos Anexos do Autor
- Carta do autor a José Pinto Júnior, 8 de Julho de 1935 (inclui discurso manuscrito proferido em homenagem a Oliveira Salazar a 7 de Julho de 1935): Correspondência do Autor.
- Carta de Rogério de Figueirôa Rego, 8 de Agosto de 1928: Correspondência ao Autor
- Carta do autor a Júlio Mário da Cunha e Sá, D1/81
- Cartas ao autor emitidas por Fortunato de Paiva, Alexandre de Sousa Alvim, Joaquim Nunes Chocalheiro, Bernardo Garcia de Brito, José da Costa, P.<sup>e</sup> José Alexandrino da Costa Campos, Joaquim Lomena[?], João de Brito e Silva, P.<sup>e</sup> Joaquim Maria Ferreira e Miguel Loureiro: Correspondência ao Autor
- Cartas de António Paes da Silva Marques (1907-1953): Correspondência ao Autor<sup>424</sup>
- Cartas de Maria Leonor da Silva Paes Teles para Condorcet Paes da Cunha e Sá (1918-1919<sup>425</sup>): Correspondência de Terceiros

---

<sup>423</sup> Este espólio é composto por dois núcleos que decorrem de duas fases distintas de inventariação de documentação. O primeiro, composto maioritariamente pelos manuscritos do autor, foi organizado na Biblioteca Nacional (BN), estando disponível a sua consulta desde 1986. O segundo núcleo foi identificado na sequência de um *Protocolo de Colaboração* com a Universidade de Évora, no âmbito do qual decorre o inventário. Neste encontra-se a maior parte da correspondência, um conjunto razoável de documentos biográficos, e um núcleo correspondente aos «cadernos de campo» do autor. Pelo facto de não estar concluído o processo de inventariação não é possível a indicação de cotas. Para facilitar a localização dos documentos que consultámos, indicamos as séries documentais em que se inserem. Ao núcleo documental organizado pela BN correspondem todos os documentos com indicação de cota.

<sup>424</sup> Acedemos a um conjunto de 277 cartas emitidas entre 9 de Novembro de 1907 e 18 de Junho de 1953.

- Cartas de Maria Leonor da Silva Paes Teles para Mário Saa (1907-1942): Correspondência ao Autor<sup>426</sup>
- "Compêndio Genealógico dos Paes Teles da Província do Alentejo", D1/15
- Diploma de Sócio efectivo na Associação dos Arqueólogos Portugueses, 10 de Janeiro de 1922: Documentos Anexos do Autor
- "EXPOSITION UNIVERSELLE DE PARIS/ 1889/ DIPLOME COMMEMORATIF/ DEDIE/ PAR LA ADMINISTRATION DU LIVRE D'OR DE L'EXPOSITION UNIVERSELLE A Monsieur Marques (António Paes Da Silva) Aviz/ AYANT EXPOSE SES PRODUITS DANS LA CLASSE 69 Groupe VII (huile d'olive)/ Paris, le 27 O<sup>bre</sup>//1889": Documentos Anexos do Autor
- Formulário do Institut «Minerva»: Documentos Anexos do Autor
- "Geometria chronométrica", D1/36
- "Grafologia Sintética", D1/29 e D1/31
- "Infinitismo", D1/24
- "Justificação da nobreza do apelido Saa de Mário Saa": Manuscritos do Autor
- "Os da Figueira: Povoamento de uma vila, e sua história, na Província de Entre Tejo e Odiana (a. 1271-1350)", D1/16
- "Representação Genealógica; Genografia", D1/13
- Requerimento de registo de patente de invenção à Repartição da Propriedade Industrial da Direcção Geral do Comércio e Indústria, 22 de Junho do ano de 1933: Documentos Anexos do Autor
- Requerimento de registo de propriedade literária da Solução Editora, 17 Maio de 1929: Documentos Anexos do Autor
- "Sistema Electivo da Academia dos Maiorais de Portugal", "Pirâmide social", "Cadeia mental", "Regulamento Provisório Academia dos Maiorais de Portugal" (uma primeira versão datada de Agosto de 1927), "Relação de intelectuais para a formação da Pirâmide Cultural", "Majóricos de Portugal: Investiduras", "Munitório", "Pirâmide da amizade espiritual", D1/37, D1/38, D1/39
- "Vida do Mártir Fr. António Pestana, Morto no arquipélago Malaio em 1565 e de como é tio antepassado de Mário Sá", D1/ 35

---

<sup>425</sup> Estas datas não correspondem à totalidade da correspondência de Maria Leonor da Silva Paes Teles para Condorcet Paes da Cunha e Sá, apenas à parte considerada para este trabalho.

<sup>426</sup> Acedemos a um conjunto de 323 cartas emitidas entre 25 de Fevereiro de 1907 e 1 de Maio de 1942.

- Testamento de Mário Paes da Cunha e Sá. Livro 122 de testamentos públicos do Décimo Cartório Notarial de Lisboa, fls. 27 a 33. (consultámos a fotocópia depositada na FAPT)

**b) Dedicatórias na biblioteca da FAPT<sup>427</sup>**

ABELHO, Azinhal – *Confidências de um rapaz provinciano*. Lisboa: Imprensa Baroëth, 1936.

ABRANCHES, José Paes de Vasconcellos – *Bases para a organização dos serviços de Assistência Pública*. Lisboa: [s.n.], 1930.

ALMADA-NEGREIROS, José de – *A Invenção do Dia Claro*. Lisboa: Olisipo, 1921.

AMARO, Carlos – *S. João subiu ao Trono: Grande Auto, Ou Mistério em Seis Quadros*. Lisboa: Empresa do Anuário Comercial, 1927.

ANDRADE, Isaura Matias de – *Chão de Flores*. Figueira da Foz: Tip. e Pap. Figueirense, 1936.

ANSELMO, A J. – *Veios*. Elvas: António José Torres de Carvalho-Editor, 1907.

ANSELMO; Manuel – *Tragédia do Querer Viver*. Coimbra: Casa Minerva, 1929.

ANSELMO, Manuel – *A paisagem e a melancolia no drama lírico de Feijó*. Viana: Tipografia Comercial "A Aurora do Lima", 1933.

ANSELMO, Manuel – *O Mutualismo como doutrina social*. Viana: Tipografia Comercial "A Aurora do Lima", 1933.

AUGUSTO, Artur – *Imagem: ensaios críticos*. Lisboa: Edições Momento, 1935.

AUGUSTO, Artur – *Viagem: quasi romantica*. Lisboa: Edições Momento, 1935.

AUGUSTO, Artur – *O Anel do Amor*. Lisboa: Edições Momento, 1938.

ANSELMO, Manuel – *Os cadernos de Manuel Anselmo*. Lisboa: Editorial Organizações, Lda, 1960. Vol. I - Fascículo III.

ANSELMO, Manuel – *Os cadernos de Manuel Anselmo*. Lisboa: Editorial Organizações, L.da., 1960. Vol. I - Fascículo IV.

ANSELMO, Manuel – *Os cadernos de Manuel Anselmo*. Lisboa: Editorial Organizações, Lda, 1960. Vol. I - Fascículo V.

AZEVEDO, F. Alves de – *Apontamentos: primeiro esquema para uma interpretação de valores*. Lisboa: U. P. Oficinas Gráficas, 1932.

---

<sup>427</sup> A bibliografia indicada corresponde apenas às obras autografadas que citamos neste trabalho.



BAIÃO, António – *Episódios Dramáticos da Inquisição Portuguesa*. Lisboa: Seara Nova, 1936.

BORGA, António – *Noite Revelada: Histórias*. Lisboa: Editorial Organizações, Limitada (edição do Autor), 1960.

BORGA, António – *O Comboio da Madrugada*. Lisboa: Arcádia, [s.d.].

BOTTO, António – *Canções*. Lisboa: «Olisipo» Sociedade Editora, 1922. 2.<sup>a</sup> Edição.

BOTTO, António – *Curiosidades Estéticas*. Lisboa: Tipografia Libanio da Silva, 1924.

BOTTO, António – *Olympíadas: canções*. Lisboa: Empresa do Anuário Comercial, 1927.

BOTTO, António – *Baionetas da Morte*. [Lisboa]: Oficinas Gráficas da Empresa do Anuário Comercial, 1936.

BOTTO, António – *A vida que te dei*. Lisboa: Oficinas Fernandes, 1938.

BRASIL, Reis – *O Amor em Camões: (Nova interpretação do tipo psicológico)*. Fundão: Tip. do «Jornal do Fundão», 1957. 3.<sup>a</sup> Edição.

BRASIL, Reis (org.) – *Gil Vicente: Obras Completas*. Lisboa: Editorial Minerva, 1966. Vol.I.

BRASIL, Reis – *Gil Vicente: Obras Completas*. Lisboa: Livraria Portugal, 1968. Vol.II.

BRITO, Dr. Francisco Mendes de – *Van Gogh: (Ensaio Morbo-Biográfico)*. Lisboa: Livraria Portugal (Depos.), 1962.

BRITO, Dr. Mendes de – *Nota Carminativa*. Lisboa: Oficina Ottosgrafica, Lda, 1944.

BRITO, Francisco Mendes de – *O Infante D. Henrique e a Civilização Ocidental*. Santarém: Gráfica Galdete, 1960.

BRITO, J. M. Soeiro de – *Vimieiro*. Elvas: António José Torres de Carvalho, 1911.

BRITO, Mem de – *Sol Cinzento*. Leiria: Tipografia Leiriense, 1924.

BRITO, Mendes de – *Lyra de Cybèle*. Lisboa: Livraria Ferreira, 1916.

BRITO, Mendes de – *Tríptico*. Lisboa: Livraria Ferreira, L.da Editores, 1917.

BROCHADO, Costa – *Afonso de Albuquerque*. Lisboa: Portugália Editora, 1943.

BROCHADO, Costa – *Descobrimento do Atlântico*. Lisboa: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1958.

- BROCHADO, Costa – *O Piloto Árabe de Vasco da Gama*. Lisboa: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1959.
- BROCHADO, Costa – *D. Pedro I: «Em Prol Do Seu Povo»*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, [1965?].
- CABRAL, Motta – *Noite de Sonhos*. Lisboa: Livraria Brasileira, 1914.
- CABRAL, Motta – *Quadros Ribatejanos*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1920.
- CABRAL, Motta – *Toiradas na região Ribatejana*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1922.
- CABRAL, Motta – *Ao Sol: (notas dum ribatejano)*. Lisboa: Portugália Editora, [1925].
- CABRAL, Motta – *À Vara Larga: (Notas dum ribatejano)*. Lisboa: J. Rodrigues & C<sup>a</sup>, 1928.
- CABRAL, Motta – *Cultura de Arroz e Sezonismo (Vozes no Deserto)*. Separata de «A Medicina Contemporânea», n.º 4.. Lisboa: Tipografia Labor, 1932.
- CABRAL, Motta – *O Flagelo do Sezonismo*. Separata de «A Medicina Contemporânea», n.º 21. Lisboa: Centro Tipográfico Colonial, 1935.
- CABRAL, Motta – *Aspectos da Malária no Ribatejo*. Separata de «África Médica», n.º 7-8.). Lisboa: [s.n.] 1938.
- CABRAL, Motta – *A Propósito da Malária no Ribatejo (Uma charada clínica...)*. Separata de «África Médica», n.ºs 1-2. Lisboa: [s.n.] 1939.
- CABRAL, Motta – *Um livro de Marañon (raiz y Decoro de España)*. Separata de «A Medicina Contemporânea», n.º 19. Lisboa: Imprensa Médica, 1934.
- CARVALHO, António José Torres de – *Bibliografia Transtagana*. Elvas: Tipografia Progresso, 1938.
- CARVALHO, Barradas de – *Torre de Menagem*. Lisboa: Livraria Brasileira, 1918.
- CARVALHO, J. Barradas de – *As Ideias Políticas e Sociais de Alexandre Herculano*. Lisboa: Tipografia Garcia & Carvalho, Ld<sup>a</sup>, 1949.
- CARVALHO, Joaquim Barradas de – *Sur l'introduction et la diffusion des chiffres arabes au Portugal*. [Lisboa]: Livraria Bertrand,, 1958.
- CHAVES, Luís – *Bibliografia Artística de D. Isabel de Portugal*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1916.
- CHAVES, Luís – *Arte Popular do Alentejo: os ganchos de meia de barro de Estremoz (Século XX)*. Separata da «Águia», n.os 67,68. [s.l.]: [s.n.], 1917.

- CHAVES, Luís – *O primeiro «presépio» de Lisboa Conhecido (Século XVII)*. Separata d'«O Arqueólogo Português», vol. XXI. [Lisboa]: Imprensa Nacional, 1916-1917.
- CHAVES, Luís – *Mealheiros*. Separata da «Atlântida», N.º 22. Lisboa: Libanio da Silva, [1917].
- COELHO, José – *Memórias de Viseu*. Viseu: Edição do autor, 1941.
- COELHO, José – *Importância de Viseu na Época Romana*. Porto: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências/ Imprensa Portuguesa, 1943.
- COELHO, José – *Notas Arqueológicas: Subsídios para o Estudo Etnológico da Beira*. Viseu: Edição do autor, 1949.
- CORREIA, Fernando – *A Máscara*. Coimbra: Moura Marques – Livreiro Editor, 1915.
- CORREIA, Fernando – *Á Sombra do Esculápio*. Coimbra: Moura Marques – Livraria Editora,[s.d.].
- CORREIA, Fernando da Silva – *Esboço da História da Higiene em Portugal*. Separata do livro «Portugal Sanitário». Lisboa: Empresa do Anuário Comercial, 1938.
- CORTEZ, Alfredo – *O Lôdo*. Lisboa: Imprensa Libanio da Silva, 1923.
- COSTA, Correia da – *A Legenda das Horas*. Lisboa: Oficinas Gráficas de H. Pereira & Ct.ª, 1917.
- COSTA, Correia da – *A Terra Ribatejana*. Lisboa: Tipografia da Ass. dos Compositores, 1922.
- COSTA, Correia da – *Dom Sebastião*. Lisboa: Livraria Portugália, 1923.
- COSTA, Correia da – *Eça, Fialho e Aquilino: ensaios de crítica e arte*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1923.
- DIAS, Da Cunha – *O desfalque do tesouro*. Lisboa/Paris: Aillaud & Bertrand, 1925.
- DIAS, Da Cunha – *Outono*. Lisboa: Edições Delta, 1944.
- DIAS, Da Cunha – *Cartas de um Português*. Lisboa: Oficina Gráfica, Limitada, 1945.
- DOMINGUES, Garcia – *O Pensamento Alemão: Ensaio sobre o sentido da alma germânica e espírito da nova Europa*. Lisboa: Sociedade Astória, Lda., 1942.
- DURÃO, Américo – *Penumbras*. Leiria: Editor Silva Carvalho, 1914.
- DURÃO, Américo – *Poema de Humildade*. Lisboa: Tipografia H. Pereira & Ct.ª, 1917.

- DURÃO, Américo – *Tântalo: sonetos*. Lisboa: Tip. A Lusitana, 1921
- ESAGUY, Augusto d' – *A Pensão da Sr.<sup>a</sup> Petra: Novela*. Lisboa: Miranda Barbosa Ed., 1924.
- ESAGUY, Augusto d' – *O Revolucionário*. Lisboa: Imprensa Lucas & C.<sup>a</sup>, 1924.
- ESAGUY, Augusto d' – *Um Notável Médico Judeu Português – Isac ou Balthazar Orobio de Castro*. Separata de «A Medicina Contemporânea», n.º 44. Lisboa: Tipografia Labor, 1929.
- ESAGUY, Augusto d' – *De la importancia de los ganglios epitrocleanos bilaterales en el diagnóstico precoz de la sífilis*. Barcelona: ARS Medica, 1929.
- ESAGUY, Augusto d' – *Um Célebre aluno da Universidade de Évora – Uma dedicatória do Dr. Jacob ou Henrique de Castro Sarmento*. Separata de «A Medicina Contemporânea», n.º 50. Lisboa: Tipografia Labor, 1929.
- ESAGUY, Augusto d' – *Nótulas relativas às Águas de Inglaterra*. Lisboa: Oficina da Imprensa Moderna, 1931.
- EVANGELISTA, Júlio – *Programa Alterado*. Lisboa: Gráfica Boa Nova, 1949.
- FARIA, Guilherme de – *Sombra*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional de Lisboa, 1924.
- FARIA, Guilherme de – *Saudade Minha*. Lisboa: Tipografia de Alfredo Torres, 1926.
- FARIA, Guilherme de – *Destino*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional de Lisboa, 1927.
- FARIA, Guilherme de – *Manhã de Nevoeiro*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional de Lisboa, 1927.
- FERREIRA, J. A. Pinto – *Antiguidades de Numão*. Porto: Empresa Industrial Gráfica do Porto, 1953.
- FERREIRA, Menezes – *À Luz do Lampadário: versos e desenhos*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Empresa do Anuário Comercial (Edição do Autor), 1927.
- FERRO, António – *As Grandes Trágicas do Silêncio*. Lisboa: Monteiro & Companhia (depos.), 1917.
- FERRO, António – *Árvore de Natal*. Lisboa: Portugália Editora, 1920.
- FERRO, António – *Colette, Colette Willy, Colette*. Lisboa/Rio de Janeiro: H. Antunes, 1921.
- FERRO, António – *Arte de Bem Morrer*. Buenos Aires/Rio de Janeiro: H. Antunes & C.<sup>a</sup> - Editores, 1923.

FERRO, António – *Batalha de Flores*. Rio de Janeiro: H. Antunes & C.<sup>a</sup> - Editores, 1923.

FERRO, António – *Mar Alto: Peça em 3 actos*. Lisboa: Livraria Portugália Editora, [s.d.].

FERRO, António – *Teoria da Indiferença*. Lisboa: H. Antunes Editor, [s.d.]

FIGUEIREDO, José F. – *Monografia da Notável Vila de Nisa*. [s.l.]: Tipografia Medina, 1956.

FIGUEIREDO, Moreira de – *Subsídios para o Estudo da Viação Romana das Beiras*. Separata da revista «Beira Alta». Viseu: Tipografia da Beira Alta, 1953.

FRANCO, Mário Lyster – *Porque me orgulho de ser algarvio*. Faro: Livraria de Eduardo João da Silva, 1942.

GALENO, José – *O Último Fauno*. Lisboa: Edição do Autor, 1943

GALENO, José – *Impronto: Poemas*. Lisboa: Edição do Autor, 1947.

GALENO, José – *S. Bruno e o Mundo: Poemas*. Santarém: Gráfica de Santarém (Edição do autor), 1954.

GALENO, José – *Rozeta: Versetos & Poemetos*. Santarém: Edição do Autor, 1955.

GALENO, José – *Sondagem: Poemas*. Santarém: Edição do Autor, 1956.

GALENO, José – *Sonetos Paralelos*. Santarém: Oficinas da Gráfica de Santarém (Edição do Autor?), 1959.

GONÇALVES, Rebelo – *Filologia e Literatura*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

GONÇALVES, Rebelo – *Dissertações Camonianas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

GONÇALVES, Rebelo – *Língua Imperial*. Separata do «Boletim da Academia das Ciências de Lisboa», Vol. XII. Lisboa: Otosgráfica, L.da, 1940.

GONÇALVES, José Pires; PAÇO, Afonso do – *Castelo Velho do Degebe*. Separata da Secção VII das Publicações do XXVI Congresso Luso-Espanhol, Porto, 22-26 Junho 1962. Porto: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências/Instituto de Alta Cultura, 1962.

GONÇALVES, José Pires – *Monsaraz e seu Termo: ensaio monográfico*. Separata do «Boletim Junta Distrital de Évora», n.º 3. Évora: Gráfica Eborense, 1963.

GONÇALVES, José Pires – *O Fresco dos Paços da Audiência de Monsaraz*. Separata do «Boletim da Junta Distrital de Évora», n.º 5. Évora: Gráfica Eborense, 1964.

GONÇALVES, José Pires – *Monsaraz: vida, morte e ressurreição de uma vila Alentejana*. Lisboa: Casa do Alentejo, 1966.

GONÇALVES, José Pires – *A Igreja Velha de Santo António dos Reguengos*. Évora: Palavra, 1969.

GUEDES, Fernando – *Esfera*. Porto: Livraria Portugália, 1948.

GUEDES, Fernando – *O Poeta*. Porto: Tipografia Fonseca, 1950.

GUEDES, Fernando – *Vinte Canções voltadas a Norte*. Porto: Marânus, 1956.

GUERRA, Luís de Bivar – *Facilidades na Habitação para a Ordem de Cristo no século XVII*. Separata dos «Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo», Vol. II. Tomar: Santos & Gouveia, 1949.

GUERRA, Luís de Bivar – *História Genealógica de uma família do Alentejo*. Beja: Minerva Comercial, 1949.

JÚLIO – *Música: gravuras*. [s.l.]: Presença, 1932.

JÚLIO; DIAS, Saul – *...mais e mais...: versos de Saul Dias e desenhos de Júlio*. [s.l.]: Presença, 1932.

JÚNIOR, Francisco Nunes Moura – *Conselhos aos CE*. Coimbra: Coimbra Editora, 1949.

JÚNIOR, Francisco Nunes Moura – *Panorama Geral dos Serviços Externos de Exploração dos CTT*. Coimbra: Coimbra Editora, 1949.

JÚNIOR, Moura – *Ode Insular*. Funchal: Editorial Eco do Funchal, Lda. (Edição do autor), 1960.

JÚNIOR, Francisco Nunes Moura – *Diálogo: Ética, Estética e Prática dos CTT*. Faro: Tipografia União, 1965.

JÚNIOR, Moura – *Quadrante Sul: Poemas*. Coimbra: Coimbra Editora, 1950.

JÚNIOR, Moura – *Tu eras a "Senhora..."*. Santarém: Tipografia Escolar [Edição de autor?], 1956.

JÚNIOR, Moura – *Portas do Sol, Portas do Luar: poema*. Rio Maior: Oficinas Gráficas «O Riomaiorense»[Edição de autor?], 1958.

LAPA, Albino – *A Questão dos Painéis: Esboço Histórico e Bibliografia*. Lisboa: Centro Tipográfico Colonial, 1928.

LAPA, Albino – *Dicionário de Calão*. Lisboa: Sociedade Gráfica Nacional, Lda, 1959.

LEAL, Raul – *Antéchrist et la Gloire du Saint-Esprit: hymne-poème-sacré*. Lisboa: Portugália Editora, 1920.

- LEAL, Raul – *Sodoma Divinisada*. Lisboa: «Olisipo» Editores, 1923.
- LEAL, Raul – *Sindicalismo Personalista: Plano de Salvação do Mundo*. Lisboa: Verbo, 1960.
- LEÃO, Francisco da Cunha – *O Enigma Português*. Lisboa: Guimarães Editores, 1960.
- LEFÈVRE, Jeanne Sylvie – *Le Livre du Souvenir*. Lisboa: Imprensa Lucas, 1941.
- MENDES, Manuel – *Os Ofícios: roteiro sentimental*. Lisboa: Seara Nova, 1967.
- MENDES, Manuel – *História Natural*. Lisboa: Sociedade de Expansão Cultural, [1968?].
- MONTEIRO, Adolfo Casais – *Confusão*. Coimbra: Edições “Presença”, 1929.
- MONTERO-DÍAZ, S. – “Los Separatismos”. *Cuadernos de Cultura*, N.º XXXIX. Valencia: [s.n.], 1931.
- MONTERO-DÍAZ, S. – *Galicia en el Padre Feijoo: (Conferencia)*. Madrid: Impenta «La Rafa», 1931.
- NASCIMENTO, João Cabral do – *As três princesas mortas num palácio em ruínas: Poemas*. Lisboa: Oficinas Gráficas de Henrique Pereira & Ct.ª, 1916.
- NASCIMENTO, João Cabral do – *Hora de Noa*. Lisboa: Casa Ventura Abrantes – Livraria Editora, 1917.
- NASCIMENTO, João Cabral do – *Apontamentos de História Insular*. Funchal: Madeirense Editora, Ldª, 1927.
- PASCOAES, Teixeira de – *D. Carlos: drama em verso*. Lisboa: D. Manuel de Castro e Guilherme de Faria Editores, 1925.
- PASCOAES, Teixeira de – *As Sombras: o Doido e a Morte; Senhora da Noite*. Lisboa/Paris: Livrarias Aillaud e Bertrand (Edição do Autor), [s.d.]. 2.º volume.
- PASCOAES, Teixeira de – *Cantos Indecisos: Vida Etérea; Elegias*. Lisboa/Paris: Livrarias Aillaud e Bertrand (Edição do Autor), [s.d.]. 3.º volume.
- PASCOAES, Teixeira de – *O Pobre Tolo: (Elegia Satírica)*. Lisboa/Paris: Livrarias Aillaud e Bertrand (Edição do Autor), [s.d.]. 6.º volume.
- PASCOAES, Teixeira de – *Regresso ao Paraíso*. Lisboa/Paris: Livrarias Aillaud e Bertrand (Edição do Autor), [s.d.]. 5.º volume.
- PASCOAES, Teixeira de – *Sempre: Terra Proibida*. Lisboa/Paris: Livrarias Aillaud e Bertrand (Edição do Autor), [s.d.]. 1.º volume.

PASCOAES, Teixeira de – *Verbo Escuro: A Beira (num Relâmpago)*. Lisboa/Paris: Livrarias Aillaud e Bertrand (Edição do Autor), [s.d.]. 7.º volume.

PAYO, Conde de (D. António) – *Uma Carta Inédita de Parentesco e Brazão Darmas: Os Vasconcellos Vilalobos do Alentejo*. Lisboa: Tipografia do Comércio, 1925.

PAYO, Conde de São (D. António) – *Do Direito Heráldico Português: ensaio histórico jurídico*. Lisboa: Centro Tipográfico Colonial, 1927.

PAYO, Conde de São – *Subsídios para a história dos judeus portugueses nos Países Baixos*. Separata do II Volume do «Arquivo Histórico de Portugal». Lisboa: Bertrand (Irmãos) Lda, 1937.

PAYO, Conde de São; PIMENTEL, Manuel Sampayo de C. – *Relação dos Varões da Casa de São Paio*. Separata do «Arquivo Histórico de Portugal». Lisboa: Libânio da Silva, 1939-1940.

PEDRO, António – *Distância*. Lisboa: Gomes & Rodrigues, L.da, 1928.

PEDRO, António – *Devagar*. Lisboa: Tipografia Portugal (Edição do autor), 1929.

PEDRO, António – *Máquina de Vidro: canções*. Lisboa: Oficinas Gráficas Bertrand (irmãos) L.da, 1931.

PEDRO, António – *Casa de Campo*. Lisboa: Edição do autor, 1938.

PEREIRA, António Serras – *Portugal na História de Civilização*. Lisboa: Edição José Fernandes Júnior, 1928.

PEREIRA, Armando Gonçalves – *As doutrinas de Malthus: e as questões demográficas da actualidade*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras-Oficinas Gráficas, 1936.

PINTO, Américo Cortez – *Senhora da Renúncia; seguido de Barba Azul: poema de feitiçarias medievais*. Lisboa: Livraria Ferin, 1918.

PINTO, Américo Cortez – *Poemas da Tentação: Nova Teoria da Humildade*. Lisboa: Portugália Editora, 1922.

PINTO, Américo Cortez – *O Ensino da Língua Pátria*. Separata do Nº3 da «Saúde Escolar»). [s.l.]: [s.n.], 1936.

PINTO, Américo Cortez – *A Alma e o Deserto*. Lisboa: Portugália Editora, 1941.

PINTO, Américo Cortez – *A Construção do Futuro*. Lisboa: [s.n.], 1941.

PINTO, Américo Cortês – *História de Valdevinos e Aventura do Galo-Franco*. Separata da «Revista Portugal – série A: Língua Portuguesa», vol. XXXII. Lisboa: [s.n.], 1967.



PINTO, Américo Cortez – *Breca: uma palavra levada da breca*. Separata do «Boletim da Sociedade de Língua Portuguesa». Lisboa: Sociedade Astória, 1967.

PINTO, Américo Cortez – *Negócios Chorudos e Negócios em Pantanas*. Separata da «Revista Portugal – série A: Língua Portuguesa», vol. XXXIII. Lisboa: [s.n.], 1968.

PINTO, Américo Cortez – *Prólogo a uma leitura de Episódio de Aljubarrota dos Lusíadas*. Leiria: Imprensa Comercial, [s.d.].

PORTUCALE, António de; MALTA, Eduardo – *O Encantado*. Porto: Tipografia da Renascença Portuguesa, 1919.

PULIDO, Garcia – *Fogo Sagrado*. Lisboa: Edição «Seara Nova», 1923.

QUEIROZ, Carlos – *Desaparecido*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Empresa do Anuário Comercial (Edição do Autor), 1935.

QUEIROZ, Carlos – *Breve Tratado de Não-Versificação*. Lisboa: Oficina Gráfica Lda, (Edição do autor), 1948.

RAMOS, Luiz – *A Caminho: Versos*. Lisboa: Monteiro e & C.<sup>a</sup> Editores, [s.d.].

RAPOSO, Hipólito – *Seara Nova*. Coimbra: “Lvmen” Empresa Internacional Editora, 1922.

REBELLO, José Pequito – *Fomento e povoamento estratégicos: Solução do problema de Angola?*. Lisboa: Anuário Comercial de Portugal, 1966.

RÉGIO, José – *Poemas de Deus e do Diabo*. Lisboa: Oficinas “Lvmen”, [1925].

RÉGIO, José – *Biografia*. [s.l.]: Edições Presença, 1929.

RÉGIO, José – *Biografia*. Porto: Arménio Amado-Editores, 1939.

RÉGIO, José – *Biografia*. Coimbra: Luis Amado Editor, 1939. 2.<sup>a</sup> Edição.

RÊGO, Rogério de Figueirôa – *Gente de Guerra que foi à Índia no século XVI*. Lisboa: [s.n.], 1929.

RIBEIRO, Aquilino – *Valeroso Milagre*. Lisboa: Sociedade Editorial «ABC» Limitada, 1921. (Suplemento Literário do ABC)

RIBEIRO, Aquilino – *Os Avós dos nossos Avós*. Lisboa: Bertrand, [1942.]. 4.<sup>a</sup> Edição.

RIBEIRO, Aquilino (trad. e pref.) – *A Retirada dos Dez Mil*. Lisboa: Livraria Bertrand, [s.d.].

RUZO, Daniel – *El Atrio de Las Lámparas*. Madrid: Editorial «Mundo Latino», 1922.

SILVA, Leonel Duarte – *Luar D’Agosto*. Lisboa: Tipografia Inglesa Limit., 1928.

- SIMÕES, João Gaspar – *Elói*. Coimbra: Edições “Presença”, 1932.
- SIMÕES, João Gaspar – *Novos Temas*. Lisboa: Editorial “Inquerito”, 1938.
- SOUSA, Carlos Hermenegildo de – *Reflexões sobre política económica*. Lisboa: Edições Brotéria, 1957.
- TELMO, António – *Arte Poética*. Lisboa: Teoremas de Teatro (Edição do autor), 1963.
- VALENTE, Camilo – *Linda Lisboa*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia (Edição do autor), 1941.
- VASCONCELOS, J. Leite de – *Pelo Alentejo: Arqueologia e Etnografia*. Separata d’«O Arqueólogo Português». Lisboa: Museu Etnológico Português, 1912.
- VASCONCELOS, J. Leite de – *Pelo Sul de Portugal (Baixo Alentejo e Algarve)*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, 1918.
- VASCONCELOS, J. Leite de – *Etimologia de um Nome Ilustre*. Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1921.
- VASCONCELOS, José Leite de – *Etnografia Portuguesa*. Lisboa: Imprensa nacional de Lisboa, 1936.
- VEIGA, A Botelho da Costa – *Questões Históricas*. Lisboa: Sociedade Industrial de Tipografia, Lda, 1937. Vol. I.
- VEIGA, A. Botelho da Costa – *Solução do problema cronológico da segunda reconquista cristã de Coimbra*. Separata da revista «Brotéria». Lisboa: [s.n], 1938.
- VEIGA, A. B. da Costa [pref.] – *Índex das notas de vários tabeliões de Lisboa*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1944. Tomo 3.º.
- VIANA, António Manuel Couto – *O Avestruz Lírico: Poemas*. Coimbra: Casa do Castelo Editora, 1948.
- VIANA, António Manuel Couto – *O coração e a espada*. [s.l.]: Távola Redonda, 1952.
- VIANA, António Manuel Couto – *A Face Nua*. [s.l.]: Távola Redonda, 1954.
- VIDAL, Frederico Gavazzo Perry – *Genealogias Reais Portuguesas: Descendência de S. M. El-Rei o Senhor Dom João VI*. Lisboa: Guimarães & C.ª Editores, 1923.
- VIDAL, Frederico Gavazzo Perry – *Fala que fez Diogo do Couto, Guarda Mor da Torre do Tombo da Índia, em nome da Câmara de Goa, a André Furtado de Mendonça, entrando por Governador da Índia*. Separata da Revista «O Mundo Português», n.º 91. Vol. VIII. Lisboa: [s.n.], 1941.

VIDAL, Frederico Gavazzo Perry – *Páginas Esquecidas: Os Castilhos*. Coimbra: Coimbra-Editora, 1942.

VIDAL, Frederico Gavazzo Perry – *A iluminura ao serviço da heráldica e da genealogia, especialmente em Portugal (Fantasia de Conferência)*. Coimbra: Coimbra-Editora, 1944.

VIEIRA, Eugênio – *Flor da Lama (Contos)*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1916.

## 10.2 Fontes Impressas

### 10.2.1 Do Espólio Documental do autor

- *Conselho Organizador das Formações Metropolitanas* (folheto para divulgação do ideário do movimento associativo): Documentos Anexos do Autor
- *Metropolismo Galaico-Português - Movimento Associativo Intelectual*. Formações Metropolitanas, Lisboa (folheto para divulgação do ideário do movimento associativo): Documentos Anexos do Autor
- "Metropolismo em Marcha" (entrevista a Teixeira de Pascoais), separata do jornal *União da Beira* - Defensor da Ditadura Nacional, Viseu, 17 de Março de 1932: Documentos Anexos do Autor
- "Mário Saa fala à «Revolução» de Portugal de Aquém e de Além-Minho - Uma Entrevista", jornal *Revolução*, 26 de Março de 1932: Documentos Anexos do Autor
- *Título de Patente*, documento de registo de patente de invenção atribuído a 17 de Janeiro de 1934 pela Repartição da Propriedade Industrial da Direcção Geral do Comércio e Indústria: Documentos Anexos do Autor

### 10.2.2 Bibliografia activa do autor

#### a) Livros e folhetos

*Evangelho de S. Vito*. Lisboa: Monteiro e C.<sup>a</sup>, 1917.

*Portugal Cristão-Novo ou os Judeus na República*. Lisboa: Imprensa Henrique Torres, 1921.

*Poemas Heróicos de Simão Vaz de Camões*. Lisboa: Lvmen, 1921. (org. e pref.)

*Camões no Maranhão*. Lisboa: Lvmen, 1922.

*Táboa genealógica da varonia Vaz de Camões*. [s.l.: s.n.] , 1924.

*A Invasão dos Judeus*. Lisboa: Imprensa Libânio da Silva, 1925. (Reimpressão fac-similada, Lisboa, [s.n.], 1998.)

*Explicação do Homem*. Lisboa: Imprensa Lucas, 1928.

*Origens do Bairro Alto de Lisboa*. Lisboa: Solução Editora, 1929.

*Nós, os Espanhóis*. Lisboa: Imprensa Lucas, 1930.

*Uma aliança Luso-Catalã*. Lisboa: [s.n., 1931?]. Col. Proclamações à Pátria.

*Erridânia – Geografia Antiquíssima*. Lisboa: Astória, 1936. (Reed. Edições do Templo, 1978.)

*As Memórias Astrológicas de Camões*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1941.

*As Grandes Vias da Lusitânia*. Lisboa: Sociedade Astória, 1957-1967.

### **b) Colaboração em publicações**

"António Botto, o espiritualista da matéria". António Botto – *Curiosidades Estéticas*. Lisboa: Ed. Autor, 1924.

"Xácara das mulheres amadas" (poesia). *Cancioneiro do I Salão dos Independentes*, Lisboa, 1930.

"Xácara do Infinito" (Poesia). *Cancioneiro do I Salão dos Independentes*. Lisboa, 1930.

"A obra de arte...". *Catálogo do I Salão dos Independentes*. Lisboa, Maio de 1930.

"Concelho de Avis – Ordem e Cavalaria. Avis e o seu distrito. Um pouco de história." *Expansão Portuguesa em Prol da Economia Nacional*. Porto, 1935. pp. 239-243.

"O isolamento do Alto Alentejo" *Álbum Alentejano*. Lisboa, [1936 ou post.] t. 3, p. 560.

"Concelho de Avis – Ordem e Cavalaria de Avis. Origem e extensão dos seus territórios". *Álbum Alentejano*. Lisboa, [1936 ou post.] t. 3, pp. 617-621.

"Estrada romana de Lisboa a Braga". *Livro do I Congresso das Actividades do Distrito de Leiria*. [s.l., s.n.], 1944. p. 49-57.

### **c) Poemas, artigos e desenhos em periódicos**

"Despedida" (poesia). *Jornal da Mulher*, Lisboa, 30 Abril 1915.

"Goivos" (poesia). *A Plebe*. Portlegre, 18 Jul. 1915.

"Lyra de Cybèle, por Mendes de Brito". [*Pátria?*, 1917?]

"A propósito da Sociedade Nacional de Belas Artes/O que é a Sociedade Nacional de Belas Artes?". *A Capital*. Lisboa, 3 Dez. 1921.

"Mário, o Inculto". *Contemporânea*, 2. Lisboa, Jun. 1922.

"Mário, o Breve". *Contemporânea*, 3. Lisboa, Jul. 1922.

"Inconfidencialmente revelado... - «La main dans la conscience» de António Manuel da Cunha e Sá". *Contemporânea*, 3. Lisboa, Jul. 1922.

"As verdadeiras origens do bolchevismo". *A Palavra*. Lisboa, 3 Ago. 1922.

"As absolutas origens do bolchevismo". *A Palavra*. Lisboa, 17 Ago. 1922.

"A Cabeça". *Contemporânea*, 6. Lisboa, Dez. 1922.

"Mário, o Laico". *Contemporânea*, 8. Lisboa, Fev. 1923.

"Estudo genealógico de Luís de Camões". *Jornal da Europa*. Lisboa, n.º especial, Natal de 1923.

"Oh, Caprice!"(poesia). *A Revista*, Lisboa, [1924].

"Xácara do Infinito" (poesia). *Athena*, 3. Lisboa, Dez. 1924.

"Versos Frios" (poesia). *Athena*, 3. Lisboa, Dez. 1924.

"A Álvaro de Campos ou Apontamentos sobre os Apontamentos para uma estética não-aristotélica". *Athena*, 4. Lisboa, Jan. 1925.

"O perigo judeu: a oligarquia judaica explora o povo e empobrece o país – Curiosas revelações do escritor Mário Saa". *A Batalha*. Lisboa, 13 Fev. 1925.

"As instituições". *Contemporânea*. Lisboa, 3.ª Série, n.º 3, Jul.-Out. 1926.

"A princípio era a esfera...". *Presença*, 4. Coimbra, 8 Maio 1927.

"Redução de Deus". *Presença*, 7-8. Coimbra, 8 Nov. 1927.

"Quadras da Minha Vida" (poesia). *Presença*, 7. Coimbra, 8 Nov. 1927.

"Versos de Sabor estragado" (poesia). *Presença*, 10. Coimbra, 15 Mar. 1928.

"A Dor e o Gosto" (poesia). *Presença*, 10. Coimbra, 15 Mar. 1928.

"A Vista" (poesia). *Presença*, 12. Coimbra, 9 Mai. 1928.

"Augusto de Santa -Rita" (desenho). *Diário de Lisboa*, 24 Maio 1928.

"Desnivelamento" (poesia). *Presença*, 13. Coimbra, 13 Jul. 1928.

"Um filho de Camões?". *Aquila*, 1. Lisboa, Jul. 1928

"O Parto" (poesia). *Presença*, 14-15. Coimbra, 23 Jul.. 1928.

"Excertos do próximo livro de Mário Saa, «A Explicação do Homem»". *Presença*, 14-15. Coimbra, 23 Jul. 1928.

"Do livro de Mário Saa, A Explicação do Homem". *Diário de Lisboa*, Lisboa, 31 Nov. 1928.

"Falta descobrir o cinema!". *Cinelândia*, 1. Lisboa, 22 Dez. 1928.

"Coimbra" (poesia). *Arte Peninsular*, 1. Lisboa, Jan. 1929.

"O José Rotativo (fragmento do meio)". *Presença*, 20. Coimbra, Abr.-Mai. 1929.

"O enigma da palavra zebro – problema filológico e zoológico". *A Revista* [Da Solução Editora], 1. Lisboa, 1929.

"O povo cultural". *A Revista* [Da Solução Editora], 3. Lisboa, 1929.

"Uma exposição de dois pintores". *A Revista* [Da Solução Editora], 3. Lisboa, 1929.

"Suavidade, de Salema Vaz". *A Revista* [Da Solução Editora], 4. Lisboa, 1929.

"Feira da Ladra". *A Revista* [Da Solução Editora], 4. Lisboa, 1929.

"Desnivelamento" (poesia). *Gaceta Literária*, 76. Madrid, 1930.

"O meu Teófilo de Braga – Os nossos diálogos". *Voz do Povo*. Lisboa, 1 Jan. 1931.

"O Senhor Vaivém" (desenho). *Voz do Povo*. Lisboa, 1 Jan. 1931.

"Ode da Justificação da Forma" (poesia). *Presença*, 31-32. Coimbra, Mar.-Jun. 1931.

"Viragem" (poesia). *Presença*, 31-32. Coimbra, Mar.-Jun. 1931.

"Soneto" (poesia). *Presença*, 31-32. Coimbra, Mar.-Jun. 1931.

[Desenho s/ título]. *A Vida*, 1. Lisboa, Jul. 1931.

"Galaico-portuguesa/Galiza é Portugal". *A Vida*, 2. Lisboa, Ago. 1931.

"Mário Saa fala à Revolução de Portugal de Aquém e de Além-Minho". *Revolução*. Lisboa, 26 Mar. 1932.

"Ode" (poesia). *Presença*, 38. Coimbra, Abr. 1933.

"O projecto de ligação das duas margens da Lagoa de Óbidos". *Gazeta das Caldas*, Caldas da Rainha, 27 Mai. 1933.

"Antiguidade alentejana". *Vida Alentejana*, 3. Lisboa, 26 Set. 1934.

"O concelho de Avis – Deserto alentejano". *Vida Alentejana*, 19. Lisboa, 22 Jan. 1935.

"As duas Aduás". *Fradique*. Lisboa, 31 Out. 1935

"Atlântica – Geografia antiga". *Sudoeste*, 3. Lisboa, Nov. 1935.

"Dez minutos com Mário Saa". *Diário de Lisboa*. Lisboa, 24 Jan. 1936.

"Soneto" (poesia). *Momento*. Lisboa, vol.2. n.º 10. Fev. 1936.

"Augusto de Santa -Rita" (desenho). *Sempre Fixe*, Lisboa, 18 Jun. 1936.

"Uma hora com Mário Saa". *Acção*, 13. Lisboa 22 Ago. 1936

"Origens de Camões". *Diário de Lisboa*. Lisboa, 7 Out. 1937.

"O nascimento de Camões – 27 de Janeiro de 1522". *Diário de Lisboa*. Lisboa, 20 de Jan. 1938.

"O cantor dos Lusíadas nasceu em 27 de Janeiro de 1522". *Diário de Lisboa*. Lisboa, 27 de Jan. 1938.

"Camões e a astrologia". *Diário de Lisboa*. Lisboa, 24 Mar. 1938.

"Camões saturnino". *Diário de Lisboa*. Lisboa, 31 Mar. 1938.

"22 de Janeiro de 1522 – As estrelas infelizes do poeta". *Diário de Lisboa*. Lisboa, 7 Abr. 1938.

"28 de Janeiro de 1522 – Lua Vénus e Camões". *Diário de Lisboa*. Lisboa, 14 Abr. 1938.

"Nascimento de Camões". *Diário de Lisboa*. Lisboa, 21 Abr. 1938.

"O final de uma investigação – data histórica do nascimento de Camões". *Diário de Lisboa*. Lisboa, 5 Mai. 1938.

"28 de Janeiro de 1522 – Camões e a D. Augusta". *Diário de Lisboa*. Lisboa, 6 Jun. 1938.

"palavra a mais..." (poesia). *Diário de Lisboa*. Lisboa, 18 Maio 1939.

"Algumas passagens de um livro esquecido, Evangelho de S. Vito". *Síntese*, 4. Coimbra, Mar. 1940.

"As decisões de Hitler e a conjunção Júpiter-Lua". *Diário de Lisboa*. Lisboa, 25 Jul. 1940.

"A cidade morta de Condeixa". *Diário de Lisboa*. Lisboa, 11 Set. 1940.

"Avis, vila histórica". *Viagem*, 116. Lisboa, Jun. 1950.

"Tango" (desenho). *Tempo Presente*, 1. Lisboa, Maio 1959.

"Este desenho vai ser aberto em rocha..."(desenho). *Tempo Presente*, 1. Lisboa, Maio 1959.

"Como um rio de saudade..." (poesia). *Tempo Presente*, 1. Lisboa, 1959.

"De gorro e gola cativo..." (poesia). *Tempo Presente*, 1. Lisboa, 1959.

"Reverto-me em mudas falas..." (poesia). *Tempo Presente*, 1. Lisboa, 1959.

"Poesia"(poesia). *Tempo Presente*, 5. Lisboa, 1959.

"Um Problema histórico-geográfico – Montalvo de Sor". *Correio do Ribatejo*. Santarém, 25 Jun. 2 Jul. 1960.



"Avis". *O Avisense*. Avis, Jul. 1964.

"Carimbo postal da última hora". *Brados do Alentejo*. Estremoz, 4 Out. 1964.

#### **d) Obras editadas pela Solução Editora**<sup>428</sup>

MATOS, Armando de – *A Heráldica nos Lusíadas*. Lisboa: Separata da Solução Editora, 1930.

LIMA, Henrique Ferreira – *O Pintor Sequeira do Arquivo Histórico Militar*. Lisboa: Solução Editora, 1931.

FERREIRA, Henrique de Campos – *As paródias na literatura portuguesa: ensaio bibliográfico*. Lisboa: Solução Editora, 1930.

NASCIMENTO, João Cabral do – *Genealogia da Família Medina da Ilha da Madeira*. Lisboa: Solução Editora, 1930.

SOUSA, J. M. Cordeiro de – *Registo da Freguesia de Nossa Senhora da Encarnação do lugar da Ameixoeira desde 1540 a 1604*. Lisboa: Solução Editora, 1930.

MACEDO, Luís de – *A Igreja de Santa Maria Madalena de Lisboa*. Lisboa: Solução Editora, 1930;

MACEDO, Luís de – *O terremoto de 1755 na freguesia da Madalena*. Lisboa: Solução Editora, [s.d.].

#### **10.2.3 Bibliografia passiva de Mário Saa**<sup>429</sup>

"6 inéditos de Mário Saa". *Ultra*, 2. Lisboa: Edições do Reyno, 1985. pp. 13-18.

A., T. De [Tristão de Athayde?] – "A explicação do homem, de Mário Saa". *Casino*, n.º 13. Monte do Estoril, Dezembro de 1928. p. 23

ABELHO, Azinhal – "Andarilho secular". *Época*. Lisboa, 13 de Fev. 1971.

ALARCÃO, Jorge – *Introdução ao estudo da história e do património locais*. Coimbra: Instituto de Arqueologia. Faculdade de Letras, 1988. p. 40.

---

<sup>428</sup> Acedemos a esta bibliografia através de uma pesquisa no catálogo *on-line* da Biblioteca Nacional de Portugal: <http://catalogo.bnportugal.pt/#focus>.

<sup>429</sup> A lista de referências bibliográficas que seguidamente apresentamos é tributária da investigação *Mário Saa: Poesia e alguma Prosa*, da autoria de João Rui de Sousa, que efectuou o primeiro levantamento exaustivo da bibliografia activa e passiva de Mário Saa. Tal como refere João Rui de Sousa, uma parte dos títulos aqui apresentados possuem apenas breves referências ao autor.

ALVES, Francisco Manuel (Abade de Baçal) – “Judeus e Padres – Mário Saa e o seu livro”. *Dyonisos*. Porto, série 4. n.º 1-2, Abril de 1928. pp.30-33.

AMARO, Luís – “Subsídios para uma bibliografia do movimento presencista”. *Presença: Folha de Arte e Crítica*. Lisboa: Secretariado Nacional da Cultura, 1977. p. 55.

AMEAL, João – *Panorama de la litterature portugaise contemporaine*. Paris: Ed. du Sagittaire, 1948. pp. 239-240.

*Anuário Artístico e Literário de Portugal – 1948*. Lisboa: União Portuguesa de Imprensa, 1948. p. 308.

*Anuário dos Escritores – 1942*. Org. da revista *Portucale*. Porto, 1942. p. 130.

AUGUSTO, Manuel Mário – “Acerca do debate sobre a astrologia de Camões”. *Diário de Lisboa*, 29 Maio 1938.

A., V. – “Teses Revolucionárias: se os romanos voltassem”. *Correio do Ribatejo*, 20 Jul. 1963.

AZEVEDO, Elvira Cunha – *O Sefardismo na Cultura Portuguesa*. Porto: Livraria Paisagem, 1974. p. 231.

BAPTISTA, Dugos – “O homem Mário Paes da Cunha e Sá”. *Época*. Lisboa, 13 de Fev. 1971.

BARROS, Elenir de – “Saa, Mário Paes da Cunha e”. *Pequeno Dicionário da Literatura Portuguesa*. Massud Moises (dir.). São Paulo: Cultrix, 1981.

BESSA, Carlos – “Mário Saa no bolor dos sedentários”. *Expresso das Nove*, 24 a 30 Jan. 1997. pp. 17-18.

“Bibliografia de Mário Saa”, *Águia*, 6-7. Avis, Nov. de 2002. p. 34.

BOTELHO – Ecos da Semana (caricatura). *Semanário Sempre Fixe*, 6 Jun. 1938.

BOTTO, António – Carta a Mário Saa, datada “de 16 ou 18 de Junho de 1923” e enviada para Avis. Incluída na notícia “Livreria Académica expõe encadernações”, *Diário de Notícias*. Lisboa, 15 de Nov. 1982.

BOTTO, António – “As Minhas Últimas Canções de Amor”. *Olympiadas*, Lisboa, s.n., 1927. (com poemas dedicados a Mário Saa)

“Breve Resenha do movimento modernista em Portugal”. *Catálogo do I Salão dos Independentes*. Lisboa, Maio de 1930. p. 30.

BRITO, Mendes de – “As Origens de Camões” *Diário de Lisboa*. Lisboa: 8 de Nov. 1937

BRITO, Mendes de – “A Deusa (pequena Fantasia)”. *Ícaro*, 3. Coimbra, Jan. de 1923. pp. 67-76.

CABREIRA, António – *A Voz do sangue (Correcção do Livro «A Invasão dos Judeus»)*. Lisboa, ed. de autor, 1925.

CARRAPA, A. – “Uma Hora com Mário Saa”. *Acção*, 22 Ago. 1936.

CASINHA, Júlio – “Ai! Mário Saa... Mário Saa.../ Como tu outro não há [...]” *Democracia do Sul*. Évora, 27 Mar. 1938.

CASTRO, Ferreira de Castro – “Sobre um livro de Mário Saa – O ouro de Israel e a situação da raça proscrita”. *A Batalha - Suplemento Literário e Ilustrado*. Lisboa, 30 de Mar. 1925.

CORREIA, Natália – *O Surrealismo na Poesia Portuguesa*. Mem Martins: Europa-América, 1973. pp. 134-136 e 413.

COSTA, Beatriz – *Sem papas na Língua*. Mem Martins: Europa-América, 1976. pp. 35 e 58-59.

COSTA, Correia da – “As grandes Vias da Lusitânia”. *Rodoviária: Revista de Transportes e Turismo*, 55, Lisboa, Fev. de 1961.

COSTA, Francisco Dias da – *Poetas alentejanos do século XX*. S.l., s.n. 1984. pp. 311-312.

CRISTO, Homem – “Basílio Teles queria que eu fosse romano, Mário Saa dava a meu filho Francisco origem hebraica. Vejamos os fundamentos”. *Notas da Minha Vida e do Meu tempo*. Lisboa: Guimarães editores, [1936], pp. 15-23.

DIAS, Francisco PALMA – “História da portuguesa língua e de seus fastos e nefandos autores em modo desabrido e sibilino”. *Ultra*, 2. Lisboa: ed. do Reyno, 1985. p. 6.

*Depois de Nietzsche – Mostra Bibliográfica*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2001. p. 39.

EMÍLIO, Rodrigo – “Poeta Singular”. *Época*. Lisboa, 13 Fev. 1971.

ENCARNAÇÃO, José d’ – “A colecção epigráfica de Mário Saa no Alentejo”. Separata da *Humanitas*, vol. XLVII, 1995.

“Ervedal – Falecimentos”. *Brados do Alentejo*. Estremoz, 28 de Fev. 1971. (Notícia sobre a Morte de Mário Saa).

ESAGUY, Augusto de – “O perigo judeu: O escritor Augusto d’Esaguy responde ao humorista Mário de Sá”. *A Ditadura*, 30. Lisboa, 19 Abril 1925.

“Faleceu Mário Saa – Figura relevante do modernismo português”. *O Primeiro de Janeiro*. Porto, 24 de Jan. 1971.

FARIA, Dutra – “Saa com dois AA”. *Época*. Lisboa, 28 Fev. 1971.

FERNANDES, Aníbal – *Raul Leal: Sodoma Divinizada [Antologia e cronologia de uma polémica]*. Lisboa: Hiena, 1989. pp. 17, 29, 128-130, 139 e 146-147.

FIGUEIREDO, José Valle de – “Mário Saa em vanguarda”. *Época*. Lisboa, 13 de Fev. 1971.

“Foi hoje a sepultar o escritor Mário Saa”. *República*. Lisboa, 24 de Jan. 1971.

FRANÇA, José Augusto – *A Arte em Portugal no século XX (1911-1961)*. Lisboa, 1974; 2.<sup>a</sup> ed. Venda Nova: Bertrand, 1985. pp. 109, 123, 135 e 196.

FRANÇA, José Augusto – *Os anos vinte em Portugal: Estudo de factos sócio-culturais*. Lisboa: Presença, 1992.

FRAZÃO, Fernanda; BOAVIDA, Maria Filomena – “Saa, Mário”. *Pequeno Dicionário de Autores de Língua Portuguesa*. Lisboa: Amigos do Livro, 1983. pp. 355-356.

GOMES, Pinharanda – “As Memórias Astrológicas de Camões, por Mário Saa”. *Pensamento Português*. Braga: Ed. Pax, 1969. Vol. 1, pp. 92-94.

GOMES, Pinharanda – “Elogio de Mário Saa”. *Pensamento Português*. Braga: Ed. Pax, 1975. Vol. 3, pp. 160-162.

GOMES, Pinharanda – “Mário Saa e o saber do oculto”. *Águia*. 6-7. Avis, Nov. 2002. pp. 19-21.

“As Grandes Vias da Lusitânia, Por Mário Saa”. *Diário de Lisboa*. Lisboa, 3 de Abril 1958. Recensão crítica não assinada ao vol. 1 daquela obra.

“As Grandes Vias da Lusitânia: o Itinerário de Antonino Pio (tomo V), por Mário Saa.” *O Século*. Lisboa, 2 Fev. 1965. Recensão crítica não assinada.

“As Grandes Vias da Lusitânia: o Itinerário de Antonino Pio (tomos IV a VI), de Mário Saa.” *Diário de Notícias*. Lisboa, 30 Maio 1965. Recensão crítica não assinada.

GUIMARÃES, Fernando – “Mário Saa e os poetas da geração presencista”. *O Comércio do Porto*. Porto, 25 Out. 1966.

GUIMARÃES, Fernando – “Linguagem ou poesia em Mário Saa ou uma estranha hierarquia”. *Colóquio/Letras*, 3. Lisboa, Set. 1971. pp. 37-43.

GUIMARÃES, Fernando – “Inovação e tradição barroca na poesia de Mário Saa”. *Simbolismo, Modernismo e Vanguardas*. Lisboa: INCM, 1982. pp. 61-68; 2.<sup>a</sup> ed. Porto: Lello, 1992. pp. 127-136.

GUIMARÃES, Fernando – “Saa, Mário”. *Dicionário de Literatura Portuguesa*. Álvaro Manuel Machado (dir.) Lisboa: Presença, 1996. p. 247.

GUIMARÃES, Fernando – *Simbolismo, Saudosismo e Modernismo – Antologia da Poesia Portuguesa*. Vila Nova de Famalicão: Quasi, 2001. pp. 173-176.

GUIMARÃES, Fernando – “Mário Saa”. *Dicionário de Literatura - Actualização* (coord. de Ernesto Rodrigues, Pires Laranjeira e J. Viale Moutinho). Porto: Livraria Editora Figueirinhas, 2005. Vol. 3. pp. 693-694.

GUIMARÃES, Fernando – “Surrealismo”. *Dicionário de Literatura Actualização* (coord. de Ernesto Rodrigues, Pires Laranjeira e J. Viale Moutinho). Porto: Livraria Editora Figueirinhas, 2005. Vol. 3. p. 741.

HORSTER, Maria António H. J. Ferreira – *Para uma História da Recepção de Rainer Maria Rilke em Portugal (1920-1960)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2001. p. 80.

HOURCADE, Pierre – *Panorama du modernisme en Portugal*. Coimbra, Sep. Bulletin des Études Portugaises. p. 10.

HOURCADE, Pierre – “Defesa e Ilustração da Poesia Portuguesa Viva”. *Presença*, Coimbra. Jan. Fev. 1931.

JORGE, Ricardo – “Camões astrológico”. *Diário de Lisboa*. Lisboa, 24 Fev. 1938, 3 Mar. 1938.

JÚDICE, Nuno – “Os portões fechados”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, 7 de Jul. 1981.

JÚDICE, Nuno – “Mário Saa, um encontro por fazer”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, 16 Mar. 1982.

JÚDICE, Nuno – “Sudoeste: direcção plural”. *Sudoeste* (ed. fac-similada). Lisboa: Contexto, 1982, 9. VI.

JÚDICE, Nuno – *A Era do «Orpheu»*. Lisboa: Teorema, 1986. p. 136.

JÚDICE, Nuno – “Entre o Modernismo e a Modernidade”. *Expresso*. Lisboa, 6 de Fev. 1993. Supl. Revista, p. 51-R.

LAPA, Albino – “A última blague de José Pacheco”. *Diário de Lisboa*. Lisboa, 3 de Maio de 1935

LAPA, Maria Fernanda – “Descendentes de legionários romanos viveram em Portugal”. *Diário de Coimbra*, 26 Nov. 1987.

LEAL, Raul – “As verdadeiras origens do bolchevismo: resposta à crítica de Mário Saa”. *A Palavra*. Lisboa, 5 Ago. 1922.

LEAL, Raul – “A Explicação do Homem de Mário Saa”. *A Revista*. 2, Lisboa, 1929.

LIMA, Isabel Pires de – “Introdução a um texto de Mário Saa sobre Fernando pessoa”. *Persona*, 4. Porto, Jan. 1981. pp. 25-28.

LIMA, Isabel Pires de – “Poemas inéditos de Mário Saa”. *Colóquio/Letras*, 64. Lisboa, Nov. 1981. p. 50-52.

LIMA, Isabel Pires de – “Mário Saa: Uma presença surrealizante na Presença”. *Afecto às Letras*. Lisboa: INCM, 1984, pp. 243-252.

LISBOA, Eugénio – *O Segundo Modernismo em Portugal*. 2.<sup>a</sup> Ed. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1984.

LOPES, Francisco Fernando – “Temas da História Contemporânea: Boris de Andorra”. *Diário de Lisboa*, Lisboa, 16 Jun. 1958.

LOPES, Oscar – *Entre Fialho e Nemésio*. Lisboa: INCM, 1987. Vol. II. pp. 588-594.

LOPES, Oscar – “Outras personalidades do Primeiro Modernismo”. *História Ilustrada das Grandes Literaturas*. VIII: Literatura Portuguesa, Lisboa: Estúdios Cor, 1977. Vol. II, pp. 708-712.

LOPES, Oscar; SARAIVA, António José Saraiva – *História da Literatura Portuguesa*. 16.<sup>a</sup> Ed. Porto: Porto editores, [s.d.]. p. 1040.

LOURENÇO, Eduardo – *Poesia e Tempo*. Porto: Ed. Inova, 1974. pp. 196, 219.; 2.<sup>a</sup> Ed. Lisboa: Relógio de Água [1987]. p. 196.

MARINHO, Maria de Fátima – “Mário Saa”. *Surrealismo em Portugal*. Lisboa: INCM, 1987. pp. 157-160.

MARINHO, Maria de Fátima – “Surrealismo. Definição do Surrealismo”. *História da Literatura Portuguesa – 7. As Correntes Contemporâneas*. Lisboa: Alfa, 2002. pp. 296,276.

“Mário de Sá que, em tempos nos deu [...]”. *Diário de Lisboa*. Lisboa, 15 Mar. 1935.

“Mário de Sá - perdão: Mário Saa [...]”. *A Voz*. Lisboa, 8 Jan. 1937.

“Mário Saa”. *Observador* (Artur Anselmo dir.). Lisboa, 19 Fev. 1971.

“Mário Saa”. *Época*. Lisboa, 28 Fev. 1971.

“Mário Saa”. *Pequeno Roteiro da História da Literatura Portuguesa*. Lisboa: Instituto Português do Livro, 1982. (entrada 146); Reedição, 1984. p. 124.

“Mário Saa escreveu a terceira das Proclamações à Pátria [...]” *Diário de Lisboa*. Lisboa, 14 Jul. 1931.

“Mário Saa - poeta do modernismo faleceu ontem em Ervedal” *Diário de Notícias*. Lisboa, 24 Jan. 1971.

“Mário Saa – poeta e escritor faleceu em Ervedal”. *Jornal de Moura*. Moura, 20 Fev. 1971.

“Mário Saa veio à nossa redacção rever as suas provas [...]”. *Fradique*. Dir. Tomás Ribeiro Colaço, 91. Lisboa, 31 Out. 1935. p. 2.

MARQUES, A. H. De Oliveira – *História de Portugal*. 3.<sup>a</sup> Ed. Lisboa: Palas Editores, 1986. Vol. 3. p. 356.

MARTINHO, Fernando J. B. – “Presença da Presença: David Mourão-Ferreira”. *Colóquio Letras*, 51. Lisboa: Setembro 1979. pp. 82-84.



MARTINHO, Fernando J. B. – “Pessoa e a Presença”. *Pessoa e a Moderna Poesia Portuguesa: do «Orpheu» a 1960*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1983. pp. 49-52, 90, 164.

MARTINHO, Fernando J. B. – “Questões prévias de periodização literária”. *Tendências Dominantes da Poesia Portuguesa da Década de 50*. Lisboa: Colibri, 1996. p. 26.

MARTINHO, Fernando J. B. – “Mário Saa”. *Biblos: Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*. Vol. 4. Lisboa: Verbo, 2001. pp. 1031-1033.

MARTINS, Fernando Cabral – “Cronologia literária da república ao Sidonismo (Elementos)”. *Vértice*. Coimbra, Nov. 1988. p. 30.

MARTINS, Jorge – “A questão judaica em Portugal: Bibliografia essencial comentada”. *Clio*. Lisboa, vol. 9 (2003). p. 146.

MAURÍCIO, D. [Domingos] – “Saa, Mário”. *Verbo: Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa: Verbo, 1974. Vol. 16. pp. 994-995.

MEDINA, João – “António Sardinha, anti-semita”. *A Cidade*. Portalegre, 2. Jul.-Dez. 1988. pp. 48,49,53,67, 71-74, 86 e 87.

MIGUÉIS, José Rodrigues – “ À margem de um manifesto”. *Seara Nova*, 142. Lisboa, Dez. 1928. pp. 422-423.

MONTEIRO, Adolfo Casais – “Entulho” (Poema com dedicatória a Mário Saa). *Confusão*. Coimbra: Ed. Presença, 1929. p. 52.

MONTEIRO, Adolfo Casais – *A Poesia da Presença*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1959. pp. 18, 37 e 227-234.

MONTEIRO, Adolfo Casais – “Antologia dos Novíssimos”. *Cadernos de Teoria e Crítica Literária*. N.º 12. Araraquara: UNESP, 1983. Vol. II. p. 406.

MONTEIRO, Américo Enes – *A recepção da obra de Friedrich Nietzsche na Vida Intelectual portuguesa (1892-1939)*. Porto: Universidade do Porto, 1997. pp. 354-428.

"Morreu o escritor Mário Saa". *Diário de Lisboa*. Lisboa, 24 Jan. 1971.

MOURA JÚNIOR – "Ervedal: Biblioteca-Museu Paes Teles". *Brados do Alentejo*. Estremoz, 27 Out. 1968.

MOURA JÚNIOR – "Mário Saa e o Ervedal". *Brados do Alentejo*. Estremoz, 21 Mar. 1971.

MOURÃO-FERREIRA, David – «*Presença*» no Alto Alentejo. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura, 1977. pp. 5-6.

MOURÃO-FERREIRA, David – "Presença". *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1960, p. 646-A.; 2.<sup>a</sup> Ed. sob o título *Dicionário da Literatura*, 1969, vol. II, p. 870-A.

NAVARRO, António de – "Até sempre Mário Saa". *Época*. Lisboa, 28 Fev. 1971.

NEMÉSIO, Vitorino – "Crítica". *Revista de Portugal*, 3. Coimbra, Abr. 1938. p. 452.

NEMÉSIO, Vitorino – "Coimbra". *Dicionário de Literatura*, dir. Jacinto Prado Coelho. Porto. Livraria Figueirinhas, 1969. Vol. I. p. 190 C.

NOBRE, Gustavo – "José Pacheko". *Pacheko, Almada e a «Contemporânea»*, Org. António Braz de Oliveira e Daniel Pires. Lisboa: Centro Nacional de Cultura e Bertrand Ed., 1993. p. 56.

NOGUEIRA, Albano – "Panorama da Literatura Portuguesa Moderna". *Imagens em Espelho Côncavo*. Coimbra: Liv. Gonçalves, 1940. p. 110.

NOGUEIRA, Manuela – "Mário Saa (Mário Paes da Cunha e Sá)". *Fernando Pessoa – Imagens de uma Vida*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005. pp. 103, 149, 158.

"Notas Bibliográficas" [sobre Mário Saa]. *Época*. Lisboa, 13 de Fev. 1971.

NOVAIS, Isabel Cadete – *José Régio – Itinerário Fotobibliográfico*. Lisboa, INCM; Vila do Conde, Câmara Municipal de Vila do Conde, 2002. pp. 128 e 367.

OLIVEIRA, António Braz de – "Mário Saa: Notícia breve de um espólio". Separata da *Revista da Biblioteca Nacional*. Lisboa, vol. 1, n.º 2 (1981), pp. 277-293.

OLIVEIRA, António Braz de – “Às voltas com o espólio de Mário Saa, vinte anos depois...”. *Águia*, 6-7, Avis, Nov. 2002. pp. 10-12.

OLIVEIRA, António Braz de; PIRES, Daniel – *Pacheko, Almada e «Contemporânea»*. Lisboa: Centro Nacional de Cultura e Bertrand Ed., 1993. pp. 41, 56, 82, 118-119, 144, 156-157, 183-184, 235, 303-304 e 319.

OSÓRIO, João de Castro – Entrevista no âmbito do Inquérito «Panorama Literário português». *Diário de Lisboa*, Lisboa, 3 de Set. 1935.

PEIXOTO, Afrânio – “A Paixão de Camões”. *Arquivo Camoniano*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1943. pp. 240-242.

PERDIGÃO, Henrique – “Saa, Mário”. *Dicionário Universal de Literatura*. 2.<sup>a</sup> ed. Porto: Ed. Lopes da Silva, 1940. p. 941.

PEREIRA, José Carlos Seabra – “Tempo neo-romântico (contributo para o estudo das relações entre literatura e sociedade no primeiro quartel do século XX)”. *Análise Social*. Lisboa, Vol. 19, n.º 77-79 (1983), p. 872.

PIMENTEL, Alfredo – “Camões, S. Tomaz e o astrólogo”. *A Voz*. Lisboa, 26 Mar. 1938.

PIMENTEL, Alfredo – “A igreja, S. Tomaz e a Astrologia”. *A Voz*. Lisboa, 11 Abr. 1938.

PIMENTEL, Irene – “Mário de Saa (1893-1971)”. Lúcia Mucznik; José Alberto Rodrigues da Silva Tavim; Esther Mucznik; Elvira Azevedo Mea (coord.) – *Dicionário do Judaísmo Português*. Lisboa: Editorial Presença, 2009. pp. 478-479.

PIMENTEL, Vieira – “Da *pré-presença* à *presença*: o nascimento de uma geração». *Leituras*, 12-13. Lisboa, Primavera Outono 2003. p. 43.

PINTO, Américo Cortez – “Camões, S. Tomaz e a Astrologia”. *A Voz*. Lisboa, 16 Abril 1938.

PINTO, Américo Cortez – “Camões, S. Tomaz e a Astrologia”. *A Voz*. Lisboa, 6 e 7 Maio 1938.

PINTO, Manuel Maia – “O horóscopo de Camões”. *Diário de Lisboa*. 8 Mar. 1938.

PIRES, Daniel – *Dicionário das Revistas Literárias Portuguesas do século XX*. Lisboa: Contexto, 1986.

PIRES, Daniel – *Dicionário da Imprensa Periódica Portuguesa do século XX (1900-1940)*. Lisboa: Grifo, 1997.

PIRES, Daniel – *Dicionário da Imprensa Periódica Portuguesa do século XX (1941-1974)*. Lisboa: Grifo, 2000. Ts. 1 e 2. pp. 167, 579, 581 e 583.

POPPE, Manuel – *Memórias, Régio e Outros escritores*. Vila Nova de Famalicão: Quasi; Vila do Conde: Círculo Católico d’Operários, 2001. p. 180.

PRATA, Mateus da; FARNEL, Julião – “No Martinho...”. *Cadastro*, Lisboa, s.n., 1925, p. 26.

QUADROS, António – *Fernando Pessoa: Vida, Personalidade e Génio*. Lisboa: Dom Quixote, 1984. pp. 85, 99-101 e 273.

QUADROS, António – *Obra em Prosa de Fernando Pessoa: Escritos Íntimos, cartas e páginas auto-biográficas*. Mem Martins: Europa-América, 1986. p. 10, 264-265 e 284.

QUEIROZ, Carlos – *Manifesto ao novos de Portugal: A propósito do Livro «A Explicação do Homem» e da Imprensa Portuguesa*. Hors-texte da revista *Casino*, 13. Monte do Estoril, Natal de 1928.

QUINTINHA, Julião – “Camões no Algarve”. *Correio do Sul*. Faro, 27 Ago. 1922.

RÉGIO, José – *As Correntes e as Individualidades na Moderna Poesia Portuguesa*. Vila do Conde: Ed. de autor, 1925. p. 59. (Tese de licenciatura depois editada com o nome de *Pequena História da Moderna Poesia Portuguesa*)

RÉGIO, José – “Da geração modernista”. *Presença*, 3, Coimbra, 8 Abr. 1927

RÉGIO, José – Entrevista no quadro do Inquérito «Panorama Literário Português». *Diário de Lisboa*, Lisboa, 1 Mar. 1935.

REIS, António – “Irracionalismo”. *As Grandes Correntes Políticas e Culturais do século XX*. Coord. António Reis. Lisboa: Colibri/, 2003. pp. 100-101.

RIBEIRO, António Lopes – “O movimento modernista em Coimbra”. *O Notícias Ilustrado*. 204. Lisboa, 8 Maio 1932. pp. 20-22.

ROCHA, Clara – *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*. Lisboa: INCM, 1985. pp. 358,363-364, 368, 383, 433, 437, 566 e 645.

RODRIGUES, Hugo Paulo – “Eng.º Mário Saa”. *Correio do Ribatejo*. Santarém, 25 Jun. 1960.

SÁ, Hugo de Orey Velasco da Cunha e – *Cunha e Sá: Subsídios para a sua genealogia*. Lisboa: Ed. de autor, 2002.

“Saa, Mário de”. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa/Rio de Janeiro: Ed. Enciclopédia, s.d., vol. 26, p. 454-B.

“Saa, Mário Paes da Cunha” [sic]. *O Grande Livro dos Portugueses*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1990. p. 447.

“Saa, Mário Paes da Cunha” [sic]. *Nova Enciclopédia Larousse*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1999. p. 6149.

SEABRA, António Augusto – *Fernando Pessoa ou o Poetodrama*. São Paulo: Perspectiva, 1982. 190.

SEABRA, António Augusto – “Mário Saa”. *Poetas portugueses e brasileiros: de los Simbolistas a los Modernistas*. Buenos Aires: Instituto Camões, Embaixada de Portugal em Buenos Aires, 2002. pp. 147-151.

SENA, Jorge de – “Tentativa de um panorama coordenado da literatura portuguesa de 1901 a 1950”. *Tetracórnio – Antologia de Inéditos de Autores Portugueses Contemporâneos*. Lisboa, Fev. 1955, pp. 20-21.

SENA, Jorge de – “Mário Saa”. *Líricas Portuguesas*. 3.<sup>a</sup> Série. Lisboa: Portugália, 1958. p. 118.

SENA, Jorge de – “Poesia Portuguesa de vanguarda: 1915 e hoje”. *Estudos de Literatura Portuguesa – III*. Lisboa: Ed. 70, 1988. p. 120.

SENA, Jorge de – *Régio, Casais, a Presença e outros Afins*. Porto: Brasília Editores, 1977. pp. 45, 240 e 261.

SENA, Jorge de – “Athena”. *Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária*, dir. João José Cochofel. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1977. Vol. 1.

SENA, Jorge de – “Athena”. *Estudos da Literatura Portuguesa – III*. João José Cochofel (dir.). Lisboa: Ed. 70, 1988. p. 120. pp. 177-178.

SENA, Jorge de – *A Estrutura de «Os Lusíadas» e Outros Estudos Camonianos e de Poesia Peninsular do Século XVI*. Lisboa: Portugália, 1970. p. 98.

SENA, Jorge de – “António Botto”. *Estudos da Literatura Portuguesa – III*, dir. João José Cochofel. Lisboa: Ed. 70, 1988. p. 120. pp. 191.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *História de Portugal*. Lisboa: Verbo, 1997. vol. 13. p. 632.

SILVA, Carlos – “Como se chama o Livro?”. *Notícias de Famalicão*. Famalicão, 20 Jun. 1936.

SILVA, Carlos – “A Inigualável Beatriz”. *Correio das Ilhas*. Lisboa, 15 Jan. 1959.

SILVA, Carlos – “Mário Saa”. *Comércio de Gaia*. 25 Jul. 1960.

SILVEIRA, Pedro da – “Edmundo Bettencourt: Lembrando-me de um Amigo”. *A Phala*, 70. Lisboa, Maio 1999.

SIMÕES, João Gaspar – “Tendências e individualidades na moderna poesia portuguesa”. *Seara Nova*. Lisboa: n.º 210, 19 Jun. 1930; n.º 211, 26 Jun. 1930; n.º 212, 3 Jul. 1930.

SIMÕES, João Gaspar – Entrevista no quadro do Inquérito «Panorama Literário Português». *Diário de Lisboa*, Lisboa, 8 Fev. 1935.

SIMÕES, João Gaspar – “Erridânia: Geografia Antiquíssima, por Mário Saa.” *Diário de Lisboa*. Lisboa, 28 Fev. 1937.

SIMÕES, João Gaspar – “Defesa da Poesia Portuguesa Contemporânea”. *Novos Temas*. Lisboa: Inquérito, 1938. pp. 90-92.

SIMÕES, João Gaspar – “Discurso sobre a Reabilitação do Real Quotidiano, Mário Cesariny de Vasconcelos”. *Crítica II – Poetas Contemporâneos (1938-1961)*. 2.<sup>a</sup> Ed. Lisboa: INCM, 1999. T. 1. pp. 326-328.

SIMÕES, João Gaspar – “Pena Capital, Mário Cesariny de Vasconcelos”. *Crítica II – Poetas Contemporâneos (1938-1961)*. *Diário de Notícias*. Lisboa, 19 Set. 1957.

SIMÕES, João Gaspar – “Pena Capital, Mário Cesariny de Vasconcelos”. *Crítica II – Poetas Contemporâneos (1938-1961)*. 2.<sup>a</sup> Ed. Lisboa: INCM, 1999. T. 1. pp. 331-335.

SIMÕES, João Gaspar – “As Grandes Vias da Lusitânia – O Itinerário de Antonino Pio”. *Diário de Notícias*. Lisboa, 26 Set. 1957.

SIMÕES, João Gaspar – “As Grandes Vias da Lusitânia – O Itinerário de Antonino Pio”. *Crítica V – Críticos e Ensaístas Contemporâneos (1942-1979)*. 2.<sup>a</sup> Ed. Lisboa: INCM, 1983. pp. 163-166.

SIMÕES, João Gaspar – *História do Movimento da Presença*. Coimbra: Atlântica, [1957]. pp. 39, 44, 49 e 185-187.

SIMÕES, João Gaspar – “Mário Saa”. *História da Poesia Portuguesa do século XX*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1959. pp. 562-563.

SIMÕES, João Gaspar – “A xácara e a razão matemática na voz de João Cabral de Melo Neto”. *Jornal de Letras e Artes*. 2.<sup>a</sup> Ed. Lisboa: INCM, 1983. pp. 163-166.

SIMÕES, João Gaspar – “A xácara e a razão matemática na voz de João Cabral de Melo Neto”. *Literatura, Literatura, Literatura....* Lisboa: Portugalíia, 1964. pp. 252 e 341-345.

SIMÕES, João Gaspar – “O primeiro e o segundo modernismos: a geração do *Orpheu* e a geração da *Presença*”. *Itinerário Histórico da Poesia Portuguesa*. Lisboa: Arcádia, 1964. pp. 325-326.

SIMÕES, João Gaspar – “Mário Saa ou as riquezas de um avaro”. *Primeiro de Janeiro*. Porto, 27 Jan. 1971.

SIMÕES, João Gaspar – “Ainda as riquezas do avaro Mário Saa”. *Primeiro de Janeiro*. Porto, 3 de Fev. 1971.

SIMÕES, João Gaspar – “Camões e o seu dia”. *O Primeiro de Janeiro*. Porto, 10 Jun. 1971.

SIMÕES, João Gaspar – “Mário Saa”. *O Primeiro de Janeiro*. Porto, 5 Mar. 1972.

SIMÕES, João Gaspar – “Mário Saa”. *Retratos de Poetas que Conheci*. Porto: Brasília Editora, 1974. pp. 181-191.

SIMÕES, João Gaspar – “Fernando Pessoa”. *Retratos de Poetas que Conheci*. Porto: Brasília Editora, 1974. pp. 53, 57, 60 e 68.

SIMÕES, João Gaspar – “António Botto”. *Retratos de Poetas que Conheci*. Porto: Brasília Editora, 1974. pp. 170 e 171.

SIMÕES, João Gaspar – “António Ferro”. *Retratos de Poetas que Conheci*. Porto: Brasília Editora, 1974. p. 199.

SIMÕES, João Gaspar – “Carlos Queiroz”. *Retratos de Poetas que Conheci*. Porto: Brasília Editora, 1974. p. 207.

SIMÕES, João Gaspar – “*Presença* cinquenta anos depois”. *Diário de Notícias*. Lisboa, 10 Mar. 1977.

SIMÕES, João Gaspar – “Fernando Pessoa na perspectiva da *Presença*”. *Arquivos do Centro Cultural português*. Lisboa/Paris, Vol. 13 (1978), pp. 281-298.

SIMÕES, João Gaspar – *Vida e Obra de Fernando Pessoa*. 4.<sup>a</sup> Ed. Amadora: Bertrand, 1981. pp. 707-717.



SIMÕES, João Gaspar – “Mário Saa, poeta integral”. *Diário de Notícias*. Lisboa, 8 Abr. 1982.

SIMÕES, João Gaspar – “A gloria de Mário Saa não é deste mundo”. *Diário de Notícias*. Lisboa, 8 Set. 1985.

SOARES, Rodrigo – “José Régio e a Juventude”. *Por um novo Humanismo*. Porto: Livr. Portugália, 1947. pp. 225-230.

SOROMENHO, Paulo Caratão – “Apresentação do Segundo Volume dos «Contos Populares e Lendas» Coligidas por Leite de Vasconcelos”. Separata de *Olisipo - Boletim do Grupos dos Amigos de Lisboa*. N.º 123-124. Lisboa, Jul.-Dez. 1968. p. 7.

SOUSA, J. Fernando de – “A Astrologia, A Igreja e S. Tomaz”. *A Voz*. Lisboa, 5 Abril 1938.

SOUSA, João Rui de – “Uma Temática da Doença na Poesia de Mário Saa”. Separata da *Revista da Biblioteca Nacional*. Lisboa, vol. 3, n.º 1-2 (1983). pp. 181-193.

SOUSA, João Rui de – “Algumas dedicatórias a Mário Saa”. *Revista da Biblioteca Nacional*. Lisboa, série 2, vol. 3, n.º 1-2 (1987). pp. 173-175.

SOUSA, João Rui de – “O Carrocel intertextual na poesia de Mário Saa”. Separata da *Revista da Biblioteca Nacional*. Lisboa, série 2, vol. 3, n.º 1 (1988). pp. 65-94.

SOUSA, João Rui de – *Fernando Pessoa: Fotobibliografia (1902-1935)*. Lisboa: INCM/Biblioteca Nacional, 1988. pp. 108, 114, 172, 180, 214 e 229.

SOUSA, João Rui de – “Mário Saa”. *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*. Mem Martins: Europa-América, 1994. vol. 3. pp. 459-461.

SOUSA, João Rui de – “Quem Foi Mário Saa? (subsídio para uma resposta)”. *Águia*, 6-7. Avis, Nov. 2002. pp. 4-9.

SOUSA, João Rui de – “Evocar João Gaspar Simões...”. *Presença de João Gaspar Simões*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2003. p. 22.

SOUSA, Romão de – “Carimbo postal de última hora”. *Brados do Alentejo*. Estremoz, 25 Out. 1964.

“Tábua Bibliográfica – Mário Saa”. *Presença*. Coimbra, Fev.-Mar. 1929

“Tábua Bibliográfica – Nota”. *Presença*, 16. Coimbra, Nov. 1928.

“Tábua Bibliográfica – Raul Leal”. *Presença*, 18. Coimbra, Jan. 1929.

TORGAL, Adosinda Providência; FERREIRA, Madalena Torgal – *EnCantada Coimbra*. Lisboa: Dom Quixote, 2003. p. 80.

TORGAL, Luís Reis – *História e Ideologia*. Coimbra: Minerva, 1998. pp. 115, 208, 340-341 e 384.

VALVERDE; José Filgueira – *Camões: Comemoração do centenário de «Os Lusíadas»*. Coimbra, Livraria Almedina, 1981. pp. 30 e 380.

VASCONCELOS, José Leite de – «Pelo Alentejo: Arqueologia e Etnografia». Separata da Revista *O Archeologo Português*. Lisboa: Museu Etnológico Português, 1912. Vol. XVII, n.ºs 10 a 12. pp. 119-126.

VASCONCELOS, José Leite de – *Etnografia Portuguesa: Tentame de Sistematização*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, 1933. Vol. 1. p. 228.

VASCONCELOS, José Leite de – *Etnografia Portuguesa: Tentame de Sistematização*. Lisboa: INCM, 1980. vol. 7. p. 254.

VENTURA, António – “José Régio e Mário Saa: reflexões em torno de um epistolário inédito”. *A Cidade*. Portalegre (Out. 1984). pp. 31-34.

VENTURA, António – “Cartas, um novo retrato do poeta”. *Correspondência*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994. p. XV.

VENTURA, António – “A dimensão regionalista na obra de Mário Saa”. *Águia*, 6-7. Avis, Nov. 2002. pp. 13-15.

VENTURA, António; AMARO, Luís – *Correspondência*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994. pp. 34, 228, 304, e 391-392.

VENTURA, Augusta Gersão – “Camões nasceu em 27 de Janeiro de 1522?”. *Gazeta de Coimbra*. Coimbra, 8 Fev. 1938.

VENTURA, Augusta Gersão – “A astrologia e o sr. Saa”. *Diário de Lisboa*. Lisboa, 12 e 19 de Maio 1938.

VIANA, António Manuel Couto – “Encontro com Mário Saa”. *Época*. Lisboa, 13 de Fev. 1971.

VIANA, António Manuel Couto – “Encontro com Mário Saa”. *Coração Arquivista*. Lisboa: Verbo, 1977. pp. 243-248.

VIANA, António Manuel Couto – “José de Almada Negreiros”. *As (E)vocações Literárias*. Porto: Ed. de autor, 1980. p. 157.

WILLIAMS, Frederick G. – “Camões: the lover into the beloved object is transformed. A Concise overview of the principal systems influencing the concept of love in the 1500’s and a study of the sonnet itself”. *Arquivos do Centro Cultural Português*. Lisboa/Paris, vol. 29 (1991), pp. 186 e 247.

### 10.3 Bibliografia

ÁLVAREZ, Jacobo García – “Substate Nation-Building and Geographical Representations of ‘the Other’ in Galicia, Spain (1860-1936)”. *Finisterra*, XXXIII, 65, 1998.

MONTEIRO, Américo Enes – *A recepção da obra de Friedrich Nietzsche na vida intelectual portuguesa: 1892-1939*. Tese de Doutoramento, Universidade do Porto, 1997. p. 337. (<http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/10857>)

ARENDT, Annah – *As Origens do Totalitarismo*. Alfragide: Publicações D. Quixote, 2004.

BARREIRA, M. Cecília – “Sindicalismo e integralismo: o jornal «A Revolução» (1922-23)”. *Análise Social*. Vol. XVII (67-68), 1981. p. 838.

BEIRANTE, Cândido – “A Atracção pelo Universo de Camões numa Perspectiva Biografista”. *VIALIBVS: Revista de Cultura da Fundação Arquivo Paes Teles*. Lisboa: Edições Colibri, 2009. pp. 29-47.

BENTO, Paulo Torres – *Flausino Torres (1906 - 1974): Documentos e Fragmentos Biográficos de um Intelectual Antifascista*. Lisboa: Edições Afrontamento, 2006.

BRIGGS, Asa; CLAVIN, Patrícia – *História Contemporânea de Europa, 1789-1989*. Barcelona: Editorial Critica, 1997.

CARNEIRO, André – *Itinerário Romanos do Alentejo: Uma Releitura de «As Grandes Vias da Lusitânia; O Itinerário de Antonino Pio» de Mário Saa, cinquenta anos depois*. Lisboa: Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional, 2008.

CIDADE, Hernani – *Luís de Camões – vida e obra*. Lisboa: Editorial Império, 1943. pp. 8-9.

CIDADE, Hernani – *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*. 1940-41, Vol. VII. p. 425.

CUNHA, Norberto Ferreira da – “A autonomia galega na imprensa periódica portuguesa (1931-1936)”. GONZÁLEZ, Maria de; PÉREZ, Lourdes (coord.) – *Galiza e*

*Portugal: identidades e fronteiras: actas do IV Simpósio Internacional Luso-Galaico de Filosofia*. Santiago, 28-29 Novembro, 2003.

CUNHA, Norberto Ferreira da – *Génese e Evolução do Ideário de Abel Salazar*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997.

DESVIGNES, Ana Isabel Sardinha – *António Sardinha (1887-1925): um intelectual no século*. Lisboa: ICS, 2006.

DIAS, Luís Augusto da Costa – “«Missão Histórica» e o «Papel dos Intelectuais» na Filosofia da Cultura de Bento Jesus Caraça”. *Revista da História das Ideias*, Vol. 24, 2003. pp.415-431.

DUCLERT, Vincent – “Les intellectuels, un problème pour l’histoire culturelle”. *Les Cahiers du Centre de Recherches Historiques*. N.º 31, 2003. Consultado em 17 Dezembro de 2008: <http://ccrh.revues.org/index293.html>.

DUENAS, Maria Dolores; FONSECA, Helder Adegar (dir.) – *Las Elites Agrárias en la Península Ibérica*. Monográfico de Ayer, nº 48. Asociación de Historia Contemporânea, 2002.

FITAS, Augusto J. S.; RODRIGUES, Marcial A. E.; NUNES, Maria de Fátima – *Filosofia e História da Ciência em Portugal no século XX*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2008.

FONSECA, Helder Edgar – “O Perfil Social da «Elite Censitária» no Sul de Portugal: Alentejo, Século XIX”. DUENAS, Maria Dolores; FONSECA, Helder Adegar (dir.): *Las Elites Agrárias en la Península Ibérica*. Monográfico de Ayer, nº 48. Asociación de Historia Contemporânea, 2002. pp. 185-221.

FONSECA, Helder Adegar – “Agrarian Elites and Economic Growth in the Portuguese Periphery of the 19th Century: the Example of the Alentejo in the Liberal Era (1850-1910)”. *Social History*, nº 2. Vol. 28, 2003. pp. 202-226.

FRANÇA, José-Augusto – *Os Anos vinte em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

GARDEL, Maria Rita Lino – “O Poder Intelectual dos médicos. Finais do século XIX-inícios do século XX”. *Revista de História das Ideias*, vol. 24, 2003. pp. 213-253.

GARRIDO, Álvaro – "Enrique Tenreiro: Um empresário do sector público-corporativo da economia salazarista?". *Estudos do Século XX*, n.º 4. Coimbra: Editora Quarteto, 2005.

GÓMEZ, Hipólito de la Torre – *Do «Perigo Espanhol» à Amizade Peninsular: Portugal-Espanha, 1919-1930*. Lisboa: Estampa, 1985.

GOODMAN, Dena – "Public sphere and private life: toward a synthesis of current historiographical approaches to the old regime". *History and Theorie. Studies in the Philosophy of History*, n.º 1. Vol. 31, 1992.

GRANJA, Paulo Jorge – "O cinema como arte: intelectuais, cineclubes e a crítica de cinema". *Transformações Estruturais do Campo Intelectual Português, 1900-1950*. Coimbra: Ariadne Editora, 2004.

HAWKINS, Mike – *Social Darwinism in European and American Thought 1860-1945*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. pp. 109-118. *Apud* WATSON, Peter – *Historia Intelectual del siglo XX*. Barcelona: Editorial Critica, 2002.

HERMET, Guy – "Morte dos reis, nascimento da nação". *História das nações e do nacionalismo na Europa*. Lisboa: Estampa, 1996.

HOBBSAWM, Eric – *A Época dos Extremos*. Lisboa: Presença, 1996.

HOBBSAWM, Eric – *Naciones y Nacionalismo desde 1780*. Barcelona: Critica Ed., 1991.

HOBBSAWM, Eric – *Uncommon People, Resistance, Rebellion and Jazz*, London: Weidenfeld & Nicolson, 1998.

HOBBSAWM, Eric – *A Questão do Nacionalismo: nações e nacionalismo desde 1870*. Lisboa: Edições Terramar, 2004.

JUNQUEIRA, Renata Soares – "Os desassossegos de Fernando Pessoa", Consultado em Dezembro de 2009: [http://www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via02/via02\\_17.pdf](http://www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via02/via02_17.pdf).

LARANJO, David Miguel – *A Política Externa Portuguesa na Ditadura Militar: As relações com Espanha (1926-1930)*. ISCTE, Tese de Mestrado em História Moderna e Contemporânea, Outubro de 2008. Consultado em Novembro de 2009:

<https://repositorio.iscte.pt/bitstream/10071/1139/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o+de+Mestrado.pdf>.

LEYMARIE, Michel; SIRINELLI, Jean-Francois (dir.) – *L’histoire des intellectuels aujourd’hui*. Paris: Presses Universitaires de France, 2003.

LISBOA, Eugénio (coord.) – *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1990.

LOPES, Teresa Rita (coord.) – *Pessoa Inédito*. Lisboa: Livros Horizonte, 1993.

MARQUES, António – “Observações sobre a recepção de Nietzsche em Portugal: de Pessoa aos nossos dias”. *Enrahonar*, 35, 2002. p. 67-75.

MARTINHO, Fernando J. B. – *Pessoa e a Moderna Poesia Portuguesa (Do Orpheu a 1960)*. Lisboa: Ministério da Educação/Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1991.

MARTINS, Fernando – *Pedro Teotónio Pereira: uma biografia (1902-1972)*. Tese de Doutoramento, Universidade de Évora, 2004.

MARTINS, Jorge – “A literatura anti-semita em Portugal (séculos XV a XX)”. Consultado em Julho de 2009: [http://arquimedes.isce-odivelas.com/uploaddata/247/Literatura\\_antijudaica.doc](http://arquimedes.isce-odivelas.com/uploaddata/247/Literatura_antijudaica.doc).

MATOS, Ana Cardoso de – “Os agentes e meios de divulgação científica e tecnológica em Portugal no século XIX”. *Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona, n.º 69, 1 de Agosto de 2000.

MATOS, Sérgio Campos – “História, Positivismo e Função dos Grandes Homens no Último Quartel do Século XIX”. *Penélope*. 1992, n.º 8. pp. 51-72.

MATTOSO, José – *História de Portugal*. Lisboa: Circulo de Leitores, 1994. Vol. 6.

MONTEIRO, Nuno G.; PINTO, António Costa – “Mitos Culturais e Identidade Nacional Portuguesa”. *História Contemporânea*. Madrid: Ediciones Sequitur, 2000. pp. 232-245.

NETO, Vítor – “A Sociabilidade Cultural na 1ª República. O Caso de Coimbra”. *Revista de História das Ideias*, vol. 27. Coimbra: Faculdade de Letras, 2006. pp. 419-444.

OLIVEIRA, António Braz de – “Mário Saa: Notícia Breve de um Espólio”. Separata da *Revista da Biblioteca Nacional*, n.º 2, 1981. pp. 277-293.

PAULO, Heloísa – “Jaime de Moraes, retratos de uma trajectória política. A sua vocação colonial”. *Estudos do Século XX*, n.º 3. Coimbra: Quarteto/CEIS20, 2003. pp. 113-130.

PEREIRA, Ana Leonor – *Darwin em Portugal: Filosofia, História, Engenharia social [1865-1914]*. Coimbra: Almedina, 2001.

PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui – “Egas Moniz: traços biográficos (1874-1955)”. *Estudos do Século XX*, n.º 5, 2005. pp. 17-25.

PEREIRA, Elisabete J. Santos – “Tributo a António Paes da Silva Marques”. *Águia: Folha Informativa dos Amigos do Concelho de Avis*. Março de 2007, N.º 22. pp. 6-7.

PEREIRA, Elisabete J. Santos – *XII Objectos do Itinerário de Mário Saa*. Avis: Alémtudo Edições, 2008.

PEREIRA, Elisabete J. Santos – “O epistolário de Mário Saa: Cartas de Hipólito da Costa Cabaço”. *VIALIBVS: Revista de Cultura da Fundação Arquivo Paes Teles*. N.º 1, Junho de 2009. pp. 49-66.

PEREIRA, Elisabete J. Santos – “Fundação Arquivo Paes Teles: o legado de Mário Saa”. *Actas das III Jornadas de Arqueologia do Norte Alentejano - Fronteira*, 13 a 16 de Abril de 2005. (No prelo)

PIMENTEL, Irene – *Cardeal Cerejeira: o Príncipe da Igreja. Biografia*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2010.

PIMENTEL, Irene – “Mário de Saa (1893-1971)”. Lúcia Mucznik; José Alberto Rodrigues da Silva Tavim; Esther Mucznik; Elvira Azevedo Mea (coord.) – *Dicionário do Judaísmo Português*. Lisboa: Editorial Presença, 2009. pp. 478-479.

PINTO, António Costa – “A formação do integralismo lusitano (1907-17)”. *Análise Social*, vol. XVIII (72-73-74), 1982-3.º-4.º-5.º. pp. 1409-1419.

PINTO, António Costa – “Nacionalismo”. António Barreto e Maria Filomena Mónica, (coord.) – *Dicionário de História de Portugal*. Lisboa: Livraria Figueirinhas, 1999. Vol. VIII. pp. 589-593.



POMIAN, Krzysztof – “De l'histoire, partie de la mémoire, à la mémoire, object d'histoire”. *Revue de Métaphysique et de Morale*, , nº 1. Janv.-Mars 1998. pp. 63-110.

RAMOS, Rui (coord.) – *História de Portugal*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2010.

RAMOS, Rui – “Intelectuais e Estado Novo”. António Barreto e Maria Filomena Mónica (coord.) – *Dicionário de História de Portugal*. Lisboa: Livraria Figueirinhas, 1999. Vol. VIII. pp. 281-289.

RAMOS, Rui – “O Nascimento de uma Nação”. José Mattoso (dir.) – *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994. vol. VI. p.563-665.

RAMOS, Rui – “A traição dos intelectuais”. José Mattoso (dir.) – *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994. Vol. VI. p. 529-561.

ROSAS, Fernando; ROLLO, Maria Fernanda – *História da Primeira República Portuguesa*. Lisboa: Edições tinta-da-china Lda., 2009.

RIBEIRO, Lia Sá Paulo – “O Papel dos Intelectuais na Popularização da Cultura Republicana”. *Revista de História das Ideias*, vol. 24, 2003. pp. 255-309.

RIOUX, Jean Pierre; SIRINELLI, Jean-François (coord.) – *Para uma História Cultural*. Lisboa, Estampa, 1998.

ROCAMORA, José António – “Causas do surgimento e do fracasso do nacionalismo ibérico”. *Análise Social*, Vol. XXVIII (122), 1993. p. 631-652.

SÁ, Hugo de Orey Velasco da Cunha e – *Cunha e Sá: Subsídios para a sua genealogia*. Lisboa: Ed. de autor, 2002.

SANTOS, João Camilo dos – «A Literatura Portuguesa Contemporânea». António Costa Pinto (coord.) – *Portugal Contemporâneo*. Lisboa: D. Quixote, 2005.

SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos – *Intelectuais portugueses na primeira metade de oitocentos*. Lisboa: Presença, 1988.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar – *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1996. 17.<sup>a</sup> Edição.

SASSONS, Donald – *The Culture of the Europeans: from 1800 to the present*. London: Harper Collins Publishers, 2006.

SEIXAS, Xosé M. Núñez – “Portugal e o Galeguismo até 1936. Algumas Considerações Históricas”. *Penélope*. N.º 11. Lisboa: Edições Cosmos, 1993. pp. 67-81.

SEQUEIRA, Álvaro – “A Penumónica”. *História da Medicina*. Consultado em Setembro de 2009: [http://www.spmi.pt/revista/vol08/ch7\\_v8n1jan2001.pdf](http://www.spmi.pt/revista/vol08/ch7_v8n1jan2001.pdf).

SERRANO, Carlos – “El «nacimiento de los intelectuales»: algunos replanteamientos”. *Nacimiento (El) de los Intelectuales en España*. *Ayer*, n.º 40. Madrid, Ed. Asociación de Historia Contemporánea, 2000. pp. 11-23.

SIRINELLI, Jean-François – «Le Hasard ou lá Nécessité? Une Histoire en Chantier: L’Histoire des Intelectuels». *Vingtième Siècle. Revue d’Histoire*. 1986, n.º 1.

SMITH, Anthony – *Identidade Nacional*. Lisboa: Gradiva, 1999.

SOBRAL, José Manuel – “A formação das nações e o nacionalismo: os paradigmas explicativos do caso português”. *Análise Social*, XXXVII (165), 2003. pp. 1093-1126.

SOBRAL, José Manuel [et al.] (org.) – *Pandemia esquecida: olhares cruzados sobre a pneumónica – 1918-1919*. Lisboa: ICS, 2009.

SOBRAL, José Manuel – “O Norte, o Sul, a raça, a nação – representações da identidade nacional portuguesa (séculos XIX e XX). *Análise Social*. Vol. XXXIX (171), 2004. pp. 255-284.

SOUSA, João Rui de – *Mário Saa: Poesia e Alguma Prosa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.

SOUSA, João Rui de – “Mário Saa e Fernando Pessoa – sinalizações de um encontro”. *VIALIBVS – Revista de Cultura da Fundação Arquivo Paes Teles*. Lisboa: Edições Colibri, 2009. pp. 13-27.

SOUSA, João Rui de – “Uma temática de «doença» na poesia de Mário Saa”. *Revista da Biblioteca Nacional*. Lisboa, 1983, N.º 3. pp. 181-193.

STROMBERG, Roland N. – *História intelectual europeia desde 1789*. Madrid: Pensamiento, 1990.

TORGAL, Luís Reis – “«Literatura Oficial» no Estado Novo: Os prémios literários do SPN/SNI”. *Revista de História das Ideias*, vol. 20 (1999). pp. 401-420.

TORGAL, Luís Reis – “O Modernismo Português na formação do Estado Novo de Salazar: António Ferro e a semana de Arte Moderna de São Paulo”. Consultado em Novembro de 2009: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5038.pdf>.

TORGAL, Luís Reis - *História e ideologia*. Coimbra: Minerva, 1989.

TORGAL, Luís Reis – *Ideologia, Cultura e Mentalidade no Estado Novo. Ensaio sobre a Universidade de Coimbra*. Coimbra: Faculdade de Letras, 1992.

TORGAL, Luís Reis; MENDES, José Amado; CATROGA, Fernando – *História da História em Portugal*. S.l.: Temas e Debates, 1998.

VARGUES, Isabel Nobre – “A afirmação da profissão de jornalista em Portugal. Um poder entre poderes?”. *Revista de História das Ideias*, volume 24. FLUC, 2003. pp. 157-175.

VENTURA, António – “O Professor Ferreira de Macedo, fundador da Universidade Popular Portuguesa”. *Estudos sobre História e Cultura Contemporâneas de Portugal*, Lisboa: Caleidoscópio, 2004. pp. 187-206.

VICENTE, António Pedro – “Iberismo”. *Dicionário de História do Estado Novo*. Lisboa: Livraria Figueirinhas, 1999.

WATSON, Peter – *Historia Intelectual del siglo XX*. Barcelona: Editorial Critica, 2002.

WINOCK, Michel – *O Século dos Intelectuais*. Lisboa: Edições Terramar, 2000.